

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

STELLA MARIS NUNES PIEVE

Romaria das Águas e Caminho de Sepé Tiaraju:
religião, território e cosmopolítica no Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Romaria das Águas e Caminho de Sepé Tiaraju:
religião, território e cosmopolítica no Rio Grande do Sul

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

PORTO ALEGRE

2014

STELLA MARIS NUNES PIEVE

Romaria das Águas e Caminho de Sepé Tiaraju:
religião, território e cosmopolítica no Rio Grande do Sul

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Steil (UFRGS) – Orientador

Prof. Dr. Ari Pedro Oro (UFRGS)

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos (UFRGS)

Prof. Dr. José Rogério Lopes (UNISINOS)

Àqueles que possibilitaram o vir a ser desta tese:
Irmão Antônio, Matilde, Senilda, Nazaret, Bia, Inês, Bárbara, Liane e Luciana.
Pelo aprendizado e pela possibilidade de compartilhar mundos.

AGRADECIMENTOS

Ao contrário do trabalho solitário relatado nos agradecimentos de outras teses, a tese que aqui apresento foi construída a partir de um trabalho coletivo, um verdadeiro mutirão de ideias e discussões. Meus agradecimentos mais especiais são endereçados a essas pessoas (maravilhosas) que, literalmente, dividiram comigo todas as angústias de escrever uma tese: João Ramos, Josiane Wedig e Matheus Korting.

À Josiane Wedig e ao João Ramos, companheiros de longa data, com os quais grande parte dessas ideias foram compartilhadas (senão todas). Obrigado por deixarem a escrita mais leve, a vida menos tensa e carregarem junto (nos seus bolsos) as pedras do meu caminho. E que venham as próximas cosmolokuragens!

Ao Matheus Korting, pela companhia nos momentos mais tensos. Por todo carinho, toda paciência, todos os rabiscos. Por me fazer feliz todos os dias, por estar presente sempre que eu precisei.

Ao meu orientador, Carlos Alberto Steil, obrigada pela atenção e toda a paciência durante o percurso de escrita, obrigado pela espera e por me ceder todo o tempo que precisei. Aos professores Rafael Devos e Ari Pedro Oro pelas orientações no período de qualificação. Aos professores Marjo de Theije (VU/Amsterdam) pelas ideias e leituras compartilhadas, assim como as discussões mediadas com o professor Thijl Sunier (VU/Amsterdam).

À Maria Senilda Oliveira, gratidão especial pela amizade, pela parceria, por todas as risadas, todas as conversas e todas as vezes que você pôde me mostrar os “aléns” dos meus limites. Agradeço poder conviver todos os dias com essa coragem e alegria que me inspira.

À Matilde Cechin e ao Irmão Antônio Cechin agradeço a oportunidade de aprender como pessoa, como pesquisadora e como educadora popular. Caminhar com vocês foi uma das melhores experiências da minha vida.

Às “ermãs” mais lindas que alguém pode ter: Evinha, Verlise e Regi – Evelyn, Evelise e Edilene Pieve. Sempre presentes, sempre atentas, obrigado! À minha mãe, Antônia Nunes, e ao meu pai, Moyses Pieve, que sempre me inspiraram desafios ao mesmo tempo em que me dispuseram abrigo.

À Ester Pieve por toda confiança, respeito e dedicação. Eu nem sei onde eu estaria

hoje caso você não compartilhasse a vida comigo. A todos esses anos de companhia, minha eterna gratidão. Às minhas avós Iracema Pieve e Francelina Nunes que nunca me deixaram faltar amor. Eternas na minha memória, cotidianas na minha saudade.

Aos amigos queridos de sempre: Tiago Lemões, Luísa Maciel, Vânia Pierozan, Lisiane Brolese, Caiuá Al-Alam pelas risadas e pelos lenços sempre à postos. Ricardo Gregianin pelos incensos acesos, pelas saudades trocadas e pelas terras compartilhadas. Agradeço especialmente à Mariana Denardi e à Patrícia Binkowski pela parceria *full time* (mesmo pelo *gtalk*) e pelas leituras de alguns capítulos. À Aduany Pieve Zimovski, pelas trocas, pela amizade e pelo *help* com as formatações. À Tânia Cruz pela amizade, pela força e pela energia contagiante nesses momentos tão difíceis.

Aos maravilhosos e queridos amigos que conheci em terras tão distantes, *another lands-Nederlands*: Palloma Menezes, Fábio Lima e De Jong, Tiago Costa, Yaron Lirase, Karina Carvalho, Letícia Tedesco, Erik van Duin, pelo conforto de não estar sozinha em nenhum minuto da viagem.

Aos amigos do PPGAS/UFRGS: Monalisa Dias de Siqueira, Ana Paula Marcante Soares, Rogério Campos, Patrick Laigneau, agradeço o tempo que pudemos compartilhar aulas, trabalhos, risadas. Monalisa e Ana, muito bom poder contar com vocês!

À Lucía Copelotti Guedes pelo apoio e pela amizade. Ao Adriano Caetano pelo *help* nos primeiros capítulos e pela paciência de conviver com alguém que escreve uma tese.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa de estudos, a qual me permitiu quatro anos de pesquisas. E, especialmente, ao programa CAPES/Nuffic que me permitiu um estágio de doutorado na Vrije Universiteit van Amsterdam, Holanda.

Aos professores que aceitaram fazer parte da banca examinadora: Ari Pedro Oro, José Carlos Gomes dos Anjos e José Rogério Lopes, obrigado pela atenção. É um prazer e uma honra compartilhar esse trabalho com vocês.

"Não são as ideias que dirigem o mundo. Mas é porque o mundo tem ideias (e porque ele as produz continuamente) que ele não é levado passivamente pelos que o dirigem ou os que gostariam de ensinar-lhe o que é preciso pensar de uma vez por todas". (FOUCAULT, 1978).

“Aos excluídos só resta uma função social: a de ser um exemplo aterrorizante”. (KRISIS, 1999, p. 15).

RESUMO

Este trabalho analisa dois rituais inter-religiosos e ecológicos, a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé Tiaraju, que ocorrem no Rio Grande do Sul. Eles se constituem como formas de expressividade e reivindicação de direitos sociais, territoriais e políticos a partir de uma perspectiva cosmopolítica. Esses rituais têm como proposta a construção de espaços de reivindicação social a partir de redes de trabalho das quais fazem parte instituições religiosas, o poder público e organizações sociais formais e informais. Três pontos principais – que busquei articular acompanhando seriamente romeiros e ciclistas em peregrinação e suas concepções acerca das possibilidades de investir nos rituais dos quais participavam – permitem relações entre os rituais: ecologia, política e religião. A Romaria das Águas teve início no bairro Arquipélago, em Porto Alegre, a partir da organização da reciclagem do lixo entre seus moradores. Em seguida, foram surgindo ritos que compõem a romaria até hoje, formados por peregrinações entre as Ilhas, peregrinações maiores no Estado e pela procissão fluvial. A Romaria das Águas tem como focos principais a questão inter-religiosa e ecológica e, atualmente, organizada principalmente por católicos e umbandistas, tem como padroeira e Mãe, Nossa Senhora das Águas, e Oxum, o Orixá das Águas Doces. Já a peregrinação ciclística, no Caminho de Sepé Tiaraju, tem foco no encontro entre diferentes grupos de excluídos, especialmente jovens da periferia urbana. A proposta é percorrer de bicicleta, entre os dias 1 a 7 de fevereiro, a última rota de Sepé Tiaraju, que vai das atuais cidades de Rio Pardo a São Gabriel. Durante esse percurso, os ciclistas podem conhecer a realidade rural, trocar experiências com seus moradores, saber sobre suas necessidades e demandas assim como mostrar a bicicleta como um meio de transporte não poluente. São visitados locais que fazem referência histórica à guerra guaraníca (1750-1756), além de quilombos, casas de umbanda, associações comunitárias, comunidades rurais, entre outros. Nos últimos dias da pedalada, os ciclistas encontram-se com os Guarani, em São Gabriel/RS. Esses Guarani ali reúnem-se, todos os anos, para discutir políticas públicas destinadas a eles e homenagear os companheiros mortos na batalha do Caiboaté, a última batalha entre Guaranis e exército luso-hispânico, na qual resultaram 1500 guaranis mortos. A partir do trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas e análise de materiais produzidos pelos grupos que acompanhei, foi possível concluir que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé apresentam formas territorializantes, nas quais a questão fundiária é inserida numa pauta a ser compartilhada e que passa a ser permeada por diversas outras pautas – políticas, sociais e ambientais. A luta pela terra e a possibilidade de existir no mundo, impulsionadas por diferentes grupos passam a ser atualizadas nesses momentos. No âmbito desses rituais, Nossa Senhora das Águas e Sepé Tiaraju agenciam outros modos de acionar políticas públicas e, ainda, de promover reivindicação social, permitindo que os múltiplos grupos aqui evidenciados possam agir em conjunto, mas como grupos diferentes, com práticas divergentes. Nessa perspectiva, o que liga os grupos participantes dos rituais aqui apresentados é a condição de vulnerabilidade social na qual se encontram as pessoas que compõem tais grupos e as possibilidades de reivindicação daquilo que lhes é necessário – direito à terra, ao território, à moradia, à manifestação religiosa e a pautas socioambientais – a partir de uma ação cosmopolítica, ou seja, uma relação que evidencie uma interação entre as divindades e o regime de político sob o qual convivem e ainda a possibilidade de compor um ritual que apresente diferentes pautas que se aliem, mas não se unifiquem, mobilizando uma forma de composição de mundos.

ABSTRACT

This research analyses two inter-religious and ecological rituals, the Romaria das Águas and the Caminho de Sepé Tiaraju that occurs in Rio Grande do Sul state, Brazil. They constitute expression forms of social and territorial claim to political rights, from a cosmopolitics perspective. These rituals propose a construction of spaces of social networks with religious institutions, the government and the formal and informal social organizations. Three main points allow relations between them: ecology, politics and religion. The Romaria das Águas began in the Archipelago neighborhood in Porto Alegre, from the organization of waste recycling among its residents. From that, other rites took part in the event, the pilgrimages between the neighborhood, pilgrimages in the state and the fluvial procession. The Romaria das Águas focuses the interreligious and ecological issues and Catholics and Umbandistas currently organize it. Their deity and Mother are Nossa Senhora das Águas, and Oxum, the Orixá of the waters. The cycling pilgrimage, the Caminho de Sepé Tiaraju focuses on the encounter between different types of excluded groups, especially the urban youth from periphery. The proposal is riding a bike, between 1-7 Februarys, the last Sepé Tiaraju's route, from Rio Pardo to São Gabriel/RS. During this journey, the bicicleteiros may know the rural reality, exchange experiences with their residents, know about their needs and demands as well as introduce the bicycle as a symbol of non-polluting transportation. Historic sites that refer to the Guerra Guaranítica (an Indigenous War) (1750-1756) are visited, Quilombos, Umbanda's houses, communities associations, rural communities, among others. In the last days of pedaling, the bicicleteiros meet with the Guarani, in São Gabriel/RS. These Guarani gather there every year to discuss public policies to them and honor the fallen ancestors in the Caiboaté battle, the last battle between the Guarani and the Luso-Hispanic army, which resulted in 1500 dead Guarani. From the fieldwork, semi-structured interviews and analysis of materials produced by groups that I have followed, I concluded that the Romaria das Águas and the Caminho de Sepé articulate territory. These rituals share several agendas: political, social and environmental. The struggle for land and the possibility of being in the world, driven by different groups permits an updated of the fight for the land. Within these rituals, Nossa Senhora das Águas and Sepé Tiaraju trigger another ways to public policy, and also to promote social demands, allowing multiple groups to act together, but as different groups and with divergent practices. From this perspective, the linking groups of participants in these rituals presented here in the condition of social vulnerability in which they are. So, the people who make up these groups and the possibilities of claiming what they require – right to land, territory, housing, religious expression and the social and environmental agendas – show a cosmopolitics action, a relation that evidence an interaction between the deities and the political regime under which they have been living and the possibility of composing a ritual to present different agendas that combine, but not unify, mobilizing a form of composition worlds.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Delta do Jacuí.....	25
Figura 2 - “A Bênção Mãe”, dizer fotografado da Rodovia Osvaldo Aranha, BR-116.....	27
Figura 3 – Nossa Senhora das Águas.....	62
Figura 4 – Nossa Senhora das Águas Peregrina.....	66
Figura 5 – Percurso da Romaria das Águas2010.....	90
Figura 6 – Nossa Senhora das Águas em romaria pelo Lago Guaíba.....	91
Figura 7 – Nossa Senhora das Águas sendo recepcionada pela FAUERS na Usina do Gasômetro.....	93
Figura 8 – Nossa Senhora das Águas e uma homenagem à Mãe Oxum.....	94
Figura 9 – Ritual de mistura das águas.....	96
Figura 10 – Nossa Senhora das Águas retornando ao seu Santuário na Ilha Grande dos Marinheiros.....	99
Figuras 11 e 12 – Santinhos de São Sepé Tiaraju.....	112
Figura 13 – Prefeito de Cachoeira do Sul/RS recebendo a imagem de Sepé Tiaraju por Irmão Antônio.....	114
Figura 14 – São Sepé Tiaraju, Miguel Nativo, tela de Magali.....	115
Figura 15 – Encenação da peça “Sepé Tiaraju: herói rio-grandense” em São Sepé/RS.....	134
Figura 16 – Parada para consertar bicicletas, Santa Margarida do Sul/RS.....	138
Figura 17 – Bicicletas sendo retiradas do ônibus, Rio Pardo/RS.....	140
Figura 18 – Acolhida e alongamento antes de partir de Rincão dos Negros, Rio Pardo/RS.....	142
Figura 19 – Bicicleteiros e Herdeiros de Sepé recebendo a imagem de Sepé Tiaraju de Pai Zé, do Centro Espírita de Umbanda de Xangô e Oxum, São Sepé/RS	150
Figura 20 – Pulando cercas para chegar ao Ritual Guarani, São Gabriel/RS.....	159
Figura 21 – Caminhada até a Cruz que marca a Batalha do Caiboaté, São Gabriel/RS.....	160
Figura 22 – Ritual Guarani no Caiboaté, São Gabriel/RS.....	161
Figura 23 – Encontro na Sanga da Bica, São Gabriel/RS.....	163
Figura 24 – Pedalando com Sepé, Comunidade do Bexiga, Rio Pardo/RS.....	169
Figura 25 – Percurso Caminho de Sepé 2011.....	170

LISTA DE SIGLAS

ACATA – Associação de Catadores de Alvorada
APA – Área de Proteção Ambiental
CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional
CEB – Comunidade Eclesial de Base
CECA – Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria
CEUCAB – Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros
CGTEE – Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica – Eletrobras
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
COOPARIG – Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul
COMITESINOS – Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos
CORSAN – Companhia Riograndense de Saneamento
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DMLU – Departamento Municipal de Limpeza Urbana
EJR – Escola de Jovens Rurais
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
FARSUL – Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul
FAUERS – Federação Afro-Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
GEB – Grupo Ecológico de Base
InGá – Instituto Gaúcho De Estudos Ambientais
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
LPJ – Levante Popular da Juventude
MMA – Ministério Meio Ambiente
MST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

ONG – Organização Não Governamental

PJ – Pastoral da Juventude

PMDB – Partido do Movimento Democrático do Brasil

PT – Partido dos Trabalhadores

PEDJ – Parque Estadual Delta do Jacuí

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RBH – Revitalização de Bacias Hidrográficas

RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre

STF – Supremo Tribunal Federal

TAC – Termo de Ajustamento de Conduta

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	27
CAPÍTULO I – A ROMARIA DAS ÁGUAS: CONTEXTO E REALIZAÇÃO DO RITUAL	22
1.1 – O Território do Delta do Jacuí e do Bairro Arquipélago em Porto Alegre	23
1.2 – Na Ilha Grande dos Marinheiros: uma Santa quebrada no lixo.....	29
1.3 - A Festa de Nossa Senhora das Águas.....	31
1.4 - A Romaria das Águas como política pública na cidade	34
1.5 – Entre os grupos que realizam a Romaria das Águas	40
1.5.1 – A Associação Caminho das Águas: a versão macroecumênica da Romaria das Águas.....	41
1.5.2 – O Povo das Ilhas	48
1.5.3 – “Por que a natureza é o altar de todos nós”: a FAUERS e suas ações socioambientais	53
CAPÍTULO 2 – “A Romaria é uma extensa rede conectada pelo elemento água”: entre espaços de negociação e possibilidades de composição de mundo.....	58
2.1 – Nossa Senhora Aparecida das Águas: uma santa entre católicos, umbandistas e ecologistas	59
2.2 – As romarias e vigílias, o rito das águas e a procissão fluvial: rituais que atualizam a relação com o cosmos.....	74
2.2.1 – Entre peregrinações, romarias e vigílias com Nossa Senhora das Águas	74
2.2.2 – O Rito das Águas e a Procissão Fluvial.....	85
CAPÍTULO 3 – O CAMINHO DE SEPÉ TIARAJU: CONTEXTO E REALIZAÇÃO DO RITUAL	102
3.1 – Sepé Tiaraju e suas múltiplas agências.....	103
3.2 – Sepé Tiaraju: “um santo popular não canonizado pela Igreja, mas canonizado pelo povo”	109
3.3 – Os 250 anos da morte de Sepé: reforma agrária, ecologia, espiritualidade e os limites na composição de mundos comuns	119
CAPÍTULO 4 – NO CAMINHO DE SÃO SEPÉ TIARAJU: “a pedalada é a união das espiritualidades dos movimentos”	127
4.1 – Pedalando com Sepé: formação e mística	129
4.2 – Entre ciclistas, equipes e organizadores	136
4.3 – Entre as pedaladas: almoço, descanso e troca de experiências.....	144
4.4 – “Viva Sepé Tiaraju”: o encontro e o ritual com os Guarani	154
CONCLUSÃO.....	171
REFERÊNCIAS	177
Anexo 1 – Panfleto da Festa de Nossa Senhora Aparecida com Solene Procissão Fluvial Comemorativa da Invenção da Cidade (1994).	185
Anexo 2 – Cronograma Romaria das Águas (2011).....	188
Anexo 3 – Missa da Terra sem Males, Dom Pedro Casaldáliga.....	189
Anexo 4 – Panfleto da X Peregrinação Ciclística e Popular no Caminho de Sepé Tiaraju (2013).	203

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa dois rituais inter-religiosos e ecológicos, a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé Tiaraju¹, que ocorrem no Rio Grande do Sul. Eles se constituem como formas de expressividade e reivindicação de direitos sociais, territoriais e políticos a partir de uma perspectiva cosmopolítica. Esses rituais têm como proposta a construção de espaços de reivindicação social a partir de redes de trabalho das quais fazem parte instituições religiosas, o poder público e organizações sociais formais e informais, como Organizações Não Governamentais (ONGs), Associações de Moradores, Pastorais – da Criança, da Ecologia, Comissão Pastoral da Terra (CPT) –, Ações Sociais e Ambientais da Umbanda, Casas e Terreiros de Umbanda, Central Única dos Trabalhadores (CUT), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e escolas municipais e estaduais.

Três pontos principais – que busquei articular acompanhando seriamente romeiros e ciclistas em peregrinação e suas concepções acerca das possibilidades de investir nos rituais dos quais participavam – permitem relações entre os rituais: ecologia, política e religião, pontos.

A Romaria das Águas teve início no bairro Arquipélago, em Porto Alegre, a partir da organização da reciclagem do lixo entre seus moradores. Com o tempo, foram surgindo ritos que compõem a romaria até hoje, formados por peregrinações entre as Ilhas, peregrinações maiores no Estado e pela procissão fluvial. A Romaria das Águas tem como focos principais a questão inter-religiosa e ecológica e, atualmente, organizada principalmente por católicos e umbandistas, tem como padroeira e Mãe, Nossa Senhora das Águas, e Oxum, o Orixá das Águas Doces.

Nossa Senhora das Águas foi criada a partir de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, quebrada, que foi encontrada no lixo durante o trabalho de reciclagem. As mulheres que a encontraram colaram a imagem, que, poucos anos depois, foi transformada em Nossa Senhora das Águas, com base no Livro do Apocalipse 12, da Bíblia Sagrada. Nossa Senhora das Águas não só peregrina entre as Ilhas do bairro Arquipélago, passando por Associações de Moradores, Capelas, Casas de Umbanda, Galpões de Reciclagem e escolas, e

¹ O Caminho de Sepé poderá ser referenciado no decorrer desta tese como peregrinação ciclística, bicicletada ou pedalada.

Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), entre Capelas, Casas e Terreiras de Umbanda, Departamentos Municipais, Praças e Galpões de Reciclagem, como também acompanha o Rito das Águas e a Procissão Fluvial.

O Rito das Águas consiste em buscar fontes de águas limpas, arroios, rios e nascentes, nas cidades por onde a Romaria passa. Encontrados esses locais, é preparada uma celebração inter-religiosa na qual uma pequena amostra dessa água será coletada. As águas coletadas são trazidas para o encerramento da festa, no dia 12 de outubro, quando serão misturadas, abençoadas e lançadas às águas poluídas do Lago Guaíba. Nesse mesmo dia, acontece a Procissão Fluvial com Nossa Senhora das Águas, pelo Lago Guaíba, e o encerramento do ritual.

Já a peregrinação ciclística, no Caminho de Sepé Tiaraju², tem foco no encontro entre diferentes grupos de excluídos, especialmente jovens da periferia urbana. A proposta é percorrer de bicicleta³, entre os dias 1 a 7 de fevereiro, a última rota de Sepé Tiaraju, que vai das atuais cidades de Rio Pardo a São Gabriel. Durante esse percurso, os ciclistas podem conhecer a realidade rural, trocar experiências com seus moradores, saber sobre suas necessidades e demandas assim como mostrar a bicicleta como um meio de transporte não poluente. São visitados locais que fazem referência histórica à guerra guaraníca (1750-1756), além de quilombos, casas de umbanda, associações comunitárias, comunidades rurais, entre outros.

Nos últimos dias da pedalada, os ciclistas encontram-se com os Guarani, em São Gabriel/RS. Esses Guarani ali reúnem-se, todos os anos, para discutir políticas públicas destinadas a eles e homenagear os companheiros mortos na batalha do Caiboaté⁴, a última batalha entre Guaranis e exército luso-hispânico, na qual resultaram 1500 guaranis mortos. Com os indígenas, participamos do ritual de lamento aos seus antepassados mortos, finalizando o ritual no dia 7 de fevereiro. A pedalada é desenvolvida em parceria com a CPT, o CIMI, prefeituras das cidades visitadas e organizações sociais. Sepé Tiaraju, nesse contexto, é um santo popular “não canonizado pela Igreja, mas canonizado pelo povo”, “um

² Sepé Tiaraju é um indígena Guarani que foi assassinado na Guerra Guaranítica contra o exército Luso-Hispânico, em 1756, nas Missões. Na mesma batalha, mais 1500 Guaranis foram mortos em combate. Essa passagem será mais bem explorada no capítulo 3.

³ Nem todos os participantes pedalam, e nem sempre se pedala todo o tempo. Um ônibus e, por vezes, carros de apoio acompanham ciclistas e levam os participantes que não pedalam.

⁴ O Caiboaté atualmente é uma localidade do município de São Gabriel/RS.

empoderador da luta popular”, como afirma Irmão Antônio Cechin⁵.

Dentre meus interlocutores, Irmão Antônio tem papel central, pois é o idealizador da Romaria das Águas e do Caminho de Sepé. A escolha de Irmão Antônio como ponto inicial da trama de relações que formam a Romaria das Águas deu-se devido a ele ser referência no evento, mas também devido aos questionamentos iniciais desta tese. A proposta era pesquisar movimentos e práticas ecológicas na instituição católica – a ambientalização da religião⁶ –, tendo como campo de pesquisa a Romaria das Águas.

Para atingir tal objetivo, participei do 26º Encontro Arquidiocesano de Comunidades Eclesiais de Base em Guaíba/RS (2010). Embora esse encontro não estivesse diretamente relacionado à Romaria das Águas, por meio dele consegui fazer contato com participantes e organizadores do referido ritual para então participar dos eventos a ela relacionados. E foi assim que me inseri nas reuniões da Pastoral da Ecologia a partir de outubro (2010), quando o grupo iniciava os preparativos para a IV Bicicletada no Caminho de Sepé Tiaraju.

A primeira vez que entrevistei Irmão Antônio, foi em novembro de 2010, em sua residência. Conversamos sobre sua vida e suas *frentes de trabalho*, focando, em especial, o trabalho nas Ilhas e na Romaria das Águas. Uma segunda entrevista foi conduzida em setembro de 2011, juntamente com meu orientador Carlos Alberto Steil, ocasião em que conversamos sobre os projetos em desenvolvimento e ações atuais de Irmão Antônio.

A primeira atividade de que participei na Romaria das Águas foi uma coleta de água na Fonte Dona Josefina, em Canoas (agosto/2010). Ali me encontrei pela primeira vez com os membros da Federação Afro-Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul (FAUERS), mas foi no dia 12 de outubro de 2010 que tive a real dimensão dos principais segmentos que compunham a Romaria das Águas – católicos, povo das Ilhas e FAUERS. Como já estava participando das atividades da Pastoral da Ecologia, passei a conversar também com os integrantes dos outros grupos. Inseri-me entre os membros da FAUERS, conseguindo acompanhar algumas coletas de água que compunham o Rito das Águas e fazer entrevistas; entre os moradores das Ilhas me inseri participando do ritual e de suas reuniões de organização para tal e também conduzindo entrevistas. Além de participar desses eventos,

⁵ A partir daqui, no decorrer desta tese, optei por referir-me a Irmão Antônio Cechin como Irmão Antônio.

⁶ A proposta era pesquisar a reconfiguração de questões, práticas e lutas tradicionais que se transformam ao incorporar aspectos ambientais, apontando questões e práticas ambientais como um novo fenômeno na esfera social, no âmbito do projeto Ambientalização Social e Religião (STEIL, 2010).

acompanhei as procissões fluviais de 2010 a 2014.

Além desses três grupos de pessoas, que considerei principais na análise desta tese – católicos, umbandistas e moradores das Ilhas⁷ –, entrevistei outras pessoas que desenvolvem trabalhos próximo ao Irmão Antônio, seja na Romaria, seja em outras de suas atividades e que financiam direta ou indiretamente o evento. Dentre estes, estão Olívio Dutra, ex-governador do Estado do Rio Grande do Sul, Simone Vendruscolo, do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Carlos Alves, funcionário do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU).

Nesses quatro anos de trabalho de campo, tive a oportunidade de participar de duas edições do Caminho de Sepé Tiaraju (2011 e 2013) e conviver com pessoas que apoiam e participam da pedalada, dentre eles, Roberto Liebgott e Rabeca Silva, do CIMI, Pilato Pereira, que participou da Pastoral da Ecologia, e Maria Senilda de Oliveira, que acompanha Irmão Antônio e Matilde Cechin, desde as ocupações urbanas ocorridas na década de 1970, em Canoas, e, atualmente, desenvolve um trabalho com adolescentes da periferia desse município, bem como no Projeto Ecoprofetas/Petrobras, no qual atua como educadora social.

Entre os indígenas, pude conviver com os Kaingang, que pedalaram com o grupo, mas não tive o mesmo acesso aos Guarani, com os quais tive a mesma vivência que os ciclistas. Participamos dos encontros realizados no Caiboaté (2011 e 2013), tendo em vista que estes últimos não pedalaram⁸. Ademais, acompanhei reuniões de organização e avaliação dos eventos, conduzi entrevistas semiestruturadas, conversas informais com participantes e organizadores dos eventos e analisei materiais de divulgação e reflexão, como textos, cartilhas e vídeos por eles produzidos.

Tive dificuldades em deixar o trabalho de campo, especialmente junto à Associação Caminho das Águas. Durante o tempo em que acompanhei as reuniões do grupo, fui e continuei, até o final desta tese, sendo solicitada para participar de muitos dos eventos organizados por Irmão Antônio. Várias tarefas me foram submetidas, desde secretariar as reuniões produzindo as atas até participar de reuniões de arrecadação de fundos para o evento e trabalhar na coordenação desses eventos. Tanto que, para minha surpresa, no período final

⁷ Cabe ressaltar aqui que esses grupos não são fechados, mas coexistentes. Os moradores das Ilhas, por exemplo, além de ali residirem e serem aqui categorizados como tal, são em sua maioria, umbandistas.

⁸ Cabe ressaltar que o período de trabalho de campo foi interrompido apenas pelo estágio de doutorado na Vrije Universiteit van Amsterdam (out/2011-out/2012), tendo sido retomado na 19ª edição da Romaria das Águas, em 2012, e na 10ª edição do Caminho de Sepé Tiaraju em 2013.

do doutorado (agosto/2014), fui convidada a participar do Projeto Caminho das Águas/Petrobrás, no qual desenvolvo a função de sistematizar informações e produzir os relatórios de monitoramento do projeto, além de ajudar na escrita de um livro, na produção de um vídeo sobre a história da organização da reciclagem no Rio Grande do Sul e de acompanhar coletivos de reciclagem nos municípios de Porto Alegre.

Mas foi dessa maneira que encontrei e continuo acompanhando os romeiros que “me conduziram pacientemente pelas veredas de suas vidas fazendo-me conhecer os seus mundos e os conceitos com os quais lhes dão sentido” (OLIVEIRA, 2009, p.27).

No total, foram catorze entrevistas com representantes religiosos, políticos e sociais dos eventos em questão. Nessas entrevistas, procurei entender as visões de mundo que coexistem nesses rituais, as formas de participação desses grupos nos eventos, a relação estabelecida entre esses grupos, os principais pontos de convergência e divergência entre estes e as relações que estabeleciam entre Nossa Senhora das Águas, Oxum, Sepé Tiaraju e os principais temas dos eventos – ecologia, inter-religiosidade, terra e território, justiça social.

Pois, participando desses eventos e conversando com seus participantes desde 2010, fui percebendo que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé, para além da ambientalização da religião, desdobravam-se na possibilidade de composição de mundos comuns, uma vez que ambos os rituais consistiam em criações coletivas, que abarcavam não só as perspectivas da Pastoral da Ecologia, mas também de uma série de outros participantes. Ademais, percebi que as agências dos corpos e das coisas no ritual pautavam-se em relações cosmopolíticas, pois a capacidade de organização política desses grupos dava-se a partir da religiosidade e da ecologia, de divindades e da natureza, apontando que “nos jogos entre mundos as coisas são mais importantes do que as palavras, na medida em que são regimes de existência que estão em jogo, isto é cosmopolítica” (ORO e ANJOS, 2009, p.48).

Dessa maneira, para a análise desses dois rituais, estabeleci diálogo com o conceito de cosmopolítica de Isabelle Stengers (2004), que pode ser compreendido como práticas concretas, ligadas ao conceito de minoria, nas quais se estabelecem modos de resistência criativa ao que já está supostamente dado ou a realidades hegemônicas, permitindo trazer outras realidades à existência – não necessariamente idênticas ou equivalentes, mas que evocam relações entre diferenças que não se agrupam como uma unidade e que seguem como diferenças, como pluralidades.

Nesse sentido, cosmopolítica também envolve agências em eventos, nos quais humanos e não humanos questionam, rompem e alteram a normalidade dos modos de ordenar e relacionar o que é vivido, abrindo a possibilidade do vir a ser (SCHILLMEIER, 2013). É, como afirma Marcio Goldman (2013), “a insistência do cosmos na política” ao serem incluídos na política não só os humanos, mas destacando-se também as intensidades que são produzidas pelas “coisas”, que, no caso desta tese, apresentam-se como o elemento água e divindades (Nossa Senhora das Águas, Mãe Oxum e Sepé Tiaraju). Nessas relações cosmopolíticas, uma série de procedimentos diplomáticos acabam por se estabelecer no modo de misturar porções cósmicas e políticas, a “composição de mundos comuns” (ORO e ANJOS, 2009).

Outro ponto importante na análise desta tese foi que ao me aproximar dos grupos diversos que realizam, organizam e participam dos rituais comuns acima citados, percebi que sim, entre eles, defendem-se causas e exigências comuns, mas não necessariamente as mesmas, nem mesmo políticas executadas da mesma forma, ou seja, é possível reconhecer-se no outro, mas isso não os torna homogêneos. E, nesse sentido, para analisar as tensões que se evidenciam antes, durante e depois dos processos rituais utilizei as noções de lógica segmentar, propostas por Goldman (2006).

Em sua análise junto aos blocos afro de Ilhéus, Goldman (2006) não só considerou os princípios de divisão e de reunião que orientam as “várias maneiras” pelas quais tais blocos se relacionam na cidade, assim como utiliza a noção de segmentaridade para melhor compreender as movimentações políticas e dos políticos. Para Goldman (2006, p. 143), segmentaridade é a “teoria política' nativa que explica e orienta a prática política”, uma vez que a partir dela é possível comprovar o caráter dinâmico das relações.

(...). O 'segmentável', como diz ainda Herzfel (1992b: 63)⁹, é, simultaneamente, o 'unificável', e a segmentaridade, ao contrário do que se costuma imaginar, não consiste na divisão de uma suposta unidade primeira em entidades discretas, mas na conversão de multiplicidades em segmentos, ou seja, em unidades simultaneamente divisíveis e unificáveis, de acordo com múltiplas estratégias, que vão da repressão à resistência, passando pela manipulação e pela cooptação.” (GOLDMAN, 2006, p.182).

É nesse sentido que, ao observar as relações dinâmicas que se estabelecem na

⁹ HERZFELD, Michael. Segmentation and Politics in the European Nation-State: making sense of political events. In: Kirsten Hastrup (ed.), *Other Histories*: 62-81. London: Routledge.

organização e realização da Romaria das Águas e no Caminho de Sepé Tiaraju, entendo o ritual como um espaço de criação conjunta, nos quais mundos podem ser compostos a partir de causas que se tocam, mas nem por isso formam unidade. E, da mesma maneira que Anjos (2006, p.15), sigo o ritual “como forma de intensificação de pensamentos, de linguagens e de situações sociais comuns”¹⁰, sem partir para uma análise “muito formalizada desses rituais”, pois o que me parece importante aqui é privilegiar “o acontecimento em sua potencialidade de fazer intervir o novo no jogo de forças que carrega a situação cerimoniosa”.

O que pude perceber em campo é que assumir uma perspectiva ecológica nesse contexto implica incorporar novos saberes, práticas e relações cósmicas acerca do que é e de quais sejam as possíveis formas de se relacionar com a natureza, bem como fazer política segue uma lógica similar, apontando novas possibilidades de fazer política. Como argumentou Senilda, “a bicicletada é um outro jeito de ser feliz, é um método diferente de fazer a política acontecer”, na medida em que encoraja, “desafia” novos grupos a “correrem atrás” do que lhes é necessário. Por fim, toda essa mobilização só é possível a partir da interação entre cosmos, corpos e política, agenciados por Nossa Senhora das Águas, Mãe Oxum, Sepé Tiaraju e o elemento água.

É nesse sentido que segui Oro e Anjos (2009, p.48) e passei a encarar a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé como acontecimentos que trazem à tona o cosmos nos quais as minorias “são reafirmadas para serem percorridas indiferentemente pela multiplicidade dos corpos, enquanto experimentação concreta da possibilidade de outras composições de mundos”, pois, assim como esses espaços desmantelam “todas as identidades religiosas demasiadamente fixadas”, também desmantelam todas as concepções demasiadamente determinadas de território, permitindo que os agenciamentos que estão em jogo atraiam multiplicidades – religiosidades, políticas, ecologias, territórios – ao evento.

Por fim, cabe ressaltar que me apoiei no conceito de desterritorialização de Gilles Deleuze a partir de considerações de outros autores (ORO e ANJOS, 2009;

¹⁰ No caso dos rituais, focalizá-los em sua especificidade para demonstrar que são momentos de intensificação do que são torna-os loci privilegiados, verdadeiros ícones ou diagramas para se detectarem traços comuns a outros momentos e situações sociais. Se existe uma coerência na vida social, como nós, antropólogos, acreditamos, o que se observa no fragmento do ritual (quer seja a resolução de conflitos, à Turner; a transmissão de conhecimentos como queria Leach; ou o vínculo entre ação social eficaz e cosmologia, seguindo Tambiah) também se revela em outras áreas do comportamento que o pesquisador investiga. Vivemos sistemas rituais complexos, interligados, sucessivos e vinculados, atualizando cosmologias e sendo por elas orientados (PEIRANO, 2000, p.12 citado por ANJOS, 2006, p.15).

ZOURABICHVILLI, 2004) para entender as expressividades que conformam os territórios em jogo. Se o território implica espaço sem a delimitação objetiva de um lugar geográfico, siga aqui os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização e suas possibilidades de subjetivação (ZOURABICHVILLI, 2004) para compreender como a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé sugerem a percepção da territorialidade.

Esta tese está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, apresento os grupos que organizam e realizam a Romaria das Águas – Associação Caminho das Águas, Pastoral da Ecologia, Povo das Ilhas e FAUERS, os agenciamentos que os movem e as cosmologias que os orientam, bem como a ecologia, a religiosidade e a política. A proposta é discutir essas relações cosmopolíticas e perceber quais as possibilidades de composição de mundos em jogo. No capítulo 2, apresento a Romaria das Águas, os ritos que a compõem, a atividade das coisas – as divindades e o elemento água – e como se dão os processos de territorialização e reterritorialização da Romaria das Águas nas Ilhas, no Lago Guaíba e na cidade de Porto Alegre.

No capítulo 3, apresento uma contextualização do Caminho de Sepé, os eventos que deram mote para o surgimento do ritual e os grupos envolvidos na sua realização. Apresento também as múltiplas agências de Sepé Tiaraju entre os principais participantes da peregrinação e os limites de composição de mundos que se estabelecem no decorrer da organização do evento. No quarto e último capítulo, trago a pedalada em si, apresentando sua formação, os arranjos e rearranjos dos grupos ao longo do trajeto percorrido e as possibilidades de encontros e desencontros entre as diferentes perspectivas sobre território.

Foi possível concluir que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé apresentam formas territorializantes, nas quais a questão fundiária é inserida numa pauta a ser compartilhada e que passa a ser permeada por diversas outras pautas – políticas, sociais e ambientais. A luta pela terra e a possibilidade de existir no mundo, impulsionadas por diferentes grupos passam a ser atualizadas nesses momentos, a partir de uma ação cosmopolítica, ou seja, uma relação que evidencie uma interação entre as divindades e o regime de político sob o qual convivem e ainda a possibilidade de compor um ritual que apresente diferentes pautas que se aliem, mas não se unifiquem, mobilizando uma forma de composição de mundos. Nossa Senhora das Águas e Sepé Tiaraju agenciam outros modos de acionar políticas públicas e, ainda, de promover reivindicação social, permitindo que os

múltiplos grupos aqui evidenciados possam agir em conjunto, mas como grupos diferentes, com práticas divergentes.

CAPÍTULO I – A ROMARIA DAS ÁGUAS: CONTEXTO E REALIZAÇÃO DO RITUAL

A Romaria das Águas é uma celebração ecológica e inter-religiosa que acontece no Lago Guaíba, em Porto Alegre, desde 1994. O evento é realizado por moradores do bairro Arquipélago, pela Organização Não Governamental Caminho das Águas, pela Pastoral da Ecologia e pela FAUERS e acontece entre maio e outubro, não tendo uma data certa para começar, mas uma data certa para encerrar: dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, de Nossa Senhora das Águas e Dia da Criança.

A perspectiva ecológica na base do evento nasceu de uma experiência de trabalho com catadores de materiais recicláveis na Ilha Grande dos Marinheiros, por meio da qual foram formados os primeiros Galpões de Reciclagem de Porto Alegre, os quais deram início às políticas de reciclagem de lixo no Estado do Rio Grande do Sul. Já a perspectiva inter-religiosa vem da proposta de retomada da Procissão Fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, proibida desde 1989 na cidade de Porto Alegre, no intuito de reocupar o Lago Guaíba com o encontro de intensidades afro-religiosas e católicas. Além disso, a romaria é destacada por parte de seus participantes como uma “ferramenta de organização popular”, no sentido de constituir um espaço para reivindicações políticas nos campos ambiental e social e de celebração das demandas já conquistadas.

As primeiras edições da Romaria das Águas foram organizadas por moradores da Ilha Grande dos Marinheiros e por um grupo de religiosos e leigos que acompanhavam o cotidiano da referida Ilha e, por vezes, do Arquipélago como um todo: moradores, não moradores, Irmãos, Irmãs e Freis – Associação de Moradores, Clube de Mães, Devoção Nossa Senhora Aparecida, Beneditinos, Maristas, Franciscanos, Capuchinhos e a Associação Espírita Bezerra de Menezes. As edições seguintes foram agregando grupos religiosos de matriz africana, movimentos sociais, comitês de bacias e entidades públicas, o que desencadeou uma ampliação dessa Romaria entre a Bacia Hidrográfica do Guaíba, a Região Metropolitana de Porto Alegre e o interior do Estado.

Nossa Senhora das Águas e Oxum são, respectivamente, padroeira e Mãe¹¹ do

¹¹ Ao questionar a uma filha de Oxum qual o papel de Oxum na Romaria das Águas, a resposta é de que “ela é a

evento, na medida em que ambas são cultuadas. Uma imagem de Nossa Senhora das Águas foi criada com base na imagem de Nossa Senhora Aparecida e no livro de Apocalipse, capítulo 12, da Bíblia Sagrada. As cores de suas vestes – amarelo e azul – evidenciam, respectivamente, Oxum e Iemanjá e, nessa imagem, Nossa Senhora das Águas pisa em um dragão. A referida imagem repousa em seu santuário, na Ilha Grande dos Marinheiros, de onde somente é retirada por ocasião do evento da Romaria das Águas, quando passa a circular com seus devotos cumprindo um ritual de procissões e romarias. Nossa Senhora das Águas, também denominada Mãe Oxum, ainda é referenciada como Rainha da Ecologia.

Celebração e reivindicação social representam pontos convergentes da proposta da Romaria das Águas, uma vez que o evento marca a realidade de luta para os moradores das “Ilhas de Porto Alegre” e abre espaço para a divulgação de suas experiências e ações ecológicas presentes no trabalho de reciclagem, dando visibilidade às catadoras e aos catadores. Ao mesmo tempo, permite a união de religiosidades por um objetivo comum: a preservação das águas e a devoção conjunta às divindades protetoras da água.

Abarcando múltiplos atores e seus múltiplos projetos na perspectiva de “composição de mundos comuns” (ORO e ANJOS, 2009)¹², apresento aqui o conjunto de circunstâncias que propiciou o acontecimento Romaria das Águas e seus atuais encadeamentos, e logo em seguida, os principais grupos de atores – e suas visões de mundo acerca de ecologia e religião – que dão continuidade ao evento desde que acompanho o ritual.

1.1 – O Território do Delta do Jacuí e do Bairro Arquipélago em Porto Alegre

O Delta do Jacuí é um conjunto hidrográfico constituído por ilhas e terras continentais formado no encontro dos rios Gravataí, Sinos, Caí e Jacuí, cujas águas formam o Lago Guaíba e seguem para a Lagoa dos Patos. Trata-se de terras alagadiças e de banhados, os

Mãe das Águas”.

¹² Para discutir composição de mundos comuns, tenho como base a definição de Ari Pedro Oro e José Carlos Gomes dos Anjos (2009) de que o sincretismo é uma política de composição de mundos que se dá a partir do encadeamento de ícones sagrados, tanto em sua concretude quanto em seus regimes de enunciação. Embora não seja tratada nesta tese a questão do sincretismo, parto da ideia de que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé Tiaraju são rituais que propõem composição de mundos comuns, uma vez que aproximam agenciamentos que garantem a multiplicidade do evento: intensidades afro-religiosas e católicas, reivindicação social e questões ecológicas. Para tanto, uma série de objetos, fundamentos e ritos passam a ser encadeados e assumem uma dimensão cosmopolítica, os quais serão evidenciados no decorrer desta tese.

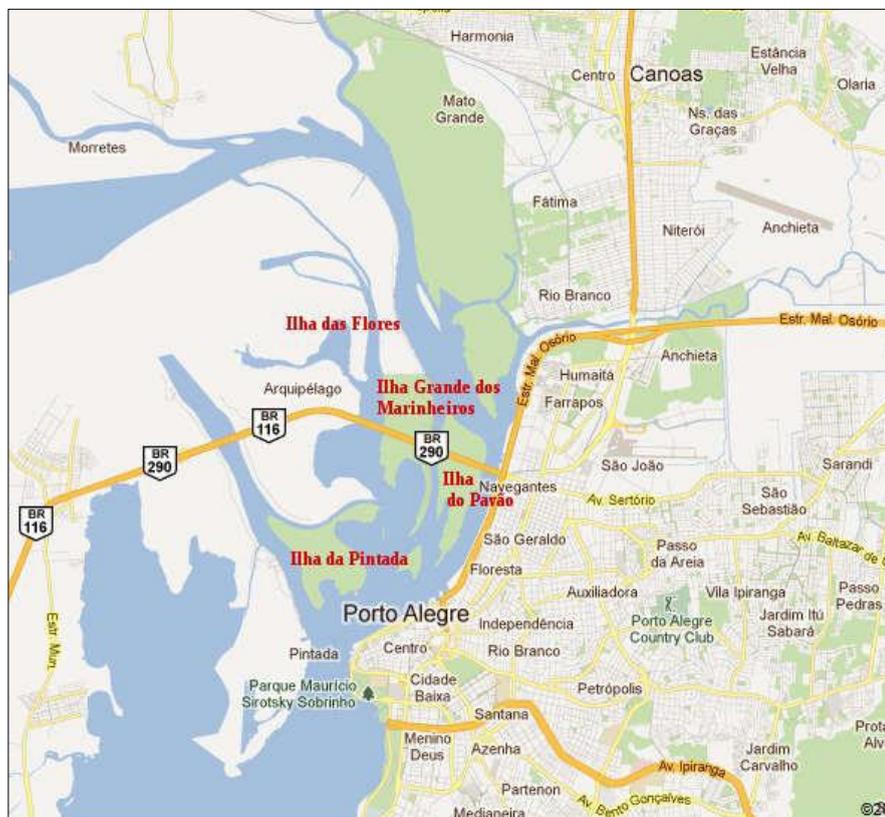
quais, devido às cheias desses rios, entre os períodos de inverno e primavera, formam um ecossistema que proporciona não só uma regulagem dessas cheias de toda a região hidrográfica como também a manutenção de certas características ambientais, dentre as quais o clima e a qualidade das águas do Lago Guaíba (DEVOS, 2007).

São trinta ilhas espalhadas entre os municípios de Porto Alegre, Canoas, Nova Santa Rita, Triunfo, Charqueadas e Eldorado do Sul, que funcionam como um imenso filtro natural que atua na dinâmica hídrica do referido Lago, além de possuir uma fauna e flora associadas a esse particular ciclo natural. Assim, em virtude de sua importância ambiental, em 1976¹³, foi criado o Parque Estadual do Delta do Jacuí (PEDJ), contabilizando um território de 17.245 ha¹⁴, com o objetivo de restringir a ocupação e uso das áreas e dos canais de navegação do Delta (CARDOSO, 2006; DEVOS, 2007).

¹³ Decreto Estadual 24.385, de 14 de janeiro de 1976.

¹⁴ O Parque foi ampliado em 1979 pelo Decreto Estadual 28.161, de 16 de janeiro de 1979.

Figura 1 – Mapa do Delta do Jacuí



Fonte: Google Maps. Destaques meus.

O Delta é formado por trinta ilhas, quinze das quais são habitadas, constando-se maior concentração populacional entre as quatro ilhas que formam o Bairro Arquipélago em Porto Alegre: Ilha da Pintada, Ilha das Flores, Ilha Grande dos Marinheiros e Ilha do Pavão. Os primeiros habitantes da região foram os Guarani, que no século XVI, foram obrigados a deixar a região com a colonização do Rio Grande do Sul; em seguida, entre os séculos XVIII e XIX, as Ilhas abrigaram ancestrais escravizados. Mas, no início do século XIX, a região já era ocupada por agricultores-pescadores, que abasteciam a cidade com hortaliças, peixes e capim (RIO GRANDE DO SUL, s/d).

Em 1959, foi fundado o bairro Arquipélago, conhecido principalmente pela pesca artesanal e pelo transporte fluvial, por excelência. A construção da Travessia Régis Bittencourt – o conjunto de quatro pontes entre o Lago Guaíba e o Rio Jacuí, na entrada de Porto Alegre –, no final da década de 1950, propiciou um aumento populacional na região,

tendo em vista sua proximidade com o centro da cidade e a facilidade de acesso a este (RIO GRANDE DO SUL, s/d). Foram chegando moradores desabrigados de outras áreas da cidade – Auxiliadora, Vila Mirim, Navegantes –, momento em que se cogitou transformar a região em um distrito industrial de Porto Alegre¹⁵, e, por fim, chegaram as casas de lazer e clubes esportivos de alto padrão (CARDOSO, 2006). Durante o início da década de 1970, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre manteve um lixão na Ilha do Pavão, fator que é apontado como a possível origem do trabalho com o lixo na região (DEVOS, 2007). Até hoje, os moradores das Ilhas Grande dos Marinheiros e do Pavão têm uma intensa relação com o trabalho de separação de materiais recicláveis, o qual é realizado de forma individual ou coletiva, em Galpões e Associações, ainda que os moradores envolvidos nesse trabalho exerçam outras atividades diversificadas, entre elas as de pescadores, costureiras, diaristas, trabalhadores assalariados e donos de armazéns.

Embora uma série de serviços públicos – escolas, creches, postos de saúde, transporte público – já estejam sendo disponibilizados entre as Ilhas da Pintada e Grande dos Marinheiros, com a chegada do PEDJ, a proposta determinava a desocupação da área, com a retirada de todas as moradias irregulares. O único núcleo urbano reconhecido legalmente em todo o PEDJ é o da Ilha da Pintada. Ilha na qual a rua principal – Rua Nossa Senhora da Boa Viagem –, conhecida como Rua dos Pescadores, predominam mansões de lazer, baixa densidade populacional e adequada infraestrutura – é o único núcleo urbano reconhecido legalmente em todo o PEDJ (CARDOSO, 2006; DEVOS, 2007).

É significativo o contraste entre “ricos” e “pobres” no bairro, seja na fala dos moradores, seja na vista que se descortina das pontes do Guaíba que ligam a capital ao sul do Estado pela BR-116, onde se encontram lado a lado, por vezes separadas por muros de concreto ou altos portões, casas e clubes de lazer de alto padrão e casebres construídos com todos os tipos de materiais – alvenaria, lata, madeira, papelão –, cercados de lixo nos quintais e casas populares com infraestrutura precária. Dessa mesma ponte, avistamos Nossa Senhora das Águas, a padroeira das Ilhas, que, do alto de uma torre de ferro, pode ser vista da estrada com o seguinte dizer: “a bênção Mãe” (fig. 2).

¹⁵ Tanto que até hoje se tem problemas com uma área que foi da Refinaria Ipiranga, (<http://noticias.terra.com.br/educacao/suico-compra-area-e-leva-escola-publica-de-presente-local-corre-risco.71cec062510e0410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>). (Acessado em 12 de março de 2013).

Figura 2 - “A Bênção Mãe”, dizer fotografado da Rodovia Osvaldo Aranha, BR-116.



Autora: Stella Pieve.

No contexto das Ilhas, como era de se esperar, existe uma intensa relação com as águas, que vai além do trabalho de pesca ou turismo, constituindo-se em uma relação cotidiana e periódica. Os moradores da região denominam-se “ilheiros” e “ilhéus”, evidenciando duas diferentes formas de pertencimento às ilhas: enquanto o ilheiro tem sua identidade apoiada na prática cotidiana do território ilha, o ilhéu tem sua identidade na sua origem, como destaca Nazaret: “ilheira”, mãe de “ilhéus”, ou seja, não nasceu nas Ilhas, mas ali teve e criou seus filhos.

Além disso, numa região de banhados e constante fluxo de água, as enchentes são frequentes e cíclicas, marcam histórias, trajetórias, o modo de vida e períodos dessas Ilhas, reforçando laços comunitários e de solidariedade entre a vizinhança, “a enchente é como um ritual de iniciação para os novos moradores” (DEVOS, 2007, p.201). As enchentes marcam

um modo de vida indicando pertencimento a um território cercado de água.

Cercados de água de potabilidade relativa e num território de proteção ambiental, os serviços de saneamento básico na região são comprometidos, de modo que, na década de 1980, chegou a faltar água potável na Ilha Grande dos Marinheiros, e um caminhão-pipa enviado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre ficou responsável em abastecer as famílias da região (DEVOS, 2007; ALVES, 2012). Tal processo desencadeou uma série de reações nos moradores, desde estratégias de armazenamento de água “da prefeitura” em latas, tigelas, baldes, até estratégias de “despoluição” das águas do Guaíba para o consumo próprio¹⁶, assim como, associado a outros movimentos locais, acabou por provocar uma série de reivindicações e demandas ao Poder Público.

Nessa mesma conjuntura, um grupo de mulheres da Ilha Grande dos Marinheiros, junto a um grupo de religiosos, deram início aos primeiros trabalhos cooperativos em reciclagem, formando, em 1986, a Associação de Recicladores da Ilha Grande dos Marinheiros, o primeiro Galpão de Reciclagem de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

A partir dessas circunstâncias, foi estabelecida uma série de disputas pelo território das Ilhas, envolvendo, de um lado, ambientalistas defendendo a importância ecológica da região e a melhoria da qualidade das águas; de outro *ilheiros* e *ilhéus*, defendendo seus territórios ocupados há décadas e em íntima relação com as águas. É a partir dessa disputa, que, em junho de 2006, o Governo Estadual do Rio Grande do Sul optou por criar uma Área de Proteção Ambiental (APA)¹⁷ dentro do PEDJ, uma vez que essa categoria permite a ocupação humana na área desde que suas atividades sejam adequadas ao manejo sustentado, que tem como finalidade a proteção ambiental de espécies da fauna e flora e a manutenção das características ambientais da região (DEVOS, 2007). Entretanto, até hoje, não foram totalmente regulamentados os encaminhamentos definidos pelo Plano de Manejo, especialmente no que diz respeito à regularização fundiária da região, o que acarreta o

¹⁶ Devos (2007) retrata a questão da água no cotidiano das Ilhas Grande dos Marinheiros e Pintada em sua tese de doutorado, apontando os saberes e fazeres dos *ilheiros* e *ilhéus* no viver coletivo em meio às águas e aos banhados da região.

¹⁷ Decreto Estadual no 44.516, de 29 de junho de 2006. Art. 3o - A Área de Proteção Ambiental - APA - Estadual Delta do Jacuí, constituída por terras públicas e privadas, tem por finalidade a proteção dos recursos hídricos ali existentes, em especial as áreas de influência fluvial, os ecossistemas de banhados, restingas e floresta estacional decidual, com o objetivo básico de disciplinar processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais, de forma a conservar a diversidade de ambientes, de espécies e de processos naturais pela adequação das atividades humanas às características ambientais da área, além de garantir a conservação do conjunto paisagístico e da cultura regional.

impedimento à construção de moradias dignas e serviços relacionados ao saneamento básico (PORTO ALEGRE, 2007).

Cabe ainda ressaltar que, atualmente, a duplicação da BR-116 incide na duplicação da Ponte do Saco da Alemoa, que atinge diretamente parte da população da Ilha Grande dos Marinheiros. Há aproximadamente 850 famílias condenadas à remoção ou realocação, e a Capela de Nossa Senhora das Águas e a Associação de Recicladores da Ilha Grande dos Marinheiros também deverão ser realocados.

1.2 – Na Ilha Grande dos Marinheiros: uma Santa quebrada no lixo

Como já destacado anteriormente, a Ilha Grande dos Marinheiros sempre teve o apoio de leigos e religiosos para seu desenvolvimento social. Uma importante atividade foi o trabalho da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, uma ação pastoral de origem belga que ali se instalou em 1970 e que teve forte representação na figura de Irmã Marie Eve. Foi com ajuda dela que se fundou ali a Sociedade dos Amigos das Ilhas (SADI) – berçário, creche, escola, assistência e cursos profissionalizantes – e a Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul (COOPARIG), por meio da qual seus artesãos produziam fios e confecções em lã (ALVES, 2012).

Da mesma maneira, Irmão Antônio, um Irmão Marista, deu início ao seu trabalho nas Ilhas na década de 1980. Acompanhado de sua irmã, Matilde Cechin, e demais companheiros, o grupo desenvolveu o Clube de Mães, cuja proposta era um ponto de encontro da comunidade para atividades comunitárias e solidárias. Ali as mães se revezavam no cuidado das crianças para que pudessem trabalhar, confeccionavam acolchoados para os necessitados, liam a bíblia e conversavam sobre a vida cotidiana. A proposta baseava-se nos princípios da Teologia da Libertação¹⁸, de opção pelos pobres, e no método Ver, Julgar e Agir¹⁹.

¹⁸ De acordo com Leonardo Boff, a Teologia da Libertação “apresenta um novo modo de fazer teologia, a partir dos pobres e contra a sua pobreza, profética e com um apelo à consciência ética da humanidade, por colocar no centro de sua preocupação a sorte das grandes maiorias condenadas à miséria e à exclusão por causa das minorias nacionais e internacionais insensíveis, cruéis e sem piedade”. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=26>. Acesso em: agosto de 2014.

¹⁹ O método Ver, Julgar e Agir é um método herdado da Ação Católica e tem como princípio básico ligar o texto bíblico à realidade da vida (MACHADO E BIASOLI, 2012). Tal método foi criado pelo cardeal Joseph Cardijn, fundador do movimento Juventude Operária Cristã (JOC) e reconhecido pelo Papa João XXIII em 1961. Os três

Nazaret, moradora das Ilhas, lembra que foi apresentada ao Irmão Antônio e à Matilde pela Irmã Marie Eve, e que o trabalho começou com um grupo de pessoas que rezavam à sombra de uma árvore. Com o tempo, Matilde e Irmão Antônio foram ajudando a organizar a ocupação territorial da Ilha, organizando espaços para casas, locais de trabalho conjuntos e espaços coletivos, como capelas, santuários, clubes, associações e lugares para seus padroeiros.

Aí, o que que aconteceu, o Ir Antônio veio, nós começamos a rezar debaixo de uma árvore, depois ele arrumou esse terreno aqui [Antigo Clube de Mães, atual Associação de Moradores]. Aqui era a Igreja, ele arrumou esse terreno aqui e botou em votação o que que as pessoas queriam [para padroeiro]. Uns queriam Santo Antônio, outros queriam Nossa Senhora Aparecida, ficou meio a meio, Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida. Ele trouxe os dois. Eu trabalhava com as mulheres debaixo das árvores, na rua. Então a Matilde, que é a minha madrinha católica, me chamou e me deu espaço pra entidade. Não para mim, para entidade, para eu trabalhar na entidade com as mulheres. E o Irmão Antônio comprava taquara e ensinava as pessoas, pagava as pessoas pra colher taquara e ensinava que cada um tinha direito de fazer seu pátio, aquela família tinha direito a um pedacinho de terra e construir seu pátio. O Ir Antônio ensinou as pessoas até como plantar no pátio. (NAZARET, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2011).

Irmão Antônio e Matilde haviam sido chamados por Irmã Marie Eve para ajudarem na formação de uma comunidade, tendo em vista o trabalho que desenvolviam em Canoas²⁰. Os irmãos perceberam que os catadores de materiais recicláveis trabalhavam individualmente, cada um para si, e passaram a fomentar trabalhos coletivos. O esforço era criar relações de colaboração de modo que o senso do comunitário passasse a ser maior que o senso do individual (CECHIN, 2010).

Nessa linha de trabalho, foi criado, ainda na década 1980, o primeiro galpão de reciclagem no Rio Grande do Sul, a Associação de Papeleiros da Ilha Grande dos Marinheiros (1986), a qual, além de oficializar uma atividade irregular, gerou trabalho e renda e deu um pontapé inicial na política de coleta seletiva no estado (DEVOS, 2007). De acordo com Irmão Antônio, ao reorganizar-se e reciclar o lixo esses trabalhadores também foram se refazendo, reciclando-se através de um trabalho digno, criativo e produtivo, “dessa classe baixa, emana

momentos previstos pelo método consistem em “o estudo da situação concreta” (VER), a “apreciação da mesma à luz de princípios e diretrizes” (JULGAR) e o “exame de determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e diretrizes à prática” (AGIR) (NEWS, CARDIJN MOVEMENT, 2011). O método foi fortemente inserido no ensino e prática católica da época que convergiu com a Teologia da Libertação.

²⁰ Em Canoas, um intenso trabalho de organização popular via Comunidades Eclesiais de Base vinha se desenvolvendo desde meados da década de 1970, depois da ocupação do Bairro Mathias Velho por uma geração de expropriados rurais que haviam vindo de cidades interiores para trabalhar nas indústrias dos grandes centros urbanos (MACHADO E BIASOLI, 2012).

esperança para a criação de uma nova sociedade com novos princípios a partir de um trabalho produtivo” (CECHIN, 2010, p.174).

Um grupo de mulheres, durante o trabalho de separação de materiais, encontrou uma imagem quebrada de Nossa Senhora Aparecida no lixo. “Acionadas pelo senso do sagrado”, como relata Irmão Antônio, essas mulheres restauraram a imagem e prestaram culto a ela, que continua, até hoje, no Galpão de Reciclagem. Analogamente a esse “achamento” de Nossa Senhora Aparecida, o que ocorreu em 1717 no Rio Paraíba, reforça a intenção de que essas santas não foram meramente “achadas”, mas vieram em socorro daqueles que delas necessitavam. Nesse sentido, o trabalho de catador passa a ter outro significado. Uma Santa é reciclada pelas catadoras e papeleiras, denunciando o descaso da sociedade consumidora até mesmo com as divindades, ao passo que esse catador, além de limpar o planeta, foi escolhido por Nossa Senhora Aparecida²¹.

Uma das principais dificuldades para a criação do Galpão foram justamente as restrições ambientais impostas pela tramitação do Parque Estadual do Delta do Jacuí, tendo em vista o conflito de manter em uma Unidade de Conservação grandes quantidades de lixo, mas também todo o processo de construção física – aterramentos, materiais de construção civil, saneamento básico. Num primeiro momento, o Galpão foi construído em caráter transitório, a partir de materiais não definitivos, como taquaras e madeira, e, após algum tempo, deu-se início a um longo processo de negociação para sua construção definitiva.

Em frente a este Galpão – e simultaneamente à sua construção –, foi alicerçado o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, escolhida como padroeira da Ilha Grande dos Marinheiros. Atualmente, ambos continuam no mesmo lugar (ALVES, 2012), todavia, Nossa Senhora Aparecida passou a ser conhecida como Nossa Senhora das Águas.

1.3 - A Festa de Nossa Senhora das Águas

Em 1989, a procissão fluvial da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre foi cancelada pela Capitania dos Portos sob a “alegação de que as embarcações não apresentavam condições de segurança no transporte de seus passageiros no que concerne a

²¹ A transformação de Nossa Senhora Aparecida em Nossa Senhora das Águas será relatada no Capítulo IV desta tese.

coletes salva vidas, boias e barcos de sobrevivência” (CAVEDON, 1992²² *apud* ORO e ANJOS, 2009, p.32). O fato gerador de tal interdição foi o naufrágio, em 1 de janeiro daquele ano, do barco “Bateau Mouche”, no Rio de Janeiro, causando a morte de 51 pessoas (Id. *Ibid.*). Desde então, a procissão de Navegantes, em Porto Alegre, é somente terrestre, “a caminhada de Nossa Senhora dos Navegantes”, como a define Irmão Antônio.

A interdição foi bastante criticada na época por seus organizadores, bem como, ao longo dos anos, foram encaminhados pedidos oficiais, ofícios e abaixo-assinados pelos devotos solicitando o retorno da procissão fluvial. Irmão Antônio, um dos adeptos desse retorno, entende a romaria pelas águas como um modo de os “brancos” quitarem sua dívida social com os negros, uma vez que, “em dia de Nossa Senhora dos Navegantes, lembravam o mar de suas costas africanas e homenageavam Iemanjá, a fada das águas salgadas”. Nesse sentido, permitir a procissão pelas águas no dia de Nossa Senhora dos Navegantes “seria mostrar arrependimento pelo que a história fez para com eles” (LICHT, 2007²³, p.330 *apud* ORO e ANJOS, 2009, p.44, 45).

Irmão Antônio contou-me que havia participado de longas discussões acerca da importância da procissão fluvial na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, chegara a ir à Marinha e à Capitania dos Portos saber os motivos da proibição, já que a Festa mantinha as procissões fluviais em outros Estados, mas não obtivera respostas e, igualmente, nenhum retorno às suas reivindicações. Por isso, desde 1999, acompanha a procissão “paralela”, promovida pela Associação dos Pescadores da Ilha da Pintada e pela Fundação do Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul, vinculada à Secretaria de Turismo do Estado. Trata-se de uma procissão com cerca de 130 embarcações, que saem da Ilha da Pintada, passam pela Usina do Gasômetro, pelo cais do porto e é finalizada no Parque Náutico do Estado, onde é realizado um culto ecumênico (ORO e ANJOS, 2009).

“De tanto incomodar” pelo retorno da Procissão Fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes, o vicariato de Porto Alegre sugeriu a Irmão Antônio que fizesse uma procissão fluvial no dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida. Assim, há 20 anos, aconteceu a primeira “Festa de Nossa Senhora Aparecida, com solene procissão fluvial comemorativa da

²² CAVEDON, Neusa Rolita. **Navegantes da Esperança**: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992.

²³ LICHT, Henrique. **Nossa Senhora dos Navegantes**. Porto Alegre 1871-2006. Porto Alegre, Santa Maria, Palotti, 2007.

invenção da cidade”, uma festa ecumênica que retomou a romaria pelas águas do Guaíba, dando espaço para as religiosidades e a cultura popular.

No sul, o Brasil começou com a chegada de casais açorianos desembarcados de naus portuguesas num alegre porto, numa rua que também era praia, nos conta o Folheto Informativo I dessa Festa (Anexo 1). Nessa perspectiva, a procissão fluvial é uma forma de retomar esse evento, celebrando a chegada dos barcos pelo Guaíba e pedindo bênção aos atuais trabalhadores das águas e aos moradores da cidade. Por outro lado, a procissão dá continuidade a um movimento iniciado na Ilha Grande dos Marinheiros, sugerindo um setenário de Nossa Senhora Aparecida em preparação para os 500 anos de Brasil (1994-2000).

Entre os propósitos da Festa destaca-se o encadeamento de questões religiosas, sociais, ambientais e políticas, ressaltando-se preocupações quanto à contaminação das águas e ao trabalho dos papeleiros e catadores de materiais recicláveis. Nossa Senhora Aparecida aparece ali como a madrinha “dos que não têm” – “catadores e papeleiros por ela escolhidos como ecólogos” – que os ajuda na escolha dos melhores governantes para o Estado e para a Nação. Ademais, na procissão, coexistem Nossa Senhora Aparecida, a santa brasileira que saiu das águas, e Oxum, o Orixá das águas doces²⁴, com a proposta de estabelecer um diálogo entre diferentes culturas, abençoando seus participantes e transformando-se no penhor de purificação do rio e do meio ambiente.

Nessa festa, a padroeira do Brasil, naturalizada brasileira a partir de uma imagem europeia, propõe-se a abrir espaço para a coexistência de celebrações de fé e devoção de todas as culturas que se encontraram no Brasil, formadas por indígenas, negros e brancos, o que num primeiro momento, foi denominado ecumenismo. Assim, embora a festa tenha o objetivo de reterritorializar a procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, na ocasião em que acontece, dia 12 de outubro, a procissão fluvial de Nossa Senhora Aparecida dá passagem para Oxum. Assim, é importante destacar aqui, que, desde seu início, a Festa de Nossa Senhora Aparecida com Procissão Fluvial tem, em seu propósito, a composição de mundo comum entre católicos e afro-religiosos, pois, desde seu início, oferece-se como um ritual comum entre religiosidades e culturas populares.

A partir desse contexto, Nossa Senhora Aparecida transformou-se em Nossa Senhora

²⁴ Além das correspondências entre Nossa Senhora e Oxum citadas em campo, podemos verificar o sincretismo entre as divindades no texto de Ari Pedro Oro (2008) sobre as Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul.

Aparecida das Águas, a padroeira da Ilha Grande dos Marinheiros. A construção dessa imagem data de 1995 e não representa uma rejeição à Nossa Senhora Aparecida, mas uma busca para ampliar o leque de atuação da Santa. Como destaca o texto “Significado da Procissão Fluvial na Festa de Nossa Senhora Aparecida das Águas”,

Nas Ilhas do Guaíba há somente nove comunidades católicas. Todas, sem exceção, escolheram como padroeira Maria, a Mãe de Jesus, e só Maria sob títulos diversos: N. Sa. da Boa Viagem, dos Navegantes, de Lurdes, Mãe do Menino Deus, da Conceição, N. Sa. Aparecida, N. Sa. dos Pobres, N. Sa. das Águas, N. Sa. das Graças. As Ilhas, como podemos perceber, são um reino encantado, pois nelas mora uma musa de nome Maria. (PANFLETO, Anexo 1, 1994, p.2).

Sendo Nossa Senhora das Águas um título conferido à Maria de Nazaré, Mãe de Jesus Cristo, porque uma de suas imagens apareceu no Rio Paraíba do Sul em 1717, a figura de Nossa Senhora das Águas reúne, em sua totalidade, Marias e Nossas Senhoras de inscrições diferenciadas. E, da mesma maneira, propõe-se a manter uma correlação com os Orixás, apontando em Nossa Senhora das Águas a coexistência entre Nossa Senhora Aparecida e Oxum, o Orixá das águas doces. Durante as festas que acompanhei, o destaque é para Oxum, entretanto é comum saudações a Iemanjá, Orixá das águas salgadas, que, no sincretismo brasileiro, corresponde a Nossa Senhora dos Navegantes.

1.4 - A Romaria das Águas como política pública na cidade

É no entorno de Nossa Senhora das Águas, sediada no seu Santuário na Ilha Grande dos Marinheiros, que, no dia 12 de outubro, ainda permanece na capital gaúcha a procissão fluvial no Lago Guaíba. Contudo, no decorrer do tempo, a Festa de Nossa Senhora Aparecida passou a ser chamada de Romaria das Águas, sem deixar de ser a “Festa da Santinha”, como um senhor à minha frente, que ali estava com suas filhas, contava a alguém no telefone. A partir do final da década de 1990, várias pessoas, grupos e instituições passaram a ser convidadas a participar do evento. Nessa época, foram estabelecidas parcerias com instituições e projetos públicos, bem como com instituições e representantes religiosos que têm em comum uma proposta socioambiental e/ou inter-religiosa.

E assim, a partir dos programas municipal e estadual, respectivamente, “Guaíba Vive” (1989-2000) e “Programa para o Desenvolvimento Racional, Recuperação e

Gerenciamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Guaíba” (Pró-Guaíba/1989), a Romaria das Águas tornou-se política pública de educação ambiental na cidade de Porto Alegre. O Programa Guaíba Vive previa ações localizadas na recuperação ambiental do Lago Guaíba, a revitalização urbana da Orla de Porto Alegre e envolvia a participação de diferentes áreas da administração direta, autarquias do município, movimento ambientalista e lideranças comunitárias, a partir de quatro subprogramas: dois, com enfoque ambiental e urbanístico – saneamento ambiental e paisagismo e urbanismo –, e, dois com enfoque comunitário – desenvolvimento ambiental e educação ambiental e eventos (PRESTES, 2013), no último dos quais se inseria a Romaria²⁵. No contexto do Guaíba Vive, a relação com a comunidade dava-se via “fórum de participação ecológica e comunitária”. O programa abrangia demandas locais – saneamento básico, habitação, saúde – e demandas gerais – recuperação ambiental, despoluição do lago, tratamento de esgotos – relacionadas ao movimento ambientalista gaúcho (PRESTES, 2013).

Já o Pró-Guaíba é²⁶ desenvolvido pelo Governo Estadual e tem por objetivo melhorar as condições ambientais da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, visando ao diagnóstico e monitoramento do ambiente, prevenção e controle da poluição industrial e doméstica, manejo de recursos naturais renováveis, unidades de conservação e educação ambiental (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Tal programa prevê ações para além das soluções tecnológicas, criando uma interdependência entre pessoas e instituições – prefeituras, secretarias do Estado e dos municípios, empresas e associações civis. A Romaria das Águas inseriu-se como lugar de educação ambiental devido ao seu intuito de ressignificar a paisagem e construir uma nova forma de relação entre os habitantes da cidade e o Lago Guaíba, como destaca o site do programa:

Por considerá-la [Romaria das Águas] uma forma inovadora de promover a aproximação e a identificação das populações com os seus rios, a Secretaria Executiva aceitou a parceria. A Romaria das Águas 2000 consistiu na realização de ritos de coleta de água em nascentes das nove bacias da Região Hidrográfica do Guaíba, com uma cerimônia nas nove cidades mais próximas às referidas nascentes. (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

²⁵ Aqui faz-se importante destacar a relação com a comunidade. Nesse mesmo período, Irmão Antônio era o subprefeito da região das Ilhas e estava sendo implantada a Administração Popular do Governo Municipal Olívio Dutra (PT), via Orçamento Participativo (OP), na cidade de Porto Alegre.

²⁶ De acordo com Renato Ferreira (MMA), o Pró-Guaíba não terminou: terminou o financiamento do Banco Mundial, mas os Governos Lula e Dilma estão fazendo as ações de saneamento, limpeza de rios, entre outras.

Como destaca o trecho acima, o Pró-Guaíba foi convidado a participar do evento. Solange, atual consultora do Ministério do Meio Ambiente, esteve na Romaria das Águas de 2011, quando tivemos a oportunidade de conversar. Ela e Renato Ferreira, atual Gerente de Projetos de Revitalização de Bacias Hidrográficas (RBH) do MMA, acompanham a Romaria das Águas desde o Guaíba Vive, passando pelo Pró-Guaíba e agora como Ministério (MMA), como me relatou:

Tivemos [no Programa Guaíba Vive] contato com o Irmão Cechin, porque ele já estava trabalhando com os papeleiros das Ilhas, então desde lá trabalhamos com ele, apoiando a Romaria. **Tinha uma resistência grande na Igreja, a Igreja não queria que acontecesse a romaria fluvial**, depois do acidente do barco lá no Rio, então apoiamos o Irmão Cechin ali, nessas atividades lá nas Ilhas e em todos os movimentos. Quando a gente foi pro Governo do Estado, o Renato [Ferreira] coordenava o Pró-Guaíba, então o Irmão Cechin fez a **proposta: “por que não estender [a Romaria das Águas] para as nove bacias, sub-bacias do Guaíba?”**. E trabalhar a Romaria das Águas na questão ambiental, cultural e religiosa. **Usando a religião também porque as pessoas, a religião e a natureza são ligadas**. Aí, a gente começou, apoiamos essa proposta do Irmão Cechin. (SOLANGE, MMA, entrevista, 2011, grifos meus)²⁷.

Dessa parceria, surgiu o Rito das Águas, de acordo com Irmão Antônio, idealizado por Renato Ferreira quando esteve à frente do Pró-Guaíba e com a seguinte definição:

um rito que oficializava a coleta, passava por colégios para mostrar que a água, saindo daqueles espaços [nascentes], se tornava poluída ao chegar no Guaíba. O objetivo era conscientização. Daí, várias questões foram se agregando: a questão da agricultura, a questão ecológica, a Romaria da Terra, etc (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, entrevista, 2013).

As coletas aconteciam nas nascentes de cada uma das nove sub-bacias do Lago Guaíba e eram feitas por meio de parcerias entre instituições públicas, ONGs e associações civis – Comitê de Bacias, escolas, associações ecológicas, comunitárias ou religiosas, entre outras. Essas águas ficavam expostas nessas instituições e, no dia 12 de outubro, eram trazidas em procissão a Porto Alegre para serem misturadas, abençoadas e lançadas ao Lago Guaíba. Assim, a Romaria deixou de ter uma única procissão fluvial no dia 12 de outubro, mas pequenas romarias em direção às nascentes da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba.

²⁷ Os grifos dessa citação evidenciam a relação cosmopolítica que se evidencia na construção da Romaria das Águas e será discutida no capítulo seguinte.

Esses encontros não eram simples coletas de amostras de água, mas uma celebração de caráter religioso, cívico e educativo em torno dessas nascentes no sentido de propiciar – para além do ato de coletar – rituais, conversas, debates e conscientização sobre a importância do Lago Guaíba e sobre o trabalho de preservá-lo. Embora tudo estivesse ligado à Nossa Senhora das Águas, nesse momento, a Santa ainda não peregrinava junto com seus romeiros: permanecia em seu Santuário, na Ilha Grande dos Marinheiros. Toda essa atividade era propiciada via Pró-Guaíba, que mantinha a verba para que ONGs viabilizassem esse projeto; entretanto, com o fim da Administração Estadual de Olívio Dutra (PT) em 2002, essa verba acabou por ser não disponibilizada.

Olívio Dutra, além de apoiador da Romaria das Águas, é um romeiro. Tive a oportunidade de peregrinar ao seu lado na 34^a Romaria da Terra (2011), em Candiota e na 18^a Romaria das Águas (2011). Patrick²⁸ e eu o entrevistamos em outubro de 2011, ocasião na qual ele falou um pouco de sua posição como apoiador e romeiro. Para ele, existe uma relação entre movimentos sociais, religião e ecologia, e as Romarias, tanto da Terra como das Águas, constituem-se como movimento social. Como movimento social, ambas mantêm um papel de “pressionar” a administração pública, “não é só porque o governo é do povo que vai fazer tudo o que o povo quer, é papel desses movimentos cobrar, exigir”.

Além disso, Olívio enfatizou que movimentos de caminhadas e romarias fazem parte de sua fé ao relacionar o homem e as suas circunstâncias – natureza, sociedade, política: “então, eu sou um militante, por conta de tudo isso, de todas as romarias, que têm como foco a caminhada do ser humano para construir um mundo melhor, de justiça, igualdade e fraternidade e de relação holística com a natureza, com o meio ambiente” (OLÍVIO DUTRA, ex-governador do Rio Grande do Sul, entrevista, 2011).

Seguindo o modelo da Romaria da Terra²⁹, a Romaria das Águas passou a associar-se aos atuais temas de debate ambiental sobre a água: à V Semana Estadual da Água do Rio Grande do Sul, no qual a Prefeitura de Porto Alegre e o Governo do Estado firmaram um

²⁸ Patrick Laigneau é meu colega de doutorado (PPGAS/2010) e do grupo de pesquisa, Sobrenaturezas (PUCRS/UFRGS).

²⁹ “As romarias da terra introduziram ainda como elementos centrais a Palavra e a vida do povo, e, por isso, elas sempre tiveram um cunho profético de denúncia da realidade de opressão vivida pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo e das injustiças que contra eles se cometem. Elas buscam através da fé e do elemento religioso a transformação da sociedade, a construção do Reino de Deus (CPT, 2013).” Disponível em: <http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/romarias-da-terra-e-da-agua>. Acesso em maio de 2013.

protocolo de ações conjuntas em Educação Ambiental; aos desconfortos gerados pela mortandade dos peixes no Rio dos Sinos (2006)³⁰ e à Consulta Pública sobre o Pontal do Estaleiro³¹. Ainda, algumas edições da Romaria foram organizadas e realizadas em conjunto com o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (COMITESINOS)³² e o Instituto Gaúcho De Estudos Ambientais (InGá). O evento começou a crescer e, em 2005, um Projeto de Lei³³ tramitou na Câmara Municipal de Porto Alegre incorporando a Romaria das Águas ao calendário oficial da cidade a partir daquele ano.

O ComitêSinos sempre foi apoiador do evento, mas, em 2010, organizou um evento paralelo ao da Romaria das Águas, na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. Sob o nome de “Celebração das Águas”, reuniu escolas, ONGs ambientalistas, pesquisadores, técnicos ambientais e religiosos – católicos, umbandistas e luteranos – da região, em um “Rito das Águas” próprio, no qual águas da Bacia dos Sinos foram misturadas, abençoadas e lançadas num lago, dentro da universidade. Irmão Antônio esteve presente na cerimônia.

Segundo o depoimento de Paulo Klein, presidente do ComitêSinos na época, “reunir as nascentes é importante porque elas chegam até o Rio dos Sinos, reunir o Comitê e a Sociedade também, pois simboliza o encontro de arte, religião, crenças entre outras”. No final do evento, perguntei aos organizadores do evento o “porquê” de uma cerimônia tão similar à da romaria antes dela, a resposta foi centrada na questão religiosa: para eles, o termo “romaria” acaba por dar um caráter muito religioso e, embora queiram manter a religiosidade do evento, esperam que, trocando romaria por celebração, estejam ampliando a participação.

³⁰ Em 2006, quase 100 toneladas de peixes foram mortos no Rio dos Sinos, no Vale do Rio dos Sinos, Região Metropolitana de Porto Alegre. Tal “tragédia”, como foi veiculada, resultou de um conjunto de fatores: resíduos resultantes da intensa atividade industrial das empresas de couro e calçado, falta de tratamento adequado de esgotos domésticos e captação da água do rio para irrigar lavouras de arroz. Maiores informações em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/2482-desastre-ambiental-mata-quase-100-toneladas-de-peixes-no-rio-dos-sinos> (Acesso, setembro de 2011).

³¹ Tal consulta, de cunho popular, versou sobre construções imobiliárias na Ponta do Melo, área do antigo Pontal do Estaleiro Só, no bairro Cristal, em Porto Alegre. A votação aconteceu em 23 de agosto de 2009 tendo veredicto negativo a esses tipos de construções na área.

³² O Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos desenvolve ações de proteção ambiental das águas do Rio dos Sinos, dentre estas: atividades de estudos de impacto ambiental, de educação ambiental e de desenvolvimento da bacia do Rio dos Sinos.

³³ Projeto de Lei (252/2005) da Câmara Municipal de Porto Alegre encaminhado pela vereadora Glênia Maranhão (PPS/RS) que inclui no calendário de eventos oficiais de Porto Alegre a 'Romaria das Águas', realizada anualmente, no dia 12 de outubro. PL aprovado e atualmente arquivado.

Em seu percurso, a Romaria das Águas foi ganhando visibilidade e passando a ser conhecida por outros grupos. Inês, atualmente coordenadora das ações socioambientais da FAUERS, conheceu a Romaria das Águas em 2007, quando esta era parte do projeto “Cantando as Diferenças”³⁴ apoiado pelo Senador Paulo Paim (PT/RS). Num primeiro momento, Inês e Everton começaram a fazer parte da Romaria via Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros (CEUCAB/RS), já que são da Umbanda. Porém, em 2010, saíram da CEUCAB e instituíram a FAUERS³⁵. Em 2008, Inês colaborou com a produção da primeira Cartilha sobre a Romaria das Águas, celebrando os 15 anos do evento (PACHECO, SOARES e PAVELACKI, 2008).

Como já dito anteriormente, até esse momento, Nossa Senhora das Águas mantinha-se em seu Santuário durante toda a festa. Foi no ano de 2009 que tiveram início as peregrinações de Nossa Senhora das Águas, e a primeira vez que a Santa saiu de seu Santuário, na Ilha Grande dos Marinheiros, foi para ficar em Vigília, na Casa de Caridade Pai Thomé, em Canoas (PACHECO, 2010a)³⁶. A partir de 2010, Nossa Senhora passou a peregrinar pela RMPA, por algumas cidades da Serra Gaúcha e centro do Estado, sob responsabilidade da FAUERS. Nos últimos anos, a peregrinação chegou a São Pedro do Sul, de onde vieram águas da Bacia do Rio Uruguai.

Tendo em vista as dificuldades de financiamento para as coletas de água nas nascentes e a disposição da FAUERS para mantê-las, o Rito das Águas passou a ser responsabilidade dessa instituição. Nos mesmos moldes, a FAUERS manteve as coletas de água e as celebrações em torno dela, contudo não mais nas nove sub-bacias do Lago Guaíba: as coletas passaram a acontecer nas proximidades de Casas e Terreiras de Umbanda, Capelas, Igrejas, prefeituras, secretarias municipais e espaços públicos, tendo em vista que esses mesmos lugares recebem a Santa. Tudo isso mantendo seu enfoque multiarticulado de inter-religiosidade, cultura, ecologia e educação ambiental.

³⁴ O objetivo do projeto era a inclusão política de diferenças sociais, culturais e individuais, com o apoio de municípios, empresas e instituições governamentais e não governamentais. No mesmo ano, foi lançado, na Assembleia Legislativa/RS, o Carimbo “Cantando as Diferenças”, alusivo à 14ª Romaria das Águas, na celebração de 20 anos do Sindicato dos Técnicos Industriais do Rio Grande do Sul (SINTEC/RS) (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, 2011).

³⁵ Tudo indica que houve um conflito político. A Romaria das Águas acabou sendo vista como um evento do Partido dos Trabalhadores (PT), o que fez com que a CEUCAB se retirasse de suas atividades.

³⁶ A Casa de Caridade Pai Thomé divide seu espaço físico com a FAUERS, em Canoas.

Ainda em 2010, a 17ª Romaria das Águas foi lançada na Câmara de Vereadores de Canoas, no mês de junho, com o apoio da FAUERS, da Coordenadoria da Diversidade de Canoas, do Projeto “Arroio Araçá: Nosso Guri” e do Gabinete do Vereador Nelsinho Metalúrgico (PT/RS). Nesse mesmo evento, a FAUERS entregou, na referida Câmara, um projeto sugerindo que o evento fizesse parte do calendário da cidade de Canoas também, de modo que a Festa fosse integrada, dividindo as responsabilidades entre Porto Alegre e Canoas e se mantivesse, como me explicou Inês: “a ideia é essa: estando no calendário da cidade, pode não ter mais Inês, pode não ter mais Irmão Cechin, pode não ter FAUERS, pode não ter mais nada, mas aquilo ali vai ter. Essa é a questão que eu quero manter”.

No momento atual, a configuração da Romaria das Águas tem como base três eventos principais: a peregrinação da Santa, o Rito das Águas e a Procissão Fluvial no dia 12 de outubro, além das demais ações promovidas em sua continuidade (que serão apresentadas no decorrer desta tese), constituindo-se num ritual de longa duração que, nos termos de Christine de Alencar Chaves, é aquele “pontuado por inúmeros e diversos outros eventos feitos de mobilização de massa disseminados no tempo e no espaço”, apontando seu efeito demonstrativo na sociedade (CHAVES, 2000, p.111).

Entretanto, como são diversos os grupos que convergem sob o “guarda-chuva” da Romaria das Águas – católicos, umbandistas e povo das Ilhas –, cada uma de suas edições acaba por produzir uma série de atividades pontuais, que precisam ser encadeadas no ritual daquele ano. Assim, uma rede de relações e processos de negociação entre seus participantes se desenrola desde sua organização até a realização do ritual nos vários espaços em que a festa percorre³⁷.

É nessa trama entre humanos e não humanos que se desenrola até hoje o movimento Romaria das Águas. E, desde que acompanho suas ações e percursos, três grupos principais são responsáveis pela organização e realização do ritual, os quais apresento na seção seguinte.

1.5 – Entre os grupos que realizam a Romaria das Águas

Como afirmado anteriormente, atualmente três grupos principais envolvem-se

³⁷ O ritual da Romaria das Águas, suas relações e processos de negociação por completo serão apresentados nos capítulos seguintes a este.

diretamente na realização da Romaria das Águas: 1) a Associação Caminho das Águas; 2) o “povo das Ilhas” e 3) a FAUERS. Minha intenção aqui é apontar quais visões de mundo permeiam as práticas desses atores, especialmente entre as duas principais vertentes que balizam a romaria: ecologia e religiosidade.

1.5.1 – A Associação Caminho das Águas: a versão macroecumênica da Romaria das Águas

A Associação Caminho das Águas é uma ONG criada em 1994, com o propósito de reunir pessoas de inspiração ecológica, desenvolver trabalhos de caráter cultural, educativo e comunitário e defender os direitos humanos fundamentados na dignidade da pessoa humana, especialmente das mais pobres (IRMÃO ANTÔNIO, 2014, comunicação eletrônica). Fundada com o nome de Devoção Nossa Senhora Aparecida, seu início coincide com a Festa de Nossa Senhora das Águas e com o começo dos trabalhos de organização popular nas Ilhas do Guaíba, que é pautado na reciclagem de lixo e no cuidado com as águas.

Tal organização tem à sua frente Irmão Antônio e, atualmente, desenvolve um projeto apoiado pela Petrobras – Caminho das Águas/ Ecoprofet³⁸, com catadores de materiais recicláveis em Porto Alegre e cidades da região metropolitana. O projeto tem como objetivo principal a organização dos catadores em coletivos de trabalho, baseados no cooperativismo e no mutirão³⁹, na partilha e nos princípios da fraternidade, como me relatou Matilde, durante uma de nossas conversas. A Associação tem como sede um prédio cedido a partir de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) da Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica – Eletrobras CGTEE, na Rua Voluntários da Pátria, centro de Porto Alegre, localização que, para Irmão Antônio, é bastante importante, visto que o centro da cidade é “o lugar dos catadores”⁴⁰, onde se produz mais materiais recicláveis.

³⁸ Para maiores informações consultar o site do projeto: <http://www.ecoprofet.org.br/projeto.html>.

³⁹ Mutirão designa o trabalho coletivo de ajuda mútua (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). De acordo com Irmão Antônio, o mutirão vem do trabalho coletivo desenvolvido pelos indígenas Guarani orientados pelos Jesuítas. O irmão relatou-nos que os Jesuítas sempre designavam tarefas individuais a esses grupos que, na prática cotidiana, acabavam por desenvolver seus trabalhos coletivamente.

⁴⁰ Nessa mesma rua, Rua Voluntários da Pátria, localiza-se a Vila de Papeleiros, conhecida como Vila Santa Teresinha. Além disso, muitos galpões “particulares” encontram-se ali, de modo que o local é cheio de catadores e materiais recicláveis. Nesse sentido, o Ecoprofet³⁸ acaba por se manter como uma instituição que atende os catadores exatamente no local onde eles trabalham, tudo isso sem deixar de atuar em diferentes galpões de

Embora, essa organização seja atualmente responsável pela Romaria das Águas, cabe aqui destacar que outras organizações ou grupos também se destacam como parte da organização e realização da Romaria e do trabalho com reciclagem⁴¹. Foi assim que, durante este trabalho de pesquisa, pude identificar o que chamarei de grupo segmentar ao da Associação Caminho das Águas, a Pastoral da Ecologia, que atua como um dos “braços” da Associação e, por vezes, confunde-se com ela, tendo em vista que é composto, em parte, pelas mesmas pessoas.

Ainda durante o trabalho de campo, posso dividir minhas observações entre as duas organizações. Iniciei o campo acompanhando a Pastoral da Ecologia que, depois do Projeto Ecoprofetias e de uma série de conflitos internos, acabou por se tornar Associação Caminho das Águas. Mas, antes de apontar os trabalhos realizados por essas duas organizações, gostaria de destacar aqui algumas considerações sobre o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas.

De acordo com Carlos Augusto de Azambuja Alves (2012, p.31-32), tal Núcleo, “sinônimo de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”, é formado por religiosos, leigos moradores e não moradores das Ilhas e tem como inspiração de trabalho a Teologia da Libertação: “(...). Essa metodologia é formada pelos aspectos do tripé básico que os agentes pastorais têm no trabalho na comunidade, *ver, julgar e agir*, e todo o movimento está no sentido da libertação”. Ou seja, a atuação do Núcleo Pastoral segue uma lógica cristã de ação concreta no âmbito social, principalmente educação evangelizadora das comunidades:

Tem-se, aqui, o alicerce de projeto de trabalho das CEBs. Primeiro, identifica-se o problema, observando e captando o maior conjunto de situações e de condições que estão nele envolvidos. Segundo, a partir das mediações, das ponderações, das reflexões, é que são definidas as estratégias e as táticas a serem adotadas. Por fim, há a concretização da ação, através da aplicação do planejamento que procurou a solução para o problema juntamente com a comunidade envolvida. Organiza-se uma estratégia voltada à reflexão e à instrumentalização das ações de resgate do oprimido, preparando-o para ser um agente de mudança. A libertação da opressão é um processo que ocorre através da organização popular e da comunhão com Deus, que vai se concretizar na história. (ALVES, 2012, p.33).

Ainda que centrada nas figuras de Irmão Antônio e Matilde, Alves (2012) aponta

iniciativa coletiva espalhados pelo RS.

⁴¹ Alves (2012), em sua dissertação sobre o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, afirma que, entre os trabalhos de Irmão Antônio, estão o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas e outras associações ligadas às Pastorais da Igreja: a associação Caminho das Águas, o projeto ECOPROFETAS, Devoção Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora dos Pobres.

outros grupos e atores locais que contribuíram com a criação do Núcleo: o trabalho de Irmã Marie Eve, da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho; a Associação Amigos das Ilhas (SADI); a Comunidade dos Irmãos Maristas; o Grupo Universitário Marista e o Clube de Mães da Ilha Grande dos Marinheiros⁴². Durante o período em que me envolvi com o trabalho, muitas referências a todos esses grupos me foram feitas, entretanto, o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas, talvez por meu envolvimento com o trabalho de campo, pouco – ou nada – pôde ser evidenciado em relação ao Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas. Assim, posso destacar apenas a atuação dos grupos Pastoral da Ecologia e Associação Caminho das Águas.

A Pastoral da Ecologia foi criada em 2001, associada à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), regional Sul 3, com propósitos socioambiental e ecumênico, “levando a ecologia para os espaços eclesiais a partir dos pobres, dos catadores, pessoas que vivem do lixo”. Sua construção se deu por iniciativa da Família Franciscana – segundo a qual a ecologia deve estar na Igreja como um serviço pastoral – e foi motivada pelo Irmão Antônio e pelo Frei Luiz Carlos Susin, que, dessa forma, passaram a unir teologia e militância. O foco de sua atuação é a organização dos catadores e a questão da água no Rio Grande do Sul (PEREIRA, 2012), “ela nasce de um trabalho anterior com os catadores de Canoas e Porto Alegre”, nos relatou Pilato, militante na Pastoral da Ecologia, integrante do Projeto Ecoprofetias e autor de uma monografia de especialização (PEREIRA, 2007) e de uma dissertação de mestrado sobre o tema da ecologia na Igreja Católica (PEREIRA, 2012).

De acordo com o *blog* da referida instituição, a Pastoral da Ecologia começou a se organizar a partir do momento em que a ecologia passou a ser uma preocupação da Igreja também:

percebemos que, nos últimos anos, as Sementes do Reino fizeram germinar na vida da Igreja o compromisso com a salvaguarda da Criação. A Ecologia vem sendo assumida como um compromisso transversal na missão da Igreja. Ou seja, todas as pastorais, serviços e movimentos começam a se preocupar com a Ecologia. E, em alguns casos, também começam a desenvolver ações concretas em defesa do meio ambiente. E para fortalecer o compromisso da Igreja com a causa ecológica, é preciso uma pastoral específica de ecologia. (PASTORAL DA ECOLOGIA, 2010).

Sua metodologia de trabalho articula “testemunho de uma vivência ética e de

⁴² Para maiores informações, conferir Deus na Periferia do Mundo: um estudo sobre o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre (ALVES, 2012).

responsabilidade com a defesa da vida humana e da natureza”, diálogo entre igrejas, religiões, organizações e movimentos que defendem a causa socioambiental, denúncia daqueles responsáveis pela degradação da vida e anúncio da “Boa Notícia”, do “Reino” que surge com denúncia profética (PASTORAL DA ECOLOGIA, 2010). Tais ações acompanham a trajetória de Irmão Antônio a partir da Teologia da Libertação e de suas propostas rituais, associando reflexões sobre o cotidiano – “sinais dos tempos” –, com diálogo e associação inter-religiosa entre movimentos populares.

Os trabalhos da Pastoral da Ecologia dividem-se em duas frentes: o “trabalho de massa”, que envolve as procissões e romarias, e o “trabalho cotidiano”, que se desenvolve junto aos catadores de material reciclável e aos Grupos Ecológicos de Base (GEBs)⁴³. De acordo com Irmão Antônio, os GEBs são grupos de caráter ecológico, ecumênico e eclesial: “se as pessoas não vão à Igreja hoje, nos galpões, temos gente oito horas por dia; eles são os GEBs!”. A proposta da Pastoral da Ecologia para tais grupos é mapear, articular e apoiar ações ecológicas em diferentes regiões do Estado, proporcionando a discussão de temas referentes à crise ecológica e à visão cristã de ecologia, mas fortalecendo também o diálogo entre diferentes religiões, movimentos e organizações sociais, proposta ainda sendo implementada, considerada uma das preocupações do grupo materializadas na fala de Juca: “como fomentar os grupos de base? Como fazer com que eles se mexam?”

Dentre esses trabalhos estão a Romaria das Águas, o Caminho de Sepé Tiaraju e a administração e manutenção dos projetos destinados aos Galpões de Reciclagem em que o grupo atua, juntamente com a Associação Caminho das Águas. Ainda entre as ações da Pastoral, estão a coleta de “óleo de cozinha” – óleo utilizado em frituras – na Feira Ecológica do Bom Fim, todo sábado, para a realização de oficinas de sabão ecológico e venda na mesma feira; oficinas de produção de alimentos ecológicos, como confecção de macarrão colorido e balas de gengibre, e oficinas de confecção de bolsas com tecidos de guarda-chuva encontrados pelas ruas e *banners*, recolhidos ou doados por eventos, que possam ser utilizados para trabalhos de reciclagem. Essas oficinas acontecem em bairros da periferia de Porto Alegre – Morro da Cruz e Navegantes –, em cidades da RMPA – contatos com assentamentos rurais ou associações de bairro – e em cidades do interior – especialmente

⁴³ O site do Projeto Ecoprofetias refere-se aos GEBs como CEEEBs: Comunidades Eclesiais Ecológicas Ecumênicas de Base. Para usar GEBs como referência, me baseio nos diálogos que travei com Irmão Antônio e grupo.

naquelas pelas quais passou a bicicletada.

Também é importante salientar que a Pastoral da Ecologia não tem um programa a ser seguido e, por contar com um número pequeno de membros, atua em projetos de acordo com a disponibilidade dessas pessoas. Cabe também destacar que, em 2011, um conflito entre as posições políticas de seus membros reduziu o número de participantes e, conseqüentemente, parte de suas atividades. O 3º Fórum Internacional de Resíduos Sólidos, promovido pelo Instituto Venturi para Estudos Ambientais, pelo Centro de Eventos da FIERGS e pelo Banco de Resíduos/Conselho de Cidadania, em junho de 2011, embora destinado a empresários, pesquisadores e acadêmicos, decidiu abrir o evento com uma discussão sobre “como sua religião contribui para o meio ambiente?” e, para tanto, convidou a FAUERS, a Sociedade Espírita Bezerra de Menezes, a Igreja Luterana, representantes do Islã, do Budismo, a Pastoral da Ecologia e uma professora de Educação Ambiental.

Na Pastoral da Ecologia, o convite chegou pela FAUERS e gerou uma grande discussão no grupo, que Irmão Antônio considerou “de vida ou morte para a Pastoral da Ecologia”. Segundo ele, “o fato primeiro era a 'opção pelos pobres' e o de serem cristãos da América Latina, e não de outro lugar; como apoiariam um evento capitalista?”. Aceitar o convite, sob seu ponto de vista, seria legitimar as ações de exclusão social e poluição da indústria gaúcha. Para Laís, Mirian e Juca, é possível “se juntar sem se misturar”, e o convite seria um reconhecimento do trabalho que o grupo vem desenvolvendo há algum tempo.

O debate foi tão intenso que Pilato, coordenador da reunião, chegou a questionar “qual é a ecologia da Pastoral da Ecologia?”. Para ele, a ecologia chega à Igreja pelos catadores, e a pergunta orientadora seria: “a nossa ecologia defende os cavalos ou os catadores?”, apontando que a ecologia que pretendem é aquela conectada com as pessoas; para eles, é sem sentido proteger os animais, sem atentar para a dignidade humana. Ainda emendou que é possível, sim, debater com outros grupos, mas nunca estar na mesma “trincheira”, mantendo um diálogo posicionado, além de argumentar que haviam estado durante muito tempo, sem conversar e que agora, o evento estava marcado, precisavam valorizar o trabalho dos outros. Os próximos encontros poderiam ser debatidos com antecedência.

Incisivo, Irmão Antônio retomou a pergunta de reflexão modificando-a: “qual é a política da nossa ecologia?” para ele, é de fundamental importância posicionar-se no campo

da política. O “trabalho em equipe não tem francoatiradores, uma coisa é ser grupo e falar como grupo, outra coisa é ser indivíduo e fazer trabalho de conversão”, afirmou lembrando a separação entre a Igreja Católica Convencional e a Teologia da Libertação e a opção pelos pobres: “Jesus morreu por ser político, por ter uma ação política. Caso contrário, morreria velho na cama”, retomou. Embora o debate não tivesse sido esgotado, a categoria ecologia foi posta em debate no grupo, no sentido de pôr em cheque o que legitima a ecologia praticada pela Pastoral da Ecologia, uma “ecologia libertadora”, conciliando, além das práticas ecológicas, uma opção política, a da Teologia da Libertação.

Nesse sentido, o debate que se encerrou na reunião da Pastoral da Ecologia seguiu na linha desta tese naquele momento: “como a ecologia entra na Igreja?”, ao conversarmos com Pilato, pudemos observar um aprofundamento reflexivo no trabalho de pensar essa “entrada na ecologia” da Igreja Católica. Embasado pelas ideias de Leonardo Boff, nas discussões sobre ecologia no Conselho Mundial de Igrejas e na prática da Pastoral da Ecologia, o referido autor aponta a ecologia como relação, comprometimento e fé, sugerindo uma inter-relação inseparável entre esses três pilares.

Pilato apontou-nos que a ecologia que ele opera hoje, dera-se a partir de “uma grande virada”, a de transformar o seu carinho, respeito e admiração pela natureza em uma “ecologia de senso crítico”, na qual assumir um compromisso requer posicionamento. De acordo com ele, “falar de ecologia e trabalhar a questão ecológica é uma política, é tomar posição” tendo presente a dimensão da fé, uma vez que o compromisso dado é com a vida, “defender a vida em todas as suas dimensões, em todas as suas formas, a vida do ser humano, a dignidade humana, a dignidade da criação do mundo inteiro” (PILATO, Pastoral da Ecologia, entrevista, 2011).

Nesse sentido, a ecologia “entra na Igreja” dando continuidade aos preceitos da Teologia da Libertação, com base em uma vertente política por meio da qual se busca justiça social associada à fé cristã, como explica Pilato:

Então qual a nossa política ecológica ou qual a nossa ecologia? Eu penso que **a nossa ecologia é a que esta intercalada, interligada com a justiça e paz.** A nossa ecologia deve ser uma ecologia crítica, uma ecologia que tem presente a dimensão da fé. Por que **ecologia, para nós, cristãos, é uma questão de fé.** O mundo todo pode se preocupar com a questão ambiental por estar com medo das catástrofes, das coisas que estão acontecendo. Mas, **para nós, cristãos, antes de tudo isso, na verdade, acreditamos no Deus da criação, um Deus que criou o universo.** E acreditamos, embora tenha-se esquecido, mas a fé cristã e a vida revelam isso, que

tudo o que existe foi criado por Deus (PILATO, Pastoral da Ecologia, entrevista, 2011, grifos meus).

Atrelados aos sinais dos tempos e com base nos movimentos de fé e política, tais atitudes apontam para a questão ambiental como a “nova” forma de operar justiça social e política a partir da década de 1980, entretanto o fazem a partir de uma antiga forma de organização (LOPES, 2004)⁴⁴: a configuração de um catolicismo menos vinculado à estrutura e mais atrelado à base da Igreja, mas também na “insistência do cosmos na política” (GOLDMAN, 2013), possibilitando relações cosmopolíticas, fazer política com humanos e não humanos.

Ao conversar com Irmão Antônio, ele me narrou como se posiciona em relação aos pontos básicos da Teologia da Libertação:

o que ele [Jesus] queria realmente era que o povo de Deus se debruçasse sobre os problemas humanos em função de uma vida digna, porque Deus não fez gente pra morrer miseravelmente aí sem poder nem se deitar, Deus é amor, Ele fez o mundo pra todos, não sair por aí vendendo. Os homens é que não souberam se organizar. Então essa é toda a visão da Teologia da Libertação, a gente se atracou aí a organizar tudo. Pedro Casaldáliga, que é um dos nossos bispos, que hoje é muito influente, dizia meio humoristicamente “nós somos todos anjos, anjo tem asa, mas anjo não voa com uma asa só, tem que ser duas asas bem engendradas: fé e política”. Então vê, a igreja, durante 20 séculos, fez política errada, sempre atrelada à classe dominante, nós fomos para o outro lado, começamos com a classe dominada. [...]. A gente, na Teologia da Libertação, aprende que os fatos do cotidiano que acontecem na vida da gente, podem ser todos, como se chama na expressão bíblica, “sinais dos tempos”. **Se a gente ler os fatos na transparência deles, a gente sempre enxerga uma revelação de Deus.** (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, entrevista, 2010, grifos meus).

Para tanto, o método Ver, Julgar e Agir é base da maior parte das ações, apontando o VER como o momento de compreensão da realidade, o JULGAR como o momento de reflexão e busca dessa compreensão na Palavra de Deus e o AGIR como a expressão de um compromisso aliado com Deus. É a partir desse contexto que ecologia e inter-religiosidade passam a ser operacionalizadas pelo grupo católico.

No entanto, faz-se importante registrar aqui uma relação inconstante com a instituição católica, pois, por mais que o grupo procure apoio e respaldo nela, também fica

⁴⁴ José Sérgio Leite Lopes (2004), a partir de uma série de estudos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Argentina, busca evidenciar o caráter polissêmico de meio ambiente e, conseqüentemente, as traduções e utilizações que permitem a transformação de *velhas* questões em questões ambientais.

evidente em sua atuação uma série de críticas e considerações desfavoráveis à parte de suas ações, que consideram contrárias aos seus preceitos – principalmente a riqueza e opulência da Igreja Católica e os posicionamentos mais conservadores. Nesse sentido, ampliar a atuação para um nível macroecumênico, nas palavras de Irmão Antônio, e ecumênico, na Teologia da Libertação, é também ampliar o leque de ação e fazer cosmopolítica, no sentido de se posicionar a favor de uma composição de mundo comum (ORO e ANJOS, 2009):

E a gente, hoje, no nosso trabalho chamado a Teologia da Libertação, que é algo inter-religioso, é assim uma coisa que a gente reflete muito, então a gente procura essa união com as religiões todas, são aquilo que nós chamamos de macroecumenismo, porque o ecumenismo propriamente dito é só nas igrejas cristãs. Agora quando é, por exemplo, com os espíritas e com os umbandistas a gente chama de macroecumenismo, maior do que a linha ecumênica mais ampla, os índios, negros, etc. (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, entrevista, 2010).

Nessa mesma linha, Pilato indica como ponto fundamental a relação com a natureza, uma vez que, para ele, é a natureza, como espaço, que permite o encontro de mundos diversos:

Eu tive uma experiência muito interessante numa Romaria das Águas, tinha lá uma diversidade religiosa enorme, tinha mãe de santo, tinha bispo católico, tinha pastor, e eu fiquei observando, lá no Guaíba. Se fosse numa catedral, por exemplo, ou num templo, não ia reunir tanta diversidade. Porque um não vai no templo do outro, um não reza com o outro, mas num lugar aberto, na beira do rio, o templo que o próprio Deus construiu, é o lugar onde é possível as pessoas viverem sua fé assim com mais intensidade, com fraternidade. (PILATO, Pastoral da Ecologia, entrevista, 2011).

Desse modo, a Romaria das Águas, baseada nos preceitos do macroecumenismo tem na ecologia a possibilidade de compor com atores diversos, sejam eles umbandistas, espíritas, daimistas, ecologistas ou militantes de movimentos sociais.

1.5.2 – O Povo das Ilhas

Entre os moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, fica evidente um pertencimento ao evento Romaria das Águas, uma vez que este é criado a partir da realidade deles: “a Romaria está ligada nas Ilhas com lixo”, alertou-me Liane. Sua narrativa marca as transformações no espaço e as relações de sobrevivência, apontando a vulnerabilidade de morar nas Ilhas e a necessidade de articulação e conhecimento entre esses moradores. Liane

aponta que o trabalho com o lixo surgiu com a proibição de criar porcos, pois esses porcos eram criados com o lixo que vinha da cidade.

Tal atividade acabou por gerar um trabalho de conscientização quanto ao modo de criar porcos a partir do lixo no local e quanto à proibição desse tipo de criação. Sem a criação e sem trabalho, as mulheres que outrora criavam porcos passaram a separar lixo, “catar papel”; daí que nasceu o trabalho de coleta, que, com auxílio de Irmão Antônio e Matilde, resultou na criação do Galpão de Reciclagem.

Para Nazaret, também moradora da Ilha Grande dos Marinheiros, narrar a história da Romaria das Águas “é contar a história das Ilhas”, desde quando ela chegou na Ilha Grande dos Marinheiros, conheceu Irmã Marie Eve das Cônegas de Santo Agostinho, Irmão Antônio e Matilde e começou um trabalho no Clube de Mães, cuidando de crianças para suas mães trabalharem separando lixo. Quando conseguiram montar o Galpão e acabar com a fome entre as famílias, estas saíram em caminhada pelo bairro: “a Romaria é a caminhada para aqueles que têm fé e os que não têm”, justifica. De acordo com Nazaret, “é nesse movimento que nós fazemos a união das entidades, a união da Umbanda, a união das Igrejas, entendeste? Pela Romaria das Águas”.

Em segundo plano, aparecem as narrativas sobre o Parque e APA Estadual do Delta do Jacuí e o forte contraste entre a “pobreza” e a “riqueza” ali presentes (CARDOSO, 2006; DEVOS, 2007). Conviver entre a “pobreza e a riqueza” e entre a APA e o Parque gera uma série de tensões e requer uma série de discussões acerca “de tudo, aterro, asfaltos, construções”, entre todos os atores que ali convivem. Sem moradia digna e saneamento básico⁴⁵, “o pobre não tem como construir uma casa legal, ele constrói como pode”, já “o do dinheiro, paga a multa de construir em local proibido”. Nesse sentido, a proposta é de que aqueles que podem pagar entrem com uma contrapartida pelos que não podem.

Para Nazaret, morar nas Ilhas requer convivência com a natureza e é nesse sentido que ela apresenta a relação entre Nossa Senhora, Oxum e ecologia: “é aí que entra a Mãe, porque ela cuida de toda a natureza e do Brasil”, tornando o objetivo da Sua caminhada a apreciação e o cuidado da natureza, bem como um ensinamento para que os outros também possam cuidar da natureza:

⁴⁵ Devos (2007) e Alves (2012) retrataram a dificuldade dos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros em conseguir saneamento básico para suas casas.

Então esse é o nosso ensinamento, tem gente que diz que na Ilha não dá para morar. Dá para morar, é só saber entrar em contato, porque, onde eu moro, quando eu fui morar lá, tinha só mato, era só capim grande, não tinha árvore, não tinha nada, a não ser os salseiros porque numa enchente que veio a água, os salseiros entraram. Então, o que nós fizemos quando fomos para ali, nós começamos a plantar uma coisa, plantar outra, plantar uma coisa, plantar outra, quando nós vimos, nós morávamos no meio do mato! Porque eu gosto do mato. (NAZARET, Ilha Grande dos Marinheiros, Entrevista, 2011).

Nas narrativas dos moradores das Ilhas, também são frequentes as referências que dizem respeito às mudanças em relação à moradia e ao lixo. Como o lugar foi ocupado por moradores expulsos de outros bairros e periferias da cidade, não existiam espaços pré-definidos para suas habitações; o que hoje constitui o bairro de casas lado a lado, ruas e vielas também foi construído num trabalho cotidiano, ao lado de Irmão Antônio e Matilde. Nazaret conta que o trabalho dividia-se em religioso e social, era realizado rezando debaixo das árvores, nas casas dos vizinhos e, ao mesmo tempo, construindo casas com espaços justos e negociados para as casas, para os pátios, para a vizinhança. Desse espaço, foram negociados terrenos para o Clube de Mães, hoje Associação de Moradores, o Galpão de Reciclagem, o Santuário de Nossa Senhora das Águas.

Em relação ao lixo, parte das Ilhas, na década de 1970, foi cenário de um grande lixão, o que acarretou relações bem próximas com esse tipo de material, como destaca o documentário de Jorge Furtado “A Ilha das Flores”, narrando a sobrevivência de ilhéus e ilheiros⁴⁶ entre porcos e lixo. Na Ilha Grande dos Marinheiros, essa relação também se fez presente na vida dos moradores, a tal ponto de registrar-se, em 1990, um problema de falta de água potável, situação que comprovava o abandono a que essa população estava entregue. Devos (2007) deu especial atenção a esse fato ao pesquisar a questão ambiental nas Ilhas, com foco na “Ilha Grande” e na “Pintada”⁴⁷, e destacou técnicas locais de coleta de água que

⁴⁶ De acordo com Devos (2007, p.123), o curta-metragem, premiado internacionalmente, Ilha das Flores (1996), produzido por cineastas de Porto Alegre “trata sobre o processo da produção e destinação do lixo na cidade, em que as comunidades das ilhas aparecem em uma situação animaléscia, no fim de uma absurda cadeia produtiva em que os seres humanos precisam aguardar os porcos alimentarem-se para catarem as sobras do lixão da cidade. Ao final do filme, revela-se a retórica utilizada, a Ilha das Flores é “na verdade” a “Ilha dos Marinheiros”. De acordo com o autor, ainda que o filme tenha denunciado de forma criativa e inovadora, do ponto de vista estético, uma situação crítica das cidades brasileiras, e tenha contribuído para obter doações e chamar a atenção da comunidade internacional para a situação dos papeleiros das ilhas, ele também reforçou estigmas com relação a esse local com uma “região moral” (PARK, 1979) da cidade, onde se localizam os problemas e as mazelas da cidade”.

⁴⁷ É comum referir-se às Ilhas com nomes menores: Ilha Grande dos Marinheiros fica “Ilha Grande” ou “Ilha dos Marinheiros”; Ilha do Pavão, apenas “Pavão”; Ilha da Pintada, “Pintada” e, quanto à Ilha das Flores, não obtive

apontavam o conhecimento, o saber-fazer como pertencimento ao ambiente.

Mais que isso, Devos (2010) destacou uma vertente importante nos sentidos de ecologia, natureza e meio ambiente que perpassam o ideário desses ilhéus e ilheiros. Questionando especialmente as políticas de proteção à natureza (leia-se a implementação do PEDJ e as limitadas possibilidades de ações na APA de mesmo nome), os moradores colocam-se como interessados na preservação e cuidado da área, mas impossibilitados disso, uma vez que, segundo Bia, Mãe de Santo moradora da Ilha da Pintada, “como vamos preservar se não temos nem saneamento básico?”. Ao atentarmos para isso, fica evidente uma tensão entre a implementação das políticas ambientais em detrimento das políticas públicas de moradia e saneamento básico.

Bia foi convidada a participar da Romaria das Águas por Irmão Antônio em 1997 e sua missão foi trazer a religião de matriz africana e os moradores da Ilha da Pintada. Mãe Bia de Iemanjá trabalha no Centro de Educação Popular (CAMP), lidera uma Casa de Umbanda e define a romaria como uma “extensa rede” conectada pelo elemento água no sentido ecológico, no sentido vital, no sentido religioso.

“[uma rede] não só dos fracos e oprimidos, mas é uma mistura de cultura, de religiosidade, de entidades, todos afins, por quê? Embora sejam inúmeras entidades, inúmeras manifestações, os mais diferentes tipos de manifestações culturais, todos têm uma coisa em comum, a água. E isso chama a atenção, isso faz com que, esta rede da romaria ela cada vez mais chame a atenção e agregue nela os seus seguidores, não vou dizer fiéis porque eu não costumo usar essa palavra, os seus seguidores. (BIA, Ilha da Pintada, entrevista, 2013).

Para Bia, a Romaria coloca-se como um momento de reflexão em que assuntos e questões podem ser dialogados para além de seus campos, mas a partir de suas conexões. Um de seus exemplos é a luta pela transformação do PEDJ em APA, fomentando a questão da “luta, da visibilidade da nossa região [Ilhas]”. Sendo assim, Bia destaca três motivos principais para estar na Romaria: a) a possibilidade de reivindicação e visibilidade do “povo das Ilhas”, b) a conscientização das pessoas acerca da tradição de matriz africana e, por fim, c) as diversas participações que propiciam diálogos, trocas e conhecimentos.

Nessa perspectiva, os sentidos e significados que perpassam a Romaria das Águas entre os moradores das Ilhas transitam entre luta social, ecologia e religiosidade. E, embora alinhados à proposta do evento em alguns momentos – em outros nem tanto – e alinhados às

propostas dos outros grupos que fazem parte do evento configura-se um processo de segmentaridade⁴⁸ característica da Romaria das Águas. O que é possível perceber é que a Romaria das Águas transformou-se num ritual que expressa as dificuldades e as vitórias conquistadas nas Ilhas, de maneira que sua história e a história da Santa passem a confundir-se com a história das Ilhas. A Romaria é hoje um espaço para reivindicar cidadania, para relembrar a história das Ilhas e para ensinar o respeito entre religiões.

Bia também alerta o fato de a romaria aproximar questões diversas – social, ambiental e religiosa – “não poderíamos chamar de fé”, é preciso atentar para o eixo que une a todos – católicos, umbandistas, poder público e outras religiões –, “a mãe natureza e em especial a água, porque é Nossa Senhora Aparecida das Águas”. Para ela, a romaria tem, em menor proporção, um cunho de fé, não se fala em nome das religiões, mas em nome da água, “que é o bem comum de todos”.

Á água nos une, então hoje, eu já disse, no passado que seria fé, mas hoje eu vejo que não, sabe, porque cada um tem a sua. O macroecumênico eu já aboli. Eu volto a dizer, a romaria é uma oportunidade da gente crescer, a gente aprende com a romaria e vai te identificando cada vez mais. Então, eu acho que, acho não, não é macroecumênico e nem inter-religioso, eu diria que é intercultural. (BIA, Ilha da Pintada, entrevista, 2013).

Nessa perspectiva, os sentidos e significados do ecológico e do religioso nas Ilhas perpassam uma relação entre a comunidade e o território, uma relação de pertencimento entre esses participantes e o evento. A proposta é de que o evento expresse suas reivindicações, divulgue as Ilhas como um território habitado por *ilhéus* e *ilheiros* e os apresente em todas as suas complexidades religiosas e cotidianas, de trabalhar, de cultuar, de conhecer, de morar, de cuidar da natureza, de ocupar o território, no sentido de que eles também sejam responsáveis e consultados pelas realizações e intervenções que acontecem nas Ilhas. É assim que questões como a construção do Galpão, a transformação de Nossa Senhora das Águas, sua coexistência com Mãe Oxum e a luta pela transformação do Parque em APA passem a coexistir nas Ilhas, compor-se na Romaria das Águas e tornarem-se passíveis de reverberar na cidade de Porto Alegre.

⁴⁸ Seguindo as pistas de Márcio Goldman (2006) entendo o processo de segmentaridade aqui, no sentido de pensar uma totalidade na Romaria das Águas que é conformada a partir de uma série de oposição e composição de grupos dependendo do contexto em que se encontram.

1.5.3 – “Por que a natureza é o altar de todos nós”: a FAUERS e suas ações socioambientais

A FAUERS é uma entidade que tem como objetivo reunir, estimular e orientar adeptos da religião e seus terreiros e difundir a caridade, tendo como base quatro princípios: filantropia, não aceitação de doações financeiras, apartidarismo e promoção e divulgação da religiosidade (FAUERS, 2012; GUEDES, 2013). Suas atividades pautam-se a partir de ações, denominadas por eles como ação social, ação ambiental, ação cultural e ação religiosa, enfatizando uma preocupação com as práticas que se desenrolam a partir de projetos desenvolvidos pela Diretoria de Projetos da instituição. No cerne dessas ações, estão conexões entre religiosidade e caridade, religiosidade e meio ambiente, religiosidade e cultura.

A FAUERS acredita que a religiosidade que acontece dentro dos templos deve refletir na comunidade por meio das ações solidárias de seus frequentadores. Suas atividades têm a finalidade de formar uma consciência social, buscando uma atitude de comprometimento com a realidade que nos cerca e atenta para as ameaças à sobrevivência de nossa espécie, cuidando do meio natural e social, da convivência humana com desenvolvimento sustentável. (FAUERS, 2012).

Entre as principais bandeiras da FAUERS, estão a desmistificação da religião e a conscientização ambiental: “é preciso zelar pela boa imagem da religião, pois aqueles que não são adeptos, quando observam ambientes com materiais que consideram 'lixo religioso', criam uma imagem bastante distorcida do real significado das oferendas que, afinal apresentam a interação do devoto com as forças da natureza, com seu guia, com o Orixá” (PACHECO, 2010a, p.12.). A partir do lema “a natureza é o altar de todos nós”, projetos socioambientais passaram a ser desenvolvidos, dentre os quais, podemos destacar a Romaria das Águas, a Cartilha pela Natureza e a Campanha Praia Limpa para Iemanjá⁴⁹.

A concepção de natureza, para a FAUERS, está fundamentada na lógica religiosa e intimamente relacionada aos Caboclos, Guias e Orixás das religiões de matriz africana, uma vez que estes regem e protegem elementos da natureza: Iemanjá, as águas salgadas; Oxum, as águas doces; Oxóssi, as matas. De acordo com a Cartilha pela Natureza (PACHECO, 2010a),

⁴⁹ Uma atuação mais pontual da FAUERS sobre religiosidade afro e conscientização ecológica pode ser verificada em “Porque a natureza é o altar de todos nós: uma etnografia sobre as práticas ecológicas das religiões afro-brasileiras na Região Metropolitana de Porto Alegre” (GUEDES, 2013).

a “força do axé – energia sagrada” está contida e é transmitida por meio dos elementos constitutivos dos reinos da natureza, reinos que atualmente se encontram no espaço urbano. Uma vez que, além de religiosos, eles também se colocam como cidadãos, a proposta é “atuar em defesa da biodiversidade e da valorização dos recursos naturais”, produzindo pouco impacto sobre seu uso e uma reflexão acerca do meio ambiente e da participação da religiosidade na educação ambiental, como relatou Everton Alfonsin, presidente da FAUERS:

Para a FAUERS, fica muito claro que estamos em tempo de nos preocupar não só com o sagrado, mas também com o ambiental, porque uma coisa não existe sem a outra. Se observarmos, cada vez que destruimos nossa natureza deixando lixo que contaminam o meio ambiente, automaticamente estaremos desrespeitando nossos Orixás e caboclos, pois, sem natureza, não existe Orixá, sem Orixá não existe religião, sem religião, não existe amor pelo sagrado. Como podemos dizer que somos de santo se sujamos o que é deles? Enquanto não nos conscientizarmos que temos uma religião que está pedindo socorro, não conseguiremos ser respeitados dentro de nossa sociedade. (JORNAL GRANDE AXÉ, 2012, p.4, grifos meus).

Nesse sentido, como observado por Lucía Copelotti Guedes (2013), existe uma relação íntima entre o povo de terreiro e o mundo natural, entre o sagrado e o ambiente, o que possibilita a inserção das religiões afro-brasileiras na arena ambiental e, conseqüentemente, no espaço público.

Durante meu trabalho de campo, pude perceber que o foco de atuação da FAUERS se dá a partir de uma dimensão pedagógica do cuidar: cuidar do planeta, do meio ambiente, das fontes e nascentes, dos espaços sagrados dos Orixás. Essa dimensão pedagógica é acionada a partir da educação ambiental e tem como principal expoente dentro da instituição, Inês, a Diretora de Projetos da FAUERS. Para Inês, existe uma conexão entre meio ambiente e cidadania, propiciada pela educação, no sentido de conhecimento, que permite costurar os principais temas que nos cercam – saúde, ecologia, cidadania –, pois todos perpassam o conhecimento e a informação.

A proposta de Inês baseia-se em sua trajetória pessoal ligada à sua trajetória na religião, de pedagoga, que passou a conhecer as ações ambientais, de católica, que se tornou umbandista. Os projetos de Inês versam sobre a questão cuidar “essa relação que a gente tem com esse mundo que a gente ganhou de presente” e a relação com o outro, por meio de “uma pedagogia do cuidar”. É nesse sentido, que os projetos orientados por Inês, sob o consenso da FAUERS, procuram mostrar, “de várias formas, nossa crença [FAUERS] no cuidado”. Cabe ressaltar que, em sua trajetória pessoal, Inês sempre foi devota de Nossa Senhora Aparecida e,

depois de umbandista, descobriu-se Filha de Oxum e de Ogum.

As ideias propostas na Cartilha pela Natureza (PACHECO, 2010a, p.11) apontam-nos uma dinâmica entre a sacralização da natureza e a naturalização do sagrado (CARVALHO e STEIL, 2008), na medida em que sugerem a “religiosidade como um gerenciador do ecossistema”: se o religioso integra a natureza, é papel de quem pratica a religião se responsabilizar pela proteção do ambiente. Tal responsabilidade desemboca na reunião dos saberes tradicionais aos conhecimentos ecológicos que possibilitam a construção de diálogo e respeito entre as diversidades cultural e ambiental, alinhando o “sagrado ancestral com a necessidade urgente de cuidado com os recursos naturais”. Nesse contexto, a ressignificação da prática de oferendas no espaço público coloca os afro-religiosos como comprometidos e responsáveis pela preservação da natureza e “limpeza do planeta”.

É a partir dessas demandas, orientadas a partir do social e do ambiental, que as ações são pautadas e relacionadas à religiosidade, no sentido de orientar uma prática que estabeleça pontes entre a valorização da religiosidade afro-umbandista num cenário de proteção ambiental e respeito à cidadania. Nesse sentido, as ações se ampliam, convergindo numa ação socioambiental, como me explicou Inês:

Como eu te disse, a gente começou a fazer ação social, daqui a pouco a gente tava orientando pro ambiental, porque as pessoas vinham, perguntavam. A própria questão do tambor, que foi muito séria em Porto Alegre, há um tempo atrás, e iam fechar as casas. A gente sofre um preconceito porque as casas do afro-umbandista são muito escancaradas com o tambor, vai até tarde, principalmente as afros, vão toda a noite. Então, isso é um problema ambiental, de som. E daí a gente começou a falar pro pessoal, 'gente, mas também vamos nos colocar no lugar da população', porque antes quando a nossa religião nasceu, que ela é milenar, morava um aqui, outro lá, a não sei quantos quilômetros. Então se fazia dessa forma e não interferia, hoje não, inclusive se comunicava dessa forma. Hoje não, hoje moramos parede com parede, como é que a gente vai fazer? Vamos ajustar de forma que eu não agrida o meu vizinho. Então, eu estou falando do social e estou falando do ambiental, é socioambiental. É algo que acontece junto. (INÊS, FAUERS, entrevista, 2012).

Atualmente, a Romaria das Águas faz parte das ações ambientais da FAUERS. Na romaria a entidade participa de forma mais orgânica, pois é protagonista nas peregrinações de Nossa Senhora das Águas e na Celebração do dia 12 de outubro.

Como já destacado anteriormente, em 2007, Inês conheceu a Romaria das Águas, ao ser convidada para conhecer a proposta do evento, naquele ano organizado e realizado a partir do projeto “Cantando as Diferenças” e levou a proposta para o grupo, que, naquele momento, era Conselho Estadual da Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul

(CEUCAB/RS) unidade Canoas. Eles aceitaram e, em 2008, a Romaria das Águas foi parte de suas atividades. O grupo que liderava a CEUCAB-RS, unidade Canoas, acabou por ser exonerado da CEUCAB-RS, devido a divergências na cobrança de taxas para a filiação das casas e terreiros, e este mesmo grupo decidiu organizar a FAUERS. Então, desde 2009, a Romaria das Águas também é uma atividade da FAUERS.

Como já apontado anteriormente, a Romaria das Águas tem uma proposta ecológica e inter-religiosa e é nesse sentido que o evento “encantou” Inês e desencadeou um comprometimento de toda a entidade, como é destacado no site da instituição:

Neste ano, em 2008, e em 2011, a Federação, através do trabalho da sua Diretora de Projetos, professora Inês, lançou, com o patrocínio do Ministério do Meio Ambiente, as duas Cartilhas da Romaria, resumindo o histórico do movimento, e teve distribuição gratuita para conhecimento das comunidades. A FAUERS apresentou uma proposta na Câmara de Vereadores de Canoas para o fortalecimento deste importante movimento na cidade e no Estado. Em outubro de 2013, o movimento pelas águas em Canoas teve uma vitória: o projeto de lei, de autoria do Vereador Paulo Rogério Ambieda (Paulinho de Odé), foi sancionado, em 23/10/13, e a Lei nº 5.776 inclui no Calendário Oficial do Município de Canoas a abertura oficial local da Romaria das Águas, com caráter inter-religioso e ecológico na data de 22 de março, em alusão ao dia mundial das águas. Na ocasião, representada pelo Presidente Everton Alfonsin, pela Diretora de Projetos Maria Inês Pacheco, que construíram a proposta, juntamente com o Vereador Paulinho de Odé e o Vereador Ivo Fiorotti, homenagearam o Irmão Antonio Cechin, idealizador do movimento Romaria das Águas e fundador da ONG Caminho das Águas, em nome da cidade. (FAUERS, 2012).

Sendo assim, é na Romaria das Águas que se materializa um espaço de diálogo entre a religiosidade e as lutas ambientais e sociais. Guedes (2013), ao estudar as práticas sociais e ecológicas propostas pela FAUERS, apontou que a Romaria das Águas é tida por eles como um espaço comum de trocas e diálogos entre diferentes denominações religiosas, no qual sentidos diversos podem ser assumidos pela ecologia. Ecologia, nesse contexto, passa a ser o elemento aglutinador em meio à diversidade religiosa e ao cuidado com a água, o lugar comum de atuação dessas diferentes religiosidades.

Partindo da definição sincrética da Umbanda, por vezes traduzida como inter-religiosidade, – catolicismo, espiritismo e afro-religiosidade –, da valorização da religião de matriz africana e da responsabilidade com o meio ambiente, Inês me explica a importância da Romaria das Águas no contexto da FAUERS:

Eu entendo que é a partir do lema dela “que a natureza é o altar de todos nós”. Uma, que a FAUERS, por si só, já é inter-religiosa também, que ela é uma federação afro-

umbandista e espiritualista. Ela congrega também religiões. Também ela tem um lema que nasceu desses nossos estudos, dessas nossas experiências que a gente foi vendo assim que tudo tá voltado pra natureza, a gente volta-se muito para a natureza. E isso nasceu dos nossos encontros religiosos, que a gente foi falando, daqui a pouco, saiu esse lema, “a natureza é o altar de todos nós”. Então, isso foi ficando muito forte e se destacou porque, ao mesmo tempo, que a gente criou a FAUERS, a gente tava trabalhando sobre essas problemáticas da religião: preconceito, oferendas que não são feitas de forma correta, nós não temos mais local para fazer nossos encontros espirituais, porque a gente faz reforço na mata, reforço na água doce, na água salgada. E onde está isso? Está ficando tudo de um jeito que tu não consegues mais chegar num local e ter aquele espaço purificado. Então, a gente também é responsável por isso. Não só por não fazer errado, como no caso das oferendas, mas também por entrar na luta do cuidado com todos os outros órgãos e instituições. Então isso foi muito forte. E como eu tinha isso muito claro pra mim, eu fui puxando, **a gente fez encontro de religiosos com a Secretaria do Meio Ambiente, a gente começou a fazer os eventos fora de casa, em espaço aberto para dizer que esse é o ambiente que a gente quer, o espiritual também tá aqui, principalmente aqui.** Então, isso foi ficando cada vez mais forte e aí a gente começou a ser visto como uma entidade que trabalha em prol da natureza. E daí começou a nascer as oficinas, os blocos ecológicos e vem outras coisas que vão surgindo. E o social também vinha com isso, porque o social, quando a gente estava fazendo a atividade lá na vila, conversando com as crianças, com as mulheres, com os homens, também surgia uma problemática e a gente se via orientando as pessoas como fazer. Então, isso acabou que foi sendo um carro chefe assim do nosso trabalho, de orientação nessa linha. (INÊS, FAUERS, entrevista, 2012).

Dessa maneira, a FAUERS também está preocupada em produzir um espaço em que diferentes cosmologias possam coexistir, tendo na natureza, a partir da Romaria das Águas, “um altar para todos nós”.

* * *

O que eu quero destacar aqui são as diferenças que compõem cada um dos grupos apresentados, destacando o ponto chave para pensar o modo cosmopolítico que a Romaria das Águas evoca, um encadeamento de relações com e entre diferenças, não no sentido de estas se agruparem em uma unidade, mas de se manterem como pluralidades, divergências, pois são justamente essas relações cosmopolíticas que ampliam as possibilidades de mundos comuns, apontando modos de relações que não são dadas a priori, mas construídas no processo – encadeamentos, fechamentos, cruzamentos, aberturas – e no contanto entre diferentes seres, dimensões, perspectivas e modos de existência, como veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 – “A Romaria é uma extensa rede conectada pelo elemento água”: entre espaços de negociação e possibilidades de composição de mundo

“Deus é um só, mas os caminhos para chegar a ele são variados. A natureza geme em dores de parto e parece estar nos empurrando para nos juntarmos, porque estamos todos no mesmo barco.” (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação oral, 2011, grifos meus).

“Nessa cidade, todo mundo é d'Oxum (...). A força que mora n'água não faz distinção de cor e toda cidade é d'Oxum.” (PONTO DE OXUM, grifos meus).

“Jesus é sinal de contradição – Eu vim para lançar fogo sobre a terra e como eu gostaria que já estivesse aceso! Devo ser batizado com um batismo, e como estou ansioso até que isto se cumpra! Vocês pensam que eu vim trazer a paz sobre a terra? Pelo contrário, eu lhes digo, vim trazer divisão.” (Bíblia Sagrada Edição Pastoral. Lucas 12 (49-51), grifos meus).

Se, no capítulo anterior, apresentei a contextualização da romaria e as visões de mundo dos grupos que orientam a organização e a realização do ritual atualmente, no segundo capítulo detenho-me a expor de que maneira os “mundos” outrora apresentados interagem, criando e recriando anualmente a proposta da Romaria das Águas.

Cabe destacar na composição desses mundos dois pontos principais: primeiramente, “a atividade das coisas” – especialmente o elemento água e Nossa Senhora das Águas –, destacando a agência dos não humanos que, abertos ao mundo, penetram e compõem mundos dos outros. E, em segundo lugar, a ecologia como uma potência criativa no ritual, abrindo espaços para novos modos ecológicos de compreender e agir no mundo (STEIL e CARVALHO, 2014, p.176)

Para tanto, inicio o capítulo estabelecendo as relações entre as diferentes intensidades de Nossa Senhora das Águas na Festa: Senhora das Águas, Mãe Oxum e Rainha da Ecologia, uma vez que é Ela que abre espaço para o cosmos. Em seguida, destaco como os rituais da romaria passam a atualizar essa relação entre o cosmos e a política, expondo também a trama (INGOLD, 2007) que emerge a partir da interação dos atores que participam e organizam esse ritual.

Para a construção do ritual, os grupos seguem uma “lógica segmentar” (GOLDMAN, 2006) de organização do evento, de modo que se juntam e se separam conforme o contexto de atuação. E é com base nessa “lógica segmentar” e na “atividade das coisas” que a Romaria das Águas constitui-se como espaço de relações cosmopolíticas e possibilidade de

composição de mundos comuns.

2.1 – Nossa Senhora Aparecida das Águas: uma santa entre católicos, umbandistas e ecologistas

Na década de 1990, um grupo de mulheres reuniu-se na Ilha Grande dos Marinheiros em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para separar materiais recicláveis de lixo como forma de trabalho e geração de renda para suas famílias com ajuda de grupos religiosos e associações locais.

Durante o trabalho de separação de materiais, essas mulheres encontraram uma imagem quebrada de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. A imagem foi então colada e apresentada ao Irmão Antônio⁵⁰, que lhes contou a história da referida santa encontrada quebrada nas águas do Rio Paraíba em 1717⁵¹. Sendo assim, a imagem de Nossa Senhora Aparecida passou a ser destaque entre os catadores de materiais recicláveis daquele grupo, que, com o passar do tempo, conseguiu construir o primeiro Galpão de Reciclagem de Porto Alegre, localizado na Ilha Grande dos Marinheiros.

A imagem de Nossa Senhora Aparecida colada foi mantida no Galpão de Reciclagem, porém, concomitantemente a esse Galpão, foi construído um Santuário à Nossa Senhora das Águas, uma imagem criada a partir de Nossa Senhora Aparecida e da passagem bíblica do livro do Apocalipse, versículo 12. Na referida passagem, Maria vê sinais nos céus

⁵⁰ É destaque nessa atividade o trabalho de Irmão Antônio Cechin, um irmão marista adepto da Teologia da Libertação, que, ao longo de sua vida, dedicou-se a vários trabalhos com periferias urbanas.

⁵¹ A história de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, narrada por Irmão Antônio. “Lá em São Paulo, em Guaratinguetá, no século XVIII, no ano de 1717, pleno império português no Brasil, os governadores de SP e de MG, governadores nomeados por Portugal, decidiram se encontrar na fronteira dos dois estados onde está essa cidade hoje de Aparecida, que era Guaratinguetá, o encontro do rio Paraíba do Sul. Então, bem, às margens do Paraíba do Sul, vem o governador de MG, sobe o governador de SP, e eles tinham toda, todo o secto deles, a Câmara de Vereadores de Guaratinguetá mandou todos os pescadores matar peixes, como eles dizem, para alimentar o pessoal todo que vinha pra essa grande reunião dos governadores. Três pescadores passaram a noite inteira pescando no rio Paraíba e nada. De manhã cedo, nada tinham pescado; desanimados, eles iam em direção ao porto porque não tinham podido trazer a cota de peixes que tinham prometido. Mas, antes de sair o barco, um deles disse: 'vou lançar a rede mais uma vez', e lançou a rede e veio um objeto assim no fundo da rede. Eles estranharam, olharam, assim, o que que era? Era uma imagem sem cabeça. Botaram essa imagem num canto do barco e lançaram a rede de novo e pra grande surpresa deles veio a cabeça da imagem. Bom, pegaram a cabeça e viram que casava perfeitamente com a imagem. Muito religiosos, lançaram pela terceira vez a rede e diz que aí encheu de peixe! O povo dizendo q foi um milagre: milagre! milagre! milagre! Com todo o respeito, limparam, um levou a imagem pra casa avisaram amigos e vizinhos e todo mundo veio e, como costumavam, rezaram um terço. Era Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Essa história parece inventada, mas não, está lá com as testemunhas nos anais da Basílica de Aparecida a imagem inicial, pequenininha. Então, contei paras mulheres, junto com a minha mana, e elas disseram: “oh! que maravilha!” (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, entrevista, 2010).

e vence o dragão⁵², que tenta destruí-la. Na imagem criada, Maria pisa em um dragão e traz o sinal dos céus: uma lua, abaixo de seus pés.

A história se espalhou e continua em movimento a partir da Romaria das Águas, uma romaria ecológica e inter-religiosa que começou na referida Ilha e tem se espalhado pelo bairro, cidade e Estado. Tal Romaria promove a peregrinação da imagem de Nossa Senhora das Águas, mas também os fundamentos⁵³ da Mãe Oxum, bem como ritos relacionados à preservação da natureza e de cursos d'água.

* * *

De acordo com a narrativa acima, a imagem de Nossa Senhora das Águas tem como base a imagem de Nossa Senhora Aparecida quebrada no lixo, a passagem bíblica do livro de Apocalipse, versículo 12, e elementos do contexto onde foi criada. De acordo com Irmão Antônio, depois de a imagem ser encontrada quebrada no lixo, houve um momento de indignação das mulheres que a encontraram, ao ver que os moradores de Porto Alegre “não respeitavam nem os santos”, jogando imagens juntamente com borra de café, restos de comida e erva mate. Irmão Antônio aproveitou o momento para narrar-lhes a história de Nossa Senhora Aparecida que, conseqüentemente, despertou no grupo “o senso do sagrado” nesse encontro com a imagem no lixo.

Desde então, a imagem reciclada de Nossa Senhora Aparecida sempre esteve presente entre os catadores de materiais recicláveis da Ilha Grande, ocupando um espaço de destaque em seus locais de trabalho. Com o fortalecimento da prática de reciclagem e a construção do Galpão de Reciclagem da Associação de Catadores da Ilha Grande dos Marinheiros, tal imagem acompanhou os catadores e ali permanece até hoje. Concomitantemente à construção desse galpão, construiu-se o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, que, com o tempo, passou a ser de Nossa Senhora das Águas, um em frente ao outro (ALVES, 2012).

O livro de Apocalipse, versículo 12, apresenta uma passagem que aponta dois sinais no céu: uma mulher e um dragão. Essa mulher, depois de dar à luz um menino⁵⁴, é perseguida

⁵² Existem controvérsias se é um dragão ou uma serpente que aparece para Maria. No presente texto, adotaremos dragão tendo em vista que Nossa Senhora das Águas pisa em um dragão em todas as imagens dela veiculadas.

⁵³ Fundamento é a relação que permite “o encadeamento de ícones sagrados” (ORO e ANJOS, 2009, P.86).

⁵⁴ De acordo com Irmão Antônio, nesse contexto, a Mãe de Jesus simboliza a humanidade.

pelo dragão, mas ela é protegida por uma águia – de quem ganha asas – e pela terra –, que se abre para engolir toda água lançada pela boca do dragão. Em sua descrição física, seu vestido era o sol; debaixo de seus pés, estava a lua e, na cabeça, havia uma coroa com doze estrelas. Na imagem construída para o contexto das Ilhas, Nossa Senhora das Águas veste uma túnica amarela e um manto azul, é negra, pisa em um dragão e está dentro de um barco. Em sua cabeça, uma coroa com sete estrelas⁵⁵, que marcam o período de sete romarias (1994-2000) – inicialmente eram previstas sete Romarias das Águas (fig. 3).

⁵⁵ Como destacado no capítulo anterior, a proposta era um setenário de Nossa Senhora Aparecida em preparação para os 500 anos de Brasil (1994-2000). Nesse caso, um tempo de maturação para o novo milênio e 500 anos de Brasil. Devido a esse contexto, as doze estrelas presentes na coroa de Nossa Senhora Aparecida foram substituídas por sete estrelas na coroa de Nossa Senhora das Águas.

Figura 3 -Nossa Senhora das Águas.



Autora: Stella Pieve.

Nessa imagem, é nítida a relação entre Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Águas, tanto no aspecto físico, seu manto e cor da pele, quanto pela analogia ao Apocalipse, versículo 12. Seguindo essa analogia entre a passagem bíblica e a criação da imagem de Nossa Senhora das Águas, o fato de a Santa estar pisando no dragão⁵⁶ simboliza as dificuldades vencidas – que, para os catadores, é a fome e o desemprego, aliviados por meio da reciclagem. O barco sobre o qual ela se posiciona remete à ideia de comunidade, e as estrelas de sua coroa indicam o possível número de Romaria das Águas que seriam organizadas. Ainda é possível destacar o elemento água no barco e em seu nome: Nossa Senhora das Águas, elemento importante para colocar em relevo o ambiente no qual a imagem foi formada – uma ilha – e dar fundamento ao seu vínculo com Oxum.

Nesse contexto, Nossa Senhora Aparecida despontou como um sinal para os catadores de materiais recicláveis, abençoando o trabalho dessas pessoas desprezadas pelo sistema⁵⁷, desempregadas e catadoras de lixo; todavia, com o passar do tempo, ela transforma-se em Nossa Senhora das Águas. Na interpretação de Irmão Antônio, a devoção à Nossa Senhora das Águas e a Romaria das Águas são invenções que marcam uma frente de luta ecológica junto aos catadores das Ilhas e protegem a memória dessa luta por justiça social, trabalho e reconhecimento (CECHIN, 2010). Passa-se de uma Santa nacional a uma Santa ilhéu, uma Santa que nasceu nas Ilhas – e mais que isso – uma Santa reciclada “nas Ilhas” de Porto Alegre, reconhecidamente um lugar de catadores e papeleiros.

Além disso, desde a primeira edição da Festa de Nossa Senhora Aparecida, com solene Procissão Fluvial organizada por Irmão Antônio, existe um movimento de possibilitar a coexistência de devoções na imagem de Nossa Senhora Aparecida. No breve texto sobre a Santa, no folheto da Festa, são encadeadas uma série de devoções, desde a chegada das culturas europeias – Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Caravaggio, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Czestochowa –, passando por devotos de diferentes etnias – Negrinho do Pastoreio e Sepé Tiaraju – até a sua nacionalização em padroeira do Brasil e sua associação com Oxum nas religiões de matriz

⁵⁶ No capítulo 3 dessa tese, apresento maiores detalhes sobre o dragão.

⁵⁷ Em seus discursos, Irmão Antônio contrapõe o sistema capitalista, tanto que procura contradizer as afirmações de Karl Marx sobre os *lumpen* da sociedade, atualmente os catadores. “As experiências das CEBs nesse campo, como a dos que sobrevivem do lixo, são de molde a contradizer a categórica afirmação de Marx, de que com os *'lumpen'* não há nada a fazer. São imprestáveis para a revolução. São mero combustível do progresso.” (CECHIN, 2010, p.172).

africana. O mesmo folheto considera o Negrinho do Pastoreio como “afilhado da Virgem Nossa Senhora, a madrinha dos que não têm” e Sepé como o guerreiro contra a expropriação das terras que só pertenciam a Deus, reconhecendo Nossa Senhora como “madrinha dos desamparados”. Dessa maneira, o texto procura encadear devoções e devotos ao contexto de que “Nossa Senhora Aparecida assumiu a cultura indo-afro-brasileira” (PANFLETO, Anexo 1, 1994).

Irmão Antônio, sempre que possível, retoma as padroeiras da Ilha Grande – Nossa Senhora dos Pobres e Nossa Senhora Aparecida da Conceição – e o papel de Nossa Senhora das Águas de encadear em uma imagem a relação entre os cosmos e a política (ORO e ANJOS, 2009), apontando uma divindade que se vincula ao território e à condição social dos seus devotos, reunindo em uma devoção a relação entre a água, o lixo, a água e a situação social dos catadores. Como seu discurso na 17^a Romarias das Águas (IRMÃO ANTÔNIO, comunicação oral, 2010):

“Nossa Senhora da Conceição é a Nossa Senhora dos Pobres, que apareceu a eles [*aos pescadores*] nas águas e na Ilha Grande dos Marinheiros, onde vem a água de todos os rios do Guaíba. Então, as Ilhas são encantadas pela fada Nossa Senhora das Águas, que escolheu os pobres. (IRMÃO ANTÔNIO, comunicação oral, 2010).

Matilde alerta para a sequência cósmica norte-sul das três capelas edificadas na Ilha Grande dos Marinheiros: Nossa Senhora dos Pobres, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Águas: “Nossa Senhora dos Pobres que Apareceu [Nossa Senhora Aparecida da Conceição] nas Águas [Nossa Senhora das Águas]”. De acordo com ela, a transformação de “Nossa Senhora Aparecida das Águas” em “Senhora das Águas” permitiu a ampliação das intensidades cósmicas para além das católicas, trazendo as intensidades afro-religiosas de Oxum e Iemanjá, as Senhoras das Águas. Dessa maneira, Nossa Senhora Aparecida das Águas, ao se transformar em Nossa Senhora das Águas, mais do que assinalar um processo local “das Ilhas”, acaba por vincular tal território ao cosmos por meio dessa divindade (ORO e ANJOS, 2009). É nesse sentido que Nossa Senhora das Águas agrega em sua formação uma série de questões e conecta “uma extensa rede formada pela água”, como me relatou Bia, numa trama que envolve espiritualidade, ecologia e política.

No Santuário de Nossa Senhora das Águas, estão presentes duas imagens, uma menor, conhecida por Nossa Senhora das Águas Peregrina (fig.4), e uma imagem maior, de aproximadamente 1,80m de altura, reformada pela FAUERS em 2010. As romarias nas Ilhas

são feitas com a Santa Peregrina, já que geralmente o andor é carregado pelos romeiros; já as romarias no Estado são feitas com a Santa maior, uma vez que a FAUERS construiu um "reboque" especialmente para peregrinar com Nossa Senhora das Águas.

Figura 4–Nossa Senhora das Águas Peregrina.



Autor: :Matheus Korting

Nazaret, para me relatar a história da Romaria das Águas, parte exatamente desse vínculo de seu território – as Ilhas – com o cosmos:

[...] nós só tínhamos aqui na Ilha a Nossa Senhora da Conceição e a Nossa Senhora dos Navegantes lá na ponta da Ilha”. Quando o Irmão Antônio veio, nós começamos a rezar debaixo de uma árvore e depois ele arrumou esse terreno aqui [*Associação de Moradores*], aqui era a Igreja. Ele arrumou esse terreno aqui e botou em votação o que que as pessoas queriam. Uns queriam Santo Antônio outros queriam Nossa Senhora Aparecida, ficou meio a meio, Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida, ele trouxe os dois. Aí veio a **Nossa Senhora simples**, eu digo simples aquela que **não tem o dragão**. (NAZARET, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2011).

Em sua fala, Nazaret traz uma nova dimensão a Nossa Senhora das Águas, a “Nossa Senhora do Dragão” e, desse dragão, surge uma série de narrativas em torno da imagem. Enquanto, para Nazaret, o dragão simboliza as dificuldades vencidas nas Ilhas,

assim como a Nossa Senhora matou o dragão, Ela matou a dificuldade que nós tínhamos na Ilha, da nossa fé. Porque as mulheres diziam que não trabalhavam porque tinham casado e tinham marido para dar comida e a gente as ensinava a trabalharem para serem independentes. E a gente conseguiu, a gente está vendo hoje as mulheres saírem para pegar ônibus, trabalhar, botar os filhos na creche. Não tinha creche, elas davam desculpa que não tinha creche, aí eu comecei a cuidar das crianças na minha casa, Então a gente leva fé na **Nossa Senhora do Dragão**, porque, assim como Ela matou o dragão, Ela matou as dificuldades que nós tínhamos na Ilha. (NAZARET, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista 2011).

Ministro Adão, adepto da Igreja Messiânica Mundial do Brasil (Johrei), embora sempre presente nas Romarias das quais participei, alertou sobre a possibilidade de um dragão não significar o “mal”, especialmente um dragão verde, como é o que se apresenta na imagem da Santa, já que o dragão na cultura oriental é geralmente associado ao equilíbrio e à sabedoria.

Outras ilheiras questionam o fato de um dragão ser integrado à imagem de Nossa Senhora Aparecida, pois, além de o dragão ser de São Jorge, Nossa Senhora das Águas não existe em nenhuma Igreja Católica, tornando-se uma “invenção” de Irmão Antônio para as Ilhas. Entretanto, o interessante é que, no decorrer de nossa conversa, mesmo apontando que “muita gente não gosta da Santa com o dragão”, acabam por relativizar e reconhecer a presença da Nossa Senhora do Dragão pelo lado da Umbanda, da Mãe Oxum: “nós assim, que somos de religião, a gente entende que a Mãe é uma só”, indicando que a imagem, por ser Mãe, tem fundamento para as religiões de matriz africana.

Além do mais, em nenhum momento, as ilheiras negaram a Romaria das Águas e

quando questiono o porquê de manter a Festa, Liane me explica:

Para as crianças terem o mesmo conhecimento da história como eu te falei lá no início. As crianças vão no Centro Marista, mas eu creio que lá **não é falada a história da Nossa Senhora Aparecida das Águas, que é essa com o dragão**. Então até para a gente poder explicar a diferença para as crianças daqui, porque elas perguntam: “por que aquela santa tem o dragão? Por que que a outra não tem? Quem tem o dragão é o São Jorge”. Eu já ouvi dos meus netos isso. Daí, tem como tu explicares em casa, que a criança é curiosa. Em casa a gente tem mais tempo de explicar com paciência para a criança. Num primeiro momento aquilo dá impacto na criança, porque a gente sabe que em casa eles vão perguntar “por que o dragão? por que vocês estavam com aquelas roupas?”. **Para eles entenderem o que é a umbanda, o que é o católico, o que é a Santa com o dragão, o que é a santa sem o dragão** e isso a criança tem que tomar o conhecimento, senão, ela não vai saber explicar para ninguém, nem vai ter o conhecimento, nem vai se interessar por religião nenhuma. **Daí, quando a criança crescer, ela vai ter a opinião de qual religião ela quer**. Que na verdade, nós também passamos por tudo que é religião. Eu já fui católica, espírita, só não pratiquei. Já fui na igreja dos crentes e agora tô na umbanda. Quer dizer, na verdade, eu também passei por todas as religiões. Só que, quando tu passas por todas as religiões, tu já sabes pelo que tu passaste e como começou a história. Só que essas crianças não têm. Eles vêm para a escola, só pra teres uma ideia, na escola não tem mais como antigamente a aula de religião, antigamente tinha a aula de religião, hoje já não tem mais, aqui nessa escola não tem. Então, por isso que eu te digo, as crianças não têm mais o conhecimento sobre religião. Daí, nós é que temos que pegar e fazer com que eles vejam as coisas acontecendo para eles perguntarem e a gente poder explicar. (LIANE, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2012, grifos meus).

Nesse sentido, Nossa Senhora das Águas é quem permite uma relação de negociação entre as diferentes espiritualidades nas Ilhas, pois é Ela quem abre espaço para diálogos e conversações acerca do respeito às diferentes religiões, bem como à história das Ilhas. Nossa Senhora das Águas abre espaço para negociações cosmopolíticas, uma vez que é Ela quem consegue arranjar controvérsias, conflitos e devoções. Para Marilda, da Pastoral da Criança, “não são duas Marias diferentes, mas diferentes formas de venerar Maria”; já para Bárbara, umbandista da Ilha Grande, se a água e a natureza são os próprios orixás, Nossa Senhora das Águas é a própria Mãe Oxum. E é Nazaret quem explica novamente.

Ela [a Santa] chama Nossa Senhora Aparecida das Águas porque ela é católica, ela saiu de uma Igreja Católica, mas é Mãe Oxum pelo lado da Umbanda. Então por que que a gente canta o hino da Oxum com o canto da católica, porque ela se transform..., não, ela é a mesma, mas com nomes diferentes. Nas religiões com nomes diferentes.” (NAZARET, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2011).

Ser a mesma com nomes diferentes nos remete a entender qual a intensidade adequada para a correlação entre Nossa Senhora das Águas e Oxum. Oxum, além de ser o Orixá das águas doces, é o Orixá da beleza, do amor, da grandeza espiritual e material, da doçura, da feminilidade. A “musa que dança de espelho em punho para refletir sua beleza” é

dona do ouro, da fecundidade e da fertilidade esbanjando abundância, fartura e criatividade. É também um dos poucos Orixás Iorubás que não gosta da guerra, sendo uma guerreira da sedução. Sua grande força está na maternidade, sem ela não há vida, por isso as crianças lhe pertencem⁵⁸.

É nesse sentido que, ao reger as águas, ser Mãe e dona das riquezas materiais e espirituais, podemos observar aqui “gramáticas e operações diplomáticas para salvar a paz de mundos comuns” (ORO e ANJOS, 2009, p. 11), com base nas relações que podem ser construídas entre as divindades, a maternidade, a proteção das águas, o compromisso com as dificuldades que se revelam no plano material e espiritual.

A narrativa de Bia sobre a Santa complementa a visão de aprendizado destacada por Liane, bem como salienta a dimensão dialógica que a Santa apresenta nas falas de Marilda, Bárbara e Nazaret, ampliando seu leque de ação e de relações interculturais e/ou inter-religiosas⁵⁹ e políticas, além de evidenciar o aspecto feminino, como ponto central nessa discussão.

Veja como a questão de vida e de **ensinamento** é fantástica. **Por que uma só imagem consegue fazer com que vários atores dialoguem em torno de algo que lá no final é comum a todos** e acaba colocando essa questão em seminários e por quê? É porque falar de Romaria das Águas, falar em seminário do povo de matriz africana se identifica com a água, se identifica com a Mãe Oxum, se identifica com a Mãe Iemanjá, se identifica com Ogum Beira Mar, é montar seminários em torno da questão dos recicladores, é montar seminários em torno da questão dos pescadores, é montar seminário em torno das questões do povo negro desse chão brasileiro e rio-grandense. Só tenho uma coisa para te dizer, sabe quem, sabe qual pessoa que poderia fazer isso que está fazendo? Uma mulher. Porque as mulheres é que tem este dom, de fazer várias coisas quase que ao mesmo tempo, quer dizer, não vou simplificar, estou simplificando, **só as mulheres** têm essa capacidade. Porque isso vem de nós, tu geras, tu trabalhas, tu escutas, tu fazes, tu das carinho, tu propões, tu brigas, tu cozinhas, tu. E nisto, que pra mim, **este acontecimento [a imagem que une e põem em diálogo], seria necessário até para suscitar várias questões sociais que surgiram a partir da Romaria das Águas e que, de novo, é comum a todos.** Então, nós, mulheres, nós temos, eu te diria, com muita certeza, esta ousadia. É isso, quando eu disse lá no início que a romaria, não menosprezando, de forma alguma, mas a romaria é melhor do que estar sentado, o que ela ensina é muito melhor do que tu estar numa escola que não te dá essa possibilidade. Dessa amplitude de vida, de direitos, porque ao trabalhar a questão de direitos violados, tu trabalhas tudo: a questão de estar criando, trabalhando e incidindo em políticas públicas em torno de uma mulher. (BIA, Ilha da Pintada, entrevista, 2013, grifos meus).

Para Bia, os acontecimentos encadeados em torno da Santa – encontrar a Santa no

⁵⁸ Disponível em <http://palaciomamaeoxum.com.br/conteudo.php?pagina=Empresa1&id=31> e <http://umbandasemmisterio.blogspot.com.br/2006/12/ai-ei-ei-mame-oxum.html>. Acesso em outubro de 2014.

⁵⁹ Embora marcado no evento como relações inter-religiosas, Bia experiencia a romaria como intercultural conforme destacado no capítulo anterior.

lixo, sua composição em relação com Nossa Senhora Aparecida, sua relação com Mãe Oxum, a devoção e a Romaria das Águas – possibilitam interlocuções em diferentes dimensões, sobre questões ambientais de proteção das águas, sobre políticas públicas voltadas à minoria e à reciclagem, sobre questões sociais, que, para ela, estão atreladas às minorias: ao povo negro, aos pescadores, aos recicladores e às mulheres e a religiosidades.

Quando questionei sobre o “encontro” de Oxum com Nossa Senhora das Águas, Bia trouxe à tona a história da escravização do povo negro no Brasil e do sincretismo possibilitado pela Mãe, pela água, pela fé e pela continuidade das religiões de matriz africana e seus cultos em terras tão distantes da África, apontando o sincretismo como uma estratégia de resistência às imposições do Sistema Escravocrata Brasileiro⁶⁰.

Essa história é longa. **Porque Nossa Senhora das Águas, água comum às duas**, mas tem uma história que é real. Quando o meu povo veio pra cá, que veio não, que foi trazido, para ser escravizado, vários povos adentraram o Brasil, o povo Banto, o povo Jejê, o povo Yorubá e foi muito complicado. Jogaram um povo para cada lado, **mas nós trouxemos nossa cultura**. E se eu estou aqui no Brasil é porque meu povo, foi trazido à força pra cá. Nós trouxemos a nossa cultura e, quando tu és escravizada, a ti é tolhida toda e qualquer chance de qualquer coisa, **mas tu tens uma coisa que te move, que é a fé** e tu vai fazer qualquer coisa pra que tu sobrevivias por ela, e foi o que os negros fizeram, os meus antepassados fizeram. Era trocar, era fazer uma troca, uma simbologia, porque negro não tinha alma – igual índio. Tinha que ser católico pra ter alma, e não era verdade, nós já tínhamos o nosso culto e o nosso jeito de cultivar e isso foi arrancado de nós. Então, nós utilizamos o mesmo que o branco tinha pra podermos continuar cultivando, o chamado **sincretismo**. Então, Nossa Senhora, então água. E olha que inteligência do nosso povo, água, mãe, é a nossa mãe. Então, por isso ficou, por isso que não é difícil *linkar*. Bom, e ainda para ajudar, Nossa Senhora Aparecida é negra, bom, seja porque ficou la dentro do rio, seja porque isso quer dizer alguma coisa pro povo Banto, Jeju, alguma coisa quer dizer. Essa ligação vem da própria história do negro quando era arrancado da sua **mãe terra**, jogado na outra com uma outra linguagem completamente diferente. **Filhos e mães** espalhados. Foi uma resistência muito grande, então a sobrevivência, quando tu buscas a sobrevivência, tu buscas ela de qualquer forma. E o mais importante naquele momento era a fé. E nossos ancestrais não podiam parar de cultivar, tanto que eles estavam na senzala, eles estavam cultivando, com os mesmos santos deles. Foi algo divino eles terem, lá naquela época, essa noção, tanto que, hoje em dia, até se confunde, “ah, mas a Nossa Senhora dos Navegantes é Iemanjá”, **mas tudo isso foi a resistência do nosso povo lá**, talvez pra que hoje eu estivesse aqui, contando a real história do porquê. Não sei se tu nunca ouviste falar de uma história que chegavam nas casas, tinha uma capelinha bem na frente da porta, uma capelinha que os padres chegavam, iam nas casas, isso é real! Então, o pessoal tinha uma capelinha, o padre saía, tu abrias aquela cortininha atrás era o ocutá⁶¹ do santo, que estava ali, tamanha a ousadia de manter, então eu digo que **hoje não é fé com a romaria e sim algo maior que nos une. Porque tem muita diferença**. (BIA, Ilha da Pintada, entrevista, 2013, grifos meus).

⁶⁰ Entre 1530 e 1888, o sistema de produção brasileiro explorava a mão de obra negra trazida do continente africano e escravizada no país, especialmente na agricultura e na mineração. No Rio Grande do Sul, a produção de charque foi a atividade que mais utilizou mão de obra escrava. Para maiores informações, conferir: Maestri, 2000; Rubert 2005.

⁶¹ “(...) a pedra sagrada de onde emana a força vital – o axé – do orixá”. (ANJOS, 2008, p.84).

A narrativa de Bia marca a Romaria como uma união de diferenças, mas, mais que isso, o que mantém sua presença ali é a possibilidade de encarar a Festa como um espaço de resistência na medida em que a associação entre Oxum e Nossa Senhora das Águas dá continuidade à lógica sincrética de resistência de toda a sua ancestralidade. Assim, Bia vai além da Romaria das Águas como um espaço de união de diferenças, Bia nos leva a redimensionar o sincretismo⁶², entendendo a Romaria como o lugar em que é possível encadear diferentes lógicas, e não mais a sobreposição delas.

Seguindo a esteira dos encadeamentos de mundos, retomemos aqui Nossa Senhora das Águas como Mãe. Everton, coordenador geral da FAUERS, destaca Nossa Senhora das Águas como Mãe, e a Romaria das Águas, como um momento de mobilização em torno da Mãe “Aparecida ou Oxum”, “o que Ela não quer são as pessoas brigando, o momento é de agregação”, enfatizou ele na 18ª edição do evento (2011). Para Everton, a “democracia” que gira em torno da Festa é Ela [a Mãe] quem cria, possibilitando compartilhamentos e composições, ao invés de disputas e desentendimentos. Para exemplificar tal democracia, Everton refere-se à grande quantidade de Casas de Religião dispostas a receber Nossa Senhora das Águas durante sua peregrinação pelo estado e ao pouco tempo para tamanha recepção, o que tornou necessário escolher apenas algumas delas para serem visitadas pela Santa, escolha que se deu “harmônica e democraticamente”, segundo ele.

Se retomarmos as narrativas de Liane, Bia e Marilda, é a Mãe quem permite um diálogo com as crianças, assim como uma relação da Festa com a Pastoral da Criança. É fato também que se manifesta uma forte conexão com o feminino em associação com a própria maternidade, mas também com a Mãe Natureza, a Mãe Oxum, a Mãe das Águas e até mesmo a Mãe África, implicando as relações de ser Mãe, cuidar de seus filhos, de suas crianças, de sua criação.

No dia de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora das Águas, 12 de outubro, é também celebrado o dia das crianças, e grande parte das celebrações de Nossa Senhora das Águas são dedicadas a essa renovação, “criança é vida, água é vida, vida é renovação”, ou, mais diretamente, “cuidemos mais das crianças que da natureza”. Se Oxum é a protetora da vida e das crianças, Maria também é a Virgem Mãe de Deus e, nesse contexto, responsabiliza-se por proteger as águas.

⁶² Essa reflexão parte da contribuição dos antropólogos Oro e Anjos (2009) ao evidenciarem o sincretismo como o conjunto de procedimentos de composição de mundos desde que este mantenha o fundamento.

Durante o trabalho de campo, pude ouvir o relato de dois romeiros sobre os votos e promessas que haviam endereçado a Nossa Senhora das Águas pelos seus filhos. Em 2011, Marcos foi pai de uma menina que nasceu prematuramente com sete meses, apresentava sérios riscos de morte em função de problemas de saúde. Marcos recorreu à Nossa Senhora das Águas pedindo vida à sua filha em troca de sete vigílias em Seu nome. Agraciado com a recuperação da filha, em 2014, a Ilha Grande dos Marinheiros participará com ele da terceira vigília de Nossa Senhora das Águas.

João Carlos, umbandista de Alvorada, relatou-me, emocionado, sua gratidão em conhecer a Romaria das Águas por meio da Associação dos Catadores de Alvorada (ACATA): “graças à ACATA, eu conheci a Romaria das Águas”. Pai solteiro de três crianças, seu filho caçula, após diversas cirurgias, dependia de uma sonda alimentar e, em razão disso, fez uma promessa a Nossa Senhora das Águas, em 2013, intercedendo pelo filho. O voto de peregrinar com a imagem da Santa em Alvorada foi cumprido e, desde então, seu filho não necessita de sonda: “ele mesmo [*o filho*] arrancou sua sonda e nunca mais precisou dela para se alimentar”, relatou-me João. Em decorrência disso, em todas as edições da Romaria das Águas, João Carlos peregrina com Nossa Senhora das Águas em Alvorada: “é a gratidão que eu tenho”, afirma.

Além de uma relação com as crianças, a narrativa de João Carlos retoma a relação com os catadores de materiais recicláveis. Nossa Senhora das Águas, que apareceu para os catadores de materiais recicláveis na Ilha Grande dos Marinheiros em Porto Alegre, com o passar do tempo, passou a peregrinar entre catadores. Nossa Senhora das Águas peregrina entre galpões de reciclagem espalhados pelo estado ou entre locais de moradia dos catadores, como por ocasião da 19^a edição da Romaria das Águas (2012), que se deu na Vila Santa Teresinha, antiga Vila dos Papeleiros de Porto Alegre. Irmão Antônio pretende transformar o dia 12 de outubro, para além de dia de Nossa Senhora Aparecida e dia das crianças, no dia de Nossa Senhora das Águas e “dia do catador”.

Novamente, Nossa Senhora das Águas é convidada a se vincular a um território, o território dos catadores, e interceder por suas políticas nos centros urbanos do Rio Grande do Sul, tornando-se a Santa dos Papeleiros e Catadores e atualizando, mais uma vez, as possibilidades de composição de mundos da Romaria das Águas.

Por fim, Nossa Senhora das Águas traz em sua composição um sentido ecológico. Por vezes nomeada Rainha da Ecologia ou Rainha das Águas, o elemento água, mais uma

vez, é chamado a ampliar “o leque de poder” (INÊS, FAUERS, entrevista, 2012) da Santa, agora associado à ecologia. Ao questionar Inês sobre a relação entre Nossa Senhora das Águas e Rainha da Ecologia, ela associa o aparecimento da Santa nas águas às necessidades ecológicas atuais e locais – a preservação das águas do Lago Guaíba.

O fato de São Paulo [*Nossa Senhora Aparecida da Conceição encontrada nas águas*] é algo que eu entendo que a traz muito ligada à água, porque não existe Nossa Senhora Aparecida em nenhum outro lugar do mundo, só no Brasil. E por que que ela é Aparecida? Porque, na verdade, a imagem de Nossa Senhora da Conceição que apareceu das Águas. E aí, o Irmão Cechin, muito feliz, colocando que lá ela apareceu das águas limpas, mas aqui ela apareceu nas águas sujas e, aí, então, **ela se torna ecológica pela necessidade**. (INÊS, FAUERS, entrevista, 2013).

Outras questões ecológicas compõem as relações da Santa, como a própria reciclagem de lixo, o apelo à despoluição do Lago Guaíba, o cuidado com as nascentes e a proposição de convivência humana em áreas de proteção ambiental. Assim, seja a partir do trabalho dos catadores ou de sua relação com a água, uma série de práticas ecológicas e ambientais vão sendo incorporadas ao ritual – plantio de mudas nativas, conscientização e educação ambiental, trabalhos de reciclagem, monitoramento da qualidade da água – tanto na forma de ritos (como veremos na seção seguinte), quanto na forma de atividades pontuais, são extensas possibilidades de encadeamentos abertos pela imagem de Nossa Senhora das Águas.

A imagem e as narrativas que se desenrolam no entorno da Santa, bem como as relações que Ela permite – Mãe Oxum, Rainha da Ecologia – tornam possível a conjunção de uma série de diferenças em uma única Santa: Nossa Senhora das Águas. A partir dela, é possível tecer a história das Ilhas, pautar questões sociais – catadores, negros, mulheres, pescadores, excluídos –, conectar uma série de ações práticas de ecologia e pôr em diálogo diferentes religiões, seja através da curiosidade por sua imagem, seja por meio de tudo o que converge por meio dessa imagem – intensidades católicas, afro-brasileiras e até mesmo políticas. Nesse contexto, Nossa Senhora das Águas insiste em trazer o cosmos à política, onde, simultaneamente, humanos e não humanos marcam uma luta social e ecológica.

2.2 – As romarias e vigílias, o rito das águas e a procissão fluvial: rituais que atualizam a relação com o cosmos

Stanley Tambiah (1985⁶³ *apud* PEIRANO, 2002) define “ritual” como um sistema de comunicação simbólica, culturalmente construído e constituído por uma cosmologia, ou seja, a partir de uma série de concepções que compõem o universo como um todo – códigos, convenções e relações. Nesse sentido, Tambiah difere o comportamento ordinário – direto e espontâneo – do comportamento ritual – construído previamente no intuito de comunicar e expressar algo institucionalizado: “o ritual não é a 'expressão livre das emoções', mas um ensaio disciplinado de atitudes” (TAMBIAH, 1985, p.133 *apud* PEIRANO, 2002). Entretanto, embora constituídos de uma sequência organizada e padronizada, podem variar em performance, construindo novas legitimidades, conectando convenções sagradas a arranjos inusitados e indicando possibilidades de novos ordenamentos no intuito de formar, naquele momento, um corpo comum, rítmico e contínuo por um desejo em comum (CHAVES, 2000).

Seguindo essa trilha, nesta seção, apresento os três principais ritos que compõem a Romaria das Águas, apontando de que maneira as diferentes cosmologias até aqui retratadas se entrelaçam formando uma trama sob a perspectiva da espiritualidade, da ecologia e da política. Cabe ressaltar o caráter de plasticidade do evento, ou seja, sua capacidade de se adaptar aos contextos em que é inserido, pois mantém sua liminaridade característica, no sentido de não institucionalização do evento, tornando-o um ritual fixo no tempo, mas flexível em suas formas de organização e apresentação.

2.2.1 – Entre peregrinações, romarias e vigílias com Nossa Senhora das Águas

A primeira etapa da Romaria das Águas acontece nas Ilhas, por meio de uma romaria com a imagem peregrina de Nossa Senhora das Águas entre capelas, terreiras e casas de religião, galpões de reciclagem, associações de moradores, creches, escolas e demais espaços. Em um primeiro momento, esses locais eram definidos em conjunto, por toda a organização da Romaria das Águas – Associação Caminho das Águas, Pastoral da Ecologia, Moradores

⁶³ TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action**. An Anthropological Perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1985.

das Ilhas, FAUERS –, quando todos se sentavam para definir o evento como um todo, desde seu início.

No ano de 2011, pude acompanhar a 18ª Romaria das Águas dentro do Arquipélago e notar a ritualização que conectava associações, instituições e moradores do bairro, uma das tramas da Romaria das Águas, que se iniciou com os processos de negociação para a formação do evento, passando pela definição dos locais por onde a Santa peregrinaria e que terminou com a volta de Nossa Senhora das Águas para seu Santuário. Foram reuniões, encontros e romarias para desenhar as datas, locais e trajetos de Nossa Senhora das Águas.

O cronograma daquele ano (ANEXO 2) apresentou dezesseis romarias entre as Ilhas Grande dos Marinheiros, Pavão, das Flores e Pintada, incluindo pousadas de dois a oito dias em instituições de ensino – escola municipal e Centro de Educação Marista –, religiosas – católicas e de matriz africana – e de trabalho – galpão de reciclagem, associação de moradores e clube de mães. Para cada uma dessas romarias, foi definido um responsável por encaminhar o evento. De acordo com Nazaret, a Romaria sempre começa na Ilha Grande dos Marinheiros porque Nossa Senhora das Águas é dali, mas vai para as outras Ilhas: “é esse movimento que nós fazemos, a união das entidades, a união da umbanda, a união das igrejas pela Romaria das Águas”.

Nazaret explicou-me que são mapeadas todas as Igrejas, Reinos de Umbanda, Instituições de Trabalho ou Ação Social nas Ilhas a fim de construir um evento que englobe todas essas instituições. Em 2011, por exemplo, ela lamentou os problemas de saúde de Vera, da Igreja Assembleia de Deus da Ilha das Flores, e a conseqüente não participação da referida instituição no evento, pois, embora a Igreja não receba Nossa Senhora das Águas, seus fiéis, por vezes, participam da romaria nas Ilhas e, em alguns casos, no Gasômetro, como, por exemplo Suely e Roberta, mãe e filha moradoras das Ilhas das Flores, que participaram da Procissão Fluvial, não pela Assembleia de Deus, mas como moradoras do Arquipélago. Para Nazaret, tal participação, para além da aceitação da Santa, é uma oportunidade de “caminharem juntas”, encontrarem-se como ilheiras e ilhoas e construir um trabalho social conjunto.

Sob essa ótica, percebe-se que “união” está mais para o sentido de relação e o evento Romaria das Águas e a romaria de Nossa Senhora das Águas torna-se uma maneira de criar vínculos, relacionamentos entre os moradores das Ilhas, o que torna o responsável em “puxar” a frente da romaria imprescindível, pois sua falta prescreve a ausência da Instituição que

representa, assim como sua presença prescreve a possibilidade de construção conjunta.

No ano de 2011, a primeira romaria aconteceu no dia 7 de maio, véspera de dia das mães, e foi do Santuário de Nossa Senhora Águas até o Centro Social Marista Aparecida das Águas, por aproximadamente três quilômetros de caminhada. Durante o percurso, cantaram-se hinos à Nossa Senhora das Águas, assim como pontos à Mãe Oxum, rezou-se e foram feitas quatro paradas, designadas como momentos de reflexão. Uma kombi, com uma caixa de som e microfone, abria espaço para a passagem da romaria. Entre os cânticos católicos e os pontos de matriz africana, destacavam-se o violão e o tambor, caracterizando a presença de ambas as religiões. Moradores, professores e alunos do Centro Marista não só trouxeram cartazes para o Dia das Mães e para Nossa Senhora das Águas, bem como carregavam suas próprias imagens de Nossa Senhora Aparecida. Caminhávamos a passos lentos, enquanto homens e mulheres, jovens e adultos, carregavam o andor com a Santa Peregrina.

O primeiro momento de reflexão foi feito por Bárbara, umbandista do Ylê de Iansã e Xangô, que trabalha com atividades culturais de matriz africana e é de Canoas, mas atualmente reside na Ilha Grande. Em sua reflexão, trouxe a água e a natureza como Orixás, apontando a importância da consciência ecológica, do cuidado com a natureza, com a despoluição dos espaços e do trabalho com as crianças. Também lembrou da relação entre Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum. Em duas ocasiões em que ouvi o discurso de Bárbara, ela trouxe a natureza como Orixás, concluindo que degradar a natureza é maltratar “nossos próprios anjos da guarda”.

A segunda parada foi o encontro de São Marcelino Champagnat com Nossa Senhora das Águas no Centro Educacional Marista das Ilhas. Marcelino Champagnat (1789-1840), o fundador do Instituto dos Irmãos Maristas, canonizado em 1999, tornando-se São Marcelino Champagnat⁶⁴, o apóstolo da juventude (PUCRS, 2014). Segundo Irmão Antônio, três pontos principais o ligam a São Marcelino: a devoção marista, o ensino da catequese e direitos humanos, concluindo que “ser Marista não é escolher os pobres, mas os mais pobres”. Contextualizando a vida de Marcelino, Irmão Antônio e Matilde relataram sua vida durante a Revolução Francesa na França e sua constante luta pelos jovens e pelos direitos humanos, trazendo a dimensão política de seu trabalho intrínseca à sua vida religiosa, pois, para eles, política e religião não conformam espaços sociais distintos, mas contínuos.

⁶⁴ Para maiores informações sobre a vida de São Marcelino Champagnat, ver FURET, Jean-Baptiste. **A vida de São Marcelino Jodé Bento Champagnat**. [Tradução Ângelo Mizaël Canatta] - São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999.

Na Ilha Grande dos Marinheiros duas, Instituições Maristas assistem crianças e adolescentes: o Centro Social Marista Nossa Senhora das Águas e a Escola de Educação Infantil Marista das Águas, motivo pelo qual uma imagem de São Marcelino também está nas Ilhas. No encontro entre Nossa Senhora das Águas e São Marcelino Champagnat, foram celebrados cânticos, realizada uma oração e uma reflexão sobre a importância de se caminhar com paciência e coragem, lembrando o barco aos pés de Nossa Senhora Aparecida das Águas como o símbolo de fé para o povo das Ilhas.

Na terceira parada, a reflexão proposta foi sobre “catequismo e fé”, bem como “amor entre todas as religiões”. Irmão Antônio falou um pouco da história da Romaria, afirmando que “a história da Romaria mistura-se com a história de nós, pobres da Ilha”. Recitou o poema “O Bicho”⁶⁵, de Manuel Bandeira, para falar sobre a realidade das Ilhas e apontar os catadores como os “Profetas da Ecologia” a partir da Bíblia, uma vez que “cavaram” seus próprios empregos no primeiro Galpão de Reciclagem de Lixo de Porto Alegre.

Por fim, a última parada levou em consideração o trabalho de Marilda, moradora da Ilha Grande e dirigente da Pastoral da Criança. Foi Bia quem fez a reflexão, abençoando o lugar e lembrando de sua importância para a Umbanda; para o planeta, já que cuida das crianças e elas são fontes e continuidade da vida; e para a população das Ilhas, por viver em um território ocupado: “esta terra tem dono!”⁶⁶, exclamou para encerrar sua fala. Cantando pontos à Mãe Oxum, seguimos até o Centro Marista, o destino de Nossa Senhora das Águas. Ali, foram feitas orações, bênçãos e apresentações das crianças, tanto de caráter comemorativo ao dia das mães, quanto de caráter religioso. Em seguida, foi servido um almoço para todos os que estavam presentes. Nossa Senhora das Águas ficou exposta junto a outros santos fora do espaço de almoço, o que Matilde denominou como “uma santeria”.

Essa romaria inicial apresentou um caráter especial entre as demais, contando com a presença de líderes religiosos, moradores da Ilha, professores, alunos e pais de alunos do Centro Marista. Da mesma maneira, o fechamento da romaria nas Ilhas teve um caráter especial, marcando a saída da Santa em romaria por demais cidades do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, o ato de peregrinar com a imagem de Nossa Senhora das Águas, como um

⁶⁵ “Vi ontem um bicho/Na imundície do pátio/Catando comida entre os detritos./Quando achava alguma coisa,/Não examinava nem cheirava:/Engolia com voracidade./O bicho não era um cão,/Não era um gato,/Não era um rato./O bicho, meu Deus, era um homem”. Manuel Bandeira. (*Rio, 27 de dezembro de 1947*).

⁶⁶ “Esta terra tem dono” é uma expressão usada por Sepé Tiaraju. Esse “grito de Sepé Tiaraju” (BRUM, 2009), como também é conhecido, refere-se à disputa territorial entre indígenas guaranis e os Impérios de Portugal e Espanha no século XVII e será mais bem desenhado no capítulo seguinte a este.

ritual anual no Arquipélago, propicia um encontro entre mediadores, organizações, ideias e outras divindades, que vivem, convivem e compartilham o cotidiano das Ilhas, seja trabalhando, seja em ações sociais ou eventos religiosos.

A breve descrição anterior indica uma série de questões que foram encadeadas ao evento. A Festa da Santa foi agregada à festa de dia das Mães (ou vice-versa) retomando uma das questões que reverberam em Nossa Senhora das Águas e Oxum, a maternidade e o cuidado com as crianças, ambas associadas às demandas das Ilhas: a preocupação com crianças e adolescentes, a reciclagem, o meio ambiente, a espiritualidade, as promessas de seus devotos e a necessidade de políticas públicas e de assistência social, já desenvolvidas no local – educação, saúde e saneamento básico.

A união do cosmos à política, mais uma vez, pôde ser intensificada. Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum são levadas a encontrar as demais divindades que habitam as Ilhas: os Orixás da Natureza, das Águas e das Matas; São Marcelino Champagnat; Nossa Senhora Aparecida, mas, ao mesmo tempo, todas essas divindades são convocadas a se apresentarem às questões políticas sociais, ecológicas, territoriais, que também afloram nas Ilhas.

A partir de 2012, além das romarias pelas quatro principais Ilhas do Arquipélago, na noite do dia 11 para o dia 12 de outubro, foi preparada uma vigília para a Festa de Nossa Senhora das Águas na Ilha Grande dos Marinheiros, que seguiu até a procissão fluvial, na Usina do Gasômetro. Assim, antes de Nossa Senhora das Águas peregrinar pelo Guaíba, um grupo de pessoas esperou-a para prestar-lhe culto e agradecimentos até o momento de partirem em procissão fluvial e comporem a celebração final de seu longo ritual.

* * *

A partir de 2012, embora os três ritos principais de que se trata este capítulo tenham se mantido, a trama de organizadores responsável pela realização da Romaria das Águas acabou por tecer novos espaços de negociação e novas possibilidades de composição de mundos comuns. Daquele ano em diante, as reuniões que agregavam os diferentes grupos foram sendo suprimidas, e, atualmente, cada grupo é responsável pela realização da romaria no seu espaço, deixando o evento conjunto apenas para o dia 12 de outubro.

Uma semana antes do encerramento da 19^a Romaria das Águas (2012)⁶⁷, enviei um

⁶⁷ Naquele ano eu retornava do Estágio de Doutorado na Vrije Universiteit van Amsterdam (VU) e por isso não

correio eletrônico pedindo informações sobre o dia de atividades, para me fazer presente, e recebi duas informações distintas: uma, de que a Romaria teria início na Vila Santa Teresinha (antiga Vila dos Papeleiros) a partir das 9h da manhã e a outra, de que seria às 13 horas e 30 minutos na Usina do Gasômetro. Tendo em vista a possibilidade de compartilhar de ambas, parti pela manhã com meus colegas de grupo de pesquisa para a Vila Santa Teresinha, onde Nossa Senhora das Águas foi recebida. A comunidade local foi convidada a participar da Romaria, em que foram distribuídas bergamotas da Ecocitrus⁶⁸ para as famílias locais.

Nossa Senhora das Águas chegou com a FAUERS e teve seu espaço reservado em frente à quadra de esportes da comunidade. Ao seu lado, Irmão Antônio fazia o chamamento da comunidade para que participassem da Romaria das Águas, contava a história da Santa e de sua intercessão pelos papeleiros e catadores de materiais recicláveis, convidando-os a conhecerem Nossa Senhora das Águas e a Romaria das Águas. As pessoas passaram a se concentrar ao redor da Santa, foram entoados cânticos e, sempre que possível, era retomado o convite à procissão fluvial e à Festa no Gasômetro. Levar Nossa Senhora das Águas à Vila dos Papeleiros é vincular a Santa aos catadores, e, mais uma vez, o cosmos ao território, dando continuidade à perspectiva de tornar Nossa Senhora das Águas a protetora dos catadores, papeleiros e oprimidos.

Matilde nos contou que uma Vigília acontecia desde o dia anterior na Ilha Grande dos Marinheiros e nos convidou a acompanharmos, pois ela iria até lá. Fomos. Lá chegando, vimos que a celebração ocorria como nos anos anteriores: música, Nossa Senhora das Águas Peregrina enfeitada e as banquinhas de artesanato e alimentação. A Vigília de Nossa Senhora Aparecida das Águas, como nos informaram, havia acontecido do dia 11 para o dia 12 de outubro, no intuito de agregá-la à celebração na Usina do Gasômetro a partir da Procissão Fluvial. Saindo dali, partimos para o Parque Náutico Alberto Bins e chegamos para o encerramento da Festa no Gasômetro via Procissão Fluvial.

Quando questionei as propostas recortadas do evento entre o povo das Ilhas, o primeiro ponto de divergências mencionado dizia respeito ao encerramento da Festa na Usina do Gasômetro. De acordo com os ilheiros e ilhéus, a festa é das Ilhas, necessariamente tem que passar muito tempo ali. Tal posicionamento, além de mostrar o pertencimento e a

acompanhei o processo organizativo da 19ª Romaria das Águas.

⁶⁸ A Ecocitrus é uma cooperativa de pequenos agricultores do Vale do Caí (RS) que produzem ecologicamente frutas orgânicas e seus derivados – sucos e óleos essenciais – bem como adubos orgânicos e biogás, além de receberem e tratarem resíduos. Para maiores informações, conferir o site da cooperativa em <http://www.ecocitrus.com.br/index.php/>.

identidade desses moradores com a Festa, acabou por gerar uma série de desconfortos e tensões na organização da Romaria. Para alguns dos organizadores, o fato de a Festa acontecer nas Ilhas implica que as lideranças comunitárias “botem povo” na festa, tragam “as massas” até as Ilhas, enquanto, para o povo das Ilhas, a Romaria é um espaço de união e conhecimento da história das Ilhas. Justifica-se ainda a difícil locomoção das pessoas até o Gasômetro, deixando claro que o que está em jogo é também o poder de decisão e participação sobre os itinerários do evento.

Tem muitos moradores aqui da Ilha Grande que não têm condições de ir para o Gasômetro. Não é condições de pagar um ônibus, até porque eles botam ônibus, eles botam barco, condições físicas. Por exemplo, uma mãe com cinco crianças, como que ela vai pegar essas cinco crianças e ir para o Gasômetro, que tu sabes que o Gasômetro é muito povo. E, às vezes, você está tão entretida com as orações e uma das crianças se perde, é beira de rio. Então, eu falo com as mães, eu falo com as mães também, o que elas pensam da Romaria, como elas queriam que fosse a Romaria. E esse tipo de conversa na organização da Romaria não tem. Tem com o grupo que está sentado discutindo, mas com a comunidade, não. (LIANE, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2012).

Em sua fala, Liane traça um paralelo entre o “movimento de massa” esperado para a Romaria, que vai até o Gasômetro e o movimento comunitário de construção coletiva dentro das possibilidades da comunidade, retomando a perspectiva de pertencimento da Romaria às Ilhas. A aglomeração idealizada para que a Romaria das Águas se torne um “movimento de massa”, no qual todos estejam unidos em totalidade, não é uma proposta comum a todos os grupos que participam do ritual. A Romaria das Águas é, para além da aglutinação de multidões, um espaço de relação, no qual afinidade e convivência precisam ser negociadas e partilhadas.

Já Bia explicou-me que houve um grande desentendimento naquele ano – sobre o local de encerramento do evento, se nas Ilhas ou no Gasômetro –, a ponto de suas Filhas (de Santo) não quererem que ela se participasse da Festa. Entretanto, quando Irmão Antônio pediu a ela que recebesse a Santa nas Ilhas, Bia não hesitou: “eu posso dizer não para o Irmão Antônio, mas eu não posso dizer não para a Santa”, apontando que o vínculo entre os grupos ultrapassa as relações pessoais e se estabelece entre as intensidades de Nossa Senhora das Águas e de Mãe Oxum.

É nesse sentido que Carlos, funcionário do DMLU e participante ativo nas reuniões de organização da comunidade, entende que Irmão Antônio é, sim, o organizador da Festa, mas enfatiza que esta mantém uma grande interdependência entre seus participantes, “o que

seria dele, sem a Bia, a Nazaret, a Bárbara?”. Carlos resume a Romaria como um espaço onde muitas questões são aproximadas, gerando conflitos, mas conflitos que acabam por diluir-se na espiritualidade do evento, isto é, na própria Santa.

O que une é o sagrado que representa a Santa. Agora o que é Santa, tudo o que eles jogam para dentro dela reverbera ali e bom, depois se distribui. **Mas a Santa é o símbolo: é negra, do rio, das Ilhas, quebrada.** É construído todo um mito, toda uma história muito forte, toda uma espiritualidade colada nisso e que acaba juntando todos esses cacos que você tem aí. (CARLOS, DMLU, entrevista, 2013. Grifos meus).

Desse ponto de vista, o ritual e a Santa acabam por conectar entidades heterogêneas com práticas divergentes, construindo um evento de contrastes que possibilita a criação de novas possibilidades, novas questões, novas preocupações e que, conseqüentemente, estimula o processo de criação, a possibilidade do vir a ser (SCHILLMEIER, 2013).

Nos anos seguintes ao de 2012, as negociações da Romaria passaram a ser feitas separadamente, ou seja, não aconteceram mais aquelas primeiras reuniões entre os três grupos responsáveis pela Festa. Irmão Antônio chegou a afirmar que “neste ano [2013] a Romaria seria somente no dia 12”. Entretanto, nesse mesmo ano, acabei sendo convidada para participar de reuniões de diferentes integrantes da Romaria, de reuniões e encontros entre ilheiros e ilhéus e das reuniões da Associação Caminho das Águas, e, dessa forma, pude manter participação mais assídua com a Associação.

Desde 2012, mas já pensando na Romaria das Águas de 2013, Liane e Luciana haviam me convidado para a articulação da 20ª Romaria das Águas na Ilha Grande, que consistia em, no dia 12 de cada mês, concentrarem-se para a “pesagem” das crianças como uma homenagem e preparação para a Romaria das Águas, em devoção à Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum no Santuário da Ilha Grande dos Marinheiros. A “pesagem” é um encontro de mães de crianças com até seis meses, no qual a Pastoral da Criança responsabiliza-se por fazer um acompanhamento da taxa de crescimento e nutrição dos bebês da Ilha Grande. E nesse ano, a proposta foi de aproximar as crianças, as Mães, Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum, de modo que, ao serem assistidas pela Pastoral, também fossem protegidas pela padroeira das Ilhas.

Luciana é Filha de Oxum e líder da Pastoral da Criança. É uma das organizadoras da pesagem e dos encontros com mães e crianças na Capela de Nossa Senhora das Águas. Em nossa conversa, explicou-me que, para ela, Nossa Senhora das Águas é a Mãe Oxum, mas a

respeita também com a Nossa Senhora Aparecida [da Conceição]: “eu acho que cada um tem a sua crença”. Luciana relatou ainda por que é importante essa preparação para a Romaria das Águas e o quanto é importante que ilheiros e ilhéus conheçam Nossa Senhora das Águas:

então tem muitas, muitas pessoas aqui que são devotas dela [*Nossa Senhora das Águas*], que a visitam, mas não é todo mundo junto que vai ali e faz uma oração pra ela, a gente até está procurando fazer. Quero ver se todo dia 12 [*de cada mês*] agora eu faço uma chamada para as mulheres participarem, as mães participarem e ensiná-las, motivá-las, que **nós temos nossa Santa aqui, que ela é nossa padroeira.** (LUCIANA, Ilha Grande dos Marinheiros, entrevista, 2012).

Dessa maneira, a proposta de Luciana é, a partir do cotidiano, agrupar os devotos de Nossa Senhora das Águas para mobilizá-la como a padroeira das Ilhas.

Carlos também me fez um convite para acompanhar a Romaria 2013, uma reunião das Ilhas em agosto, na qual estivera presente com representantes do Centro de Religião e Cultura Africana Ilê de Iansã e Xangô, do Centro Marista Nossa Senhora das Águas e da Associação de Mães Unidos da Ilha Grande. Nessa reunião, foram mapeados os possíveis locais pelos quais Nossa Senhora das Águas peregrinaria e o ponto de encontro para a saída da procissão, no dia 12 de outubro, bem como foi divulgado qual seria o foco de trabalho no dia da Cerimônia – a água, o cuidado com o rio entre aqueles que moram em sua volta, mostrando a necessária continuidade do cuidado com a água.

E por fim, fui convidada por Irmão Antônio a participar da organização da 20^a edição da Romaria das Águas junto com a Associação Caminho das Águas e a Pastoral da Ecologia, e assim pude acompanhar algumas das reuniões, além de ter tido a possibilidade de auxiliar na elaboração de projetos e na apresentação destes a alguns parceiros do evento, como a Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) e o ComiteSinos.

Nas reuniões da Associação Caminho das Águas, a preocupação era dar visibilidade ao evento, especialmente à chegada de Nossa Senhora das Águas na Usina do Gasômetro via Procissão Fluvial; à peça de Teatro “Auto das Águas Santas”, ao Rito das Águas e à realização do evento no Parque Náutico Alberto Bins na zona norte de Porto Alegre. Para Irmão Antônio, a 20^a edição da Romaria das Águas deveria retomar o esplendor de seu início, retomando as atividades que aconteciam nas épocas do projeto Pró-Guaíba e do Governo Olívio Dutra, como coletas de água nas nascentes da sub bacia do Lago Guaíba, com participação de escolas e ONGs e com a apresentação da peça de teatro anteriormente citada. Ele propunha ainda o uso e ocupação do Parque Náutico Alberto Bins, uma vez que considera

o espaço um “elefante branco”⁶⁹”, que está em disputa entre governo e sociedade: “espaço público deve ser do povo”⁷⁰, diz Irmão Antônio.

No contexto dessas reuniões de organização da Romaria das Águas, uma situação foi interessante para entender a proposta de compartilhamento do ritual. Enquanto conversávamos sobre a trama que a Romaria se propunha a formar e sobre seu ponto de partida, numa de nossas primeiras reuniões, um dos participantes sugeriu uma alternativa para “diluir a presença afro”: convidar mais católicos e luteranos para o evento. Irmão Antônio foi o primeiro a se manifestar apontando a Romaria das Águas como um movimento “dos de baixo”, “povo luterano de diocese não é povo, o foco da Romaria está nos movimentos sociais”, afirmou. “Insistimos na parte de baixo, na base, com o contexto da ecologia, da bicicleta como modelo de transporte ecológico, dos movimentos populares, dos negros, mas com a turma de baixo”, reforçou. Em toda sua narrativa, Irmão Antônio busca conectar os Caminhos de Sepé⁷¹ com a Romaria das Águas, sendo o espaço desses rituais uma das oportunidades para aproximar a mística da água e a mística indígena.

Irmão Antônio também reforçou que um dos focos de sua atuação sob a perspectiva desses rituais é a mística da água e a mística indígena, porém dentro de um contexto social, relembrando sua atuação nas Ilhas:

[um dos focos da Romaria é] a água, o povo cercado pela água e a Igreja gritando junto, ÁGUA ENCANADA, veio tudo, menos isso, só no governo Fogaça veio a água encanada [nas Ilhas]. Tudo isso depois que a imagem de Nossa Senhora quebrada escandalizou um grupo de mulheres, tudo misturado no lixo. Daí, se concretizou uma Romaria das Águas de massas, e até hoje pelejamos por casa decente e água encanada (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação oral, 2013).

A Romaria, para Irmão Antônio, é uma opção pelo povo negro, pelo povo indígena, pelos catadores de materiais recicláveis e pelos mais pobres. O que ele marca aqui é que, independentemente da religião de matriz africana estar tomando centralidade no evento, a questão não é “diluir” sua presença; pelo contrário, a questão é reafirmá-la na opção que se fez e que se faz com a Romaria das Águas.

Para finalizar a questão, Juramar, ilhéu da Ilha das Flores, também intercedeu pelos

⁶⁹ É comum Irmão Antônio denominar-se como “especialista em ocupar elefantes brancos”, referindo-se à sua predisposição em ocupar estabelecimentos públicos abandonados pelas cidades.

⁷⁰ Embora tenhamos utilizado o Parque Náutico para a saída da Procissão Fluvial, a Festa de Nossa Senhora das Águas não aconteceu ali.

⁷¹ Nos próximos dois capítulos desta tese apresento o Caminho de Sepé e suas propostas.

afro religiosos das Ilhas. De acordo com ele, as Terreiras das Ilhas devem ser convidadas para que não haja conflitos, “a Romaria parte da Pastoral da Ecologia e do Irmão, mas eles [*os terreiros*] devem ser convidados até para não gerar conflito, para reconhecerem que a Romaria parte daqui, mas eles estão juntos desde o começo”. A fala de Juramar retoma o lugar das Ilhas como parte integrante da Romaria, assim como Irmão Antônio reconhece a presença desses ilheiros e ilhéus afro-religiosos no evento.

Os três convites de organização do evento que recebi alertaram-me para o fato de que, mesmo sem unidade absoluta em torno do evento, a Festa aconteceria, e possivelmente com a mesma configuração: primeiro, as romarias e a vigília no Arquipélago; em seguida o rito das águas e a finalização do evento com a procissão fluvial e a Festa na Usina do Gasômetro. Esse fato foi confirmado com a entrevista que conduzi com Inês, também em 2013. Ao conversarmos sobre a participação da FAUERS na 20ª Romaria das Águas, Inês foi enfática em apontar a preocupação da FAUERS em construir o evento coletivamente, tanto com o povo das Ilhas quanto com a Associação Caminho das Águas, tentando conciliar atividades em conjunto e articular os papéis de cada participante.

Ao mesmo tempo, esse acontecimento apontou a grande tensão na construção do Romaria, as oposições e divergências entre aqueles que, por um lado, defendem um movimento de massa e de visibilidade do evento, como a Associação Caminho das Águas, e, por outro, aqueles que defendem a Romaria como a continuidade de sentidos que traçam a história local das Ilhas. Entretanto, se pensarmos a “tensão” – para além de um estado de rigidez – como uma força de expansão, essa sequência de articulações entre pessoas, entidades, instituições e religiões, preocupadas em construir experimentações de ações coletivas tanto em níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores para que o evento aconteça, permite, além da existência de um princípio de segmentaridade, no qual oposição e composição formam uma totalidade indecomponível (GOLDMAN, 2006), uma vontade coletiva de construção da Festa, mesmo que esses grupos permaneçam “absolutamente autônomos entre si” (ANJOS, 2006, p.35).

2.2.2 – O Rito das Águas e a Procissão Fluvial

Ao encerrar-se a etapa de peregrinação da imagem de Nossa Senhora Aparecida das Águas nas Ilhas, inicia-se uma romaria que vai até alguns municípios do interior do Estado. A principal atividade dessa etapa é preparar o “rito das águas”, que consiste em coletar água de fontes, arroios e nascentes que tenham uma relação de proximidade com o Lago Guaíba, simbolizando “águas limpas”, para que, no dia 12 de outubro, estas sejam misturadas, abençoadas e lançadas nas “águas sujas” do referido lago, simbolizando, assim, sua limpeza.

Tais coletas não envolvem simplesmente o ato de buscar a água, mas, sim, as celebrações em diferentes locais que invadem o cotidiano das pessoas envolvidas no evento. Essas celebrações são organizadas, geralmente, nos finais de semana, quando são organizadas práticas religiosas em forma de culto inter-religioso e o próprio ato de peregrinar; práticas ecológicas, como plantio de mudas nativas, atividades de educação ambiental; práticas políticas, discursos, inauguração de praças e projetos, entre outras.

Segundo Inês e Bia, não se trata de simplesmente coletar água, é preciso contextualizar o ato. O momento de coleta vai além de um ato mecânico de buscar água, mas incide em um ato reflexivo, que, às margens do rio, nascente, fonte ou arroio em questão, possa motivar reflexões acerca das condições ambientais e sociais que envolvem o curso d'água em questão. Por isso, o ato deve ser feito em grupo, desencadeando trocas e diálogos. Cabe ressaltar que essa etapa da romaria é de responsabilidade dos moradores dos locais por onde passa Nossa Senhora das Águas, ou seja, espera-se que a coleta de água seja feita pelo grupo e repouse junto à Santa durante sua peregrinação naquele lugar. Dessa maneira, a água passa a ter uma agência junto à Santa, nas palavras de Inês: “a água é o símbolo do nosso movimento e Nossa Senhora, a grande luz que o ilumina”.

Até meados dos anos 2000, o Rito das Águas era organizado pelo Programa Pró-Guaíba, em parceria com ONGs e escolas localizadas entre as nove sub-bacias do Lago Guaíba: Pardo, Alto Jacuí, Caí, Sinos, Gravataí, Taquari-Antas, Vacacaí e Guaíba. O roteiro do evento tinha início com a escolha dos municípios para a coleta levando em consideração a localização e a proximidade com as nascentes dos rios em questão, bem como os objetivos da Romaria das Águas:

facilidade de acesso da população; local onde se possa contar com a boa vontade do proprietário da área com vistas à chegada de povo; local que possa vir a ser público

por sua beleza natural (atração turística); e até, quem sabe, possibilidade de vir a ser transformado em reserva ambiental. (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação eletrônica, 2013).

Escolhido o ponto de coleta, este era “assinalado” com placas e/ou plantios de mudas para a recomposição da mata ciliar, e sua água era analisada pela CORSAN, onde era constatada sua potabilidade, para então ser marcada data e hora para o “rito da coleta de água”. A celebração da coleta acontecia no próprio local ou no centro da cidade, igreja ou praça pública, num evento denominado “religioso-cívico-educativo”, que desembocaria em uma missa, uma celebração, uma paraliturgia ou um culto ecumênico, dependendo das condições e público de cada ato de coleta. Entretanto, alguns protocolos deveriam ser seguidos:

a) Proclamação pública dos resultados da análise da água da nascente; b) a bênção da água coletada; c) aspersão da água sobre o povo; d) Aceno no sentido de a água da nascente passar a ser, no futuro, coletada e utilizada nos batizados da Comunidade; e) Pregação sobre a importância da água e da sua preservação, ligada à Mensagem da SENHORA DAS ÁGUAS. (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação eletrônica, 2013).

A referida Pregação ou Homilia⁷² tinha como base motivar compromissos ecológicos em relação ao lixo, apontando os “Três Rs” - reduzir, reutilizar, reciclar – como orientação e a reciclagem, como demanda para o município, caso este ainda não tivesse oficializado a coleta seletiva. Em relação à água, o compromisso ecológico sugeria o monitoramento participativo no cuidado de cursos d'água, evitando o constante depósito de lixo. Por fim, os representantes da coleta em cada um dos municípios, conhecidos como “romeiros da água”, vinham a Porto Alegre no dia 12 de outubro trazendo “aquele pouco de água coletada” para o encerramento do Rito das Águas e da Romaria das Águas. (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação eletrônica, 2013).

O Rito das Águas é central na Romaria das Águas, pois dá continuidade à formação da trama em questão – pessoas, instituições, locais –, tanto no sentido geográfico, propondo a coleta de águas que constituem parte do Lago Guaíba ou não, mas que passarão a constituir-lo simbolicamente; quanto no sentido social, ao propor ações em grupo para a visita de Nossa Senhora das Águas e de devotos de outras cidades para compartilhar a romaria.

O Rito das Águas acaba por redimensionar os sentidos atribuídos ao elemento água,

⁷² Exortação religiosa fundada num ponto do Evangelho. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/hom%C3%Adlia>. Acesso em: 23 Ago 2014.

retomando a proposta cosmopolítica do evento na medida em que é a partir da água que se discutem as questões políticas, espirituais e ambientais nos lugares por onde a Romaria passa, pois é neste período que os grupos, dispersos cotidianamente, encontram-se para conversar sobre suas preocupações ambientais associadas às suas vertentes religiosas e/ou políticas e que legitimam discursos, ações e orações em prol de suas práticas ecológicas.

Tal rito, em 2010, passou a ser responsabilidade da FAUERS, que geralmente monta um calendário de atividades do evento no Estado. Nesse calendário, são dispostas datas, locais e a descrição do evento. Entre os eventos mencionados destacam-se os rituais de coletas de água, a programação de viagem da imagem de Nossa Senhora das Águas pelo Estado, mutirões de limpeza e ações sociais em diferentes municípios da região metropolitana de Porto Alegre e interior do Estado.

Uma Ação Social promovida pela FAUERS na Ilha Grande dos Marinheiros marca a saída da imagem de Nossa Senhora das Águas⁷³ das Ilhas, para dar início à Romaria da Santa pelo Estado. De acordo com a entidade, o ato é caracterizado como ações que trazem benefícios para as comunidades menos favorecidas, formando consciência social e buscando atitude e comprometimento com a realidade que as cerca, realizando atividades gratuitas relacionadas à educação, saúde, responsabilidade, lazer e estética⁷⁴ (FAUERS, 2010). Também é oferecida alimentação (lanche) gratuita e são promovidos discursos dos participantes e organizadores do evento. Essa mesma ação que marca a saída de Nossa Senhora das Águas pelo Estado determina também o início do Rito das Águas.

Daí em diante, Nossa Senhora Aparecida das Águas passa a peregrinar pelas Casas de Caridade, Centros Espiritualistas e Casas ou Terreiras de Umbanda; Reinos Africanos; Igrejas e Paróquias Católicas; Prefeituras, Casas de Cultura e praças públicas, ação associada a coletas de águas, caminhadas da paz e ações sociais. Devido à altura e peso da imagem, toda sua movimentação depende de um reboque, preparado pela FAUERS especialmente para essa finalidade. Na maioria das romarias, a procissão é acompanhada por um carro do Corpo de Bombeiros ou da Brigada Militar e na Região Metropolitana de Porto Alegre, por batedores da Guarda Municipal de Porto Alegre, que sinalizam a passagem da Santa.

Tive a oportunidade de participar do Rito das Águas na Fonte Dona Josefina,

⁷³ Como já evidenciado anteriormente, a imagem que peregrina pelo estado é a maior, enquanto a peregrina permanece na Ilha Grande dos Marinheiros.

⁷⁴ Realmente muita coisa acontecia ao mesmo tempo: manicure, cabeleireiro, consultas oftalmológicas, clínico geral, medida de pressão, desenho no rosto, teatro de fantoches, jogo de futebol com uniformes e juiz, feirinha, cachorro-quente e suco.

Canoas/RS, em 2010 e 2011, e na Ilha Grande dos Marinheiros, em 2011, na qual estiveram presentes FAUERS, Irmão Antônio e Pastoral da Ecologia, representantes religiosos da Johrei, Comunidade Baha'í, assim como Casas de Religião da Umbanda. As cerimônias seguem um padrão semelhante, tanto na coleta como na recepção da imagem de Nossa Senhora das Águas.

Existe uma preocupação com o local escolhido para a coleta, que pode ser tanto APA – como é o caso dos arroios e nascentes – como uma área de revitalização – como foi o caso da Fonte Dona Josefina, em Canoas. O local escolhido precisa fazer sentido para os que participam do evento, assim como, na escolha do local onde a imagem de Nossa Senhora das Águas fará pouso, faz-se necessário intercalar Casas e Centros de Umbanda, Igrejas e Paróquias Católicas e órgãos públicos municipais, evidentemente também atentando para os sentidos atribuídos por aqueles que participam do evento. São essas escolhas que definem a solenidade do evento e a participação dos romeiros, mas também de agentes externos à Romaria, como prefeitos, vereadores, chefes e secretários de gabinetes, coordenadorias e secretarias.

Ao relatar sobre o trabalho de organização do evento, Inês pontua sua preocupação com o ato de coleta para a formação do “Rito das Águas”. Ela se coloca como uma incentivadora dessa prática e afirma que, ao convidar alguma Instituição para participar da Romaria, busca conhecer a geografia hídrica do lugar, os problemas ambientais e sociais da região, etc. Em seguida, sugere instruções para a forma de coleta, de modo que esta faça sentido para seus participantes e possa conscientizá-los dentro da proposta da Romaria das Águas.

Nesses eventos de coleta, grupos de jovens e adolescentes, ligados às comunidades ou entidades que promovem o evento, geralmente dançam, cantam ou apresentam alguma performance cujo tema é Nossa Senhora das Águas, Iemanjá ou Oxum. Tais performances agenciam as intensidades religiosas do ritual – tanto as afro-brasileiras quanto a católica – propondo apresentações culturais como formas de se relacionar com o cosmos. Todos os rituais de coleta procuram evidenciar a renovação e, por isso, fazem questão de ter mulheres grávidas e/ou crianças e jovens presentes. A coleta na mesma fonte no ano de 2011, por exemplo, foi realizada pelo grupo de jovens da FAUERS, o Axé Jovem.

Os pontos altos dos eventos em questão são a coleta de água e a chegada da imagem a seus locais de peregrinação. Assim, os lugares de coleta ficam como que “guardados”, do

mesmo modo que se tem toda uma “espera” para a chegada da imagem. Durante a experiência etnográfica de coleta de água na Fonte Dona Josefina, no ano de 2010, chegada a hora da coleta em si, aproximamo-nos de um pequeno marco que protegia o olho d’água. Em cima deste uma pequena imagem de Nossa Senhora das Águas estava presente juntamente com um cálice.

O lugar das lideranças religiosas e políticas em frente à fonte já estava demarcado, os outros romeiros e participantes posicionaram-se lateralmente. Inês foi a responsável por coletar a água e, enquanto o fazia, uma moça grávida jogava-lhe pétalas de rosas. Todos cantavam, e Inês foi aplaudida ao elevar o cálice cheio de água. E nos foi dada a bênção final.

Para a chegada da imagem de Nossa Senhora das Águas à FAUERS⁷⁵, por exemplo, a primeira tarefa dos romeiros que receberam a imagem foi preparar o altar que Ela ocupou. Na ocasião, em 2010, nele foram dispostos tapetes e flores e duas adolescentes, uma vestida de Nossa Senhora das Águas e a outra de Iemanjá, aguardavam a chegada da Santa. Antes de nos posicionarmos no entorno do altar, foram distribuídas pétalas de rosas para recepcionarmos a imagem na rua, em sua chegada, que era anunciada por um carro de bombeiros com a sirene ligada. Depois de recebida Nossa Senhora, todos se encaminharam para seus lugares. As lideranças eram apresentadas e convidadas por Inês a ocupar um lugar central; em seguida uma bênção ecumênica findava as atividades da Romaria naquele dia e anunciava o início de uma cerimônia de Umbanda. Nessa cerimônia, os batuques chamavam os Caboclos e Entidades, que dançavam e distribuía passes entre os presentes.

Feita a coleta em todos os locais sugeridos, no dia 12 de outubro, cada porção de água coletada é levada ao encerramento da Romaria das Águas e do Rito das Águas. De 2010 até 2013, Nossa Senhora das Águas percorreu aproximadamente 3000 quilômetros, a cada ano de sua peregrinação, entre a Região Metropolitana de Porto Alegre e interior do Estado (fig. 5).

⁷⁵ Acompanhei esse ritual na FAUERS em 2010 e 2011. No ano de 2011, devido ao inverno chuvoso em demasia, Nossa Senhora não foi recebida com pétalas de rosas por falta de produção da flor.

Figura 5 – Percurso da Romaria das Águas 2010.



Autora: Aduany Zimovski.

* * *

Como já destacado anteriormente, todas as ações da Romaria das Águas culminam na Procissão Fluvial do dia 12 de outubro. Do Rio Jacuí ao Lago Guaíba, Nossa Senhora das Águas, em um pequeno barco mais à frente, é seguida por seus devotos que navegam numa das grandes embarcações turísticas de Porto Alegre, o Cisne Branco (fig. 6).

Figura 6–Nossa Senhora das Águas em romaria pelo Lago Guaíba.



Autora: Stella Pieve.

A cada ano, a Festa, que se inicia em diferentes pontos, espalha-se pelo Lago Guaíba no dia 12 de outubro, anunciando a possibilidade de composição de um ritual comum a partir do encontro de Nossa Senhora das Águas, Oxum e Iemanjá nas águas do lago; das águas limpas com as águas sujas; das religiões, místicas e espiritualidades; das questões ambientais e sociais. Dispostos a compor um ritual comum, os ritos que fazem parte do evento atualizam a perspectiva cosmopolítica de permitir a coexistência dos mistérios agenciados pelo cosmos numa proposta politicamente marcada (STENGERS, 2004). Trata-se de encontros não necessariamente harmônicos, os quais, no entanto, possibilitam aos convidados a criação de sua forma de interação e interpretação do que vivem.

O dia 12 de outubro concentra todas as “variações narrativas”⁷⁶ aqui apresentadas, o dia em que essas variações narrativas que formam a Romaria das Águas reclamam ser negociadas, agenciadas e ritualizadas de uma maneira que dê sentido ao evento e aos seus participantes. Para tanto, cada etapa da Romaria das Águas acaba por ser lembrada: as romarias e peregrinações das Ilhas; a romaria pelo Estado e a coleta de água, bem como, a história da Romaria e de Nossa Senhora das Águas e seus propósitos. Todos os grupos são convidados a marcar presença tanto nos discursos como nas práticas.

Enquanto a FAUERS se responsabiliza em preparar o evento na Usina do Gasômetro para a chegada da Nossa Senhora das Águas, a procissão fluvial é o primeiro ponto de encontro. A procissão une os participantes das Ilhas aos participantes da Associação Caminho das Águas, que, juntos, se encontram com os participantes da FAUERS para a Festa no Gasômetro.

No ano de 2011, esse encontro ficou bem marcado. Saímos da Usina do Gasômetro com a Associação Caminho das Águas e um grupo de catadores de Bento Gonçalves/RS. Durante o percurso, intercalaram-se discursos e cânticos. Ao chegarmos à Ilha da Pintada, Mãe Bia nos esperava com suas Filhas de Oxum e de Iemanjá, em trajes característicos da Umbanda e com seus tamboreiros, o que trouxe à procissão os pontos de Umbanda, Oxum e Iemanjá, o azul e o amarelo. Com Nossa Senhora das Águas colocada num barco que liderava a procissão fluvial, retornamos ao Gasômetro.

À medida em que nos aproximávamos do Gasômetro, era possível perceber uma

⁷⁶ De acordo com Márcio Goldman (2006, p.157), são as “variações narrativas” que trazem princípios de segmentação ao fato, uma vez que os eventos narrados por agentes ou espectadores distintos aparecem sob perspectivas e conteúdos bastante diferentes.

intensa movimentação: os devotos da FAUERS, em suas roupas brancas, marcavam presença à espera da Mãe que, ao chegar, foi carregada por alguns, enquanto outros formaram uma grande fila que seguia sua passagem (fig. 7). Nossa Senhora das Águas foi colocada em frente ao palco e, aos seus pés encontravam-se flores, bilhetes, quindins. Outras imagens de Nossa Senhora Aparecida foram dispostas no evento, como a imagem “colada” de Nossa Senhora Aparecida, aquela que deu origem à Nossa Senhora das Águas.

Figura 7 – Nossa Senhora das Águas sendo recepcionada pela FAUERS na Usina do Gasômetro.



Autora: Pádula Rita Ferreira.

As performances apresentadas nesse dia atualizam as relações que se destacam no evento; são expressões artísticas que manifestam respeito e devoção a Oxum (fig. 8), à Nossa Senhora das Águas e aos catadores de materiais recicláveis, mas também abrem espaço para diálogos com outros grupos, como, por exemplo, os ciganos da Caravana Patrim, de Novo Hamburgo/RS, que, durante dois anos, se apresentaram no evento. Nessas ocasiões, sempre trazem Santa Sara: a imagem da padroeira dos ciganos é apresentada como negra, das águas e

protetora das “romarias”. Ali, Santa Sara é apresentada à Nossa Senhora das Águas, mais uma divindade a coexistir.

Figura 8 – Nossa Senhora das Águas e uma homenagem à Mãe Oxum.



Autora: Pádula Rita Ferreira.

Entre essas performances, discursos são proferidos na busca por atender e expressar a união que o evento salienta: “água todo mundo bebe não importa cor, crença ou o time por que torce”, “parabéns romeiros, peregrinos, ecologistas, profetas ecologistas, médicos do planeta”, “o amor em Jesus Cristo nos une”, “cuide das crianças mais que das flores e dos animais, são fonte de vida”, “estamos aqui para falar do nosso bem maior, que é a água”, “a união da diversidade das religiões”, “a beleza da fraternidade entre Mãe Oxum e Mãe Aparecida”.

Busca-se ainda marcar os feitos da Romaria, associando Nossa Senhora das Águas e seu poder de revitalização ao “brigar pelas águas”. Em sua fala, Inês associou arroios a “rios guris” e ao dia da criança, homenageando-as. Retoma-se aqui a relação vida, criança,

revitalização e água, a ideia de ciclo, de recomeçar, de apostar nas sementes, no que pode brotar e a água como fonte dessa vida. Em seguida, apresentou a história da Fonte Dona Josefina, Canoas/RS, que entrou na Romaria “suja e poluída” e foi sendo “ouvida” pelo poder público, o que desencadeou um movimento de coleta e limpeza da área à revitalização e tombamento dessa fonte como patrimônio cultural do município⁷⁷. Da mesma forma, o Arroio Nunes, Alvorada/RS, também foi destacado como resultado da 17ª Romaria das Águas, ao passar por um processo de revitalização, bem como a nascente do Rio Gravataí⁷⁸, que foi limpa para a Romaria. Irmão Antônio lembrou que, pelo movimento da Romaria, alguns valões de Porto Alegre foram transformados em arroios.

Todos os representantes – religiosos e políticos – são convidados a compor o palco e a dividi-lo com imagens de Nossa Senhora Aparecida, cores de Oxum e Iemanjá e o “cálice”, no qual são misturadas todas as águas coletadas. Os participantes, entre membros de Casas de Caridade e Centros de Umbanda, católicos, messiânicos, daimistas misturam-se aos transeuntes que já se encontram no Gasômetro e também vêm seguindo Nossa Senhora das Águas.

Para encerrar o Rito das Águas, primeiramente, as amostras de águas trazidas são misturadas em um único cálice para serem abençoadas. Os “romeiros das águas” de todos os cursos d'água⁷⁹ ali representados, anunciadamente, vão até o cálice e nele despejam suas águas, misturando “suas” águas às outras (fig. 9).

⁷⁷ A 16ª Romaria das Águas denunciou o abandono da Fonte Dona Josefina. Foi feito, então, um resgate de sua história e abriu-se um processo de legalização e institucionalização do local como área de proteção ambiental e patrimônio cultural, já que foi construída como ponto de descanso na rota dos tropeiros que atravessavam o Estado. Hoje, a praça onde se encontra a Fonte Dona Josefina é responsabilidade da Prefeitura Municipal de Canoas, conta com área de lazer, e o espaço da fonte encontra-se revitalizado. Para maiores informações, conferir: <http://arroioaraca.blogspot.com.br/2013/02/fonte-dona-josefina-patrimonio-cultural.html>.

⁷⁸ O Rio Gravataí tem como nascente o Banhado Grande, uma Área de Proteção Ambiental (APA) que abrange parte dos municípios de Santo Antônio da Patrulha, Glorinha, Gravataí e Viamão (RIO GRANDE DO SUL, Pró-Guaíba, 2014).

⁷⁹ Em 2011, as águas vieram de Sapucaia do Sul (Arroio Boa Vista); Canoas (Fonte Dona Josefina); Alvorada (Arroio Nunes); Viamão (Arroio Feijó/Saint Hillaire); Gravataí (Rio Gravataí); Porto Alegre (Arroio do Cortume/Belém Velho); Rio Pardo (Rio Pardinho); Porto Alegre (Rio Jacuí); Santa Maria (Rio Vacacaí); Porto Alegre (Gruta da Glória); Cacequi (Nascente do Rio Ibicuí, que deságua no Rio Uruguai). Cabe ressaltar que a Bacia Hidrográfica do Uruguai não faz parte da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, mas foi prontamente aceita para compor o ritual. Já em 2012 foram do Rio das Antas (São José dos Ausentes), Nascente de Gramado, Nascente Água Azul (Bento Gonçalves), Gruta do Cassino (Canela), Morro da Pedra Redonda (Porto Alegre), Lomba do Sabão (Porto Alegre) – apresentada como única fonte de água limpa na capital gaúcha –, Caraá (Rio dos Sinos), Jacuí (Rio Pardo), Nascente de Ivoti, Arroio Araçá (Canoas), Gravataí (apresentado como uma nascente que “junta” 17 fontes), Rio Caí (Caxias) e Ibicuí Mirim (Rio Uruguai).

Figura 9 – Ritual de mistura das águas.



Autora: Stella Pieve.

Após as águas serem misturadas, inicia-se a “bênção macroecumênciã”, definida por Everton como “união”, “ela nos une”, “plantamos o ano todo para colher hoje”. Além dele, Irmão Antônio, Mãe Bia, representantes do poder público, de organizações sociais e não-governamentais também se manifestam, de modo que essa bênção também estabelece uma relação entre os participantes e entre cosmos e política. Roga-se à Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum o cuidado com as águas e remetem-se a Elas alguns compromissos. No ano de 2011, foi o de lutar contra a privatização da água, como sugeriu a fala de Olívio Dutra:

Esse tema [água], realmente, tem tudo a ver com a nossa romaria, desta feita, das outras não feitas e outras por fazer, em defesa da vida, da natureza, do meio ambiente, da água como a fonte da vida, que não pode ser privatizada. É um bem que não é um bem privado, é um bem público, mais que isso, é um bem da humanidade. Então a gente quer contar com cada um, com cada uma, todas e todos vocês, para essa boa luta. Então, essa romaria também tem essa afirmação, afirmação que, tenho certeza, a padroeira do Brasil, todos os santos e divindades de

todas as nossas crenças, religiões, manifestações religiosas nos ajudem. **É isso que a gente clama, pede e oramos para que todas as divindades de todas as crenças possam estar junto com o povo, que luta pelo bem da humanidade, que é a água.** (OLÍVIO DUTRA, ex-governador do RS, comunicação oral, 2012. Grifos meus).

Esse é o momento de retomar a diversidade que compõe o evento e demonstrar respeito à composição ali presente, é um momento de “cumprimentar e agradecer esse ritual anual de integração, respeito aos diferentes e às religiões”, afirmou Renato Ferreira do Ministério do Meio Ambiente. É nesse momento que se expressam a diversidade espiritual e a relação recíproca entre as ecologias que compõem a Romaria das Águas.

Antes de as águas serem levadas e despejadas no Lago Guaíba, Pais Nossos, Ave Marias, saudações a Oxum e cânticos são endereçados às forças cósmicas ali apresentadas. O Pai Nosso da Umbanda⁸⁰, “ecológico por si só”; o Pai Nosso Cristão⁸¹ e um Pai Nosso Ecológico⁸², com a participação de tambores, cânticos e pontos a Oxum, embalam as águas que são levadas ao Guaíba e ali despejadas.

Cabe destacar que, na Romaria das Águas de 2012, esteve presente um padre da Congregação Pobre Servo da Divina Providência, o Padre Degaaxé, como se apresentou. Nesse mesmo ano, Padre Degaaxé desenvolveu seu mestrado em Teologia, PUCRS e o tema de sua pesquisa foi o diálogo entre a fé cristã e a cultura afro-brasileira, cujo ponto de partida era a experiência de Jesus de Nazaré em amar a todos seus filhos e filhas sem exceção e o Concílio Vaticano II, que reconheceu em todas culturas e religiões a presença de Deus e desafiou diálogos entre a Igreja e outras religiões (BOAVENTURA, 2012). O padre negro compunha, em suas vestimentas, o diálogo ao qual se endereçava, ao usar uma touca com as cores da bandeira da Jamaica – preto, verde e amarelo – e uma batina com detalhes africanos.

⁸⁰ Nosso Pai que estais nos céus, nos mares, nas matas e em todos os mundos habitados, santificado seja teu nome, pelos teus filhos, pela natureza, pelas águas, pela luz e pelo ar que respiramos. Que Teu reino, do bem, do amor e da fraternidade, nos una a tudo que criastes em torno da sagrada cruz, aos pés do divino salvador e redentor, que tua vontade nos conduza ao culto do amor e da caridade. Dai-nos hoje o pão do corpo, o fruto das matas, e as águas das fontes, para nosso sustento material e espiritual. Perdoa se merecermos as nossas faltas e nos dê o sentimento do perdão a quem nos ofende, não nos deixe sucumbir ante a luta, dissabores, ingratidões, tentações dos maus espíritos e ilusões pecaminosas da matéria. Envia Pai, um raio de luz e misericórdia, a todos os seus filhos pecadores que aqui labutam pelo bem da humanidade. Assim seja!

⁸¹ Pai nosso que estais no céu Santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino e seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos ofende. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal. Amém.

⁸² Água nossa que banha a terra, santificada seja a vossa pureza. Vem a nós em forma de chuva, esteja entre nós nos estados líquido, sólido ou gasoso, assim na terra como no céu. Perdoai nossa poluição, assim como não devemos causar tua contaminação. Não nos deixe cair na ignorância de achar que nunca faltarás, porque tu és a fonte de toda a vida. Cuidemos de ti para todo o sempre. Que assim seja!”. Cartilha 18ª Romaria das Águas. (ROMARIA DAS ÁGUAS, 2011).

Destacou-se também a encenação do “Auto das Águas Santas” ou “As visões de João, catador de papel”, em 2013, uma encenação produzida pelo Padre Marcelo Rezende Guimarães que retrata as visões de João, um catador da Ilha das Flores. João via não somente a poluição de sete rios – Vacacaí, Jacuí, Taquari, Guaíba, Pardo, Gravataí e Caí – que se encontram no Lago Guaíba, mas também as dificuldades que o esperavam, a mulher e o dragão e o anúncio da nova terra e novo céu, além de rio que cura.

Durante todas essas performances, bênçãos e discursos, Nossa Senhora das Águas permanece ali, de modo que os devotos possam prestar-lhe homenagens, como oferendas de flores, quindins e realizar pedidos por escrito (em bilhetes). Completo o rito, em despedida, Nossa Senhora das Águas retorna ao seu Santuário na Ilha Grande dos Marinheiros, por vezes, pelo Lago Guaíba, outras em carreata.

Mais uma vez, a água é destaque como elemento fundamental na Romaria das Águas. Os encadeamentos entre Oxum e Nossa Senhora das Águas tornam-se possíveis pela água, assim como o Rito das Águas permite a atualização da relação cosmopolítica da Romaria, ao agenciar espiritualidade, ecologia e política. Contudo, é na Procissão Fluvial entre o Rio Jacuí e o Lago Guaíba que culmina o ritual, quando Nossa Senhora das Águas e Oxum vibram na mesma intensidade, uma vez que “Oxum é a própria água”. A procissão fluvial de Nossa Senhora das Águas, além de carregar Mãe Oxum, retoma a procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, proibida pelo Estado no final da década de 1980. É nas águas do Lago Guaíba que se dá o ponto máximo do evento: o encontro entre as devoções de matriz africana, nas intensidades dos Orixás das Águas Doce e Salgada; as devoções marianas, na imagem de Nossa Senhora das Águas e na homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e as pautas políticas, para as quais essas divindades são mobilizadas (fig. 10).

Figura 10 – Nossa Senhora das Águas retomando ao seu Santuário na Ilha Grande dos Marinheiros.



Autor: Matheus Korting.

* * *

Os ritos aqui apresentados expõem uma série de relações com diversos seres e diversos mundos: a Santa, a água, os Orixás, as questões sociais. Trata-se de mundos que se agregam por um fim: a Romaria das Águas e a homenagem a Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum, a partir de encadeamentos e desencadeamentos desses mundos. Entretanto, cabe ressaltar os encadeamentos entre espiritualidade, ecologia e política, que se expressam nos discursos e nas práticas aqui evidenciadas, retomando elementos da cosmopolítica, de uma ecologia das práticas que toma elementos religiosos, mas também filosóficos, estéticos e políticos.

A Romaria das Águas, seja nas romarias e vigílias das Ilhas, no Rito das Águas ou na Procissão Fluvial, envolve um processo de territorialização da história e da luta dos moradores das Ilhas e das intensidades católicas e afro-religiosas pelo bairro Arquipélago, pela cidade de Porto Alegre, pela RMPA e pelo Lago Guaíba. Contudo, ao retomar a procissão fluvial, outrora proibida na cidade, reterritorializa a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá como “experimentação concreta da possibilidade de outras composições de mundos de paz” (ORO e ANJOS, 2009, p.48).

Se, na perspectiva de Isabelle Stengers (2004), uma proposta cosmopolítica é construída ao acentuarmos particularidades com os povos do mundo, especialmente com aqueles com os quais temos compromisso – não no sentido de estes concordarem entre si, mas com a proposta de serem criadas possibilidades de pensamentos, em torno de uma questão, que não pertence a ninguém e sobre a qual ninguém tem razão – a Romaria das Águas renova essa perspectiva a cada ano, ao propor um ritual comum no qual particularidades diversas passam a criar composições que não pertencem a ninguém, mas encadeiam diferentes lógicas para além de união das diferenças.

Ao propor um ritual multirreligioso e interecológico, a Romaria das Águas atua na perspectiva de criar um espaço onde as diferenças possam se manifestar, convidando diversas espiritualidades a criarem um ritual no qual são possíveis apresentar diferentes práticas ecológicas. Dois agentes principais fomentam essa composição de mundos comuns: o elemento água e Nossa Senhora das Águas, que, ao convergirem em si diversas possibilidades, permitem arranjos, sequências e encadeamentos não necessariamente

conjuntos, mas pertinentes e que fazem sentido ao todo.

Sendo assim, a trama construída para a realização da Romaria das Águas segue uma lógica segmentar de ação política (GOLDMAN, 2006), na qual o que está em jogo é com quem se juntar e em quais circunstâncias. A Romaria das Águas passa a ser um espaço de negociação no qual são apontados uma série de confrontos, controvérsias e encadeamentos possíveis para a composição de diferentes mundos em um ritual comum, evocando uma relação entre as diferenças. E é na água que cosmos e política se encontram.

CAPÍTULO 3 – O CAMINHO DE SEPÉ TIARAJU: CONTEXTO E REALIZAÇÃO DO RITUAL

O “Caminho de Sepé Tiaraju” é um ritual organizado pela Associação Caminho das Águas em conjunto com a Pastoral da Ecologia, grupos religiosos, associações de bairro, sindicatos e movimentos sociais com apoio de empresas públicas e mandatos de vereadores e deputados⁸³. Essa peregrinação vai de Rio Pardo a São Gabriel, entre os dias 1 e 7 de fevereiro, em memória da última rota percorrida por Sepé Tiaraju, um indígena das Missões Jesuíticas que lutou na Guerra Guaranítica (1750-1756), ao lado dos seus companheiros contra os exércitos Espanhol e Português em defesa do território dos Sete Povos das Missões.

O evento tem foco na juventude e, entre seus objetivos principais, estão os de relembrar Sepé Tiaraju em sua luta pela terra, promover consciência ecológica e propiciar uma troca de experiências entre a população urbana e a população rural. A “pedalada” passa por espaços importantes na rota de Sepé, tais como as Tranqueiras, prisão de onde Sepé fugiu (atual município de Rio Pardo); a Gruta da Pulquéria, na qual ele se escondeu com sua companheira, situada no atual município de São Sepé; a Sanga da Bica, onde Sepé tombou; e o Caiboaté, onde acabou a Guerra Guaranítica.

A proposta da Bicletada é promover encontros entre a juventude urbana e o mundo rural – agricultores e quilombolas –, encontros inter-religiosos e a divulgação da bicicleta como um meio de transporte saudável, não poluente e importante, tanto no interior quanto no centro da cidade. Para finalizar o ritual, o grupo de ciclistas encontra-se com os indígenas Guarani, que, nessa data reúnem-se para discutir políticas públicas estaduais e federais a eles direcionadas e fazer um ritual de homenagem aos seus antepassados mortos em combate.

A referência central a Sepé Tiaraju e à saga dos Sete Povos das Missões em sua luta pela terra é que dão o mote para a realização da pedalada, na qual também está integrada a perspectiva da Teologia da Libertação, associando mística e luta, opção pelos pobres e ecologia, como ocorre também na Romaria das Águas. Entre os participantes, estão jovens de periferias urbanas, especialmente, de Canoas e de Porto Alegre, bem como mediadores de projetos sociais ou atores engajados em lutas populares e movimentos sociais das cidades por onde passa a pedalada. Para a realização do evento, ocorre uma articulação com o poder público local dessas cidades, com a

⁸³ Dentre esses podemos citar a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica - Eletrobras (CGTEE), Gabinete do Deputado Federal Marco Maia (PT/RS).

presença e apoio de prefeituras, vereadores, secretarias municipais e escolas estaduais e municipais.

A trama aqui tecida articula movimentos, romarias e grupos sociais de “excluídos”, em dois níveis. O primeiro deles conecta os diferentes grupos: catadores, participantes das comunidades eclesiais de base, romeiros, mulheres, ilheiros e ilhéus, mediadores de lutas populares e movimentos sociais. Em um segundo nível, estão conectadas as minorias: agricultores, indígenas e quilombolas, que se encontram ao longo do percurso dos ciclistas. A bicicletada nos Caminhos de Sepé estabelece uma trama que agrega participantes de eventos contíguos, unindo causas e segmentos em um único evento (dentre estes, a Romaria das Águas). Porém, como veremos, o evento também reúne diferenças que não se unem por completo, aliando tensões, ligações, rompimentos e conexões sob o mesmo tema, a luta pela terra, que não deixa de ser específica para cada segmento.

Neste capítulo, apresento como se formou o ritual e quais são suas propostas, tendo como ponto de partida Sepé Tiaraju e as narrativas que se construíram em torno de sua história, pois foi a homenagem aos 250 anos de sua morte o acontecimento que condensou uma série de atividades, encontros e celebrações, que motivou a primeira edição do “Caminho de Sepé Tiaraju”, em 2007.

3.1 – Sepé Tiaraju e suas múltiplas agências

José Ventura Tiaraju, mais conhecido como Sepé Tiaraju, nasceu na redução de São Luís Gonzaga, mas passou a maior parte de sua vida na redução de São Miguel Arcanjo⁸⁴. Órfão de pai e mãe, foi um dos principais líderes da resistência indígena ao Tratado de Madri, que, assinado entre os reis de Espanha e Portugal em 1750, trocava sete reduções jesuíticas orientais do Rio Uruguai (possessão espanhola) – atual Sete Povos das Missões – pela Colônia do Sacramento (possessão portuguesa) – atual capital do *Departamiento de Colônia*, Uruguai.

O território ocupado pelos indígenas e jesuítas se tornaria posse de Portugal, de modo que estes deveriam se mudar para a outra banda do rio, permanecendo em território espanhol (BURD, 2012). Conforme o tratado:

“Das povoações ou aldeias que cede Sua Majestade Católica na margem oriental do rio Uruguai, sairão os missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios

⁸⁴ As reduções ou missões jesuíticas consistiam em agrupamentos de populações nativas, povos indígenas, videntes no Império Espanhol. Os portugueses denominavam tais missões ou reduções de “povo”, denominação que acabou se impondo, pois os que passaram ao domínio português hoje são os Sete Povos das Missões. Sendo assim, neste texto, povo, missão e redução estão empregados como sinônimos (GARCIA, 2007).

para os aldear em outras terras de Espanha (...); entregar-se-ão as povoações à Coroa de Portugal, com todas as suas casas, igrejas e edifícios e a propriedade e posse do terreno (...). (MAESTRI, 2014).

Os Sete Povos das Missões eram parte das Reduções e Missões Jesuítico-Guaranis⁸⁵, fundadas ao longo da Província Jesuítica do Paraguai por padres da Companhia de Jesus, que agrupavam indígenas para catequizá-los e “salvá-los” dos bandeirantes – paulistas em busca de escravos – ou colonizadores espanhóis que tendiam a mantê-los escravos ou exterminá-los. As reduções funcionavam como cidades construídas pelos próprios indígenas que também trabalhavam como agricultores, criadores de gado e, além disso, aprendiam o evangelho (CAMARA DOS DEPUTADOS, 2010). Tais reduções agruparam trinta povos, entre os atuais territórios do noroeste do Rio Grande do Sul e partes do Paraná, Argentina e Paraguai (BRUM, 2006), dos quais sete estavam na porção oriental do Rio Uruguai no Continente do Rio Grande de São Pedro, atualmente território do Rio Grande do Sul.

Tais Missões Orientais foram nomeadas com nomes de Santos: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. Como destacam Oro e Anjos (2009, p.19): “desde os descobrimentos, não se funda mais uma cidade sem vincular um território ao cosmo através de um santo ou uma santa”.

Para os Guarani, o território que habitavam tinha uma ligação com o mundo espiritual. Nas versões jesuíticas dessas narrativas, aquele território fora dado a eles por Deus e São Miguel, o que permitia que somente Eles os expulsassem dali, formando, assim, uma resistência e oposição às ordens das Coroas (LUGON, 2010). Na versão dos historiadores, a ligação com o mundo espiritual parte de um apelo à ancestralidade, visto que os antepassados desses indígenas ali tinham vivido e haviam sido enterrados, bem como aquele centro urbano fora por eles edificado (BURD, 2012). Tal desapropriação acabou por desembocar na chamada Guerra Guaranítica, travada entre Guarani e os exércitos de Espanha e Portugal, de 1750 a 1756.

A Guerra Guaranítica não se deu continuamente: os confrontos eram esparsos, mas

⁸⁵ Tais Reduções e Missões não foram uma iniciativa voltada aos guaranis, uma vez que os religiosos da Companhia de Jesus tentaram catequizar nativos entre os séculos XV ao XIX. O objetivo da Coroa Espanhola era inserir os indígenas no projeto colonial e o dos Jesuítas era buscar novos fiéis na América (BURD, 2012). Outras versões da história apontam os padres Jesuítas preocupados em “salvar” os indígenas da escravidão, a ponto de romperem o trabalho com o mundo colonial e com a própria Igreja formando, assim, as Reduções (LUGON, 2010). Para Clóvis Lugon, o isolamento das reduções protegia a moralidade e a liberdade das tribos ainda submetidas à corrupção dos colonialistas, de maneira que parte dos padres Jesuítas partiram para praticar o apostolado junto aos Guarani livres, formando as reduções que compunham, na visão dele, uma “República Comunista Cristã Guarani” (LUGON, 2010). A primeira versão da obra de Clóvis Lugon foi intitulada “República Comunista Cristã dos Guarani”, em 1949. Revisada pelo próprio autor, uma nova edição da mesma obra foi renomeada de “A República Guarani”, em 2010, ainda defendendo a tese de que as Reduções Jesuíticas formaram uma sociedade com características típicas de uma sociedade comunista (Editora Expressão Popular, 2010).

recorrentes e se travavam em pequenas guerrilhas. Os exércitos de Portugal e Espanha uniram-se contra os Sete Povos das Missões, que tinham suas tropas lideradas por Nicolau Neenguiru e Sepé Tiaraju⁸⁶. Durante essas guerrilhas, Sepé destacou-se como líder militar e, no início de 1756, foi eleito o corregedor de São Miguel. Mas, nesse mesmo ano, em 7 de fevereiro, Sepé faleceu na Sanga da Bica, três dias antes da Batalha do Caiboaté, que deu ao exército luso-espanhol a vitória sobre o território, depois de exterminarem, aproximadamente, 1500 indígenas (LUGON, 2010; BURD, 2012; RAMOS, 2006).

Além de líder militar, Sepé tinha uma liderança civil e mística. Uma cicatriz em sua testa em forma de lua, o “lunar de Sepé”, marcava a predestinação do Guarani entre seu povo, bem como a fé em Deus e São Miguel Arcanjo. O nome Sepé significa facho de luz em guarani, nome escolhido “por gosto” para reforçar sua identificação com os indígenas Guarani em oposição à sua formação jesuítica (BRUM, 2006), pois Sepé foi uma liderança não imposta pelas autoridades coloniais, e a Guerra Guaranítica foi o único momento em que os indígenas mantiveram o poder político enquanto os padres, o poder religioso (BURD, 2012). Além disso, antes de morrer, Sepé bradou: “esta terra tem dono!”, afirmando que o território pelo qual lutavam era do Povo Guarani.

Os Guarani buscavam a “Terra sem Mal” ou “Terra sem Males”, transformando a circulação nos espaços em uma constante em suas vidas, a “busca da terra sem males”, prática presente entre eles até hoje, mantendo uma trajetória histórica de resistência e luta: acampados entre cercas e estradas, próximos às grandes cidades, percorrendo caminhos entre acampamentos, terras demarcadas e terras reivindicadas, coletando matéria-prima em propriedades privadas, confeccionando e comercializando artesanatos, plantando pequenas roças (LIEBGOTT, 2010).

A Terra sem Males não tem lugares marcados, as relações sociais se apagam e o tempo corre sem referências. Entretanto, tal espaço é buscado na própria Terra, um lugar onde são abolidas todas as formas de poder e é proposta uma nova forma de pensar o homem, a terra, o céu, os deuses. Esse profetismo renuncia ao enraizamento para continuar acreditando na caminhada (CLASTRES, 1978), pois a mobilidade é uma característica central e reconhecida no modo de vida guarani, especialmente entre os *mbyá-guarani* (é parte do modo de vida, o *mbyá rekó*)⁸⁷.

⁸⁶ Os Guarani já haviam sido armados pela Coroa Espanhola num tratado com a Companhia de Jesus para se defenderem dos recorrentes ataques dos bandeirantes paulistas (1627-1630), que buscavam escravizar os indígenas e saquear seus pertences, especialmente o *vaccum* (o gado) (RAMOS, 2006).

⁸⁷ Num sentido amplo, os deslocamentos dos *Mbyá* estão associados à busca da “Terra sem Mal” (*Yvy Marãey*), nos remetendo a uma dinâmica de ocupação territorial específica, sendo muitos os fatores que mobilizam esses deslocamentos, que acontecem a partir de um conhecimento territorial anterior, relacionado à memória, relatos míticos e de antepassados, vislumbrando antigos laços de parentesco e solidariedade (LADEIRA, 2008).

* * *

Sepé inspirou uma série de contos, poemas e narrativas, dentre as quais podemos destacar: “*Cândido, ou o otimismo*”, um romance de Voltaire (1759), no qual, é recomendada ao personagem central uma visita às Missões dos Sete Povos do Rio Grande do Sul, pois ali se encontraria “le véritable triomphe de l'humanité” (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, comunicação eletrônica, 2014); “*O Uruguai*”, um poema épico brasileiro de Basílio da Gama (1769); “*O Lunar de Sepé*”, do escritor regionalista Simões Lopes Neto (1913), uma melopeia recolhida em 1902; “*Tiaraju*”, de Manoelito de Ornellas (1966), no qual, o autor apresenta Sepé como o símbolo do povo rio-grandense; “*O Continente*”, de Érico Veríssimo (2000), no qual, as Missões são declaradas como o paraíso terrestre e o mito fundador gaúcho; e, a poesia “*Louvor a Sepé Tiaraju*” de Barbosa Lessa (s/d), que narra, brevemente, a história de Sepé até sua ascensão e transformação em um conjunto de estrelas, o Cruzeiro do Sul – poesia que foi musicada pelos movimentos sociais.

Essas menções a Sepé Tiaraju, além de prestar-lhe homenagem, também denotam a necessidade de perpetuar a sua memória como herói e marcar o momento por ele protagonizado. No entanto, acabou por embalar disputas antagônicas na luta pela terra no Estado do Rio Grande do Sul atribuindo duas identidades opostas à mesma figura. Ao se tornar parte da construção da identidade do gaúcho desempenhando com bravura o papel de guerreiro, permitiu que sua figura fosse integrada ao gauchismo⁸⁸: “o primeiro caudilho⁸⁹ rio-grandense, fundador de uma genealogia de bravos” (BRUM, 2006, p.15).

Em contraponto a essa visão, Sepé Tiaraju, na Romaria da Terra no Rio Grande do Sul, legitima a luta pela terra construindo uma narrativa que une passado, presente e futuro em uma única história de todos os conflitos pela posse da terra. Assim, índios, negros (quilombolas) e agricultores (sem-terra) passam a ser sujeitos de uma mesma história – “todos iguais”, “todos oprimidos”, na qual, Movimento Sem-Terra (MST), CPT e PT incorporam a Guerra Guaranítica pela propriedade da terra à sua própria história e legitimam suas ocupações (AYDOS, 2004, p.55).

⁸⁸ O gauchismo é um conjunto de movimentos culturais que celebram a figura do gaúcho por meio do culto de tradições, de criações literárias e musicais. Também pode ser chamado de tradicionalismo ou Movimento Tradicionalista e se expande entre Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), esse modo de vida tradicional pode ser recriado e mantido (MACIEL, 2001 *apud* BRUM, 2006).

⁸⁹ Chefe de fazção, de partido ou de bando armado (que defende uma ideia). “**Caudilho**”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/caudilho>. Consultado em 22 de setembro de 2014.

Para Irmão Antônio, além de símbolo da luta pela terra, a mística em torno de Sepé Tiaraju questiona a história oficial do Rio Grande do Sul e, justamente, “esse gauchismo” pregado pela Revolução Farroupilha⁹⁰. Em suas palavras:

Sabemos que **a guerra dos Farrapos foi uma guerra entre fazendeiros**. As vítimas principais foram os negros que, para se lhes impedir a liberdade, a solução encontrada foi a degola. **O povo não participou com nada desse levante da classe dominante**. O gauchismo guarani, iluminado pela figura popular de Sepé, que estamos recuperando, é um gauchismo dos excluídos: de índios, negros, catadores, sem teto, sem saúde, sem-terra, sem casa, sem educação. (CECHIN, entrevista IHU, 2007, grifos meus).

De acordo com Brum (2007), esta é uma das polêmicas em torno da “história do mito” Sepé Tiaraju, por um lado, considerado protetor dos excluídos nos conflitos pela terra; por outro lado, símbolo de oposição aos sem-terra e utilizado pelos ruralistas ao demarcarem a célebre frase de Sepé como *slogan*: “alerta: esta terra tem dono”, reificando a propriedade privada. Outra polêmica que ronda Sepé é sobre sua canonização. Considerado um santo popular no RS, Irmão Antônio dedicou um tempo de sua vida a uma campanha de canonização de Sepé – São Sepé Tiaraju, proposta não unânime dentro da Igreja e negada institucionalmente (PEREIRA, 2009).

Ainda é importante destacar aqui a releitura da história de Sepé por um grupo Guarani de Morro dos Cavalos, em Santa Catarina. Eles reapresentam os fatos históricos e lendários do guerreiro a partir da história oral preservada na memória de indígenas ancestrais, tendo em vista que, na história contada hoje, há uma “desindianização de Sepé”: “a história escrita pela cartilha das classes exploradoras e da igreja católica apossou-se da figura heroica, metamorfoseando-a quase num branco que era índio por acaso” (BOND, 2008, s/p). História ainda em construção, o trecho abaixo contesta o nome de Sepé, sua identidade guarani e cristã, mas o reconhece guerreiro e grato ao Povo Guarani:

A verdadeira história de Sepé Tiaraju (...). "Ao contrário do que se diz, **Sepé não era guarani**. Ele nasceu em outro povo indígena, que não conseguimos identificar. Quando ele tinha dois anos de idade, sua aldeia, que ficava no Rio Grande do Sul, foi atacada por portugueses ou espanhóis. Os guaranis correram para ajudar, mas o lugar já tinha sido invadido e quase todos tinham sido massacrados. Os guaranis salvaram o menino e o levaram para uma aldeia nossa, perto da missão de São Miguel. Um casal o adotou. O avô da família era um pajé muito poderoso e o menino adorava ele. Uma coisa que quase ninguém sabe é que **o nome certo dele não era Sepé Tiarajú**. Esse era o jeito que os padres das missões entenderam e escreveram. Seu

⁹⁰ A Revolução Farroupilha (1835-1845) foi uma das revoluções que contestava o controle do poder central pelos “barões do café”, os produtores de café do Vale do Paraíba do Sul. Tal Revolução teve como líder Bento Gonçalves, militar e estancieiro, e, em 1836, foi proclamada a República Rio-Grandense e o conflito terminado em 1845, com a assinatura da Paz de Ponche Verde (PESAVENTO, 1985). A Revolução Farroupilha é considerada como um momento marcante na história do Rio Grande do Sul, considerada um episódio de bravura dos gaúchos (BRUM, 2006).

nome era Djekupé A Djú, que significava "Guardião de Cabelo Amarelo". "Guardião" porque era um guerreiro e "cabelo amarelo" porque não tinha o cabelo bem preto como os guaranis, era meio castanho. Mas era índio mesmo, não mestiço. Quando o menino começou a crescer, pensaram que ia ser um pajé, um religioso, e ele começou a ser preparado para isso. Mas seu outro lado, de guerreiro, foi mais forte e aí mudou o seu destino. Recebeu nome de guerreiro, Djekupé A Djú. E também era chamado pelos guaranis de Karáí Djekupé, "Senhor Guardião". **O destino de guerreiro foi porque ele era revoltado com os brancos e tinha gratidão pelos guaranis.** Queria lutar pelos guaranis. É que, na aldeia, nunca esconderam dele a sua história, tudo que tinha acontecido no ataque. Os jesuítas não criaram ele, mas ia sempre nas missões porque os padres davam apoio na defesa e ele ficava uns tempos lá. Foi assim que aprendeu a língua espanhola. Os padres não treinaram ele, foi preparado sim pelo grande exército guarani, os "kereymba" [pronuncia-se "krimbá"]. Era um ótimo guerreiro. Além do mais, tinha facilidade para conversar com os homens brancos, uma coisa que os outros guerreiros não tinham aptidão para fazer. Djekupé A Djú lutava, fazia de tudo para que as aldeias guaranis não fossem perturbadas. Principalmente porque ele pensava no seu avô, não queria que nada atrapalhasse a preparação espiritual do seu avô [Werá não entrou em detalhes, mas é possível supor que, de acordo com a tradição, o velho pajé se preparava espiritualmente para "viajar" à Terra Sem Mal, a Yvy Mara Ey, uma espécie de paraíso, que, segundo o mito, pode ser alcançado em vida ou após a morte]. Por aí se vê que Djekupé A Djú podia se relacionar com os jesuítas, mas não era um cristão mesmo, como dizem, porque, na verdade, ele respeitava mais a religião do avô, a religião do nosso povo. Karáí Djekupé foi e continua sendo um grande herói dos guaranis e esta é a sua verdadeira história". Estudos históricos e antropológicos vêm indicando, cada vez mais, que a falada conversão dos guaranis ao cristianismo, nas reduções jesuíticas, foi talvez mais aparente que real. Esses indígenas não se recusavam ao batismo e às missas, muitas vezes por apreciarem a estética dos rituais e para não desgostarem os padres. Um sinal disso pode ser a não permanência da religião. O número de guaranis católicos, hoje, é ínfimo. Tem havido "ataques" de seitas protestantes às aldeias e muitos frequentam os cultos. Mas ainda não se pode avaliar a verdadeira dimensão do prejuízo cultural, pois os guaranis parecem possuir uma auto-defesa eficiente, baseada no ato de "desviar-se", com extrema diplomacia, que ilude inteligentemente os desavisados. (BOND, 2008, s/p, grifos meus).

Nessa mesma linha, destaco as reações dos Guarani que encontramos em São Gabriel/RS durante a pedalada. Para eles, a luta de Sepé Tiaraju ainda não terminou, pois eles continuam "sem terra", sendo expulsos ou proibidos de circular. Dessa maneira, Sepé Tiaraju é, sim, um herói na perspectiva guarani, mas a luta continua, e Sepé é mais um indígena que morreu lutando por território.

Cabe ainda destacar a inscrição do nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria, pelo Projeto de Lei 5.516, de 1 de dezembro de 2005, na Câmara dos Deputados, proposta do deputado federal Marco Maia (PT/RS), e a declaração de Sepé Tiaraju como "herói guarani-missionário rio-grandense" e a instituição do dia de sua morte, 7 de fevereiro, uma data oficial de eventos no Rio Grande do Sul pela lei 12.366, de 30 de novembro de 2005, aprovada pelo Governador Germano Rigotto (PMDB/RS), na Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. Tal lei foi proposta pelo deputado estadual Frei Sérgio Górgen (PT/RS), um deputado reconhecidamente favorável à luta do MST.

Essa breve exposição mostra como Sepé Tiaraju se tornou uma figura emblemática e

polêmica no Rio Grande do Sul. De acordo com Burd (2012, p.130), Sepé esteve entre “dois mundos”, na medida em que era visto como um mediador entre jesuítas e Guarani sem deixar de defender os interesses guaranis diante dos próprios jesuítas e demais autoridades espanholas. Com base na etnografia que aqui construo, entendo que são múltiplas as formas de agenciamento de Sepé: para o Movimento Tradicionalista, um caudilho; para a Igreja Católica Libertadora⁹¹, um mártir; para o Estado, um herói, e; para os Guarani, mais um indígena expropriado e assassinado.

Para esta tese, sigo a agência de Sepé Tiaraju, que orienta a pedalada no Caminho de Sepé, visto que esse ritual passou a acontecer logo após a celebração dos 250 anos da morte desse guerreiro. Nas seções seguintes, apresento as relações criadas entre Sepé, a Igreja Católica Libertadora e os movimentos sociais. Cabe ainda ressaltar que esta análise encontra-se, em grande parte pautada nas ações e narrativas de Irmão Antônio⁹², pois, no momento, ele é o maior dos expoentes e organizadores do Caminho de Sepé.

3.2 – Sepé Tiaraju: “um santo popular não canonizado pela Igreja, mas canonizado pelo povo”

Ao declarar que Sepé é o “empoderador da luta popular”, Irmão Antônio o evoca em várias frentes de seu trabalho, tanto que, desde o início de sua caminhada, Irmão Antônio tem Sepé Tiaraju como inspiração. No ano de 2010, pude acompanhar o XII Simpósio Internacional do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) sobre “A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade”. Nesse evento, Irmão Antônio participou como palestrante da mesa “Sepé Tiaraju. Mito gaúcho?”. Para falar de Sepé, atrelou toda sua trajetória à história do Guarani, a começar por sua relação com Dom Helder Câmara e “a virada da Igreja”, na década de 1960, com a “opção pelos pobres”, a formação CEBs e do CIMI, em 1975, e a sua atual luta ao lado dos catadores, recicladores e dos excluídos, indígenas e não indígenas, da zona rural e da zona urbana.

Nesse mesmo evento ele trouxe à lembrança o ano de 1976, um momento de tensão entre indígenas e pequenos agricultores na região de Nonoai, norte do Rio Grande do Sul, que provocou a retomada indígena de suas terras, na época arrendada a esses agricultores, evento conhecido como o “Levante de Nonoai”. Em 1977, Irmão Antônio relembrou seu panfleto em companhia do Centro

⁹¹ Entendo por Igreja Católica Libertadora a parte da Igreja que fez a “opção pelos pobres” e pela Teologia da Libertação.

⁹² Sepé também é reconhecido no MST na luta pela terra. Tanto que é um dos personagens da Exposição Vira-Vira que retoma o percurso histórico de oito personagens emblemáticos dos conflitos no Brasil rural, dentre estes, Dom Pedro Casaldáliga. (<http://www.mst.org.br/node/15124>).

Ecumênico de Capacitação e Assessoria (CECA), intitulado “São Sepé, rogai por nós!”⁹³ (CECHIN, 1977), explicando a utilização de Sepé pela Igreja como santo e sua relação com a reforma agrária. Para Irmão Antônio, a experiência do Povo Guarani é a mística que orienta a luta para os movimentos sociais e populares.

É nesse contexto que surge a primeira Romaria da Terra⁹⁴, no dia 7 de fevereiro de 1978, em São Gabriel/RS, em homenagem ao dia e local de aniversário da morte de Sepé e com foco no “Ano dos Mártires” e na situação de exclusão dos indígenas do Brasil, especialmente os do norte do Rio Grande do Sul (PEREIRA, 2009).

Desde então, Irmão Antônio passou a alinhar “opção pelos pobres” e direitos humanos ao direito à terra, conectando suas “bandeiras” a Sepé Tiaraju.

Em 1978 comemoravam-se os 350 anos dos mártires riograndenses Roque, Afonso e João. O Centro Indigenista Missionário (CIMI) houve por bem comemorar não somente aqueles três padres missionários jesuítas, mas principalmente os milhões de índios massacrados pelos brancos, usurpadores das terras indígenas ao longo de quase 5 séculos. Por sugestão de Dom Pedro Casaldáliga, 1978 foi declarado ano dos Mártires. Aí ligamos com o fato de se completarem 222 anos do martírio de São Sepé Tiarajú. O cacique missioneiro foi morto juntamente com 1500 índios companheiros que lutavam em defesa da terra, contra os exércitos de Espanha e Portugal, ao grito de 'Esta terra nos foi dada por Deus e o seu Arcanjo Miguel. Somente eles no-la podem tirar!'" (CECHIN, 1982, p.4-5).

O “Ano dos Mártires” foi aberto com uma Romaria da Terra no Caiboaté, numa terça-feira de carnaval e aniversário da morte de Sepé. Para o referido ano, Dom Pedro Casaldáliga criou a “Missa da Terra Sem Males” (ANEXO 3), que, nas palavras de Irmão Antônio, “traduz a grande utopia dos nossos índios dos Sete Povos das Missões. O ponto alto dessa composição é a liturgia penintencial” (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, Comunicação eletrônica, 2014), na qual é dada a oportunidade de os cristãos pedirem perdão aos irmãos indígenas, remetendo-os aos sentimentos de memória, remorso e compromisso.

Como destacado anteriormente, a proposta de canonização de Sepé Tiaraju foi negada institucionalmente pela Igreja Católica. Arthur Rabuske, estudioso das Missões, aponta que, embora reconhecidamente santificado pelo povo, dois obstáculos impediram a santificação do indígena pelo

⁹³ O texto configura-se em uma coletânea de representações acerca de Sepé Tiaraju, que inclui desde a letra de uma música regionalista de autoria de Barbosa Lessa em homenagem a Sepé Tiaraju, o poema O Lunar de Sepé, documentos históricos, como artigos do Tratado de Madrid e cartas trocadas em 1753, entre o governador de Buenos Aires, D. José Andonaegui, e os povoados de Santo Ângelo e São Luis, a fim de ilustrar a trajetória guerreira de Sepé Tiaraju. (BRUM, 2006).

⁹⁴ A Romaria da Terra é uma manifestação religiosa que acontece desde 1978, tendo sido oficializada pela Igreja em 1979. Atualmente, tais manifestações acontecem em todo o país, a maioria delas organizadas pela CPT. De acordo com Irmão Antônio, seu principal objetivo era celebrar a luta pela terra, mas, com o tempo, outros valores foram sendo inseridos pela CPT: confraternização dos romeiros; falar, declamar e cantar a fé; mobilizar a Igreja.

clero: a tentativa de homicídio de um padre jesuíta antes da Guerra Guaranítica e a desobediência religiosa aos jesuítas ao resistir ao Tratado de Madrid (1750) (BRUM, 2006).

Tal negação não foi empecilho para que Irmão Antônio produzisse “santinhos” de Sepé em duas versões e imagens do “santo popular não canonizado pela igreja, mas canonizado pelo povo”. Nos santinhos, duas imagens diferentes de Sepé ilustram o dizer: “São Sepé Tiaraju, rogai por nós”, enquanto, no verso uma oração de Dom Pedro Casaldáliga divide espaço com uma citação de São Romero de América⁹⁵ e o endereço físico e eletrônico de Irmão Antônio, para que este seja informado caso alguém tenha alcançado uma graça especial invocando São Sepé (fig. 11 e 12).

⁹⁵ Óscar Arnulfo Romero (1917-1980) foi arcebispo de San Salvador, El Salvador. Caracterizado por defender os pobres e oprimidos, além de crítico ao regime militar durante a guerra civil do referido país, foi assassinado durante uma missa no dia 24 de março de 1980, por um francoatirador. Em processo de beatificação desde 1994, recentemente (ago/2014), o papa Francisco suspendeu a ordem de proibição que impedia o avanço do processo.

Figuras 11 e 12 – Santinhos de São Sepé Tiaraju

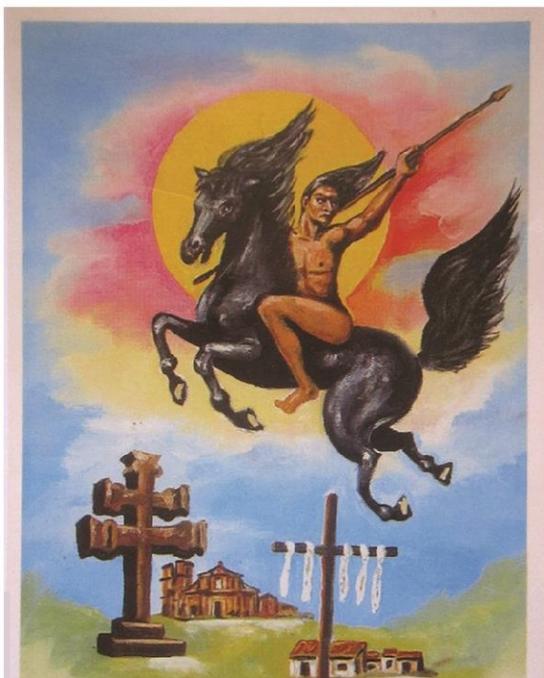


Imagem de São Sepé: arte de Esther Bianchi

SÃO SEPÉ TIARAJU ROGAJ POR NÓS

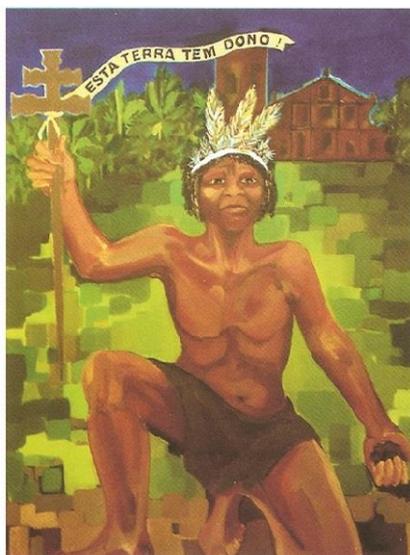


Imagem de São Sepé: arte de Esther Bianchi

SÃO SEPÊ TIARAJU ROGAJ POR NÓS

Fonte: Arquivos Stella Pieve

"Se me mcllurem, ressuscitarei sempre
de novo nas Lutas do meu Povo."
(São Romero de América)

Patriarca São Sepé,
Clm !ia
g<'srou no sangue.
Colwoca em Assembléia permanente
o Pow dos teus Po\,os!
Contesta o general de Gomes Freire com
a mesma palavra enaltecida!
Convoca os teus guerreiros,
Sepé Tiaraju,
Miguel nativo,
e enfrenta com as flechas, enfeitadas de aurora,
os cansados canhões dos invasores!

(Se a terra vira aldeia,
se a aldeia vira vila:
vire a vila cabana
dos escravos unidos em revolta!)

Dom Pedro Casaldlíga
Bispo de São Félix do Araguaia

N.B. -Se invocando São Sepé, "O" : rCrbc . d" DL"us
algu' llll gratsP'cwl . comuntj ue f()ISCTIO (tu por e-mail d:
Antônio Cechin
Rua Coronel Vic'nt, 444 a/110. 130
90.03040- Porto AkRT<- RS
e-mail: ce.chin@portu<bcom.br

"Se me matarem, ressuscitarei sempre
de novo nas lutas do meu Povo."
(São Homero de América)

Patriarca São Sepé,
Clareia o now **Dia**, que cl nuile secular gestuu nu sangue.
Convoca em AsLembliia permanente o Povo dos teus Povos!
ComeJta o generat de Gomes Freire com a mesma palatnl enaltecida!
Convoca os tes:is guerreiros,
Sepé Tiaraju,
Miguel nativo,
e enjTenra com as flechas, enfeitadas de aurora,
os çansados wnhões dos inVISOtes!

(Se a terra t>im aldeia,
" a aldtia •ira vila:
vire a vila cabana
dos escravos unidos em rewlt!)

Dom Pedro Casaldlíga
Bü)0 cISdo Filix do Araguaia

N.B. - S. invocando São Sepé, <océ rec.be-r de Deus
alguma graça esp.ecit l, comunique böt escri cu por Nnail a:
Antônio Cechin
Rua **O, nrl** Viviml<, 444 np<. 130
90.030.C40 – Porto Akgrt- RS
e-ma.!: ca:ltin@portu<bcom.br

A oração a São Sepé apresenta um pedido de convocação de seus guerreiros para a contestação da tomada de suas terras, aqui representada pelo general português Gomes Freire, tornando “sagrada” a luta por terra dos expropriados e justa a revolta dos escravos. Eis a oração:

Patriarca São Sepé,
 clareia o novo dia, que a noite secular
 gestou no sangue.
 Convoca em Assembleia permanente
 o Povo dos teus Povos!
 Contesta o general de Gomes Freire com
 a mesma palavra enaltecida!
 Convoca os teus guerreiros,
 Sepé Tiaraju,
 Miguel nativo,
 E enfrenta com as flechas, enfeitadas de aurora,
 os cansados canhões dos invasores!
 (Se a terra vira aldeia,
 se a aldeia vira vila:
 vire a vila cabana
 dos escravos unidos em revolta!)
 (Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia).

Entre as imagens de Sepé destacam-se duas esculturas e uma pintura, todas imprimindo as características indígenas do guerreiro, que aparece em vestimentas nativas segurando uma lança e uma cruz missioneira. A maior destas encontra-se na Capela de Nossa Senhora Aparecida da Conceição, na Ilha Grande dos Marinheiros. Réplicas menores foram construídas e entregues aos “prefeitos populares” durante a pedalada de 2013. Para Irmão Antônio, “prefeitos populares” são aqueles que governam para o povo a partir de políticas sociais. Na ocasião, foram entregues pequenos Sepés a dois prefeitos: Neiron Viegas, prefeito de Cachoeira do Sul, e Roque Montagner, prefeito de São Gabriel, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT/RS) (fig. 13).

Figura 13 – Prefeito de Cachoeira do Sul/RS recebendo a imagem de Sepé Tiaraju por Irmão Antônio.



Autora: Stella Pieve

Entre as pinturas de São Sepé, uma reproduz um dos santinhos, outra traz o santo em vestimentas indígenas portando uma lança e pisando em um dragão, que, no contexto – e retomando a oração de Dom Pedro Casaldáliga –, segundo Matilde, simboliza a luta contra o Império Português (fig. 14).

No quadro em que São Sepé pisa o dragão, São Sepé Tiaraju também é identificado com Miguel Nativo. Retomando o livro de Apocalipse, capítulo 12 (7-9) do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, Miguel é o anjo que lidera o “exército” de Deus contra o Diabo, ou Satanás, que ali aparece, mais uma vez, em forma de dragão. Expulso do céu, o dragão continua o combate na terra contra o resto dos descendentes da mulher – a humanidade, descendente de Maria. O mesmo dragão está aos pés de Nossa Senhora das Águas e também deriva do Livro do Apocalipse 12. Como já discutido no capítulo anterior, no contexto da Santa, o dragão simboliza “todas as dificuldades

vencidas” por aqueles que nela têm fé⁹⁶.

Figura 14 – São Sepé Tiaraju, Miguel Nativo, tela de Magali.



Fonte: arquivo Stella Pieve

⁹⁶ O dragão como “mal” em ambas divindades, constitui-se a partir da luta do Povo de Deus para expulsar o demônio do céu (no caso de São Sepé/São Miguel Nativo), ou vencendo a luta contra o mal (no caso de Nossa Senhora das Águas). O “mal”, simbolizado a partir de uma referência bíblica, já foi tema de estudo entre os expoentes de estudos do campesinato e da religião, como destacaram Otávio Velho (1995) e Regina Reyes Novaes (1997), no que diz respeito à Besta-Fera (Apocalipse 13), no sentido de expropriação e proletarização da terra, autoritarismo, capitalismo e reivindicações trabalhistas. Essas mesmas pesquisas destacam a luta pela terra como questão central e vinculada à Igreja/Povo de Deus no contexto da Teologia da Libertação. Enquanto esses pesquisadores apontam o “mal” como ambíguo e passível de sedução daqueles que não estão alerta, nesta tese, “pisar no dragão” se apresenta como representação das demandas vencidas.

Outro símbolo bastante importante é a cruz missioneira: “assim como a Cruz no Calvário significa morte, a cruz Missioneira significa a destruição dos florescentes Sete Povos”. Entretanto, assim como Jesus ressuscitou, a ruína dos Sete Povos das Missões foi o que possibilitou o “processo de ressurreição, hoje no seu Oitavo Povo, que são as Comunidades Eclesiais de Base, que deram origem à Teologia da Libertação” (CECHIN, IHU, 2010), destacando um caos generativo, a possibilidade que surge da destruição:

(...) o divino ressuscitado advertira também: “Se o grão de trigo não morrer, não haverá vida possível nem ressurreição à vista”. Se as cidades missioneiras viraram ruínas, o caos em que viraram pela sanha dos imperialistas, na linha de pensamento da linguagem dos ecologistas, transformou-se em caos generativo (CECHIN, 2010).

Nas várias imagens de Sepé, é recorrente a cruz missioneira, a mesma que se sobrepõe ao Santuário de Nossa Senhora das Águas, na Ilha Grande dos Marinheiros e está presente na Sanga da Bica, no Caiboaté e nas ruínas de São Miguel, juntando as lutas contíguas dos excluídos da cidade à dos excluídos do campo. Na Capela de Nossa Senhora das Águas e na Sanga da Bica, a cruz missioneira tem uma construção característica: ela encontra-se soerguida por sete estacas de madeira, cada uma representando um dos Povos dos Sete das Missões.

A primeira cruz missioneira, levantada em sete estacas na Sanga da Bica, trazia em sua construção diversos elementos. Além do símbolo de morte e renovação na luta pela terra, simbolizada pela cruz, os Sete Povos das Missões simbolizados pelas estacas, por meio de um conjunto de luzes, formava o “Cruzeiro do Sul”. Este era aceso à noite, para manter viva a memória de Sepé e de sua luta, uma vez que, no poema de Barbosa Lessa, Sepé ao morrer transformou-se na referida constelação.

Em um dos santinhos, a mesma cruz missioneira, com a imagem das ruínas de São Miguel, aparece ao lado da “cruz dos Sem-Terra”, com a imagem de casas populares ao fundo, possivelmente representando um assentamento. De acordo com Irmão Antônio, a cruz dos Sem-Terra simboliza os mártires, as crianças e adultos acampados na beiras de estradas. Os panos nela pendurados marcam o falecimento de cada criança que deixou a Encruzilhada Natalino. Nesse sentido, as cruzes marcam o sofrimento e inspiram a coragem e o compromisso com a luta, a mesma luta pela terra protagonizada por Sepé, retomada hoje pelo “oitavo povo” ainda em “combate”. Nas palavras de Irmão Antônio: “[a cruz funciona como um] rochedo caminhando à frente, e, nos embates, investindo contra o exército do Coronel Curió e contra a polícia

criminalizadora”. (CECHIN, 2010)⁹⁷.

Na última edição do Caminho de Sepé (2013), a peregrinação ciclística esteve associada à Terra sem Males: “10ª Peregrinação Ciclística e Popular em busca da Terra Sem Males” (ANEXO 4) foi o chamamento do evento. Considerando que a Terra sem Males é um lugar a ser buscado, as interpretações dos primeiros padres na América do Sul a conectavam ao paraíso cristão da bíblia ou aos “campos elísios dos poetas” (CLASTRES, 1978). Para Irmão Antônio, a Terra Sem Males corresponde ao paraíso terrestre assim como entendem os guaranis. Todavia, se para os guaranis o paraíso terrestre fundamenta uma relação contestadora da ordem social e uma relação não teológica com o sobrenatural (CLASTRES, 1978), para Irmão Antônio, o paraíso terrestre fundamenta-se na reforma agrária, no TupãBaê, (trabalho para Deus) e na harmonia dos homens com a natureza.

É interessante notar que Irmão Antônio contesta a noção de que o “paraíso” está apenas nos céus, pois, para ele, a religião católica tem um “Deus imanente”, um Deus que é homem e veio na Terra, Jesus Cristo⁹⁸. Em suas interpretações os Sete Povos das Missões constituíram-se em Paraíso Terrestre e é daí que deriva o gauchismo genuíno: o chimarrão, o trabalho em mutirão e o respeito à natureza. Já o Movimento Tradicionalista, “criado no colégio Júlio de Castilhos” no final da década de 1940, “matou esse paraíso terrestre” ao “roubar” suas tradições e expandir os ideais da propriedade privada. Dessa maneira, como sugere Clastres (1978, p.113), “se o discurso dos tupis-guaranis pode evocar outros mais familiares, de fato não coincide com eles em ponto algum”.

Nesse contexto, a Terra Sem Males de Irmão Antônio encadeia a utopia da Terra Prometida das referências bíblicas (SANCHIS, 1985) ao profetismo Guarani, mas sem o contexto de busca desse lugar a partir da busca de algo a ser encontrado pautado no *mbyá rekó*. Todavia, a Terra Sem Males aqui evocada, seja o Paraíso de Irmão Antônio ou a busca dos Guarani, é atualizada enquanto política cósmica, na qual novas associações são postas em jogo. O fato de não coincidirem em ponto algum não reduz ou subtrai a emergência de novas práticas e atores; pelo contrário, permite

⁹⁷ O acampamento da Encruzilhada Natalino aconteceu em 1978 no entrocamento das cidades de Ronda Alta e Sarandi, norte do Estado do Rio Grande do Sul. Tal acampamento marca a história da luta por reforma agrária no Brasil e pode ser considerado um dos marcos do surgimento do MST. Como o Brasil vivia o período de ditadura militar, o então presidente militar João Batista Figueiredo enviou o Coronel Curió, conhecido e temido repressor das organizações populares, para acabar com o acampamento. Coronel Curió era reconhecido pela desmobilização em Serra Pelada e na Guerrilha do Araguaia. A repressão constante não desencorajou os sem-terra, que tiveram que enfrentar o aparato militar instalado em frente ao seu acampamento, entre 1981 e 1982. Todavia, com demonstrações de solidariedade recrutadas a partir de um boletim informativo por eles criados (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA/RS; MOVIMENTO DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS; PASTORAL UNIVERSITÁRIA, 1982) e do apoio de assentados da região, padres, pastores, sindicatos e trabalhadores que apoiavam a Reforma Agrária o acampamento resistiu e hoje uma placa na Encruzilhada Natalino carrega o seguinte dizer: “derrota do Curió e vitória da luta pela terra” (FIDELIS e TAVARES, 2009).

⁹⁸ Nem Irmão Antônio e, nenhum outro membro do grupo, em nenhum momento de minha presença em campo, fez menção à utopia da Terra Prometida.

suas multiplicações (SCHILLMEIER, 2013).

Independente disso, Sepé Tiaraju tornou-se o “empoderador da luta popular” e, onde houver oprimidos, ele é invocado a empoderá-los. Tanto que, em minha experiência em campo, um grupo de adolescentes e eu acabamos sendo “empoderados por Sepé Tiaraju” a ocupar um dos galpões do Centro de Tradições Gaúchas Caiboaté, em São Gabriel/RS, na bicicletada de 2013. Esses galpões são pequenas construções de madeira onde seus proprietários mantêm fogão, pelegos e demais equipamentos utilizados durante a estadia no CTG. Espalhados dentro da área do CTG, estes galpões funcionam como propriedade privada, trancados com correntes e cadeados – alguns até traziam placas com os nome de seus proprietários –, enquanto nós e os Guarani ficávamos expostos “ao tempo” ou em barracas.

Eu montava minha barraca bem próximo a um desses galpões quando os meninos com um alicate, quebraram os cadeados e correntes para que dormíssemos ali dentro. Esse fato, em pouco tempo, chamou a atenção do responsável pelo CTG durante nossa – ciclistas e guaranis – estada ali. Um senhor de meia idade abordou os meninos e, como se eu não existisse, começou a questioná-los e intimidá-los agressivamente perguntando: “quem é que quebrou os cadeados daquele galpão”, pois teríamos que resolver com o dono da propriedade e arrumar novos cadeados. Imediatamente respondi que tinha sido eu, devolvi-lhe as correntes e informei que dormiríamos ali aquela noite.

Descontente, ele foi reclamar com as lideranças guarani, no intuito de achar um responsável do gênero masculino para o feito. Todos demandamos a atenção de que ele necessitava naquele momento e, conversando, resolvemos a questão: seria apenas aquela noite e no dia seguinte partiríamos, era só comprar um novo cadeado. Ao relatar o fato ao grupo, a primeira reação foi justamente quanto ao fato de termos sido “empoderados por Sepé” a ocupar espaços improdutivos e “roubados” pelos grandes fazendeiros, contestando o “poder local” e dando continuidade à batalha dos Guarani.

Nesse contexto, ao se tornar um “empoderador da luta popular”, São Sepé Tiaraju está diretamente ligado à Reforma Agrária, tornando-se um santo que invoca, empodera e compromete seus devotos a lutar pela terra que é sua por direito e por profecia. Dessa maneira, canonizar popularmente São Sepé é mais uma vez ligar o cosmo, a política e a demanda dos “de baixo”.

3.3 – Os 250 anos da morte de Sepé: reforma agrária, ecologia, espiritualidade e os limites na composição de mundos comuns

Desde 2004, deu-se início a uma mobilização em torno da figura de Sepé Tiaraju tendo em vista a preparação de um evento em homenagem aos 250 anos de sua morte (em 2006). Esse ano, conforme lembra Roberto Liebgott (CIMI/Sul), foi um ano de aproximação entre os Guarani, movimentos sociais e pastorais sociais interessadas em apoiar a “integração de diferentes lutas”. Irmão Antônio esteve em algumas aldeias junto com o CIMI para organizar uma Marcha, em 7 de setembro de 2004, dia do Grito dos Excluídos, em São Gabriel/RS: marcha marcada pelo encontro dos Guarani com os militares que, na mesma data, celebravam a semana da pátria.

Em 2005, Irmão Antônio esteve junto ao CIMI, em um encontro guarani, em São Miguel das Missões, como militante apoiador da causa indígena, fortalecendo relações e trazendo-a mais para o plano do real do que do ideal. Nesse mesmo ano, foi formado o Comitê do Ano de Sepé Tiaraju via Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, com objetivo de homenagear os 250 anos da morte de Sepé, que se completariam no ano seguinte. Irmão Antônio foi o presidente do Comitê que sugeriu uma série de eventos em comemoração aos Guarani, em São Gabriel/RS. Entre os principais organizadores e participantes do evento estavam Frei Sérgio, CIMI, outras pastorais, especialmente a Pastoral da Juventude (PJ).

Foram realizados seminários, a organização de um livro “Sepé Tiaraju: 250 anos depois”⁹⁹, o lançamento do Projeto de Lei inscrevendo o nome de Sepé no “Livro dos Heróis da Pátria”, a sanção da Lei Estadual que instituiu dia 7 de fevereiro como data oficial no RS reconhecendo Sepé como Herói Guarani Missioneiro Rio-Grandense e a construção de uma cruz missioneira e um oratório na Sanga da Bica, São Gabriel/RS.

Em São Gabriel, uma organização local, via prefeitura, foi composta articulando o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), o exército, um historiador, um folclorista e o poder legislativo local, mas sem envolver a população em geral (BRUM, 2007).

O evento desencadeou uma série de adesões, mas também causou controvérsias. Ao propor comemorações em conjunto com o MST e demais movimentos sociais, a Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul (FARSUL) considerou exageradas as manifestações em torno do indígena, para esses agricultores, símbolo de proteção à propriedade privada. Transcrevo abaixo parte do texto construído para tal evento e propagado na cidade durante o período.

⁹⁹ COMITÊ do Ano de Sepé Tiaraju (org.) Sepé Tiaraju 250 anos depois. São Paulo:Expressão Popular, 2005.

Sepé Tiaraju: Che Guevara de cocar?

As últimas notícias dão conta de que a comissão organizadora prevê uma presença de mais de 20 mil visitantes, atraídos pelas comemorações que têm apoio do Governo Estadual [*Germano Rigotto (PMDB/RS)*] e o respaldo de personalidades do mundo intelectual gaúcho. Justamente por conta de todo este marketing, algumas reflexões se fazem oportunas. (...). Por força do mito que envolve o personagem, o nome de **Sepé Tiaraju tem sido apresentado** por certa corrente de pesquisadores **como um revolucionário**, uma espécie de precursor do socialismo nas coxilhas gaúchas. Algo assim como um Che Guevara de cocar e lança, imagem que se cristalizou no imaginário de muitos grupos que afirmam se inspirar em seu exemplo **para praticar ou apoiar invasões de terra e outras mobilizações raivosas contra produtores rurais**. Estas organizações, que há pouco mais de três anos estiveram em São Gabriel com uma postura agressiva e foram repudiados pela população, estão agora entre as principais entidades que organizam os festejos. É bom frisar que organizações verdadeiramente empenhadas na cultura, como o Movimento Tradicionalista Gaúcho, retiraram-se da Comissão Organizadora, por sentir no ar um forte cheiro de propaganda ideológica e ranço revanchista. É curioso o interesse repentino destes senhores por história, querendo valer-se de Sepé Tiaraju como um ícone do marxismo, da mesma forma que Hugo Chavez utiliza a figura de Simon Bolívar para justificar seus desmandos autoritários na Venezuela. Talvez porque os radicais da ultraesquerda sempre se considerem donos da história, a “vanguarda do proletariado” que conduziria a um socialismo inevitável. Só que a mesma história já soterrou seus valores na lata do lixo. Mais curioso ainda querer tratar de história gaúcha, **justamente estes grupos que abominam os valores do tradicionalismo gaúcho**, fortemente ligado ao campo e à imensidão das coxilhas. É bom que saibam de antemão que não pegarão o povo gabrielense despercebido. A terra de São Gabriel, que sempre foi chamada de “Atenas Riograndense” pelo brilho intelectual de sua gente, tem um povo que conhece a história, e que não permitirá abusos em nome de uma ideologia autoritária, ultrapassada e que rejeita os valores do gaúcho. (TEIXEIRA, 2006, grifos meus)¹⁰⁰.

Cabe ressaltar que as organizações, que há pouco mais de três anos haviam estado em São Gabriel com uma postura agressiva e que haviam sido repudiados pela população destacadas no texto fazem menção ao acampamento na Fazenda Southal em 2003, quando 800 famílias sem-terra deslocaram-se de diversos acampamentos no Estado para pressionar a desapropriação da referida propriedade. Eram 13 mil hectares e uma dívida que somava 37 milhões de reais junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), à Fazenda Nacional e ao Banco do Brasil (OLIVEIRA e PINHEIRO, 2012).

Nessa ocasião, ruralistas ligados ao movimento “Alerta, esta terra tem dono”, com apoio de outros ruralistas do Estado, uniram-se em defesa do latifúndio. Em agosto do mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu os efeitos de desapropriação da área e os Sem-Terra partiram para a “Marcha ao Coração do Latifúndio”, que não conseguiu chegar ao seu destino devido aos bloqueios de estrada e a contramarcha dos ruralistas de várias regiões do Rio Grande do Sul. Na ocasião, um manifesto fascista e ameaçador foi distribuído (BRUM, 2006; OLIVEIRA e

¹⁰⁰ TEIXEIRA, Tarso. Sepé Tiaraju: Che Guevara de cocar? Texto recebido por e-mail em fevereiro de 2006 e transcrito por Brum (2007).

PINHEIRO, 2012).

GABRIELENSES DIZEM NÃO A INVASÃO E AOS SEUS APOIADORES

Povo de São Gabriel, não permita que sua cidade tão bem conservada nesses anos, seja agora maculada pelos pés deformados e sujos da escória humana. São Gabriel, que nunca conviveu com a miséria, terá agora que abrigar o que de pior existe no seio da sociedade. **Nós não merecemos que essa massa podre, manipulada por meia dúzia de covardes que se escondem atrás de estrelinhas no peito, venham trazer o roubo, a violência, o estupro, a morte. Estes ratos precisam ser exterminados. Vai doer, mas, para grandes doenças, fortes são os remédios.** É preciso correr sangue para mostrarmos nossa bravura. Se queres a paz, prepara a guerra, só assim daremos exemplo ao mundo que em São Gabriel não há lugar para desocupados. Aqui é lugar de povo ordeiro, trabalhador e produtivo. Nossa cidade é de oportunidades para quem quer produzir e não há oportunidades para bêbados, ralé, vagabundos e mendigos de aluguel. Se tu, gabrielsense amigo, possuis um avião agrícola, pulveriza à noite 100 litros de gasolina em vôo rasante sobre o acampamento de lona dos ratos. Sempre haverá uma vela acesa para terminar o serviço e liquidar com todos eles. Se tu, gabrielsense amigo, és proprietário de terras ao lado do acampamento, usa qualquer remédio de banhar gado na água que eles usam para beber, rato envenenado bebe mais água ainda. Se tu, gabrielsense amigo, possuis uma arma de caça calibre 22 atira de dentro do carro contra o acampamento, o mais longe possível. A bala atinge o alvo mesmo a 1200 metros de distância.

FIM AOS RATOS. VIVA O POVO GABRIELENSE. (ALERTA, ESTA TERRA TEM DONO, 2003, grifos meus).

Apesar de todo esse conjunto de circunstâncias, a celebração dos 250 anos da morte de Sepé aconteceu. Um acampamento no Parque Farroupilha, em São Gabriel, recebeu aproximadamente 5000 pessoas, entre os dias 4 e 7 de fevereiro de 2006; entre os grupos organizados destacavam-se comunidades indígenas do centro sul do Brasil, Argentina e Paraguai, quilombolas, acampamento da Juventude¹⁰¹, Via Campesina e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Entre fóruns e debates sobre a vida e o legado de Sepé, a experiência missioneira, teatros, música, visitas aos acampados, exposição e venda de artesanatos, o ambiente era de disputa sobre os possíveis agenciamentos de Sepé (BRUM, 2007).

No dia 6 de fevereiro, um grande ato popular no Caiboaté – atual distrito de Tiaraju, onde foram assassinados os 1500 guaranis na Guerra Guaranítica – foi marcado por uma celebração indígena em guarani e encerrado por uma grande chuva. No dia 7 de fevereiro, uma marcha dos movimentos sociais seguiu do trevo da cidade à Sanga da Bica – local onde Sepé Tiaraju tombou. O evento foi encerrado com uma mística indígena e homenagens de autoridades e representantes dos movimentos sociais ao guerreiro (BRUM, 2007).

¹⁰¹ Tais acampamentos foram organizados para os Fóruns Sociais Mundiais. Esse acampamento de 2006, foi organizado pelo Levante Popular da Juventude (LPJ) e conseguiu agregar em torno de 450 jovens do meio rural e do meio urbano. O LPJ é uma organização atuante no Estado do Rio Grande do Sul que agrega jovens de vários movimentos sociais, grupos culturais e estudantes. Embora seja um movimento de âmbito nacional, cada Estado produziu uma dinâmica própria de organização; no Rio Grande do Sul, as reivindicações giram em torno de educação, trabalho e cultura (SILVA e RUSKOWSKI, 2010, p.31.32).

Nessa mesma ocasião, foi erguido o monumento em homenagem à Sepé e à luta Guarani na Sanga da Bica, as sete estacas representando os Sete Povos das Missões que elevavam a Cruz Missioneira, simbolizando o massacre do Povo Guarani e a devastação de seus territórios e cidades missioneiras (LIEBGOTT, 2009).

O monumento, construído voluntariamente por militantes e simpatizantes da causa indígena, havia sido abençoado por centenas de pajés, Karaí e Kunhã Karaí de comunidades Guarani do Brasil, Argentina e Paraguai. Debaixo dele, rezaram pelos seus mortos, debaixo dele, rezaram pelo futuro dos Guarani, de seus descendentes e de todos os demais povos. Rezaram por justiça, paz e solidariedade. Rezaram para que os homens e mulheres vivam nesta terra de maneira que a "terra sem males" seja construída através do amor e da fraternidade. O monumento já era um espaço sagrado no modo de ver dos líderes religiosos indígenas e como tal também era percebido e visto pela população simples e religiosa de São Gabriel, bem como dos romeiros que por ali passavam para orar em memória do líder indígena que lutou e morreu defendendo as terras gaúchas. (LIEBGOTT, 2009).

Esse monumento foi derrubado entre 2009 e 2010, o que gerou revolta entre os bicicleteiros e os indígenas. Um artigo, na página do CIMI, trouxe o depoimento de Karaís sobre o fato: “os Juruá¹⁰² não querem os Guarani por perto, por isso destruíram o monumento, foi mais uma violência, mas isso não apaga a nossa memória” (Sr. Adolfo, Karaí, 94 anos). Já Dona Laurinda (Kunhã Karaí¹⁰³) ressaltou a necessidade dos Guarani se unirem para defender sua cultura, seus costumes e direitos (LIEBGOTT, 2010).

Entre os “Juruá”, o primeiro prefeito do PT no município de São Gabriel, Roque Montagner, junto a militantes, historiadores e devotos de Sepé, construíram um texto-base para o decreto de desapropriação da área da qual foi derrubado o movimento. No referido texto lê-se:

Para o município de São Gabriel, a desapropriação e a valorização deste chão onde ocorrerão erguimentos de futuros monumentos é fixar-se definitivamente dentro da história da formação do Rio Grande do Sul, Brasil e América Latina, pois, hoje, Sepé Tiaraju é reconhecido como símbolo de luta dos povos oprimidos em todo o Continente, fato muito bem demarcado nos festejos dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju. **Este lugar deve se tornar, como já o é atualmente em pequena escala, um lugar de grandes peregrinações, motivo e justificativa fundamental para a desapropriação.**

Observação final: Não é de somenos importância esclarecer que o terreno denominado Sanga da Bica é de propriedade de uma das famílias de latifundiários mais antigas e tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul. Além de titular de inúmeras propriedades, é igualmente proprietária do Castelo de Pedras Altas. Seus atuais descendentes, quando deram por perdida a última eleição de 7 de outubro, prevendo o que poderia acontecer com um governo popular, começaram a agir imediatamente. Começaram por descaracterizar a área aterrando a Sanga da Bica e iniciando no local uma construção. Naturalmente, nada disso interessa ao povo e à nova administração do município. Prevê-se que o decreto de desapropriação vá desencadear um terremoto na cidade e no campo. Isso não assusta aos

¹⁰² Juruá é como os Guarani referem-se aos não índios ou brancos. É traduzido como “aquele que fala demais”. (DENARDI, 2012; MARQUES, 2012, p.113).

¹⁰³ De acordo com Roberta Pôrto Marques (2012, p.98), “o xamã, a liderança religiosa mbyá-guarani, é denominada karaí, caso seja homem, e kunhã karaí, se for mulher.”.

que estão decididos a desapropriar e a declarar área pública o lugar em que Sepé Tiaraju tombou. Sepé, além de canonizado pelos índios no dia mesmo em que foi martirizado, foi novamente canonizado pelos movimentos populares em 2006, e é hoje, por lei estadual e federal, proclamado herói guarani, missioneiro, rio-grandense e também brasileiro. Se até prédios em que houve torturas estão sendo desapropriados “*ad perpetuam rei memoriam*” (para a perene memória do fato), quanto mais um lugar sagrado para índios, rio-grandenses e brasileiros. (CECHIN, 2013, grifos meus).

É nesse contexto, que, ao propor uma etnografia da referida comemoração, Brum (2007) percebe e analisa que as divergências em torno da figura de Sepé:

põem em relevo o seu valor simbólico na construção das identidades regionais sulinas, uma vez que, por um lado, o gauchismo integra sua figura aos seus discursos, designando-o como “primeiro caudilho rio-grandense”, “fundador de uma genealogia de bravos”. Por outro lado, existem disputas pelo poder de nomeá-lo como “bandeira” de transformações sociais no Estado. (BRUM, 2007, p. 11).

Ainda de acordo com a autora, São Gabriel representa o espaço e lugar de memória das Missões. É ali que se inicia a “devoção popular indígena” direcionada à luta pela terra no seio da própria Igreja, uma luta passada, reatualizada pelas CEBs e ritualizada na Romaria da Terra, que se apropria da identidade de Sepé aos interesses dos despossuídos (BRUM, 2006; AYDOS, 2004).

As divergências em torno de Sepé, mais do que pôr “em relevo o seu valor simbólico na construção das identidades regionais sulinas”, assumem posicionamentos contrários no contexto em que se inserem. Sepé, mais do que símbolo da luta pela terra, empodera aqueles que lutam por ela. Na mesma linha, São Gabriel, mais do que um local de memória das Missões, é um local no qual a luta pela terra se atualiza, pois é nessa mesma terra que os expropriados e os senhores de grande propriedade rural “voltam ao combate”. O município de São Gabriel imprime em seu território histórias de luta: os Sete Povos das Missões (1750), a Revolução Farroupilha (1840), já que foi sede do governo da República Rio-Grandense, e as atuais disputas pela terra, como a ocupação e a marcha do MST na Fazenda Southall (2003).

Elton Brum (1965-2009), integrante do MST, 253 anos depois da Guerra Guaranítica, Elton Brum (1965-2009), assim como Sepé, foi assassinado durante uma reintegração de posse na referida fazenda. Lutando contra a expropriação e a favor da reforma agrária, Elton foi baleado pelas costas, com um tiro de calibre 12 que partiu da Polícia Militar, crime até hoje impune, mesmo com a confissão do autor do disparo. É nesse sentido que a Romaria da Terra, a celebração dos 250 anos da morte de Sepé e a bicicletada no Caminho de Sepé ritualizam a romaria dos excluídos ao “coração do latifúndio”, prosseguindo a luta dos Guarani e atualizando a luta dos movimentos sociais por reforma agrária.

As comemorações em torno dos 250 anos da morte de Sepé, em 2006, propiciaram um

contexto para a formação da I Bicicletada nos “Caminhos de Sepé”, em 2007, reunindo jovens da periferia urbana em torno da celebração da mística de Sepé para percorrerem de bicicleta o percurso que Sepé fez antes de sua morte, na Sanga da Bica, e se embeberem nesse espírito de luta, como relatou Irmão Antônio, no mesmo ano, em entrevista ao IHU:

Nós desencadeamos um processo que não para mais. Por exemplo, acabamos de realizar, na semana passada, uma bicicletada com um grupo de 50 jovens desde Rio Pardo até São Gabriel, num total de 280 quilômetros. A maioria era de jovens do meio urbano, jovens excluídos. Havia catadores, índios, rapazes e moças, quilombolas, etc. Tudo em função da mística de luta de Sepé. Pretendemos, com essa inauguração do “Caminho de São Sepé”, realizado pela primeira vez, repetir isso regularmente com grupos de jovens. Depois de cursos de formação de lideranças, como uma espécie de noviciado de preparação próxima para os embates da transformação deste nosso país, queremos realizar sempre uma bicicletada para se embeber no espírito de luta que empolgou nosso herói missioneiro. (CECHIN, entrevista IHU, 2007).

De acordo com Roberto Liebgott, tanto a bicicletada quanto o encontro entre os Guarani surgem numa perspectiva de pensar “o que vamos fazer além disto que está acontecendo?”, no intuito de manter a mística de Sepé e de propor um espaço no qual se reúnem diferentes segmentos – indígenas, quilombolas, agricultores, ciclistas, pastorais, CIMI – para refletir sobre as suas questões: demarcação de terras, políticas públicas, preservação do meio ambiente, justiça social. “Cada segmento tem sua especificidade, sua política, sua luta e a ideia é de, nesses espaços, estar integrando e somando forças para que não sejam lutas isoladas, que elas estejam dentro de um contexto que pensa justiça social para todos” (Roberto, CIMI, entrevista, 2013).

Nessa mesma perspectiva, para os ciclistas, pedalar a última rota de Sepé é anunciar boas novas, denunciar as injustiças e propor uma pauta de lutas conjuntas e “de massa” entre o mundo urbano e o mundo rural. Desde então, indígenas e ciclistas promovem seus eventos em São Gabriel, em torno do dia 7 de fevereiro, dia da morte de Sepé, e no local onde se deram grandes enfrentamentos para os Guarani e por reforma agrária.

A bicicletada só não aconteceu no ano de 2008, ano do Seminário de comemoração dos 80 anos de Irmão Antônio e ano em que a pedalada coincidiu com a Romaria da Terra (carnaval, 5 de fevereiro) e em 2014, visto que os Guarani não haviam realizado o encontro em São Gabriel. Aliás, outros roteiros de bicicletada foram inseridos no “Caminho de Sepé”, dentre os quais, os do centro de Porto Alegre à Ilha Grande dos Marinheiros; do centro de Canoas ao Parque Paquetá e do bairro Harmonia à Praça Imaculada Conceição, também em Canoas.

Atualmente, mantém-se o Comitê Sepé Tiaraju no município de Canoas, que discute a reconstrução da história do Rio Grande do Sul a partir da história indígena dos Sete Povos das

Missões e de Sepé Tiaraju para fomentar a mobilização e organização social na periferia da Região Metropolitana de Porto Alegre. Segundo Pilato Pereira (2010) que acompanha o Comitê,

Este regate das raízes missioneiras não foi uma coisa imposta, mas um despertar de algo que já estava presente no sangue dos índio-descendentes Guarani, sobreviventes nas periferias urbanas. Estas raízes históricas não podem ser sufocadas. Elas devem ser resgatadas para garantir a vida e a dignidade humana. É importante também frisar a dimensão ecológica na cultura Guarani e indígena, de um modo geral. Mais do que recordar em momentos de debate e reflexão, é preciso despertar no cotidiano a herança guaranítica nas comunidades como elemento de mobilização e organização popular. (PEREIRA, 2010).

Dessa maneira, a bicicletada no Caminho de Sepé, assim como a Romaria das Águas, propõe a aliança de grupos e rituais contíguos, não no sentido de formar unidade, mas de reunir diferentes segmentos sob o tema da reforma agrária, da luta pela terra. Essa reunião que se dá a partir de lógicas segmentares (GOLDMAN, 2006) propicia um espaço de diálogos, construções, criações, disjunções e divergências, no qual são estabelecidas relações diplomáticas pautadas na possibilidade de composições de mundos comuns (ORO e ANJOS, 2009) entre as lutas, os segmentos e as divindades.

O que é interessante notar aqui é que a a agência de Sepé Tiaraju no contexto da bicicletada, provoca disjunções, mas, mais que isso, rompimentos, na medida em que protagoniza a luta pela terra e a reforma agrária como principal bandeira de luta sob o “empoderamento” desse combatente versus a propriedade privada do latifúndio. O Caminho de Sepé expõe uma situação na qual não é possível a composição de mundos, uma situação na qual nem todas as composições são passíveis de acontecer.

Louvor a Sepé Tiaraju
Autor: Barbosa Lessa

Nas Missões dos Sete Povos
Nasceu um dia Sepé
Trazendo uma cruz na testa
Cicatriz sinal da fé
Quando o sol batia nele
Essa cruz resplandecia
Por isso lhe deram o nome
Tiarajú, a luz do dia.

Quando o exército de Espanha
E Portugal chegou aqui
Para expulsar os Sete Povos
Toda gente Guarani
Tiaraju, que era cacique,
Reuniu os seus guerreiros
E, sem medo dos canhões,
Atacou só com lanceiros.

Tiaraju morreu peleando
No arroio Caiboaté
Mas, depois, noutro combate
Todos viram São Sepé
Que vinha morrer de novo
Junto à gente Guarani
Pra embeber seu sangue todo
Neste chão onde eu nasci.

Mais um valente guerreiro
A morrer pelo seu pago
É por isso que seu nome
Pro Rio Grande é sagrado
São Sepé subiu pro céu
E sua cruz ficou no azul
Cai a noite, ela rebrilha
Ele é o Cruzeiro do Sul.

Sepé Tiaraju
Sepé Tiaraju

CAPÍTULO 4 – NO CAMINHO DE SÃO SEPÉ TIARAJU: “a pedalada é a união das espiritualidades dos movimentos”

Neste capítulo apresento o Caminho de Sepé, os encontros e desencontros, as atividades, as místicas, as rotas e o percurso ao longo de aproximadamente 300 km de trajeto. Como já destacado anteriormente, o Caminho de Sepé é uma peregrinação ciclística que acontece entre os dias 1 e 7 de fevereiro, que vai de Rio Pardo a São Gabriel, municípios entre os quais se localiza a última rota percorrida por Sepé Tiaraju antes de sua morte na Guerra Guaranítica, junto a 1500 outros indígenas Guarani que lutaram contra o exército luso-hispânico.

A “última rota” de Sepé refere-se à sua fuga do Forte de Rio Pardo, também conhecido como Tranqueiras, e seu itinerário até São Gabriel, onde foram travadas as últimas Batalhas da Guerra Guaranítica, cabendo ressaltar que não se busca aqui seguir um espaço-tempo fiel ao da história. Seguimos caminhos interiores entre as cidades de Rio Pardo e São Gabriel com, aproximadamente, quarenta pessoas, dentre elas, metade jovens e/ou adolescentes.

Como já destacado anteriormente, embora o Caminho de Sepé tenha sido criado para percorrer essa rota, as edições da pedalada não se resumem à última rota de Sepé apenas, mas estendem-se a outros roteiros, menores, e a bairros de Porto Alegre e Canoas. Essas edições menores seguem dentro da mesma proposta e dão continuidade às edições do evento.

Seguindo a trilha da possibilidade de composição de mundos (ORO e ANJOS, 2009) a partir de questões sociais, ecológicas e interreligiosas, depois de apresentar as limitações na construção dessa trama (capítulo 3), retomo aqui os segmentos que se conectam, argumentando que o “Caminho de São Sepé” é um ritual que conecta grupos, movimentos e lutas contíguas, nas quais as questões acerca de terra e território, ecologia e justiça social se tocam por um lado, de forma criativa e na perspectiva de que uma suposta unidade possa ser ampliada. Ao acompanhar o processo, o que fica evidente é que, embora seja possível reconhecer na luta do “outro” pontos comuns de reivindicação, não é possível propor uma unidade de luta, particularmente no que diz respeito às categorias de terra e território.

Da mesma maneira que na Romaria das Águas, a proposta desse ritual é relacionar o

cosmos à política, e Sepé Tiaraju, como já discutido anteriormente, tem um papel espiritual e político no evento. É a partir de sua agência que uma série de diferentes visões de mundo acerca de seu mote principal, a luta pela terra, são expressadas e compartilhadas no contexto dessa pedalada, permitindo aos seus participantes uma capacidade de organização política não normativa, mas de produção conjunta de compromisso com a causa do outro (STANGERS, 2004).

O principal objetivo da pedalada é conhecer a história de São Sepé Tiaraju e realizar o último trajeto por ele percorrido. “O Caminho de Sepé Tiaraju” busca fomentar o protagonismo juvenil – especialmente de jovens das periferias urbanas (Porto Alegre e Canoas) – na construção de um novo mundo e promover a bicicleta como meio de transporte saudável, ecológico e econômico. Para tanto, a metodologia de trabalho utilizada para a construção da pedalada consiste no método do “Ver, Julgar e Agir”, com base na proposta da Teologia da Libertação, em que assume centralidade o diálogo, a partilha e a cooperação mútua. Dessa forma, a atividade contempla ações como troca de saberes com quilombolas, comunidades rurais, agricultores, indígenas, estudantes e cidadãos dos municípios pelos quais passamos e onde pernoitamos.

Durante minha experiência em campo pude acompanhar duas edições do Caminho de São Sepé, respectivamente, a IV Bicletada por Uma Vida Saudável (2011) e a 10ª Peregrinação Ciclística e Popular em Busca da Terra Sem Males (2013). Nas duas, fiz parte da organização do trabalho escrevendo projetos, acompanhando reuniões, definindo roteiros e planejando atividades com os jovens.

Ao longo do percurso, são propostas reflexões acerca das relações humanas com a natureza, do uso e exploração do solo, da água, do ar. Para Senilda, as pedaladas no Caminho de Sepé nos “desafiam a **refletir** sobre o nosso planeta e o que **devemos** fazer”, “**ver** plantações de transgênicos e as fontes secas e poluídas nos mostra que a terra está morrendo mesmo e que a vida está comprometida”. O ponto alto do evento, para ela, é poder ter a companhia dos indígenas conosco, nos contando como era e como deve ser a natureza (Senilda, Herdeiros de Sepé, entrevista, 2013, grifos meus).

Ainda é pertinente destacar aqui, que parto do princípio de que o movimento é elemento central nesse contexto, pois amplia o campo de ação do peregrino uma vez que este

se engaja pessoal e corporalmente na peregrinação¹⁰⁴. Sendo assim, ao sermos acolhidos por simpatizantes da pedalada nas cidades, distritos, bairros, vilas e localidades pelas quais passamos, como “heróis”, companheiros e aliados da mesma luta, criamos vínculo entre os segmentos que lutam pela terra, mas também criamos espaço para que novos elementos sejam engajados nessa luta.

4.1 – Pedalando com Sepé: formação e mística

*Pedalando, pedalando, pedalando com Sepé,
Pedalando, pedalando eu aumento a minha fé.*
(Trecho de uma música composta por Senilda durante a pedalada).

No dia 1 de fevereiro de 2011, saímos do Galpão de Reciclagem Profetas da Ecologia¹⁰⁵. Enquanto esperávamos o ônibus e o caminhão, muita gente se reunia – jovens, adolescentes, homens, mulheres, indígenas Kaingang – muitas bicicletas, muitos colchonetes. Meninos e meninas andando de bicicleta para todo lado. Uma prensa de lixo funcionando, enfardando materiais semelhantes, como plástico e papel.

Irmão Antônio, Senilda e Juca fizeram algumas falas, saudando e animando o pessoal. As falas não eram sobre Sepé, mas sobre o galpão de reciclagem e faziam referência a esse trabalho como um ofício de “limpeza do planeta”, destacando fatores como a responsabilidade nele envolvida, o valor a ele agregado, bem como o descaso com que é percebido pela sociedade e o Estado. Eles saudavam os participantes que vinham das Ilhas – Ilhas das Flores e Ilha Grande dos Marinheiros –, do Morro da Cruz, dos bairros Mathias Velho, Harmonia e Vila Santo Operário, em Canoas, espaços que foram, em geral, ocupados em períodos anteriores. Irmão Antônio apresentava a importância da “ocupação dos espaços”, relacionando a ação à história bíblica de José e Maria, pais de Jesus, que ocuparam um

¹⁰⁴ Steil (2003), ao traçar uma análise entre turistas e peregrinos, aponta momentos importantes nos estudos sobre peregrinação. Dentre estes, o autor enfoca a passagem de estudos de peregrinações focadas na chegada ao destino da peregrinação, como nas coletâneas de Victor e Edith Turner (1978), nos estudos focados no caminho, no trajeto da peregrinação em si, já que atualmente mobilidade é uma das formas de habitar o mundo. A mudança de enfoque nos estudos aponta as mudanças no ponto de vista do peregrino em relação à sua percepção do local, da paisagem, de sua mobilidade, ou seja, em seu engajamento pessoal e corporal.

¹⁰⁵ Profetas da Ecologia é o nome do Galpão de Reciclagem situado na Rua Voluntários da Pátria, próximo à Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes.

estábulo para Maria dar à luz. Questionava: “por que não ocupar essa terra?”, salientando, desde o início, o tema principal do encontro: a luta pela terra.

Dentre os participantes da bicicletada, muitos vieram de bairros constituídos como ocupações urbanas, como é o caso dos participantes das Ilhas e de Canoas. Nas Ilhas, como destacado no capítulo 1 desta tese, um processo de ocupação irregular para moradia iniciou-se no final da década de 1960, processo atualmente revisto pela duplicação da Ponte sobre a Ilha Grande (BR 116), que, em andamento, prevê a remoção e realocação de aproximadamente 850 famílias da referida Ilha. Dentre os desabrigados da Ilha Grande, destaca-se Nossa Senhora das Águas e o Galpão de Reciclagem da Ilha Grande dos Marinheiros, como ressalta a reportagem do Diário Gaúcho de 4 de junho de 2014¹⁰⁶.

Já o bairro Mathias Velho, em Canoas, assim como bairros e vilas adjacentes (Vila Santo Operário, Bairro Harmonia e Vila União dos Operários, dentre outros) realizaram um processo histórico de ocupação urbana. Tal processo se deu no final dos anos 1970, a partir de um forte êxodo rural em busca de trabalho no Polo Petroquímico de Canoas ou na capital do Estado devido à sua proximidade (aproximadamente 20 km de distância). É importante destacar aqui que tal ocupação se deu via organização popular, com forte protagonismo das CEBs e da Igreja Libertadora, no qual se pautava uma luta por trabalho, moradia e renda para uma população provinda do êxodo rural¹⁰⁷.

O próprio Galpão de Reciclagem no qual nos encontrávamos, o Profetas da Ecologia, havia sido conquistado a partir da ocupação daquela área por um grupo de catadores em meados dos anos 2000, área que posteriormente foi cedida para o trabalho de reciclagem pelo prefeito na época, Tarso Genro (PT/RS). Também cabe destacar aqui a recente negociação entre o coletivo de Reciclagem Anitas – Mulheres em Luta, a Associação Caminho das Águas e o Governo do Estado do RS para ocupação e uso de um prédio estatal desativado para fins de reciclagem e atividades afins. A “ocupação de elefantes brancos”, como destaca Irmão Antônio, também é uma proposta de reforma agrária para a zona urbana.

¹⁰⁶ <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2014/06/construcao-da-nova-ponte-do-guaiba-vai-deixar-moradores-sem-trabalho-lazer-e-fe-4517166.html>. Acesso em junho de 2014.

¹⁰⁷ Para maiores informações sobre o tema, conferir: MACHADO, O. K. As CEBs e a educação libertadora: a formação popular no Bairro Mathias Velho Canoas. **Revista História & Luta de Classes**, v. 8, p. 1-100, 2012; MACHADO, O. K.; BIASOLI, V. O. F. As CEBs no Rio Grande do Sul: uma Igreja com base popular e sua contribuição na organização do movimento comunitário do bairro Mathias Velho, no município de Canoas / RS (1978-1988). **Revista Latino-Americana de História** - RLAH, v. 1, p. 1-681, 2012.

Após esse momento, Juca pontuou coisas práticas, como o que levaríamos no ônibus e o que ficaria para ir no caminhão, e Senilda encerrou o momento cantando a música de Sepé, o poema de Barbosa Lessa musicado (poema que abre este capítulo). O momento era de saudação, de apresentação das propostas que ali se encontravam.

Ônibus carregado, partimos rumo a Rio Pardo. A primeira parada deu-se na Fonte Seca, em Pântano Grande/RS. A Fonte Seca, na entrada da cidade, é um local de referência de parada para caminhoneiros e viajantes em geral; cogitou-se, naquele momento, até uma parada de Sepé na bica de água que ali encontrava-se e hoje está seca. Nesta parada, nos esperavam Oldi e Maurício, ambos da CPT da Diocese de Santa Cruz do Sul/RS e da Escola de Jovens Rurais (EJR), na região de Rio Pardo. Sob a chuva, paramos para uma conversa sobre o ambiente ao redor: monocultura de árvores, empresas rurais, soja transgênica e a fonte que acabou por secar. O momento chamava a atenção dos jovens para o fato de que o debate entre “agronegócio e natureza” terá que ser continuado por eles e a ação começa assim, “olhando para os processos”. Oldi lembrou que desde 2010, os ciclistas passam por ali e, em 2012, essa “preocupação” com a fonte já havia sido divulgada em pequenos jornais locais. É comum que, desse ponto, inicie-se a pedalada até Rio Pardo, porém, devido à chuva, seguimos de ônibus.

Em Rio Pardo/RS, nossa estada foi no Seminário Jesus Maria José. O lugar, que anteriormente havia sido um convento, hoje é um espaço de eventos mantido pela Prefeitura, bem agradável, com amplo jardim, dormitórios, espaço para convenções, cozinha e sala de jantar. Algumas freiras administram o espaço. Nossa parada foi dedicada à formação e mística. Essa parada seria uma das mais importantes, pois a preocupação era sairmos a pedalar politicamente embasados e sensibilizados por questões ambientais e sociais, para nos conhecermos.

Assim, depois de jantarmos, passamos por um “corredor de sensibilização”, a fim de aguçar os sentidos dos participantes para além da visão – tato, olfato, som e paladar. Para essa atividade, utilizamos o porão do prédio e selecionamos um conjunto de objetos – plantas, sementes, flores, doces, salgados, plásticos, tecidos – que despertassem gostos, cheiros, sons e sensações. Em duplas, as pessoas eram vendadas e guiadas por alguém (que estava sem venda nos olhos), enquanto eram feitas pequenas paradas para que todos pudessem provar dessas sensações. Ao sairmos do corredor, em volta de uma fogueira, fomos separados em quatro

grupos: água, terra, fogo e ar, elementos da natureza que propiciariam uma reflexão sobre a relação entre o meio ambiente e a bicicletada. A partir dessa reflexão, a proposta era produzir uma música ou uma pequena esquete de teatro para apresentarmos nosso grupo na manhã seguinte.

Fui alocada no grupo do elemento ar, cuja reflexão se deu em torno de sua invisibilidade, porém onipresença e interdependência entre os outros elementos: “sem ar não há fogo, não há vida na terra, nem na água”. Sobre a relação entre meio ambiente, bicicletada e o elemento ar, chegamos à conclusão de que pedalar é cuidar da atmosfera, uma vez que não provocamos poluição por meio da queima de combustíveis.

No dia seguinte, após o café da manhã, assistimos ao filme “As quatro ecologias”, de Leonardo Boff, que trata sobre a evolução da vida na Terra, sobre as grandes construções e as grandes devastações produzidas pelo homem. A música “A lista”¹⁰⁸ de Oswaldo Montenegro propôs uma reflexão individual sobre o tempo e a vida de cada um. E uma pergunta orientadora, “quais as semelhanças e as diferenças na relação entre os colonizadores e os indígenas e na relação entre a bicicletada e as pessoas que encontramos no caminho?” foi dialogada em pequenos grupos e as respostas, compartilhadas com todos. Oldi preparou, no grande salão, um espaço para nossas apresentações, com a bandeira do MST, sementes, plantas medicinais, bonés, jornais da CPT e um quadro de Sepé acorrentado.

Os indígenas Kaingang também tiveram um momento especial para se apresentarem naquela ocasião. Eles eram do município de Lageado e comentaram sua situação, as perdas dos direitos indígenas, poluição, desmatamento, entre outras situações. Para os Kaingang, a bicicletada é uma oportunidade de reviver uma luta de seus ancestrais, embora não do mesmo grupo, mas da mesma etnia – “eles guaranis, nós kaingangs, mas todos desrespeitados pelos brancos”. Seu Francisco, cacique da aldeia na ocasião, lembrou que, atualmente, vamos de

¹⁰⁸ Faça uma lista de grandes amigos/Quem você mais via há dez anos atrás/Quantos você ainda vê todo dia/Quantos você já não encontra mais/Faça uma lista dos sonhos que tinha/Quantos você desistiu de sonhar!/Quantos amores jurados pra sempre/Quantos você conseguiu preservar/Onde você ainda se reconhece/Na foto passada ou no espelho de agora/Hoje é do jeito que achou que seria?/Quantos amigos você jogou fora/Quantos mistérios que você sondava/Quantos você conseguiu entender/Quantos segredos que você guardava/Hoje são bobos, ninguém quer saber/Quantas mentiras você condenava/Quantas você teve que comer/Quantos defeitos sanados com o tempo/Eram o melhor que havia em você/Quantas canções que você não cantava/Hoje assobia pra sobreviver/Quantas pessoas que você amava/Hoje acredita que amam você/Faça uma lista de grandes amigos/Quem você mais via há dez anos atrás/Quantos você ainda vê todo dia /Quantos você já não encontra mais/Quantos segredos que você guardava/Hoje são bobos, ninguém quer saber/Quantas pessoas que você amava/Hoje acredita que amam você/ (Oswaldo Montenegro).

bicicleta, mas Sepé e seus companheiros atravessaram essas terras a cavalo, em defesa do seu território, “tem que pedalar se lembrando do espírito de Sepé Tiraju”, relatou.

Os dois livros sobre Sepé Tiaraju lançados pela Câmara dos Deputados: 1) “Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro” (2010) e 2) a mesma história, em quadrinhos, “Sepé Tiaraju: o índio, o homem, o herói” (2010), ambos da série Obras Comemorativas/Personalidades, foram distribuídos e autografados pelo Irmão Antônio. Ambos os livros apresentam a história de Sepé e das Missões e os Projetos de Lei que o transformaram em herói brasileiro, ao lado de Zumbi dos Palmares, entre outros, porém um deles, em versão texto, outro, em versão de história em quadrinhos.

O Levante Popular da Juventude (LPJ), movimento social que se define como “uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade”, atuando a partir do movimento estudantil, das periferias e dos centros urbanos e dos setores camponeses (LPJ, 2014), relembrou, como um dos marcos iniciais do movimento, o evento de homenagem aos 250 anos da morte de Sepé (2006), um momento no qual tiveram a oportunidade de se reunir e pautar a luta na organização da juventude urbana e rural.

Os Herdeiros de Sepé, grupo de ciclistas e atores de Canoas/RS, lembraram a formação do grupo, que se deu a partir da pedalada de 2010. Relembrou também as pedaladas realizadas em Canoas, salientaram os desafios e as dificuldades para estarem presentes e o compromisso de estarem ali, para além de ciclistas, mas como jovens interessados na luta e “loucos por teatro”. Numa produção conjunta com o Grupo de Teatro Pode Ter Inço no Jardim (Canoas/RS), durante todo o trajeto, esses jovens e adolescentes apresentaram a peça de teatro “Sepé Tiaraju: herói rio-grandense”. “A gente entende que isso *[o grupo, o teatro]* vem de um processo que começou aqui, nós não somos ciclistas que passeiam, mas que refletem”, afirmou Senilda (fig. 15).

Figura 15 – Encenação da peça “Sepé Tiaraju: herói rio-grandense” em São Sepé/RS.



Autora: Stella Pieve

Em seguida, Miguel¹⁰⁹ e Sandra, ciclistas profissionais, deram instruções para a pedalada: uso da sinalização, como distribuir as bicicletas nas estradas, as distâncias necessárias entre um ciclista e outro, quais as marchas usadas para subir e para descer, o papel do ônibus naquela ocasião, o papel do caminhão, enfim, como seria a organização das mais de trinta bicicletas que se movimentariam pela estrada. Antes de encerrar, Miguel fez uma reflexão sobre o que é pedalar. Para ele, a bicicleta é mais que um transporte, “[pois] é atitude, educação, somos exemplos para os outros”, declarou. “Pedalamos aqui para além de nós, para

¹⁰⁹ Em setembro de 1992, Miguel Lawish chegou a Los Angeles, 1 ano e 25 dias depois de pedalar 18.250km. Ele percorreu toda a costa brasileira, depois Venezuela e Colômbia, seguiu para a América Central, passando por Panamá, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Guatemala, México e entrou nos Estados Unidos da América pelo Arizona, indo até a Califórnia. (http://www.santaciclismo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=64&Itemid=41. Acesso em março de 2011).

Sepé também, mas esse exemplo vai ser referência e promoção da bicicleta para a adesão de novos ciclistas nas cidades”.

Chegada a hora de partir, Dom Sinésio, Bispo de Santa Cruz do Sul, deu-nos a “bênção de envio”: “São Sepé, rogai por nós!”, e saímos em direção ao Forte Jesus Maria José¹¹⁰, local também conhecido como Tranqueiras, presídio de onde Sepé teria fugido para encontrar seus companheiros em São Gabriel. Atualmente, nesse terreno, funciona a CORSAN. No local, um monumento a Sepé marca o início da bicicletada, a largada oficial.

Reunidos próximos ao monumento, conversamos sobre Sepé. O secretário municipal de Turismo acompanhou-nos, contou-nos sobre o monumento a Sepé, incluído na rota turística do município, e a importância de, juntos, ali, reavivarmos a memória e reativarmos lugares históricos de uma cidade tão antiga quanto Rio Pardo – umas das quatro cidades mais antigas do Estado.

Sentamos em roda para ouvir Irmão Antônio, que se preparava para narrar um trecho da primeira parte do livro “O Continente”, “A Fonte”. O Continente faz parte da série “O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo (1949), e A Fonte traz episódios ocorridos no território dos Sete Povos das Missões, no século XVIII, inclusive a disputa pelo território entre Guarani e Portugal e Espanha.

Em seguida, passamos a um momento de reflexão, entre as pautas ecológicas: a luta de Sepé pelo direito à terra e à vida, foi destacado por Lúcia, em seu relatório da pedalada:

Irmão Antônio destacou a luta de Sepé e de nossos propósitos atuais de **envolver a comunidade no resgate da luta por justiça, denunciando os envenenamentos** das monoculturas, e, conseqüentemente, das terras e das águas, o **desmatamento** da mata ciliar que leva ao assoreamento dos rios e que faz secar as nascentes. O resgate cultural indígena e quilombola marginalizados e explorados pelo latifúndio que lhes tirou o chão e o alimento, portanto, o direito à vida (LÚCIA¹¹¹, Pastoral da Ecologia, 2011, grifos meus).

É de Rio Pardo que saímos a “pedalar em busca da Terra Sem Males”, “anunciando boas novas”, “denunciando” as diversas formas de exploração, “trocando experiências” e tendo Sepé como inspiração. A bicicleta, além de ser um veículo, uma forma de condução

¹¹⁰ O forte de Rio Pardo foi construído em 1752, justamente para o conflito contra os missionários. Erigido a mando de Gomes Freire, pela sua posição estratégica, recebeu o nome de Jesus Maria José 215. A respeito do evento ocorrido entre guaranis e portugueses, existe a polêmica sobre as duas versões: a lusitana, de que os índios atacaram o forte e foram presos, e a de que foram atraídos para dentro do forte, traídos e aprisionados. Ambas envolvem Sepé diretamente, devido a sua audaciosa fuga. (BURD, 2012, p.57).

¹¹¹ Relatório que Lúcia enviou ao grupo logo depois da bicicletada de 2011 (Março/2011).

desses ciclistas relembando a rota de Sepé antes da batalha final, é o meio pelo qual se propaga a visão de mundo dos que pedalam: a preservação do meio ambiente; atitude, no sentido de assumir um projeto de levar adiante um meio de transporte não poluente e econômico, a memória de Sepé e o compromisso de encontrar, conhecer e trocar experiências com aqueles que encontramos pelo caminho.

O momento de formação e mística traz aos participantes da bicicletada ingresso a um novo espaço de sociabilidade no qual regras e crenças passam a ser compartilhadas (CHAVES, 2000). Leigos e religiosos, indígenas Kaingang, Herdeiros de Sepé, LPJ e ciclistas profissionais passam a se conhecer, apresentar seus propósitos como cicleteiros, conhecer a vida de Sepé Tiraju e “se preparar” para conhecer os “mundos” que encontrarão pela estrada. É nesse sentido que formação e mística pretendem encadear na mesma proposta o mundo que os cicleteiros querem mostrar e os mundos que pretendem conhecer: “vamos organizar nosso ritmo e dinâmica; é importante se comportar e conversar para se ajustar”, alertou Miguel.

No entanto, embora a formação e mística busquem dar sentido a uma proposta única sobre o que é o Caminho de Sepé, à medida que seguimos nossa jornada, novos ritmos, dinâmicas e visões de mundo vão se imprimindo a cada trajeto, a cada parada, a cada diálogo estabelecido e, a partir das múltiplas agências de Sepé, distintas concepções sobre a questão fundiária e sua relação com a natureza passam a integrar a pedalada.

Por fim, cabe ressaltar que, em 2010, foi produzido um vídeo sobre a pedalada. “Caminhos de Sepé: IV Bicicletada por uma vida saudável” foi produzido pela *Flow Filmes*, sob direção e roteiro de Hopi Chapman e Karine Emerich, com apoio da Cáritas Brasileira/Regional Rio Grande do Sul e Eletrobrás/CGTEE e pode ser acessado pelo *link* <https://www.youtube.com/watch?v=JTOW2ad71z0>.

4.2 – Entre ciclistas, equipes e organizadores

Entre os ciclistas, como já observado anteriormente, a maioria era adolescente. Tratava-se de jovens, com toda energia, para os quais a bicicletada se apresentava com um momento de êxtase: a possibilidade de conhecer novos colegas, novas paisagens e de

embarcar em uma aventura deixava-os bastante ansiosos. Ao lado deles, o grupo de ciclistas adultos se dividia entre a responsabilidade e o cuidado para com esses adolescentes e o seu próprio sacrifício como ciclistas peregrinos. Assim, uma série de regras condicionava os períodos de pedalada: fila indiana na pista de asfalto, dois a dois nas pistas de chão, não correr, fazer sinal para virar ou parar, permanecer no acostamento, dentre outras.

No início, essas regras não fizeram sentido. Meninos e meninas corriam na frente, gritavam bastante e acabavam por não “obedecer” às regras, e obedecer às regras implicava em manter a segurança do grupo. Uma conversa séria, em Cachoeira do Sul, com direito a advertências e suspensões daqueles, que “não entrassem na fila”, acalmou os ânimos, e o grupo de ciclistas a partir de então acompanhava um ritmo proposto por Sandra e Miguel, “os guardiões do ritmo da marcha” (CHAVES, 2000, P.56). Sandra, na frente, coordenava a turma, puxava a fila de bicicletas. Miguel cuidava do “corpo” da marcha, dando maior atenção aos que vinham atrás: animava, empurrava, puxava, pedalava junto.

Entre os ciclistas peregrinos, a dimensão de que a pedalada seria uma aventura parecia descartada. Eles estavam ali para serem inspirados pela luta de Sepé, “se embeber” do espírito de luta que alimentava a mística da luta pela terra. Sendo assim, todo o esforço físico de pedalar tomava outro sentido e dava outro sentido ao pedalar: não seria apenas uma viagem, mas uma jornada de transformações dos sentidos, da história e das emoções dos seus participantes. Portanto, enfrentar as dificuldades – o cansaço, o calor, a sede, a chuva –, ignorar as dores e silenciar o sofrimento tornavam-se parte e condição dessa transformação¹¹².

Oldi e Maurício nos acompanhavam com o carro de apoio, levando água, chocolate e mariolas para os ciclistas e sementes crioulas para os agricultores. Zé, o “câmera”, dividia o carro com eles e, volta e meia, éramos filmados. Já Hopi, diretor do documentário, pedalou a maior parte do percurso e, sempre que possível, escalava algumas pessoas para dar um relato para o documentário. O ônibus andava junto, caso alguém quisesse parar, ou, se alguma bicicleta estragasse, o mecânico¹¹³ estava ali, também levava as mudas de araucária – árvore nativa – que eram distribuídas ao longo do caminho (fig. 16). O caminhão geralmente ia na

¹¹² Jill Dubisch, (2004) e Chaves (2000) destacaram o sofrimento e esforço físico em contextos diferentes de romarias e peregrinações. Enquanto Dubisch analisou uma peregrinação motociclística entre os veteranos da Guerra do Vietnã, Chaves acompanhou a Marcha do MST, em 1997. Em ambos os casos, o esforço físico aparece como componente do evento: no primeiro caso como transformação e cura dos traumas causados pela guerra e, no segundo caso, como condição de força, disposição e superação da “luta do povo”.

¹¹³ Um mecânico de bicicletas foi contratado para pedalar conosco.

frente com a equipe da organização. Lúcia ficava no ônibus, e Janaína no caminhão. Irmão Antônio e Matilde não acompanharam todo o percurso, mas parte dele, e geralmente apareciam onde parávamos.

Figura 16 – Parada para consertar bicicletas, Santa Margarida do Sul/RS.



Autora: Stella Pieve

Tive a oportunidade de pedalar, andar no ônibus e até no caminhão. Conheci jovens, homens e mulheres. Quando saí de Porto Alegre, não tinha a menor ideia de quem nos acompanharia. A história de vida desses adolescentes era de muita dificuldade; geralmente estavam associados a projetos sociais da periferia, onde viviam. A maioria daqueles com quem conversei tiveram que parar os estudos para trabalhar. Entre os que não trabalhavam, o tempo era dividido entre a escola e as causas sociais, pois se inseriam nas pautas do LPJ. Era interessante notar que cada grupo levava seus pares, como se estivessem estabelecidas

pequenas coordenações para cada grupo, de forma que era comum a referência a eles pelos seus responsáveis, “os guris do Levante”, “os guris da Senilda” vinham de Canoas, os “guris do Everton”, do Morro Da Cruz, “os guris do Juramar”, das Ilhas, salientando aqui que Everton já foi “guri do Juca”.

Senilda e Solene são amigas desde adolescentes e ajudaram a criar e organizar as CEBs em Canoas, onde acompanharam muitas ocupações urbanas, na Vila Santo Operário, em companhia de Irmão Antônio e Matilde. Senilda desenvolve projetos sociais com crianças e adolescentes e trabalha na subprefeitura do bairro onde vive, Harmonia em Canoas. Solene é sua vizinha. Estelinha, também de Canoas, é vizinha das duas. Os filhos das três são colegas de bairro, de colégio e participaram da pedalada, Jenifer, Monique e César. Senilda, além de sua filha, levou os meninos do projeto que coordena, David e Jairo. Ainda de Canoas, Luci veio acompanhando Pilato. No Morro da Cruz, em Porto Alegre, Everton conheceu Juca via o trabalho da reciclagem: hoje vive e trabalha lá, participou de todas as pedaladas e, dessa vez levou Lucas e Eli, seus companheiros e vizinhos.

Juramar não pôde participar, mas articulou a ida de jovens do Arquipélago, participantes da Assembléia de Deus e do LPJ. Ainda das Ilhas foram Luísa e seus três filhos e Tainara, sua sobrinha. Com Júlio, da equipe de alimentação, foi um grupo de São Gabriel: Jesus, marceneiro e ciclista da cidade; Gabriel, um jovem de 22 anos que abandonou o emprego por uma semana para pedalar, e William, Roberto, Rodrigo e duas moças. De Lajeado/RS, compartilharam o evento duas famílias Kaingang, Seu Chico, esposa e três filhos, mais um casal e seu sobrinho. Durante o percurso essas pessoas foram se conhecendo, e novos grupos se formando. Entre os diferentes participantes aqui apresentados, o que os unia era a proposta de relembrar a luta de Sepé, a pedalada e a preservação do meio ambiente. Porém, com o tempo, outras formas de conexões foram se estabelecendo, como veremos a seguir.

Apenas as equipes de alimentação e de apoio estavam formadas na saída em Rio Pardo. Contudo, a cada parada, uma série de atividades superpunham-se. Observou-se, então, a necessidade de formar equipes para a realização de algumas tarefas: era preciso descarregar o caminhão, recarregá-lo, servir água e alimentos aos ciclistas, auxiliar o mecânico e até prestar atendimento de primeiros socorros (fig. 17). Essas equipes acabaram sendo formadas ao longo do trajeto, de acordo com as necessidades do contexto e as espontaneidades daqueles

que estavam dispostos a ajudar.

Figura 17 – Bicicletas sendo retiradas do ônibus, Rio Pardo/RS.



Autora: Stella Pieve

Dessa maneira, auxiliar era uma tarefa livre, de modo que nem sempre a mesma pessoa ocuparia o mesmo papel, pois, como havia uma mobilidade muito grande entre os ciclistas, as tarefas ajustavam-se de acordo com a disponibilidade de cada um naquele momento. Aquele que não estava pedalando estaria descansando, ajudando ou acompanhando o outro, mesmo que dentro do ônibus.

Como não havia bicicleta para todos, o ciclista que se cansava emprestava a bicicleta a um ciclista que vinha descansando no ônibus e, assim por diante. Estar no ônibus era como pedalar junto, pois formou-se um grupo de solidariedade bastante forte em torno dos que pedalavam, tanto que, no final, até o motorista servia água aos ciclistas. Os ciclistas eram, frequentemente, denominados “heróis”, como Sepé, especialmente nos trechos mais difíceis,

os da tarde, geralmente mais longos – mais de 40 km – e sem sombra.

A partir do terceiro dia, com tanto cansaço, sol, areia solta, pedras e subidas, as místicas, as programações previamente agendadas (no cronograma do evento) foram lentamente sendo deixadas para trás. O desgaste físico não permitia a escrita de um diário¹¹⁴, bem como encontros e místicas entre as paradas, ou mesmo nas noites.

O corpo se apresentava como um limitante, e essa sempre foi a maior preocupação de Juca. Dores musculares nas pernas e glúteos, dores nos punhos deixavam mais difícil levantar cedo. O calor e o sol quente marcavam a todos. Câibras, tombos e desmaios aconteceram, mas foram controlados. A cada parada, mais cansaço, até que no quarto dia, depois de pedalar 42,5 km pela manhã e com grande desgaste físico, o grupo da tarde foi reduzido, decisão difícil de ser tomada, mas coletiva e entendida por todos. Everton frequentemente enfatizava: “ainda que só um de nós pedale, não deixamos de cumprir nosso objetivo, que é homenagear Sepé!”. Nessa frase, torna-se presente a todos a potência de Sepé como inspirador de uma luta coletiva, de modo que estávamos unidos ali, em seu nome e em sua homenagem.

Cada trecho de pedalada era precedido por uma sessão de alongamento. Miguel e Sandra coordenavam o grupo, apontavam a importância do alongamento antes de cada trecho de pedalada. E é fato que, após uma tarde de pedalada, acordávamos no dia seguinte (“quando o corpo esfria”) doloridos e lentos. Miguel, preocupado, recomendava àqueles mais “doloridos” um paracetamol antes de dormir. Ao mesmo tempo, essas limitações não preocupavam os adolescentes, os mais empolgados com a estrada e a pedalada (fig. 18).

¹¹⁴ O diário seria a ferramenta pela qual cada ciclista responderia sobre como havia sido a experiência da bicicletada. O tema gerador da escrita seria: “com que cara eu vim para a bicicletada”? A construção de um diário ou caderno de anotações é motivada entre os integrantes do MST para que estes registrem reuniões, atos e experiências das quais participam (OLIVEIRA, 2009).

Figura 18 – Acolhida e alongamento antes de partir de Rincão dos Negros, Rio Pardo/RS.



Autora: Stella Pieve

As dificuldades também se fizeram sentir no que dizia respeito ao meio de transporte símbolo de nossa luta: as bicicletas de que dispúnhamos, aos poucos, iam sendo destruídas (freios arrebitados, pedais quebrados, raios partidos) e, no final, havia seis delas sem conserto.

Toda essa organização gerou muitas tensões entre o grupo e a cada dia nos eram apresentados novos “desafios de convivência”, como sugeriu Senilda. Entender o outro, saber do que ele precisa tornou-se mais árduo à medida que íamos cansando. Embora, depois de um tempo, tenha sido possível imprimir um ritmo às equipes coletivas, no início, a carência de serviços provocou desconfortos e reclamações.

Os pontos positivos e negativos do evento foram tratados no último dia, depois da

chegada da Sanga da Bica e antes do retorno a Porto Alegre. Para Isabel havia faltado coordenação, o que resultara em falta de segurança – por não ter havido acompanhamento da Brigada Militar e serviços de saúde ao longo dos percursos – e também de infraestrutura de materiais básicos (como lanche e papel higiênico no ônibus), o que repercutiu em vários aspectos, como atrasos e pouco equilíbrio na divisão das tarefas. Em sua reflexão, havia se tornado “a mais chata da viagem”, por estar sempre cobrando sobre o papel da coordenação.

Para outros, foi escasso o momento de formação. Janete sentiu falta de uma programação que explicitasse mais aos jovens o que eles realmente estavam fazendo ali, que todos pudessem ouvir e entender o sentido da luta de Sepé. E, para outros, o momento foi muito interessante, mesmo com os novos desafios. João, que entende que a espontaneidade faz parte dos processos, sentiu-se bastante confortável ao notar que a institucionalização das coisas não tirou os pontos bons da vida, e que mesmo sem organização, segundo seu ponto de vista, a integração e a espontaneidade geraram organizações autônomas. Do mesmo modo, Senilda entende que o projeto individual de pedalar tornou-se coletivo: no dia a dia, não teríamos como programar isso antes, embora entenda que o momento é de reflexão e isso ainda falta.

Entre os adolescentes, o ponto alto do evento foi a possibilidade de conhecer novos amigos, aprender a cuidar do outro, experimentar novas paisagens, “ver o verde” em contraposição “ao preto” do asfalto. De acordo com eles, ali não estavam sozinhos; assim, todas as suas ações implicavam a presença do outro, como diziam, “tem que olhar pro lado pra virar [de bicicleta]”, “tem que fazer vaquinha pra comprar refrigerante”, “tivemos que trabalhar juntos no caminhão”, “dividir o colchonete e até a coberta quando fez frio”. Como ponto negativo, apontaram a drástica redução dos percursos de bicicleta em 2013, pois, dos aproximados 40 km diários em 2011, os trajetos, em 2013, não chegavam a 20 km. Já, para Matilde as bicicletadas de 2011 e 2013 têm focos completamente diferentes, o que contempla tamanha redução. Enquanto, em 2011, o foco esteve na vida saudável, em 2013, esteve na espiritualidade, na mística da luta pela terra.

Ainda foi lembrada a relação entre os ciclistas e os indígenas. Senilda sente-se desconfortável ao ver que “os índios ficam lá e nós aqui”, mas entende que essa integração é parte de uma construção e que esta vem sendo feita aos pouquinhos. Lúcia, que acompanhou parte do encontro deles, mesmo sem entender Guarani, entende que é um momento de deles;

assim, não se sentiu distante, mas apoiadora da causa: independente de entender ou não as necessidades destes a partir de sua fala, abraça a causa indígena com base nos direitos que lhes são subtraídos. No que concerne ao convívio diário com os Kaingang, momentos de apreensão ficavam mais evidentes no modo de ser e fazer rotineiro de não sentarmos ou dormirmos juntos, pois eles sempre preferiam estar ao relento.

Os problemas físicos de organização, de formação e de relacionamentos foram sendo arrançados, mas não necessariamente resolvidos, e não é a resolução destes que nos interessa, pois o que eu quero realçar, a partir da descrição acima são formas de afinidade (no sentido de entendimento entre as pessoas) que se abrem, se fecham, se quebram e se constroem. E, num sentido amplo, estas tendem a se complexificar conforme novos encontros são promovidos no decorrer da pedalada.

4.3 – Entre as pedaladas: almoço, descanso e troca de experiências

As paradas eram feitas para que os participantes da pedalada pudessem almoçar, lanchar, conhecer, trocar experiências e dormir. As refeições eram divididas e, sempre que possível, eram preparadas pela comunidade à que chegávamos, o que proporcionava a interação com o grupo. Quando isso não era possível, a equipe de alimentação assumia a preparação da refeição coletiva. Durante as primeiras paradas foi possível manter a programação, conversar com os moradores, saber de seus problemas, mas depois do segundo dia de pedalada – em razão do cansaço e da série de atrasos causados pelas grandes distâncias a serem percorridas –, nosso tempo com as comunidades foi diminuindo. Podemos afirmar que, apesar dos contratemplos, não deixamos de passar por nenhum dos lugares previstos, pois, para as comunidades, era melhor atrasar do que não ir.

Pedalamos por seis municípios da região, passamos por cinco comunidades rurais, e em quatro delas, chegamos à zona urbana e a uma escola. De Rio Pardo em diante, sucedeu-se uma série de intervalos entre as pedaladas, as “paradas” nas comunidades. Nessas paradas, os moradores, organizados em associações ou comunidades, nos apresentavam suas realidades e, conseqüentemente, suas demandas principais e formas de luta, as quais descrevo brevemente no texto que se segue.

Em Rio Pardo, conhecemos duas comunidades. Primeiro, a Rincão dos Negros¹¹⁵, um quilombo que ainda mantém duas igrejas lado a lado: uma, para os negros e a outra, para os brancos, embora atualmente as missas sejam realizadas conjuntamente, uma vez por mês. A maioria dos moradores são quilombolas e pequenos agricultores que plantam fumo. Ali jantamos e pernoitamos.

Ali, em 2013, fomos recepcionados com um Ensaio de Promessa Quicumbi. Seu Adair contou um pouco da história da dança que ali havia sido resgatada com a ajuda de um falecido companheiro. De acordo com o Senhor Adair, eles “mudaram um pouco a tradição”: três homens cantavam enquanto duas mulheres dançavam e cantavam em roda, vestidas em xadrez; uma delas trazia em seus braços uma boneca de pano¹¹⁶.

Há mais de 100 anos, o atual território de Rincão dos Negros foi doado por Dona Jacinta Souza, senhora dessas terras, aos negros escravizados que ali viviam, e, juntamente com a terra, Dona Jacinta lhes entregou todos os seus santos. Seu Adair, presidente da Associação Comunitária Quilombola Jacinta Souza, contou-nos um pouco do processo por que passa a comunidade em busca de reconhecimento e regularização desse território, como remanescente de um quilombo. Realçando as dificuldades pelas quais passaram nessa luta, Senhor Adair elencou ameaças, ataques e o preconceito vividos diariamente pelos agricultores negros que ali resistem¹¹⁷.

Em 2012, a CPT lançou uma moção de apoio ao Quilombo Rincão dos Negros, no *site* Combate Racismo Ambiental¹¹⁸, denunciando tais ameaças:

Além de manifestar o apoio à luta para a conquista deste direito histórico dos Quilombos, queremos denunciar os casos de ameaças, inclusive de mortes e de

¹¹⁵ A comunidade foi reconhecida como remanescente de Quilombos em 2005, Instrução Normativa RFF, nº 568, 8 de setembro de 2005.

¹¹⁶ De acordo com Janaína Lobo (2010), o *Ensaio de Promessa Quicumbi* é uma forma coreográfico-musical que combina canto-antifonal (solo-coro) e instrumentos de percussão: é performatizada apenas por homens, em pagamento de promessas e apresentado em longa duração (entre 12 a 14 horas) ou em uma versão condensada de 20 minutos. Luciana Prass (2009), que acompanhou o *Quicumbi* em Rincão dos Negros, Rio Pardo, aponta características semelhantes às que encontrei: “canto, dança, instrumentos e a boneca” com presença feminina.

¹¹⁷ O processo de reconhecimento de Rincão dos Negros teve início em 2005, via Ministério Público Federal e INCRA. Atualmente, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da comunidade encontra-se em fase de finalização. Para maiores informações, consultar o site do INCRA (<http://www.incra.gov.br>) e/ou o Relatório de Gestão de 2013 do referido instituto, disponível em: http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/servicos/publicacoes/relatorios/relatorios-de-gestao/relatorio_rio_grande_do_sul.pdf.

¹¹⁸ Disponível em: <http://racismoambiental.net.br/2012/04/mocao-de-apoio-ao-quilombo-rincao-dos-negros-de-rio-pardors/>. Acesso em novembro de 2013.

preconceito racial. Nós, da Comissão Pastoral da Terra, ouvindo o povo Quilombola, sentimo-nos no dever de alertar o INCRA e Órgãos Governamentais para que prestem SEGURANÇA ao povo Quilombola, que traz em sua carne o sofrimento de uma escravidão e que a justiça seja feita (CPT/Rio Grande do Sul, 2012).

Por fim, Seu Adair convidou-nos para participar da festa da Nossa Senhora Imaculada da Conceição, padroeira da comunidade, em 15 de dezembro¹¹⁹.

Em seguida, Irmão Antônio narrou-lhes nossas intenções ali, como “ciclistas inspirados por Sepé Tiaraju”. Numa narrativa histórica, abarcou a expropriação dos Sete Povos das Missões, a escravidão dos negros africanos e a imigração de colonos empobrecidos da Europa, bem como as diversas lutas pela terra, direitos humanos e justiça social na atualidade. Matilde encerrou o encontro distribuindo folhetos da pedalada, livros de Sepé e convidando a todos a nos acompanhar pedalando até São Gabriel, “onde tombou Sepé”. Oldi deixou a eles um lenço da CPT como recordação de que os ciclistas haviam passado por ali.

Tendo em vista que o Ensaio de Promessa Quicumbi é uma das manifestações sócio religiosas afro-brasileiras (ORO, 2008) e Rincão dos Negros é um território em disputa, nossa parada nesse local colocou em destaque a territorialidade em suas diferentes formas de expressão. Ao nos apresentarem sua cultura e sua luta, os moradores de Rincão dos Negros remeteram-nos à memória coletiva de sua comunidade, trazendo à tona o passado escravocrata, que, conseqüentemente, remete a seu direito de reconhecimento e ao direito à titularidade de seu território (ANJOS e LEITÃO, 2009).

Nessa mesma perspectiva, a pedalada em nome de Sepé integra-se a essa luta ao propor um movimento que traz a memória da luta pelo território Guarani e a luta por reforma agrária. Em ambas as propostas, fica evidente a trama entre humanos, entidades, santos e natureza, formada para trazer à tona um movimento de retomada ou resistência quanto ao território que lhes pertence.

Nossa próxima parada foi a comunidade do Bexiga (Rio Pardo/RS) onde almoçamos. Fomos recepcionados no salão da Igreja, e havia poucas pessoas no local. Ali conversamos sobre êxodo rural. As pessoas que nos atenderam estavam ali para passar as férias e nos relataram que o auge da comunidade havia ocorrido com o plantio e beneficiamento do arroz,

¹¹⁹ Para maiores informações sobre a Festa, conferir: SANTOS, Rui Leandro da Silva. **Festa de Nossa Senhora Imaculada da Conceição**: articulação, sociabilidade e etnicidade dos negros do Rincão dos Pretos no município de Rio Pardo – RS. Porto Alegre: PPG- Antropologia Social, 2001 (dissertação de mestrado).

no período da Segunda Guerra Mundial, e que, atualmente, poucas pessoas residem ali e mantêm casas de veraneio. O êxodo rural, neste contexto, foi abordado como a impossibilidade de se manter no campo devido a um modelo econômico que privilegia o latifúndio em detrimento dos minifúndios, ou seja, torna inviável a produção familiar para dar lugar ao agronegócio das monoculturas – mais uma forma de expropriar e expulsar para as grandes periferias urbanas os empobrecidos no campo.

Dali, seguimos para Cachoeira do Sul, onde paramos às margens do Rio Jacuí. Fomos recepcionados por Neiron Viegas – em 2011, como Secretário da Agricultura, e, em 2013, como Prefeito da cidade –, Padre Hélivio, integrantes da Pastoral da Ecologia, os escoteiros e um grupo de canoieiros da cidade. Lanchamos e, a seguir, participamos de dinâmicas e brincadeiras e também de momentos de conscientização e confraternização: Irmão Antônio retomou a luta de Sepé e a trajetória de Neiron – conhecido seu de longa data, desde o movimento de CEBs – e, nessa ocasião, um “prefeito popular¹²⁰,” a quem entregou uma imagem de Sepé.

Em 2011, o pernoite em Cachoeira do Sul foi no 3º Batalhão de Engenharia de Combate/Batalhão Conrado Bittencourt, fato que gerou bastante tumulto desde Porto Alegre. Havia um conflito de ideologias. Juramar, por exemplo, contestava o fato de se pedalar por Sepé e dormir no quartel: para ele, havia uma incoerência na atitude. De fato, para entrarmos no quartel, foi demorado e difícil, pois era preciso apresentar o registro de identidade, e nem todos o tinham levado. Depois de muita conversa, entramos com a lista do ônibus. Primeiro passo, ouvir uma lista de recomendações e “poréns” para podermos ficar ali; não era permitido pedalar nas dependências do quartel; homens e mulheres deveriam ficar em quartos separados; não era permitido sair do prédio e a alvorada seria às 5 horas da manhã. Apenas as famílias Kaingang puderam ficar juntas no alojamento feminino.

Em 2013, jantamos e pernoitamos na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dora Abreu, uma escola muito simpática e na qual fomos muito bem recepcionados pelas professoras com uma janta. Nesse mesmo ano, Irmão Antônio teve um espaço na Câmara de Vereadores para apresentar a bicicletada: uma “bicicletada decretada pelos jovens, em nome deles e com eles”, iniciou seu discurso. De acordo com Irmão Antônio, a Pedalada

¹²⁰ Prefeito popular é como Irmão Antônio se refere aos prefeitos que ele considera desenvolver governos democráticos e voltados ao povo, como os prefeitos ligados ao PT.

em Busca da Terra Sem Males é uma ferramenta que partiu do exemplo do herói Sepé Tiaraju e foi organizada para conhecer as raízes do Rio Grande do Sul como “ferramenta de massa: pedalamos ali para anunciar o verdadeiro herói, motivador, incentivador e empoderador dos movimentos sociais – Sepé – e também para denunciar o gauchismo inventado pelos vilões que roubaram as tradições indígenas para as declararem como suas: o chimarrão e o território. O que nos colocou na história foi o trabalho dos índios, e não o dos gaúchos”, declarou enfaticamente.

Findada a sessão na Câmara, a peça de teatro “Sepé: o herói rio-grandense” foi encenada pela primeira vez, na praça central da cidade. A peça, que conta a história de Sepé a partir de “O Continente”, de Érico Veríssimo, foi dirigida e produzida pelo grupo de teatro “Pode ter Inço no Jardim” e posta em cena em conjunto com o grupo “Herdeiros de Sepé”, sendo grande parte do elenco composto por adolescentes. Senilda havia me contado que tal produção surgira a partir de uma “provocação” de Matilde e se tornara um desafio, depois um objetivo, até que se concretizara. Para ela, entre as maiores dificuldades, estava a concentração dos jovens e adolescentes para a leitura do texto, a montagem das cenas, os ensaios. Todavia, entende que, com o tempo, o grupo havia passado a refletir, “aderiram, entenderem o projeto da bicicletada e de Sepé”, tanto que hoje eles mesmos são os responsáveis pela peça.

Foi interessante notar que uma forma de punição para aqueles que não se “comportavam” era não participar da peça. A outra era não pedalar. Sempre que os adolescentes “não obedeciam” às regras – corriam na frente ou brigavam entre si –, essas duas formas de “punição” eram acionadas, dependendo se eram ciclistas ou ciclistas e atores. Para tanto, reuníamos, decidíamos em conjunto e, por vezes, pedidos de desculpas foram endereçados a todos os presentes. Todos éramos ciclistas, estávamos juntos, decidíamos juntos.

Para chegar a São Judas Tadeu, comunidade rural, também de Cachoeira do Sul, atravessamos o rio, na Barca do Jacuí, seguindo, primeiro, o caminhão; depois, o carro e as bicicletas e, por fim, o ônibus. Em São Judas, onde várias pessoas da comunidade nos esperavam, serviram-nos um almoço. O calor era intenso, havia pouca sombra e pouca água, o que deixou todo mundo mais cansado. Ainda assim, conseguimos conversar e conhecer aquela realidade. O destaque foi a falta de água na comunidade em pleno verão, o que deu mote para

uma conversa sobre monocultivo, agricultura familiar, êxodo e pobreza rural.

Longe dali, antes do pernoite no Ginásio Municipal de São Sepé, paramos para um breve lanche na Comunidade Nossa Senhora das Dores. Ali Seu Chico, o cacique Kaingang, foi convidado a cantar. Cantou em Kaingang e depois nos contou que havia saudado a terra, a água, a mata, natureza e agradeceu a hospitalidade do povo da comunidade em nos receber. Em tom de lamúria, refletiu sobre a tristeza de ver o mundo em destruição, com tudo explorado, pouca terra e a sobrevivência indígena reduzida à periferia das cidades urbanas. “Temos sempre que cantar, sem canto não tem grito”, afirmou-nos antes de seguirmos pedalando.

Antes de chegar ao Ginásio Municipal de São Sepé, paramos na Estátua de Sepé, de autoria do sepeense Zeca Teixeira, um artista plástico local, situada na entrada da cidade. Ali, foram falas emocionadas e “Vivas à Sepé Tiaraju”, além de ter sido entoado o grito “Esta terra tem dono!”, em coro. Próximo ao ginásio, o plantio de uma muda de araucária simbolizou a doação de muitas outras mudas. Após, jantamos, esgotados, e dormimos.

Em 2013, retornamos ao local de plantio da muda de araucária, que se transformou no Parque Ecológico São Sepé¹²¹. O plantio de uma muda de árvore nativa simbolizou o “nascimento” do Parque. Para Paulo Nunes (PT/RS), vereador na cidade, é esse tipo de atitude que torna a pedalada importante e nesse sentido que nos declarou apoio, “quem quer encontra os meios, o Caminho de Sepé hoje é parte da história deste parque”. Senilda respondeu retomando o ponto de vista desafiador da pedalada: “a bicicletada é isso, é jogar a semente em um ano e voltar para ver se ela deu frutos ou não”.

Dali, seguimos para a o Centro Espírita de Umbanda de Xangô e Oxum, de Pai Zé. Ele nos esperava com um lanche e uma conversa sobre ecologia. Depois de nos desejar um “bom axé”, lembrou que “Orixá é natureza” e nos apresentou seu espaço, um pequeno sítio vizinho ao Arroio Lajeado, que desemboca no Rio São Sepé. Além de plantar flores e árvores, Pai Zé mantém ali uma Flora e um comércio de artesanatos, pois um de seus filhos de santo é artesão e produz imagens em madeira. Pai e filho presentearam o grupo com uma imagem de Sepé Tiaraju em madeira, na qual Sepé, em trajes indígenas, segura uma lança: a partir daquele momento, ela passou a fazer parte da peça de teatro, da mística de Sepé e da pedalada

¹²¹ No decorrer da escrita desta tese, não foi encontrado nenhum documento oficial sobre a formação do referido Parque.

como um todo (fig. 19).

Figura 19 – Bicicleteiros e Herdeiros de Sepé recebendo a imagem de Sepé Tiaraju de Pai Zé, do Centro Espírita de Umbanda de Xangô e Oxum, São Sepé/RS.



Autora: Stella Pieve

Da conversa sobre ecologia, diversos outros temas passaram a se relacionar. Além de salientar que o Orixá é natureza, Pai Zé retomou o sincretismo dos primeiros africanos em terras americanas. Para ele, uma forma de se manter cultuando Orixás foi associá-los aos santos católicos, demonstrando a resistência do “povo negro”, retomando o sincretismo como forma de resistência proposto por Bia. Assim, a Umbanda, em sua visão, é composta por sete Orixás, Deus, Jesus, Nossa Senhora e caboclos e seu fundamento principal baseia-se na Trindade Divina: Olorum o Salvador; Oxalá o Filho de Deus e Ifá o Espírito Santo. “Para nós, não importa a religião, pois a maldade não está nas religiões, mas nos homens”, arrematou.

Irmão Antônio apresentou a trajetória dos Guarani em busca da “Terra Sem Males”,

dada por São Miguel Arcanjo aos Sete Povos das Missões. Explicou sobre os rios que estão morrendo e deu como exemplo o caso do Jacuí e do Lago Guaíba – das nascentes limpas, ao Guaíba, completamente poluído, e os processos de assoreamento¹²² do Rio Jacuí, em Porto Alegre. Para ele, essa é uma de nossas lutas, pois “nosso” maior enfrentamento é a “luta para não cair na terra de todos os males, que é o capitalismo”. Antes de passar a palavra a Seu Virgílio, Kaingang de Lajeado, afirmou nosso compromisso com Deus, com os pobres e com a natureza: “Deus perdoa sempre, o homem, de vez em quando, e a natureza, nunca”.

Seu Virgílio começou agradecendo a oportunidade de “seu povo” estar ali pela terceira vez. Entende que é importante caminhar e conhecer a história de “nossos parentes”, toda a dificuldade e sofrimento pelo qual passaram, “essa história dói na alma” e ajuda a entender a situação na qual o povo indígena se encontra hoje. Seu Virgílio é natural de Nonoai e ali se preocupou em responder por que hoje vive na cidade. Emocionado, relatou toda a trajetória de mendicância por terra pela qual seu povo tem passado, “hoje, viver dos matos e dos rios não é mais possível”. Entende que a terra lhes foi tomada, mas, muito além disso, atualmente travam uma luta para retomar suas terras e acessar direitos como o acesso à educação: “com a ajuda de vocês a gente vai conseguir”, afirmou.

Esses momentos tão diversos agregam, de forma contínua, termos que soam descontínuos: êxodo rural, monocultivo, música, natureza, ecologia e religiosidade. No entanto, ao seguirmos Sepé como inspirador para compreender suas convergências chegamos ao território, para além de suas fronteiras físicas.

A idealização do Parque Ecológico São Sepé, por exemplo, acontece a “contrapelo” da estruturação de áreas protegidas pela lógica do Estado. Enquanto tais áreas, propostas pelo Estado são criadas mediante decretos e leis para se tornarem Terras da União com base em “sofisticadas pesquisas científicas”, estabelecem regras e planos de manejo prescritas e proscritas dentro desses territórios e acabam por remover e descartar desses territórios grupos étnicos em estado de vulnerabilidade (MOUTINHO-DA-COSTA, 2011, p. 110). O Parque, criado a partir da pedalada, embora também tenha sido capturado pelo Estado, não se estabelece em consequência de pesquisas em áreas já preservadas e ocupadas, mas a partir do plantio e cultivo de um espaço ocioso.

¹²² Assoreamento é o processo que se refere ao acúmulo de lixo, entulho e detritos no fundo dos rios dificultando o suporte de água e causando enchentes e transbordamentos em épocas de cheia.

Igualmente, para os Kaingang, seu canto ou suas pautas de objeções acerca de uma natureza que vem sendo destruída, é uma ladainha que anuncia a inquietação com o destino que é dado à terra, “não ter mais mato é uma preocupação”, relata Seu Chico pedalando¹²³. Tal preocupação repercute também no crescimento das áreas plantadas (monocultivos) e, conseqüentemente, no êxodo rural relatado pelos agricultores e pelos indígenas.

No que diz respeito à religião de matriz africana, ao articular memória, deuses e natureza em sua fala, Pai Zé acaba por expressar o modo plural por meio do qual a religiosidade afro-brasileira se forma e existe no mundo, tanto como patrimônio cultural quanto como patrimônio religioso e expressividade do território. Ao relembrar o sincretismo da Umbanda, traz à tona o acontecimento que se dá entre cristianismo e formas religiosas afro-brasileiras, já que a Umbanda é uma resposta ao cristianismo hegemônico (ANJOS, 2011)¹²⁴.

Da Casa de Pai Zé, partimos para a praça central, na qual mais uma encenação sobre Sepé aconteceu. Nesse momento, todos viramos contrarregras e ajudamos na realização do espetáculo. Duas adolescentes Kaingang passaram a fazer parte do elenco da peça, dramatizando também a história de Sepé no Rio Grande do Sul. Findada a encenação, após nos terem prestado agradecimentos, agradecemos-lhes a estada, a atenção e a hospitalidade sepeense. Para Laziê¹²⁵, um de nossos anfitriões na cidade, estamos ali buscando “todos que acreditam em um mundo melhor” e participando de um processo que nos torna cada vez mais cidadãos. Ele pediu, então, que nós dedicássemos um minuto de silêncio aos jovens falecidos em Santa Maria havia pouco menos de um mês¹²⁶, “um acidente que nos faz refletir sobre a vida”.

Durante nossa estada em São Sepé, tive a oportunidade de conversar com Edson, professor de educação física no ensino médio e fundamental da cidade. Além de ciclista, é apoiador do MST, “eu sou sem-terra”, me afirmou. Filho de agricultores familiares e um,

¹²³ Essa citação foi retirada do documentário Caminho de Sepé: IV Bicicletada por uma Vida Saudável” acima mencionado.

¹²⁴ Com base no documentário “Caminhos da Religiosidade Afro-riograndese” (ORO e SANTOS, 2011).

¹²⁵ Laziê é assessor do Deputado Federal Marco Maia (PT/RS). Marco Maia é de Canoas/RS e, por isso, tem considerável relação com Irmão Antônio e Matilde. Os pais de Laziê são fundadores do PT, em São Sepé, e muito benquistos pelos irmãos Cechin. Dona Fátima e Laziê sempre cozinham para os ciclistas do Caminho de Sepé.

¹²⁶ Em 27 de janeiro de 2013, um incêndio na Boate Kiss, uma discoteca no município de Santa Maria/RS, matou 242 pessoas e deixou 116 feridas.

entre cinco irmãos, hoje mora na cidade, mas reflete que, se pensarmos nas proporções do latifúndio e nas dificuldades que seu pai enfrentou e tantos outros agricultores ainda enfrentam, na região, no Estado e no país, “somos todos sem terra”. Edson contou-me sobre a Marcha do MST, que passou por São Sepé, em 2007¹²⁷, que fora acompanhada e à qual manifestara abertamente seu apoio, fato que lhe causara inimizades eternas. Aos os ciclistas do Caminho de Sepé, manifestou sua satisfação em ser parte dessa pedalada: “bom saber que estamos juntos nessa irmandade”, ao nos acompanhar até a saída da cidade.

A cidade de São Sepé acaba sendo um importante marco na peregrinação ciclística, pois é ali que se homenageia Sepé como santo e é ali também que propósitos da pedalada – espiritualidade, ecologia e reforma agrária – se ampliam. Com tantas atividades e encontros entre os diferentes mundos que nos recepcionam e os que nos acompanham – umbandistas, militantes, indígenas, atores populares, ecologistas, políticos –, a possibilidade de troca de experiências e de reflexão sobre “o outro” amplia-se e concretiza-se no colégio, no parque, na praça, nas ruas.

A parada a seguir, ocorreu na manhã seguinte, na Gruta do Marco, local onde Sepé Tiaraju foi cuidado por Pulquéria, “sua noiva”. É interessante que a gruta é composta por cinco câmaras, quatro das quais já foram exploradas – na quinta, muito profunda, não é possível entrar, pois falta oxigênio e, conseqüentemente, apagam-se velas e lanternas. Supõe-se que ali está a ossada de Sepé¹²⁸. Fizemos uma passagem rápida pela Gruta do Marco, momento em que Irmão Antônio dialogou com Marisa, professora do município, contando a história do indígena e do povo Guarani.

No município de Vila Nova do Sul, almoçamos na comunidade Sagrado Coração de Jesus de Três Passos. Estávamos duas horas atrasados, pois o calor e o difícil caminho, seco, empoeirado, sem sombra e muito longo haviam dificultado o acesso ao local. Nos esperavam a diretoria da Associação Comunitária e o presidente da Câmara de Vereadores. Ali choveu bastante. A troca de experiência contou com uma oficina de sabão e doação de mudas de araucárias. Nas reflexões que ali se seguiram, houve destaque para a seca na região e para o projeto de construção de cisternas pelo Governo Federal, a ser apoiado e executado em

¹²⁷ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/4757> e <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2007/09/ruralistas-liberam-marcha-mas-ofendem-sem-terra-em-sao-sepe-1632265.html>>. Acesso em: (data)

¹²⁸ Uma variante da história de Sepé entre os Guarani afirma que Sepé não morreu, fugiu, tanto que seu corpo nunca foi encontrado.

parceria com a Cáritas Brasileira.

A Cáritas é uma entidade internacional, com mais de 100 anos, que atua no Brasil há mais de 60 anos e é vinculada à CNBB. A entidade atua na área de assistência social, de acordo com a coordenadora da entidade no Rio Grande do Sul, “onde a vida está mais ameaçada” (SCOMAZZON, 2014). No Rio Grande do Sul, um de seus projetos é o Projeto Prevenção de Emergências – Construindo Comunidades mais Seguras, que visa sensibilizar população e poder público local para a importância de medidas de prevenção de riscos ambientais e situações de emergência (DEUS, 2010).

Entre os municípios assistidos pelo projeto, estão Vila Nova do Sul e Santa Margarida do Sul, devido à estiagem no verão. Em Santa Margarida do Sul, um município pequeno e recentemente emancipado de São Gabriel (1996), o Caminho de Sepé consolidou seu trabalho em conjunto com a Cáritas Brasileira. Nesse local, ocupamos o espaço da EMEF Rodrigues Alves para o jantar e o pernoite. A troca de experiências foi a apresentação de um documentário da Cáritas sobre a construção de cisternas na região, à qual estiveram presentes a diretora da escola, a vice-prefeita e integrantes da Cáritas, os responsáveis pelo projeto.

Na manhã seguinte, escoltados pela Polícia Federal na BR 290, chegamos a São Gabriel. Este foi um dos poucos trechos asfaltados pelos quais passamos. Dirigimo-nos, imediatamente, para o CTG Caiboaté, onde nos esperavam os indígenas Guarani, representantes do CIMI e outros mediadores de políticas indígenas, como os membros da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pesquisadores e acadêmicos.

4.4 – “Viva Sepé Tiaraju”: o encontro e o ritual com os Guarani

Ao chegarmos ao CTG Caiboaté, a alegria era contagiante. Todos se abraçavam. Representantes do CIMI e os Guarani nos esperavam com o almoço e muita água. O grupo de crianças Guarani nos apresentou música e dança. Em troca, Seu Chico relatou nosso percurso, e Senilda cantou o hino a Sepé. Uma leve tensão entre as etnias Guarani e Kaingang foi explicitada apenas por um participante, porém, não entendíamos as falas deles, pois falavam o idioma Guarani, mas percebíamos tratar-se de desentendimento apenas pelos gestos e pelos gritos. Em 2013, a peça de teatro foi apresentada aos Guarani, e, mesmo com um Sepé loiro e de olhos verdes, todos se sentaram e prestaram atenção. Também riram muito. Senilda

recebeu muitos elogios. Uma Guarani que veio do Paraná fez questão de nos relatar a emoção que sentiu durante a peça. Marta, Kaingang, “adorou” a parte da Ana Terra: “parece tão real, dá vontade de chorar”, relatou.

Além disso, foi proposto um “pequeno campeonato” de futebol: ciclistas, Centro de Referência de Assistência Social de São Gabriel (CRAS/São Gabriel) e Guaranis da Estiva. Como já nos tinham alertado as mulheres Kaingang – “ninguém ganha dos Guarani da Estiva” – a Estiva teve o time vencedor. Embora já tivesse sido identificada uma relação entre o “nós” e “eles”, essas atividades culturais e coletivas tendiam a uma aproximação.

Todo o encontro Guarani acontece na língua Guarani, de modo que não conseguimos participar continuamente de suas atividades, pois são poucas as palavras que entendemos – rodovia, cerca, projeto, estado, técnica. Nossas interações acontecem na hora da saudação, na hora do almoço e fora dos momentos de reuniões. Assim, nós, ciclistas, passamos a tarde ali, descansando, nos refrescando e/ou conversando com autoridades do município que também vieram nos recepcionar.

Esse encontro Guarani, como já explicitado anteriormente, acontece desde 2004 e serve como um espaço inicialmente para discussões sobre as políticas públicas voltadas aos Guarani particularmente do Estado do Rio Grande do Sul, o que não impede a participação de Guarani de outros lugares. Entre suas principais pautas, estão o território e a possibilidade de manterem seu modo de existência no mundo. Esse encontro constituiu-se a partir das comemorações em torno dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, quando o grupo responsável pelo evento aproximou-se dos Guarani no sentido de convidá-los e envolvê-los nas comemorações.

Para Roberto, o momento de encontro abre espaço para uma articulação política e fortalecimento do grupo, como aconteceu com os Charrua, que, depois desses eventos começaram a lutar por reconhecimento étnico junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 2009: “então essa mobilização em torno do Sepé propiciou para que eles [Charrua] hoje tenham seu lugar, uma terra pequena, mas garantida. E foram reconhecidos como um grupo indígena”.

Entre o encontro de 2011 e 2013, houve uma considerável diminuição no número de participantes Guarani no encontro. Representantes do CIMI explicaram-nos que, em 2013, os Guarani optaram por um encontro independente dos Governos Estadual e Federal, contando

apenas com o CIMI, o que reduziu os recursos para o evento e, conseqüentemente, a participação. Entretanto, para além dos Guarani do Rio Grande do Sul, encontravam-se presentes ali Guarani-Kaiowá, do Mato Grosso do Sul, do Paraná, da Argentina, da Bolívia e do Paraguai. Os Guarani não tinham caixa de som para suas reuniões e esta lhes foi emprestada pelo grupo Herdeiros de Sepé.

A relação entre os ciclistas e os indígenas, embora sem ruídos aparentes, é de estranhamento. Retraídos, é como se os ciclistas esperassem “mais” dos indígenas, um certo “reconhecimento” que fosse impresso numa calorosa recepção e numa pedalada conjunta. Mesmo a relação com os Kaingang, cotidianamente pedalando conjunto, tensionava-se em alguns momentos, especialmente no que dizia respeito às “tarefas diárias”. Enquanto, para nós ciclistas, é evidente nossas responsabilidades de organizar, limpar, arrumar tudo em conjunto, para os Kaingang, no início não o eram, mas, ao longo do tempo isso mudou. Desde São Sepé, “arrumar a casa” onde dormimos tornou-se uma obviedade compartilhada entre todos os ciclistas.

Da mesma maneira, a infraestrutura do CTG Caiboaté – chão batido com uma área coberta e dois banheiros precários – chocava parte dos ciclistas: “por que os indígenas não exigem mais?”. Para os ciclistas, algumas parcerias com sindicatos, pastorais e poder público resolveriam esse problema, “ninguém precisaria dormir ao relento ou se sujeitar a esse tipo de banheiro”, me alertaram. Tentei me posicionar argumentando que talvez não tenhamos as mesmas noções de “parcerias”, pois, se os Guarani optaram pela não presença e não apoio de órgãos públicos, me parece que, nessas relações de colaboração, o senso de responsabilidade e reciprocidade são guiados por outras lógicas. O apoio institucional, na visão Guarani refletiu-se no todo, não apenas em eventos isolados nos quais suas verdadeiras questões – terra, saúde, educação e respeito ao seu modo de vida – tendem a ser “esquecidas” e desrespeitadas.

Os celulares, as máquinas fotográficas e filmadoras, além das roupas e acessórios semelhantes aos nossos também acabam por causar um certo incômodo: “eles são muito mais tecnológicos que nós!”, confidencia-me uma ciclisteira. Tentei provocar minha colega apontando a ela a camiseta de formatura do segundo grau de um dos Guarani com o seguinte dizer “eu estudo, não estou na mata”, buscando a não essencialização da cultura indígena.

Ao conversar com os Kaingang, questionei a relação entre eles e os Guarani. Marta me explicou que se respeitam e têm a reciprocidade como base da relação, mas não são

amigos íntimos. Geralmente, precisam estar em contato e unidos numa “luta comum” pelos seus direitos, então se tratam com amizade. Além disso, encontram-se em campeonatos de futebol. Também me relatou que havia perguntado aos Guarani por que não participaram conosco da pedalada, ao que estes haviam respondido que estavam voltados mais à questão do “hoje”, da capacidade e do respeito do que são agora, não apenas do que Sepé foi e simboliza.

Os Guarani preferem acolher os ciclistas, ao invés de se envolver na pedalada, como o fazem os Kaingang, me explicou Roberto: “são dois modos de ser e de se relacionar com a gente”. Tal acolhida acontece porque, para os Guarani, existe a necessidade de se manterem os vínculos, mesmo com os diferentes. De acordo com os representantes do CIMI, os Guarani “nos veem como apoiadores da causa, mas não pertencentes ao modo de ser deles”. Eles não querem deixar de ser Guarani, tanto que suas lutas estão pautadas na construção de políticas públicas que acolham suas dinâmicas e seus diferentes modos de vida. “E com a gente é a mesma coisa: eles não querem se transformar em bicicleteiros e nem que a gente se transforme em Guarani, mas que, em momentos como estes, se juntem as forças; depois cada um vai para o seu mundo. Mas tem que haver essa relação.” (Roberto, CIMI, entrevista, 2013).

É nesse sentido que Santiago aponta a importância do resgate da cultura guarani e do apoio que recebem de vários segmentos, porém, para ele, os “brancos” agem como se os indígenas fossem incapazes, “mas nós somos capazes de cuidar da nossa terra”, argumentou. O estado de tutela em que vivem sugere que não possam pensar e fazer escolhas, apenas se adaptar ao modo de vida “juruá” que lhes é imposto, provocando o empobrecimento de cada povo, a ponto de se manterem em estado de mendicância, como já alertavam os Kaingang durante todo o trajeto da pedalada.

Essa distância entre as visões de mundo indígena e não indígena ficou evidente na atividade em que dialogaram o prefeito de São Gabriel – Roque Montagner –, Irmão Antônio e os Guarani Maurício e Santiago. Enquanto Roque e Irmão Antônio reconheceram a luta dos Guarani e suas atualizações em um nível simbólico, Santiago e Maurício a trouxeram para o nível do cotidiano. Para Irmão Antônio, o fato de o prefeito direcionar o primeiro ato de seu governo à desapropriação da área da Sanga da Bica – onde o monumento aos Sete Povos das Missões foi derrubado e onde se deu início a construção de uma propriedade privada – prova o compromisso e responsabilidade que esse governo tem com Sepé e o povo Guarani. Tal ato

contribui para “transformar São Gabriel em terra de Sepé, e não de fazendeiros”, finalizou.

O poder público local, na figura do prefeito, por sua vez, anunciou, naquele momento, uma homenagem à Irmão Antônio, o recebimento da medalha Plácido de Castro por suas façanhas: “se não fosse Cechin, dificilmente conseguiríamos avançar no resgate histórico”, justificou o prefeito. João Plácido de Castro foi um político e militar cidadão são-gabrielense que liderou a Revolução Acreana, tomando a atual região do Acre da Bolívia (OLIVEIRA *et al*, 2010b)¹²⁹. A referida medalha lhe foi entregue na ocasião do aniversário da cidade de São Gabriel: 4 de abril de 2013.

Maurício foi o primeiro dos Guarani a falar. Ele alertou sobre a importância e a consideração que devemos endereçar à data histórica na qual “perdemos nosso grande líder Sepé” e continuou em tom de apelo e denúncia: “mas que o povo guarani também seja lembrado hoje, pois, até hoje, o Governo Federal não cumpre nossos direitos de terra seja no Paraná, Rio Grande do Sul ou Santa Catarina”. Finalizou acenando que o motivo da reunião daqueles Guarani era justamente discutir esses problemas e que a presença do prefeito fora de grande importância. Santiago complementou a fala de Maurício, argumentando que pouco “nos” conhecemos; então avisou: “estamos sofrendo, vivemos mal, sofremos preconceito todos os dias”. Pediu que repensássemos o Brasil todo e que comunicássemos a todos os “juruás” “que os indígenas precisam de tudo, mas, mais que tudo, respeito pelo nosso povo”.

Nesse contexto, é Sepé Tiaraju quem possibilita a relação entre esses diferentes mundos – ciclistas, poder público, indígenas –, pois todos ali se reúnem em nome de Sepé e não deixam de lado o principal objetivo da pedalada, homenageá-lo. Entretanto, é a partir desse mesmo Sepé que é aberta a possibilidade aos indígenas de ir além, homenageando a luta Guarani, denunciando a perda de seus direitos, mas, mais que isso, provocando os interlocutores desses diálogos a observarem suas cosmologias sobre o mundo, particularmente no que diz respeito à expressão de seus territórios e reconhecimento enquanto povo Guarani.

No dia seguinte, partimos para o ritual guarani no Caiboaté, um dos momentos mais esperados. No dia 7 de fevereiro, o grupo de ciclistas partiu, às 7h15 para o Caiboaté, os Guarani iam de ônibus, às 9h30. Chegando lá, havia dois monumentos em propriedade privada trancada com cercas e cadeado. Todos tivemos que pular as cercas (fig. 20). Irmão

¹²⁹ Para maiores informações sobre a Questão do Acre, conferir OLIVEIRA, G.Z.; CORNETET, J.M.C; DEMEULEMEESTER, J.M. e FLECK, R.J. A Questão do Acre: Internacionalização dos interesses sobre a contenda acreana. **InterAção**. v.1, n.1, 2010.

Antônio explicou que um monumento era dos portugueses, marcando uma das maiores hecatombes da história e que na coxilha, ao lado direito, uma única cruz marca o local de combate dos Guarani.

Figura 20 – Pulando cercas para chegar ao Ritual Guarani, São Gabriel/RS.



Autora: Senilda Oliveira

Ao redor da cruz branca, em concreto, no alto da coxilha é onde o ritual Guarani acontece. Trilhamos o campo até prostrarmo-nos ao redor da cruz à espera do ritual (fig. 21).

Figura 21 – Caminhada até a Cruz que marca a Batalha do Caiboaté, São Gabriel/RS



Autora: Senilda Oliveira

O ritual compreendeu três etapas: defumação¹³⁰, lamento e prece e foi conduzido por uma anciã; tudo aconteceu na linguagem Guarani. Chocalhos, paus de chuva, violão participavam sonoramente do momento. Ficamos ali por um tempo, todos em volta da cruz, indígenas e ciclistas, atentos, respeitando o momento. Senilda, ao meu lado, contou-me que, mesmo sem saber Guarani, entendia tudo e logo se prontificou a me explicar: “num primeiro momento, ela canta a dor da perda, o lamento, é como se ela velasse seus parentes agora. Em seguida, ela faz um pedido, para continuar, persistir na luta, pelos seus filhos. E, por fim, ela faz em prece uma bênção de despedida” (fig. 22).

¹³⁰ De acordo com Denardi (2012), o uso do cachimbo, em momentos de encontros e reuniões, indica meditação.

Figura 22 – Ritual Guarani no Caiboaté, São Gabriel/RS.



Autora: Senilda Oliveira

Em seguida a esse ritual, tivemos outro momento no qual uma representante da Comunidade Aba Guarani da Argentina falou em nome dos Guarani da Bolívia, Brasil, Paraguai e Argentina utilizando o idioma espanhol para relatar a luta do povo indígena.

*la lucha é única, quem não tem terra está submetido. Queremos estar unidos, o povo guarani dos quatro países e agora vamos lutar intelectualmente, pois somos capazes e vamos pedir aos presidentes terra para trabalhar e não para negociar. São 257 anos [da Guerra Guaranítica] e estamos aqui juntos para unir a luta e segui-lo [Sepé]. Somos todos iguais, Deus não quer que sejamos escravos. A força de agora, a força está adiante, teremos filhos melhores. Não gosto de injustiça e temos que trabalhar com os grandes e os pequenos, mas juntos. **Essa terra trancada é uma violação, pois aqui está a tumba de nosso líder [Sepé], tem que virar patrimônio.** Nossos filhos farão melhor, mas começamos agora, começamos a preparar um grande projeto juntos. Vamos lembrar dos brancos, da Igreja e das ONGs aqui juntos, no começo não estiveram, mas agora estão (GUARANI, COMUNIDADE ABA GUARANI, comunicação oral, 2013, grifos meus)¹³¹.*

¹³¹ Tradução minha.

“Viva Sepé Tiaraju”, gritou Irmão Antônio, ao final da fala e do ritual. Marta, Kaingang, caminhando ao meu lado, confidenciou: “até esse vento parece que leva a gente para a guerra”, o que me fez notar como o ritual tocara a todos.

Dali, partimos para a Sanga da Bica, local onde tombou Sepé (fig. 23). Não pedalamos para que pudéssemos chegar junto com os indígenas. Ali, foi constatado o que já sabíamos: a cruz missioneira, colocada em 2006, que marcava o local da morte de Sepé havia sido retirada pela prefeitura (anterior a gestão atual) da cidade para dar lugar à construção de uma propriedade privada. Usamos o oratório – que ali descobri, construído pelos fazendeiros –, um pequeno espaço redondo com nove colunas, cada uma com o nome das cidades dos Sete Povos das Missões, mais dois povos Guarani do outro lado do Rio Uruguai, que tinham para a batalha, e ao centro, um monumento escrito sobre a morte de Sepé.

Figura 23 – Encontro na Sanga da Bica, São Gabriel/RS.



Autora: Stella Pieve

Santiago falou primeiro, apontou a bicicletada como o momento no qual as lutas se juntam: “nós, como Guarani, e todos os outros como não índios estamos na luta para sobreviver, para que haja condições para todos”. Irmão Antônio narrou o porquê de os Guarani se juntarem aos Jesuítas. Começou explicando quem eram os Jesuítas, padres de todo o mundo que tinham vindo para o Sul para salvar os indígenas e os haviam catolizado e armado. Os Guarani acabaram aceitando a ajuda, vendo-se entre a cruz jesuíta e a espada do exército luso-espanhol.

Ressaltou que, por mais que os jesuítas tivessem tentado transformar, esses Guarani, em “brancos”, vivendo e pensando a lógica da cultura ocidental, nunca o haviam conseguido. Dividiram as terras em lotes, dividiram o trabalho em famílias, de nada adiantou, os indígenas trabalhavam em mutirão (*TupãBaê*): plantavam juntos, construíam casas em conjunto, viviam

coletivamente. Para ele, é esse fato que o motiva e que torna Sepé e o povo Guarani o símbolo da luta das comunidades de pobres de direitos: à terra, à saúde, à cidadania, sejam urbanos ou sejam rurais. Para finalizar o discurso, não deixou de repudiar o gauchismo farroupilha, que tomou desse povo indígena até o chimarrão, costume guarani hoje aclamado como gaúcho.

* * *

Terra. A mística de Sepé gira em torno da luta pela terra. Vários segmentos aqui apresentados se identificam com essa luta e a ressignificam a partir das suas concepções do que vem a ser o território. Se a noção de território é algo mais do que definição de um espaço físico delimitado, é nessa medida que as fronteiras lhe são traçadas por "uma relação intrínseca com a subjetividade que o delimita" (GUATTARI, 1985, p.110¹³² *apud* Anjos, 2006).

“Esta terra tem dono” para os latifundiários indica a relação de poder de cunho econômico e agrícola; para os Sem-Terra e defensores da reforma agrária, a luta de Sepé pela terra indica redistribuição de terra e possibilidade de reprodução social via agricultura, “terra para trabalhar”, assim como, para os moradores das periferias e ocupações urbanas, a luta segue na linha de “terra para morar”.

Tanto que, em sua última fala Irmão Antônio retoma o mito de Sepé, reatualizando-o, unindo passado, presente e futuro de um único povo e uma única história de luta pela terra de todos os excluídos do Rio Grande do Sul:

Sepe, além de índio Guarani que cultivava seu projeto de Missa da Terras Sem Males em torno do sonho de Sepé, além do diálogo guaraníco, Sepé Tiaraju, junto com os padres católicos, ele viu nas Missões uma economia solidária onde todo mundo se ajudava, ele viu nessa terra o seu paraíso terrestre. **Nós, os índios Guarani, os Kaingang, os outros índios e os movimentos populares do RS, MST, Movimento de Mulheres, Pastoral da Criança, Comunidades Eclesiais de Base, todos nós estamos lutando para refazer o paraíso terrestre, por isso estão aí os bicicleteiros também, indo por todo o Rio Grande comunicando para as populações que nós estamos fazendo o que se chama o revertério.** Sepé se levantou contra os dois exércitos opressores, foi o levante popular, o primeiro do maior herói das américas, porque ninguém teve coragem como ele de lutar contra os dois exércitos mais poderosos daquele tempo, que era Espanha e Portugal. Então nós, do Brasil, que os primeiros pobres do Brasil foram os índios, deserdados de suas terras, depois os negros, escravos foram trazidos, outra turma de pobres e

¹³² GUATTARI, Felix. Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade. *In: Espaço e Debates*, n.16, ano V, 1985, 109-125pp.

depois os imigrantes europeus, também pobres. De repente, no Brasil, começou o levante popular, que, graças a Deus, a gente tá numa caminhada de reverterio. A partir dos movimentos populares, nós estamos querendo salvar todos os que não têm vida digna, libertar esse povo [...]. Então os índios hoje estão celebrando com dor o seu luto [...]. No tempo de Sepé, no tempo da semana santa se toca isso aqui [matraca], instrumento de penitência. Então, aqui nesse momento, se tivesse um sem-terra, depois desse momento de penitência, de dor dos índios pela morte de Sepé, de dor pelos 1500 companheiros, [...] para eles tocarem um sino, que a semana santa terminava com a ressurreição, coisa que os índios entenderam. Quando Sepé morreu aqui nesse local, à noite, os companheiros Guarani vieram, pegaram o corpo dele, fizeram um funeral e enterraram junto de um arroio que passaram a chamar de arroio São Sepé e invocaram ele como santo porque ele estava no céu e o sinal da presença dele é o cruzeiro do sul, como a gente canta no hino a Sepé. Então o sem-terra tocando a sineta ele diria a vocês guaranis, Sepé foi vencido, foi derrotado no Caiboaté através dos 1500 companheiros que foram massacrados, mas nós os sem-terra, o Movimento dos Sem-Terra, entrando na fazenda Southal, aqui, porque essas terras todas foram divididas entre os oficiais que mataram o Sepé e os 1500 índios, por isso que isso aqui é o coração do latifúndio [...]. **Então o Sepé seria hoje o movimento, o MST, ressuscitando aquela luta do Sepé pela terra. O MST organizado, o que que ele está fazendo? Tá conquistando a terra como Sepé através dos movimentos populares que o apoiam.** Então eles tocam o sino para lembrar pra nós, que nós estamos como os ciclistas estão aí, comunicando pra todo mundo, que se Deus quiser, nós, que já conseguimos o governo Lula, que era um trabalhador, operário, depois conseguimos Dilma, uma guerrilheira [...] nós estamos numa caminhada interessante para que não haja mais pobreza no Brasil e que os índios recuperem sua terra. (IRMÃO ANTÔNIO, Associação Caminho das Águas, entrevista, 2011, grifos meus).

Todavia, para os Guarani, sendo Sepé mais um indígena expropriado e assassinado, a luta pela terra concentra em si uma questão central na qual diversas outras pautas passam a ser encadeadas: ancestralidade, respeito, saúde, educação e política. Como sugere Mariana Machado Denardi (2012),

a falta de acesso às terras ocupadas por seus ancestrais e tidas como sagradas limita, ou às vezes inviabiliza, a realização de outras atividades fundamentais para sua reprodução física, como horticultura, coleta de plantas medicinais, caça, pesca, acesso ao material para construção de suas casas e da “casa cerimonial” (*opy*), acesso a elementos para produção do artesanato, bem como a mobilidade entre esses espaços, dentre outras práticas, além de todas as relações sociocosmológicas nelas contidas, fundamentais para a reprodução cultural *mbyá*-guarani. Além disso, mesmo as terras ocupadas ou regularizadas apresentam dificuldades devido às influências externas: as áreas frequentemente encontram-se fragmentadas entre resquícios de vegetação nativa, sofrendo forte pressão da urbanização do entorno que desconecta a vegetação, dificultando ou impedindo a circulação de animais, sementes, pessoas e relações. (DENARDI, 2012, p. 17).

Da mesma maneira, as territorialidades Kaingang abarcam complexidades. A relação cosmológica do grupo com o território ocupado é construída a partir de um conjunto de concepções, práticas, relações ecológicas e sociais. Não está em jogo uma unidade política do

território, mas a construção de uma totalidade articulada entre parentesco, língua, modo produtivo, bem como a possibilidade de se estabelecerem alianças ou serem travadas guerras – com outros indígenas, parcelas da sociedade civil que os cerca, ou estrangeiros (FREITAS, 2005).

Já as terras quilombolas resultam de domínios doados, entregues ou adquiridos – com ou sem formalização jurídica –, à família ex-escravizada a partir da desagregação das grandes propriedades, geralmente, monocultoras (BAPTISTA DA SILVA E BITTENCOURT JUNIOR, 2004, p.27). De acordo com Anjos (2004, p.73), narrativas épicas, genealogia e transmissão de sobrenomes são os esquemas organizadores da memória coletiva “que têm o papel de sistema gerador de avaliações quanto aos direitos de sucessão, à definição de pertencimentos e à estruturação da condição e das fronteiras da etnicidade”. São as narrativas da memória coletiva que marcam tempo e espaço para além da comprovação de fatos históricos e que funcionam como “fundamentação de uma noção de direito” (ANJOS, 2004, p.75). Tanto que, em Rincão dos Negros, o território nos é apresentado a partir de um Ensaio de Promessa Quicumbi, que remonta à memória coletiva: é dançar a dança da ancestralidade.

De maneira semelhante, Pai Zé expressa seu território, ao relatar a história de resistência e sincretismo pela qual sua religião passou, trazendo à tona a possibilidade de se estabelecer e ser respeitado como religioso e reverenciar Orixás e Caboclos que regem os reinos da natureza. Natureza e ecologia também passam a ter noções diferenciadas aqui, uma vez que se propõem a seguir os indígenas e suas maneiras de conviver com a natureza, e não as legislações ambientalistas de como deve se pautar a relação entre homem e natureza. É nesse sentido que “preservar” compreende mais do “salvar” a natureza, mas também “respeitar o ser humano” em seus diferentes modos de existência.

Ou seja, mesmo a partir de outros agenciamentos, como religiosidade, natureza ou ecologia, a pauta principal da pedalada é a questão agrária, pois o que se vê, com base nas descrições acerca das noções de território acima citadas, é que se produziram ao longo dos anos, definições únicas de terra e território baseadas nas concepções econômicas e jurídicas ocidentais e estas nada têm a ver com a noção de território inscritas entre os diferentes conhecimentos e modos de vida de diversas minorias. Podemos destacar ainda a forma pela qual políticas públicas têm sido articuladas, de maneira geral, sem levar em conta as particularidades de cada segmento a que são endereçadas.

Ao discorrer sobre as concepções de território em jogo que podemos encontrar, durante a pedalada no Caminho de Sepé, a proposta aqui não é evidenciar as subjetividades envolvidas na definição dos territórios ou das políticas públicas, mas apontar as possibilidades de agência de Sepé, pois é Sepé Tiaraju que possibilita um encontro entre diferentes mundos, é em nome dele que as discussões que aqui se inscrevem podem ser verbalizadas e denunciadas. A luta de Sepé Tiaraju passa a ser encarada não apenas como luta pela terra, mas por território. Reivindicar “respeito”, enquanto povo indígena, ou apresentar um Ensaio de Promessa Quicumbi ou os Orixás que guiam sua Casa de Umbanda é relembrar, sim, a luta de Sepé, mas, mais que isso, é abrir a oportunidade de expor os significados que a palavra território carrega nos diferentes contextos.

Partindo dos significados e sentidos que compõem a bicicletada, é possível perceber uma série de questões políticas, sociais e ambientais que se misturam: exclusão social, pobreza rural, pobreza urbana, direito à terra, à vida, à cidadania, reconhecimento dos povos, saúde e ecologia agenciadas por Sepé Tiaraju.

A sequência de ritos que compõem o evento, pela troca de experiências entre diferentes grupos sociais – indígenas, agricultores, catadores, mediadores sociais, moradores das periferias urbanas –; pela busca, criação e fortalecimento de uma prática ecológica, que pode desembocar nos grupos urbanos e no conhecimento e reconhecimento da história Guarani e em sua luta pela terra, sugerindo diferentes formas de apropriações enquanto peregrino, romeiro ou ciclista na pedalada¹³³.

É a partir daí que observo que, ao idealizar e propor que a bicicletada nos “Caminhos de Sepé Tiaraju” seja “a união das espiritualidades dos movimentos”, Irmão Antônio sugere que este seja o evento central em que todas as representações de luta popular se encontrem – Comunidades Eclesiais de Base, Romaria da Terra, Romaria das Águas, Indígenas, Quilombolas, católicos, umbandistas. A proposta, para ele, é de que todas essas realidades de exclusão social, de luta pela terra, se conectem na identidade comum de “pobres”, por meio da qual indígenas, quilombolas, sem-terra, catadores deem forma a um movimento de massa, com uma identidade comum que atualiza o mito da luta dos excluídos pela terra, na

¹³³ Reflexão a partir de leituras sobre a Romaria do Bom Jesus da Lapa de Carlos Alberto Steil (1996) e da Procissão do Círio de Nazaré de José Rogério Lopes (2011).

figura de Sepé Tiaraju¹³⁴.

Nessa perspectiva de união das espiritualidades dos movimentos associada à metodologia de trabalho da Pastoral da Ecologia, os ciclistas, considerados parte do “levante popular do Brasil”, têm a missão de testemunhar – viver a bicicletada –, dialogar – trocar experiências com outros ciclistas, com as comunidades do caminho e com o povo Guarani –, para, então, denunciar e anunciar a luta por justiça social, a degradação da terra e da água e o direito à vida – e com isso, criar comunhão entre os que pedalam e os que não pedalam, ou seja, criar uma rede social entre esses participantes, que todo ano é atualizada, lembrando e homenageando a morte de Sepé Tiaraju e a luta do povo Guarani, como símbolo da luta pela terra e o direito à vida.

Todavia, ao seguir o Caminho de Sepé, o que pude notar é que, sim, o ritual reúne eventos contíguos em um único ritual, sob a mística da Luta pela Terra. Porém, para além da identidade de “pobre” ou da luta por reforma agrária como causa única, a bicicletada no Caminho de Sepé abre um espaço de diálogo, criação e troca entre os diversos segmentos envolvidos e suas pautas de reivindicação, acenando diferentes perspectivas do que vem a ser a luta pela terra, na medida em que tais grupos põem em jogo as singularidades do que vem a ser território em suas diferentes concepções. É nesse sentido que, agenciados por Sepé, todos os segmentos aqui envolvidos podem, ao mesmo tempo, participar de uma série de discussões nas quais outras perspectivas da mesma luta lhe são apresentadas. Ao invés de manter uma perspectiva única, as múltiplas agências de Sepé acabam por levar os ciclistas a conhecerem outros mundos.

Pedalar em romaria ou peregrinação pelos caminhos que Sepé traçou, há mais de 250 anos, vai retrazendo o território indígena expropriado, vai trazendo de volta a luta pela terra desde Sepé, passando pelos processos de escravidão, de pobreza rural e de constituição de uma região de latifúndios. É nesse sentido que a peregrinação de corpos, bicicletas, espíritos e demais formas do cosmos por esses caminhos conectam essas diferentes relações transformando o território num mapa, e a peregrinação ciclística em um veículo de territorialização de um grupo de marginalizados e de reterritorialização dos indígenas, dos

¹³⁴ Assim como José Rogério Lopes (2011) identificou no Círio de Nazaré em Belém, PA, paralelamente as diferentes formas de apropriação que os atores operam sobre os sentidos e significados em romarias (Steil, 1996), há “uma síntese de várias mediações” que estabelecem uma rede de rituais difusos, ou seja, rituais que operam por difusão e convergência com outros eventos contíguos e em torno de uma centralidade de representações do evento.

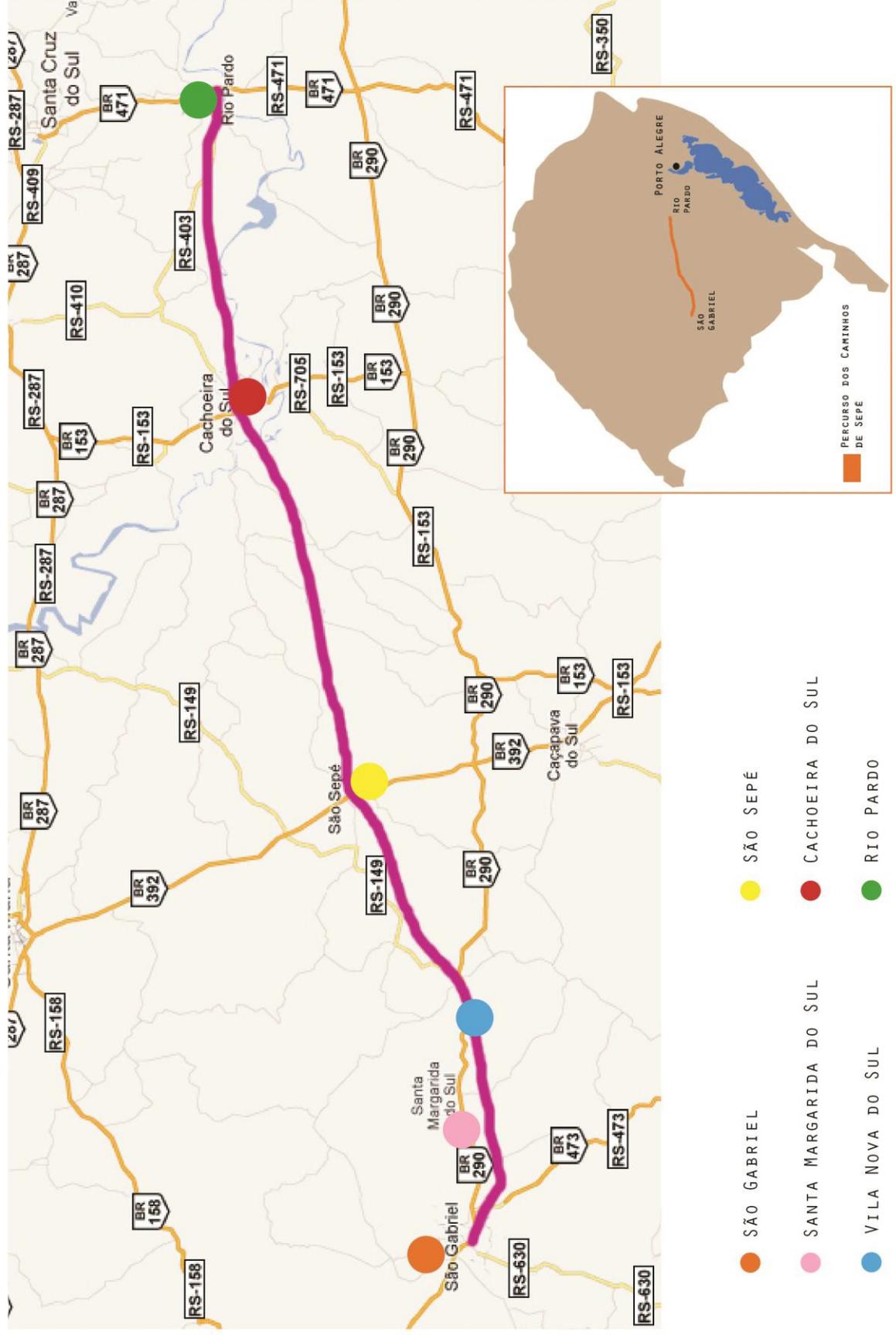
negros e dos expropriados rurais (fig.24 e 25).

Figura 24 – Pedalando com Sepé, Comunidade do Bexiga, Rio Pardo/RS.



Autora: Lucía Copelotti Guedes

Figura 25 - Percurso Caminho de Sepé 2011



- SÃO GABRIEL
- SÃO SEPÉ
- SANTA MARGARIDA DO SUL
- CACHOEIRA DO SUL
- VILA NOVA DO SUL
- RIO PARDO

CONCLUSÃO

A História diz que uma Revolução conquista “permanência”, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é “temporário”. Nesse sentido, um levante é uma “experiência de pico” se comparada ao padrão “normal” de consciência e experiência. Como os festivais, os levantes não podem acontecer todos os dias – ou não seriam “extraordinários”. Mas, tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida. O xamã retorna – uma pessoa não pode ficar no telhado para sempre – mas algo mudou, trocas e integrações ocorreram – foi produzida uma diferença. (BEY, 2011, p.16).

Esta tese teve como foco a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé Tiaraju, rituais inter-religiosos e ecológicos que acontecem no Rio Grande do Sul e atrelam à celebração questões políticas e sociais referentes às demandas dos que dela participam. Ambos os rituais foram idealizados por Irmão Antônio a partir da realidade na qual se inseriam.

A Romaria das Águas, que inicialmente era organizada por moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, leigos e religiosos que ali viviam ou trabalhavam, acabou por expandir-se e acolher novos integrantes e organizadores, tais como moradores das demais Ilhas, órgãos governamentais, organizações não governamentais, comitê de bacia hidrográfica, escolas e instituições religiosas, sendo atualmente organizada pelos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Associação Caminho das Águas, Pastoral da Ecologia e FAUERS. Desde os meados dos anos 2000, a referida celebração é parte do calendário da cidade de Porto Alegre.

O ritual faz referência a uma trajetória da luta social das Ilhas, no bairro Arquipélago de Porto Alegre, especialmente à Ilha Grande dos Marinheiros. A celebração, que consiste em uma série de romarias entre as Ilhas do bairro Arquipélago e a RMPA, no Rito das Águas e na Procissão Fluvial, além de celebrar lutas superadas na comunidade, como a fome e o desemprego, abre espaço para outras questões. Alocados numa área que foi transformada em parque – Parque Estadual do Delta do Jacuí (1976) – e trabalhando com reciclagem de resíduos sólidos, os moradores da Ilha Grande dos Marinheiros criaram a Romaria das Águas e devoção à Nossa Senhora das Águas a partir de uma santa encontrada entre os materiais recicláveis.

Ao ser criada a partir de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida – encontrada quebrada no lixo e posteriormente colada –, Nossa Senhora das Águas tornou-se a padroeira “dos que não têm”, dos catadores e dos moradores das Ilhas. Na conjuntura das Ilhas, a

Romaria das Águas é um espaço no qual se retoma a história das Ilhas, a união de seus moradores e a devoção à Nossa Senhora das Águas e à Mãe Oxum.

A Romaria das Águas abre espaço também para a intensidade afro-religiosa de Oxum, pois sua criação tem o propósito de retomar a Procissão Fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, proibida na cidade de Porto Alegre desde 1989. O que se entende é que a falta da procissão fluvial impedia a possibilidade de os negros lembrarem a partida das costas africanas e a chegada ao continente americano durante o período de escravidão e a própria festividade de Iemanjá, visto que Iemanjá é a “própria água”. Por isso, em meados da década de 1990, a Procissão Fluvial foi retomada, porém não na mesma data, o que atribuiu à Oxum, outra divindade das águas, a devoção principal, já que a procissão acontece no dia 12 de outubro, Dia de Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças, e Oxum, no sincretismo, corresponde à Nossa Senhora Aparecida.

A coexistência de diferentes religiosidades no evento propicia uma relação entre o sagrado e a natureza. Enquanto, para os católicos, a “ecologia entra na Igreja a partir dos pobres”, para os umbandistas, os elementos da natureza são os Orixás: Oxum é a água doce, por exemplo. Ao associar ecologia, militância e Teologia da Libertação, a Pastoral da Ecologia e a Associação Caminho das Águas destacam “a ecologia como uma questão de fé”, uma questão que deve ser interpretada de acordo com o seu momento histórico na busca de justiça social, pautando em seus argumentos fé, política e ecologia.

Já a FAUERS entende que a religiosidade opera como gerenciadora do ecossistema, na medida em que provoca comprometimento e responsabilidade pela preservação da natureza como prática afro-religiosa, visto que “a natureza é o altar de todos nós”. Nesse sentido, ponto comum para ambos os grupos é a possibilidade de coexistência entre a Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum na natureza. A natureza é o espaço no qual mundos diferentes podem encontrar-se, e a ecologia é a questão na qual pautas possíveis de serem compartilhadas podem situar-se.

As principais questões que vêm à tona na Romaria das Águas são o cuidado e a preservação das águas (rios, lagos, arroios e nascentes) associadas ao trabalho da reciclagem, tendo em vista que os “catadores foram escolhidos como ecólogos” por Nossa Senhora das Águas. Nela também inter-relaciona-se a história das Ilhas, a ecologia, a religiosidade, a política e a devoção à Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum, constituindo-se como espaço

de lutas e diálogos inter-religiosos, políticos, ambientais e sociais.

O que permite a coexistência dessas pautas diferentes num mesmo ritual é a atividade das coisas. O elemento água, Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum, nesse contexto, dão fundamento às lutas das Ilhas e à ecologia como potência criativa no ritual. Se contar a história da Romaria das Águas é contar a história das Ilhas, a história dos catadores, estabelecer relações entre religiosidade, ecologia e política e possibilitar um espaço de coexistência religiosa, igualmente territorializa todas essas lutas entre o bairro Arquipélago, a RMPA e a cidade de Porto Alegre. Ela também retoma a procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, reterritorializando no Lago Guaíba intensidades afro-religiosas e abrindo possibilidades de coexistência entre Oxum, Iemanjá e as devoções marianas (das Águas e dos Navegantes).

No âmbito da Romaria das Águas, a relação que se cria entre Mãe Oxum, Nossa Senhora das Águas e as questões que orientam o ritual é de ordem cosmopolítica e pautada na possibilidade de construção de um ritual comum a partir de divergências, pois, como vimos no decorrer desta tese, o propósito do ritual não é convergir ou diluir, mas afirmar as diferenças existentes. Assim, mesmo com as divergências sobre os locais de encontro e continuidade da festa, desentendimentos entre os locais de romaria de Nossa Senhora das Águas e diferentes sentidos sobre o dragão que a imagem da referida santa traz, 12 de outubro é um dia lutas conjuntas pautadas por diferentes religiosidades. Nossa Senhora das Águas e Mãe Oxum traçam as linhas que orientam as lutas ambientais, sociais e políticas.

O Caminho de Sepé, organizado pela Pastoral da Ecologia e Associação Caminho das Águas em parceria com a CPT, prefeituras e escolas municipais, CIMI, CUT, CGTEE Eletrobras e gabinetes de deputados e vereadores, é uma bicicletada que tem foco na juventude, embora não só jovens pedalem. Sepé Tiaraju é o “empoderador” do movimento e o itinerário percorrido na bicicletada relembra sua última rota (entre os atuais municípios de Rio Pardo a São Gabriel). Sepé, indígena guarani, ao liderar os guerreiros Guarani na disputa pelo território dos Sete Povos das Missões contra o exército luso-hispânico na Guerra Guaranítica (1750-1756), tornou-se um dos agentes na luta pela terra. Sepé morreu lutando em 7 de fevereiro de 1756, na Sanga da Bica, localidade no atual município de São Gabriel.

Esse ritual ocorre entre 1 e 7 de fevereiro de cada ano e tem como trajeto caminhos interiores que ligam cidades ao longo de Rio Pardo e São Gabriel/RS, no centro do Estado do

Rio Grande do Sul. Durante esse trajeto, os ciclistas vão parando e se encontrando com diferentes grupos da cidade e do campo – quilombolas, agricultores, religiosos, representantes do poder público, esportistas, militantes, professores, indígenas, entre outros. No dia 7 de fevereiro, eles participam dos rituais Guarani de luto pela morte de seus antepassados no Caiboaté, coxilha na qual 1500 guaranis morreram lutando contra os exércitos de Espanha e Portugal, em 10 de fevereiro de 1756.

Para esse ritual, com a proposta de que o mundo urbano se encontre com o mundo rural, que ambos os mundos troquem experiências sobre questões sociais, ambientais e políticas, a bicicleta passa a integrar-se como um meio de transporte ecológico pelo qual boas novas podem ser anunciadas e injustiças podem ser denunciadas.

Ao seguir Sepé Tiaraju, pude perceber as múltiplas agências de Sepé, que pode ser considerado “o primeiro caudilho do Rio Grande do Sul” pelos latifundiários; “o primeiro expropriado do Rio Grande do Sul” ou santo popular, pelos movimentos sociais de luta pela terra; herói guarani ou herói nacional, pelo Estado, ou mais um antepassado do Povo Guarani assassinado na luta pela terra. No Caminho de Sepé, as tantas agências que ele assume acabam por provocar uma cisão: para os latifundiários do estado, não é possível aproximar-se das demandas de reforma agrária, presentes na luta de todos os outros segmentos que compõem a referida bicicletada, apresentando um limite na composição de um ritual comum. Sepé Tiaraju, nesse contexto, liga o cosmos, a política e as demandas “dos de baixo”.

Todavia, mesmo que a bicicletada no Caminho de Sepé apresente-se como um espaço de lutas que se aliam em torno da luta pela terra, cada grupo que participa do evento agencia diferentes concepções sobre território. Sepé possibilita um encontro entre diferentes mundos, em que diferentes perspectivas sobre o território podem coexistir. Ao retomar a luta pela terra e as formas de expressão do território de diferentes grupos, a bicicletada acaba por ser um veículo de territorialização de marginalizados e reterritorialização dos indígenas, negros e expropriados rurais, uma vez que pauta a luta pela terra nas periferias urbanas para morar e a luta pela terra no mundo rural para trabalhar, sem deixar de lado aspectos religiosos, ancestrais e cotidianos, que dão sentido ao território para cada um dos segmentos que se encontram nesse percurso.

Enfim, o que pude notar acompanhando esses rituais é que, embora eles tenham sido idealizados por Irmão Antônio com o objetivo de formar um polo unificador das massas –

pois para ele, as romarias são “ferramentas de organização das massas” – e unir vários grupos de “pobres” existentes no Rio Grande do Sul sob a proteção de uma divindade em uma perspectiva ecológica, social e política, os rituais acabam por convergir em suas propostas e divergências. Pois, ao serem dispostos no mundo acabam sendo criados e compartilhados por diversos grupos com pautas contíguas, mas não uniformizadas.

Nessa perspectiva, o que liga os grupos participantes dos rituais aqui apresentados é a condição de vulnerabilidade social na qual se encontram as pessoas que compõem tais grupos e as possibilidades de reivindicação daquilo que lhes é necessário – direito à terra, ao território, à moradia, à manifestação religiosa e a pautas socioambientais – a partir de uma ação cosmopolítica, ou seja, uma relação que evidencie uma interação entre as divindades e o regime de político sob o qual convivem e ainda a possibilidade de compor um ritual que apresente diferentes pautas que se aliem, mas não se unifiquem, mobilizando uma forma de composição de mundos.

Dessa forma, é possível concluir que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé apresentam formas territorializantes, nas quais a questão fundiária é inserida numa pauta a ser compartilhada e que passa a ser permeada por diversas outras pautas – políticas, sociais e ambientais. A luta pela terra e a possibilidade de existir no mundo, impulsionadas por diferentes grupos passam a ser atualizadas nesses momentos.

Cabe destacar que, nesse contexto, a questão ambiental não toma a frente de uma luta social, mas compõe uma frente de lutas, da mesma maneira que a possibilidade de expressar diferentes religiosidades e permitir a coexistência de intensidades católicas e afro-religiosas é uma das principais propostas do ritual. O propósito dessa ecologia não é apenas salvar o planeta, mas apontar possíveis relações entre a preservação da natureza e a manutenção da dignidade da vida.

No âmbito desses rituais, Nossa Senhora das Águas e Sepé Tiaraju agenciam outros modos de acionar políticas públicas e, ainda, de promover reivindicação social, permitindo que os múltiplos grupos aqui evidenciados possam agir em conjunto, mas como grupos diferentes, com práticas divergentes.

Por fim, podemos destacar, a partir desta tese, que as questões pautadas aqui (seja pelo viés ecológico, social, político ou religioso) não deixam de ser “velhas” questões (a terra e o território), porém a possibilidade de atualizar essa luta a partir de rituais que aproximam

causas compartilhadas, mas divergentes em suas essências, proporcionam a criação de novas possibilidades. E é justamente a construção desses contrastes que proporcionam a possibilidade do vir a ser, daquilo que não pode ser pautado nas uniformidades ou na uniformização da luta pela terra, mas nos direitos das minorias, em todas as suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Augusto de Azambuja. **Deus na Periferia do Mundo: um estudo sobre o Núcleo Pastoral da região das Ilhas de Porto Alegre**. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ANJOS, J. C. G. dos. Identidade Étnica e Territorialidade. In: ANJOS, J. C. G. dos; SILVA, S. B. da (Org.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 63-118.

ANJOS, José Carlos dos; LEITÃO, Leonardo. **Etnodesenvolvimento e Mediações Político-Culturais no Mundo Rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. A Filosofia Política da Religiosidade Afro-Brasileira como Patrimônio Cultural Africano. **Debates do Ner**, Porto Alegre, v. 9, n. 13, p.77-96, jan/jul, 2008.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No Território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs/fundação Cultural Palmares, 2006. 126 p. (Comunidades Tradicionais).

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. **Ata da octogésima segunda sessão ordinária, em 26 de setembro de 2007**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/plen/SessoesPlenarias/visualiza.asp?ID_SESSAO=630>. Acesso em 7 de janeiro de 2011.

AYDOS, Valéria. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. **Debates do Ner**, Porto Alegre, n. 5, ano 5, p.31-56, 2004.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011. 88 p.

BOAVENTURA, Josuel dos Santos. **Revelação Cristã e Culturas Afro-Brasileiras à luz da Teologia de Andrés Torres Queiruga**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BOND, Rosana. **Guaranis desmentem livros e revelam história**. 2008. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-40/1515-guaranis-desmentem-livros-e-revelam-nova-historia>>. Acesso em: 14 set 2014.

BRUM, Ceres Karam. "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado: a figura de Sepé Tiaraju. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, Rs, n. 46, p.1-26, 2006.

BRUM, Ceres Karam. "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado: a figura de Sepé Tiaraju. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, Rs, n. 46, p.1-26, 2006.

BRUM, Ceres Karam. O mito de Sepé Tiaraju: etnografia de uma comemoração. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 3, p.5-20, 2007.

BRUM, Ceres Karam. Sepé Tiaraju: o índio que os gaúchos querem viver, representações, identidades e educação. In: PENNA, Rejane; SILVA, Gilberto; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Org.). **RS Índios: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009a. P. 15-28.

BURD, Rafael. **De alferes a corregedor: a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites na América Meridional - 1752/1761**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Sepé Tiaraju: herói Guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 51p. (Série Obras Comemorativas. Personalidades; n.1).

CARDOSO, Patrícia Moreira. **Conflitos Socioambientais em Áreas Protegidas: interesses e estratégias nas disputas pela legitimidade na redefinição do Parque Estadual Delta do Jacuí - RS**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p.289-305, jul/dez, 2008.

CECHIN, Antônio. A Romaria da Terra e sua história. In: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA/RS; MOVIMENTO DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS; PASTORAL UNIVERSITÁRIA. (org). **Boletim Sem-Terra**. Porto Alegre, 1982.

CECHIN, Antônio. **Mais um milagre de São Sepé Tiaraju**. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516792-mais-um-milagre-de-sao-sepe-tiaraju?tmpl=component&print=1&page;=>>>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.

CECHIN, Antônio. O Oitavo Encontro Intereclesial de CEBs e a Ecologia. In: CECHIN, Antônio. **Empoderamento Popular: uma pedagogia de libertação**. Porto Alegre: Estef, 2010. p. 154-179.

CHAVES, Christine Alencar. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Um Estudo sobre a Fabricação do Social**. Rio de Janeiro: Relume-DumaráUFRJ. 2000. 446 pp.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal: o profetismo Tupi-Guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA/RS; MOVIMENTO DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS; PASTORAL UNIVERSITÁRIA. (org). **Boletim Sem-Terra**. Porto Alegre, 1982.

COMITESINOS (Ed.). **Comitê Hidrográfico da Bacia do Rio dos Sinos**. Disponível em: <http://www.comitesinos.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=35>. Acesso em: 20 de agosto de 2010.

DENARDI, Mariana Machado. **Jeguatá: uma etnografia do percurso pelo reconhecimento dos direitos territoriais mbyá-guarani**. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DEUS, João de. **Relatório Cáritas 2010**. Brasília: Cáritas Brasileira Organismo da Cnbb, 2010. 117 p.

DEVOS, Rafael Victorino. **A "questão ambiental" sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque do Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS**. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUBISCH, Jill. Heartland of America: memory, motion and the (re)construction of history on a motorcycle pilgrimage. In: COLEMAN, Simon; EADE, John. **Reframing Pilgrimage: cultures in motion**. London: Routledge, 2004. p. 105-132.

FAUERS (Ed.). **Federação Afro-Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <www.fauers.com.br>. Acessado em: agosto de 2012.

FIDELES, Nina; TAVARES, Joana. Da luta há 25 anos, o retorno em Sarandi. **Revista Sem Terra**, São Paulo, n. 49, s/p, mar/abr, 2009. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/revista/49/destaque>>. Acesso em: 12 de setembro de 2014.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. **Mrür Jykre – a cultura do cipó: territorialidades Kaingang na margem leste do Lago Guaíba, Porto Alegre, RS**. 2005. 464 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GARCIA, Elisa Frühauf. **As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América Portuguesa**. 319f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2007.

GOLDMAN, Marcio. Aula Aberta: diálogos entre a Antropologia da Ciência e da Modernidade e a Etnologia Indígena. São Paulo: Centro de Estudos Ameríndios (CESTA), 2013. Disponível em: <<http://vimeo.com/73405931>>. Acesso em: 10 setembro 2014.

GOLDMAN, Marcio. **Como funciona a democracia:** uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. 368 p.

GUEDES, Lucía Copelotti. **Porque a natureza é o altar de todos nós:** uma etnografia sobre as práticas ecológicas das religiões afro-brasileiras na Região Metropolitana de Porto Alegre. 2013. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

INGOLD, Tim. **Lines:** A Brief History. Oxon, Uk: Routledge, 2007. 186 p.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico guarani-mbya:** significado, constituição e uso. São Paulo: EdUEM: EdUSP, 2008.

latifúndio pastoril rio-grandense. Disponível em: www.pfilosofia.pop.com.br/07_leituras_cotidianas/20061017a.htm

LIEBGOTT, Roberto Antônio. **07 de fevereiro, dia de Sepé Tiaraju.** 2010. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=4435>>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

LIEBGOTT, Roberto Antonio. Os Guarani e a Luta pela Terra. *In:* PORTO ALEGRE. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. **Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul:** territorialidades, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos. Porto Alegre: ALERS/CCDH, 2010. 5-10pp.

LIEBGOTT, Roberto. **A memória de Sepé Tiaraju foi agredida mais uma vez na terra do latifúndio!** 2009. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/index.php?system=news&action=read&id=3818&page=647>>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

LOBO, Janaína Campos. **Entre gingas e cantigas:** Etnografia da Performance do Ensaio de Promessa Quicumbi entre os morenos de Tavares, Rio Grande do Sul. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 31, p.155-181, 2011.

LOPES, José. Sérgio. (Org.). **A Ambientalização dos Conflitos Sociais; Participação e Controle Público da Poluição Industrial** (Coord.). 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

LPJ, Levante Popular da Juventude. **Quem Somos.** 2014. Disponível em:

<<http://levante.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2014.

LUGON, Clovis. **A República Guarani**. Tradução Alcy Cheuyche. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 248p.

MACHADO, Odilon Kieling; BIASOLI, Vitor Otávio Fernandes. As CEBS e a luta por trabalho, emprego e renda: o caso da ocupação no Bairro Mathias Velho, em Canoas / RS (1978-1984). **Revista Latino-americana de História**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p.379-390, mar. 2012.

MACIEL, Maria Eunice. Memória, Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2001, p.239-267.

MAESTRI, Mário. **Os Sete Povos Missioneiros: Das fazendas coletivas ao**

MARQUES, Roberta Pôrto. Um estudo de caso sobre o Fumo, o uso dos Cachimbos e as práticas de fumar entre os Mbyá-Guarani (RS). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.97-118, jan/jun. 2012.

MOUTINHO-DA-COSTA, Lara. Territorialidade e racismo ambiental: elementos para se pensar a educação ambiental crítica em unidades de conservação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.101-122, jul/dez, 2011.

NEWS CARDIJN MOVEMENT. Ver, julgar e agir: 50 anos de prática social católica. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, n. 361, maio 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/43514-ver-julgar-e-agir-50-anos-de-pratica-social-catolica>>. Acesso em: agosto de 2014.

NOVAES, Regina Reyes. As metamorfoses da Besta Fera: O mal, a religião e a política entre os trabalhadores rurais. *In*: BIRMAN, Patrícia, NOVAES, Regina Reyes e CRESPO, Samira. (Orgs.) **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro, EdUERJ. 2007.

OLIVEIRA, André de; PINHEIRO, Jefferson. **São Gabriel**. 2012. Jornalistas independentes e fundadores da Cooperativa Catarse – Coletivo de Comunicação. Esta reportagem foi realizada através do Concurso de Microbolsas de Reportagem da Pública. Outras reportagens financiadas pelo concurso – com o apoio da Fundação Ford – foram publicadas durante agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Sao-Gabriel>>. Acesso em: 12 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Valter Lúcio de. **A Ironia da Realidade e os Paradoxos da Razão Política: diversidade, sociabilidade e dinâmicas político-religiosas em espaços de luta pela terra no Rio Grande do Sul**. 2009. 346 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ORO, A. P.; Derois, R. **Caminhos da Religiosidade Afro-Riograndense** - Amostra 2011 (Vídeo).

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: sincretismo entre Maria e Iemanjá**. Porto Alegre: SMC, 2009. 140 p.

ORO, Ari Pedro. As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do Ner**, Porto Alegre, v. 13, n. 9, p.10-23, jan/jun 2008.

PACHECO, Inês. Cartilha pela Natureza. Material Impresso. 2010a.

PACHECO, Maria Inês; SOARES, Natália, PAVELACKI, João.Alcindo. **Cartilha da 15ª Romaria das Águas**. Material Impresso. 2008.

PACHECO, Maria Inês. (Ed.). **Romaria das Águas do Guaíba**. Disponível em: <<http://romariadasaguasguaiba.blogspot.com/>>. Acesso em: agosto de 2010a.

PASTORAL DA ECOLOGIA (Porto Alegre) (Ed.). **Pastoral da Ecologia**. Disponível em: <<http://www.pastoraldaecologia.blogspot.com/>>. Acesso em: 28 out. 2010.

PEIRANO, Mariza (Org.). **O Dito e o Feito: Ensaio de Antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 228 p.

PEIRANO, Mariza. A Análise Antropológica de Rituais. **Série Antropologia**, Brasília, v. 270, p.01-35, 2000.

PEREIRA, Pilato. **As raízes missioneiras nas periferias urbanas**. Disponível em: <<http://centrodeestudosambientais.wordpress.com/2010/04/19/as-raizes-missioneiras-nas-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 9 abr. 2010.

PEREIRA, Pilato. **Ecologia, Grito da Vida, Grito de Deus: A Ecologia numa perspectiva cristã**. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós Graduação Lato Sensu Abordagem Transdisciplinar: Ecologia. Educação e Teologia, Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis, 2007.

PEREIRA, Pilato. **Justiça e Paz com a Criação: A Ecologia em interação com Justiça e Paz na experiência prática e reflexiva do Conselho Mundial de Igrejas**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia Sistemática, Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEREIRA, Pilato. **O irmão dos pobres: Antônio Cechin, uma biografia**. Porto Alegre: Estef, 2009.

PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PORTO ALEGRE. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Comissão Especial Delta do Jacuí: Relatório Final**. Porto Alegre, 2010. 51 p.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do Sul do Brasil**. Tese (Doutorado) – Curso de Pós Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PRESTES, Antonio João Dias. Uma iniciativa para recuperação ambiental em espaços urbanos: o programa “Guaíba Vive”, Porto Alegre (1989-2004). **Revista Latino-americana de História**, São Leopoldo, v. 2, n. 8, p.94-114, out, 2013.

PUCPR. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (Org.). **A vida de Marcelino Champagnat**. 2014. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/champagnat/historia.html>>. Acesso em: 22 ago 2014.

RAMOS, Antonio Dari (Comp.). **Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira: a formação histórica dos municípios da região das Missões do Brasil**. Santo Ângelo: URI/IPHAN, 2006. 100 p.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual 24.385, de 14 de janeiro de 1976**. Cria o Parque Estadual do Delta do Jacuí, constitui em Reserva Biológica as Ilhas das Pombas e da Pólvora e dá outras providências. Porto Alegre, 1976. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=32787&hTexto=&Hid_IDNorma=32787. Acesso em setembro de 2011.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual 28.161, de 16 de janeiro de 1979**. Altera o Decreto nº 24.385, de 14 de janeiro de 1976, amplia a área do Parque Estadual Delta do Jacuí, e dá outras providências. Porto Alegre, 1979. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=27941&hTexto=&Hid_IDNorma=27941. Acesso em setembro de 2011.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual no 44.516, de 29 de junho de 2006**. Regulamenta a **LEI Nº 12.371**, de 11 de novembro de 2005, que cria a Área de Proteção Ambiental APA - Estadual Delta do Jacuí e o Parque Estadual Delta do Jacuí, e dá outras providências. Porto Alegre, 2006. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=49819&hTexto=&Hid_IDNorma=49819. Acesso em: setembro de 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Ed.). **Pró-Guaíba**. Disponível em: <<http://www.proguaiba.rs.gov.br/romariadasaguas.htm>>. Acesso em novembro de 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Cultura (Ed.). **A História dos Bairros de Porto Alegre**. s/d. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=123>. Acesso em julho de 2012.

ROMARIA DAS ÁGUAS GUAÍBA (Canoas) (Ed.). **Pai Nosso Ecológico**. Disponível em: <<http://romariadasaguasguaiba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 out. 2013.

SANCHIS, Pierre. “Igreja e Questão Agrária: um Pós-facio”. In: Vanilda Paiva (org.). **Igreja e Questão Agrária**. São Paulo, Loyola, 1985.

SCHILLMEIER, Michael. Realidades para virem-a-ser: sobre cosmopolíticas. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.101-122, jan/jul 2013.

SCOMAZZON, Carlos. **Modelo de desenvolvimento gera desequilíbrio ambiental, diz Cáritas**. 2014. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/impressao.php?reg=22275&p_secao=56&di=2014-06-05>. Acesso em: 15 outubro 2014.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 1, n. 3, p.23-48, jan/jul, 2010.

SILVA, S. B. da; BITTENCOURT JÚNIOR, I. C. Etnicidade e Territorialidade: o quadro teórico. In: ANJOS, J. C. G. dos; SILVA, S. B. da (Org.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 21-29.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações epistemológicas. In: Abumanssur, E. S. (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Rio de Janeiro, RJ: Papyrus (Ed.). pp. 29-51. 2003.

STEIL, C. A. **Ambientalização Social e Religião**. Projeto de pesquisa. Conselho Nacional de Pesquisa/CNPq Universal. (Aprovado). 2010.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.163-183, jan/jul, 2014.

STENGERS, Isabelle. **The cosmopolitical proposal**. (2004). Disponível em: <<http://balkanexpresss.files.wordpress.com/2013/09/stengersthe-cosmopolitical-proposal.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2004.

VELHO, Otávio. **Besta-Fera: Recriação do Mundo. Ensaios de Crítica Antropológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. 250 pp.

Anexo 1 – Panfleto da Festa de Nossa Senhora Aparecida com Solene Procissão Fluvial Comemorativa da Invenção da Cidade (1994).

12 DE OUTUBRO
FESTA DE Na. Sa. APARECIDA
COM SOLENE PROCISSÃO FLUVIAL
COMEMORATIVA DA INVENÇÃO DA CIDADE

..lc

Em Porto Alegre, o Brasil começou com a chegada, pelo rio, das naus - por tuquesas que desembarcaram os casais - açorianos em atracadouro natural que, aos poucos foi tomando jeito de um A- legre Porto. Junto às areias - truíram, em linha, suas casas a que mais casas se agregaram. Surgia assim uma rua que era ao mesmo tempo praia., Estava inventada a cidade que seria a capital do Rio Grande do Sul.

Para comemorar o evento, retoma-se todos os anos, a chegada dos barcos pelo Guaíba, de maneira celebrativa, através de uma solene Procissão Fluvial, para pedir as bênçãos dos céus, não somente para os trabalhadores das águas e para os que nelas têm o seu lazer, mas também para todos os moradores da cidade banhada pelo rio.

Nossa Senhora Aparecida é do rio. Sua Imagem representa a naturalização brasileira das imagens trazidas pelas diversas culturas européias.

Para os cultos afro-brasileiros, Nossa Senhora Aparecida é sincretizada com a Oxum porque apareceu na água doce, vestida de negra côr. Como Mãe e Padroeira de todos os brasileiros, provoca a conversão face ao Choque Cultural dos primitivos, e convida a estabelecer o diálogo entre as culturas para que não haja mais opressores e oprimidos.

Ao completarmos 500 anos de Brasil, a poluição campeia. As águas contami-

nadas do Guaíba são um exemplo típico. A Mãe de Jesus, Maria, a Imaculada Conceição Aparecida, conduzida triunfalmente por sobre as águas é o grande penhor de purificação do rio e de todo o meio ambiente em que estamos empenhados.

A Mãe Aparecida continua hoje sendo a Madrinha dos que não a tem: os catadores e papeleiros por ela escolhidos como os melhores ecólogos. Ela também à Musa Inspiradora do Movimento "Viva o Guaíba!" -

Como Padroeira do Brasil, a Aparecida ajudará as inúmeras culturas européias para cá transplantadas, a cultivar sentimentos de brasilidade, exorcizando germes separatistas. Os céus nos quiseram irmãos de alma e de sangue: Índios, negros e brancos que ocupamos o território que-

vai do Oiapoc ao Chuí. Por isso, ao festejar a Aparecida queremos também festejar a fé e a devoção de todas as culturas aqui chegadas.

Neste ano de 1994, Nossa Senhora Aparecida nos ajudará também na escolha dos melhores governantes para o Estado e a Nação de modo a acabar com a miséria e a fome em que vivem os milhões de excluídos.

SETE ÁRIO - Faltam 7 anos para completar os SOD de Brasil. Um setenário.

7, na numerologia bíblica, é número perfeito. 7 dias tem a semana porque 7 foram os dias empregados por Deus nos trabalhos da Criação do mundo; 7 são os sacramentos; 7, as petições do Pai Nosso; 7, os dons do Espírito Santo. Sempre 7.

500 ANOS DE BRASIL - Descobrimento do Brasil em 1500?... Puderam! Na verdade, o que aconteceu então foi um tremendo CHOQU CULTURAL cujas consequências se arrastam por 5 séculos. Um dado apenas: decorridos 500 anos, são 80 milhões os famintos ao raiar.

Os portugueses que aqui desembarcaram diziam que vinham "dilataram a fé e o império". Na prática o Império através da Fé. Inúmeras culturas indígenas destruídas. Depois foi a vez das culturas africanas. Mais tarde outras e mais outras.

Temos um acerto de contas a fazer com a História. Para essa tarefa, nada melhor do que um período de 7 anos de preparação para marco importante. Será um tempo propício para uma avaliação: de penitência pelos erros cometidos e de invenção de caminhos novos para o século e o milênio que se anunciam.

OSSA SENHORA APARECIDA - As diversas culturas européias que aqui desembarcaram, vieram com suas devoções e imagens típicas. Os portugueses, com Nossa Senhora das Navegantes; os espanhóis, Nossa Senhora do Rosário; os italianos, Nossa Senhora do Carmo; os franceses, Nossa

Sa. de Lourdes; os poloneses, Nossa Senhora de Czestochowa e assim por diante.

Has com o nome da Virgem, Mãe de Jesus, suplantando suas imagens entrasseno Brasil quando os mais pequeninos dentre os filhos os eram aqui tratados como lixo?

Em sobra: o menino do Pastoreio erguia aos céus o seu clamor em nome do Pai. "Afilhado da Virgem Senhora Nossa, que é madrinha de quem não a tem" acendia-lhe os dedos das mãos e dos pés: "Valha-me Virgem! Mãe de Deus!"

Sepé, o índio santo, atido e peles na defesa da terra de sua comunidade, gritava ao face dos exércitos invasores: "Se Deus quiser, se o Arcanjo Miguel como legítimos donos podiam tirar-lhes a posse."

Como podia ficar indiferente História, aos desamparados?...

Corria o ano de 1717. Na Vila de Guaratinguetá, às margens do rio Paraíba do Sul, chegaram os overtores de Minas Gerais e de São Paulo. A Câmara de Vereadores convocou todos os pescadores a fornecerem peixe para a festa. Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso rabalharam juntos a noite inteira sem nada apanhar. Quando foi de madrugada, lançou a rede, veio, no arrasto, o corpo de uma imagem. Algumas braças abaixo, novo lançamento e veio a cabeça que se ajustou perfeitamente ao corpo.

Deitada a imagem dentro de um pano, na proa do barco, eis que a pesca dali em diante foi muito abundante.

Os humildes pescadores levaram para casa, com todo o respeito, a preciosa imagem. Colocada sobre um altar improvisado, amigos e vizinhos

erraram para a reza diária do terço. Sucederam-se os milagres. Multiplicaram-se os devotos e assim se espalhou pelo Brasil inteiro o culto a Nossa Senhora da Conceição Aparecida das águas.

Os céus haviam dado o GRANDE SINAL. Essa imagem em pedaços, resgatada das águas, teria sido criada do nada por Deus, de maneira totalmente milagrosa, como nos primeiros dias da Criação?...

Ou então, de maneira muito mais natural, ter-se-ia despenhado do oratório a proa por movimento brusco de algum barco, desses que costumavam vir do sul, carregados de carne-seca para comerciar em São Paulo e cujo proprietário era um senhor de escravos?...

Seja lá como tenha sido a invenção da estátua, uma coisa é certa: os humildes pescadores, em sua Fé e Religiosidade Popular souberam dar ao fato uma linda-maravilhosa interpretação.

Nossa Senhora da Conceição trazida da Europa, aqui chegando, não aguentou que seus filhos negros fossem tratados como lixo. Identificou-se com eles. Quis ser também lixo jogado fora no rio. Dentro das águas adquiriu a negra cor de seus filhos negros. Travestiu-se de OXUM "Rainha de todos os rios, das fontes e das cascatas", demonstrando assim todo seu respeito pelas culturas e religião afro-brasileiras.

No México, entrara na cultura indígena como Nossa Senhora de Guadalupe e agora, no Brasil, como Nossa Senhora Aparecida assumiu a cultura indo-afro-brasileira.

Em Aparecida, todas as devoções a Maria, trazidas pelos europeus, se naturalizaram brasileiras.

DEVOÇÃO "NOSSA SENHORA APARECIDA"

Trata-se de uma Associação Religiosa, leiga, macro-ecumênica, com pretensões a se tornar de massa.

Para fazer parte da DEVOÇÃO, basta simpatiar e preencher a ficha - de inscrição, no verso.

A DEVOÇÃO é uma entidade eminentemente democrática, a cuja frente está uma Equipe de Coordenação. Nella, os membros -pessoas físicas ou pessoas jurídicas - estão em pé de igualdade com direito a um voto cada.

O OBJETIVO da DEVOÇÃO resume-se em resgatar os valores da religiosidade e da cultura popular do passado, acrescentando-lhes os novos valores do presente, abrindo perspectivas para o futuro.

Dentro da DEVOÇÃO, não há limites para a criatividade nas faixas da religiosidade e da cultura popular.

Preencha a Ficha de Inscrição, no verso, ou em papel separado, em via para a sede e participe da Assemblêia Anual que a seu devido tempo anunciaremos.

A DEVOÇÃO pretende manter-se com doações livres e espontâneas, como fruto da devoção e da simpatia pelos seus altos objetivos.

ENDEREÇO DA DEVOÇÃO:

Rua Dr. Flores, 105 Sala 411
90.020-122 Porto Alegre - RS
Fone: (051) 225.00.33

PARA DOAÇÕES: Conta Bancária nº

S E T E N Á R I O

- DE

NOSSA SENHORA APARECIDA

EH

PREPARAÇÃO

AOS

500 ANOS

DE

BRASIL

Anexo 2- Cronograma Romaria das Águas (2011)

CRONOCrRAMA ROMARIA DAS ÁGUAS- 2011

1. 7 a 16/05 --Centro Marista -- 09hs -- Gabardo
2. 16 a 23/05 --NS dos Pobres -- 14hs- Marilda
3. 23 a 24/05 -- Galpão de Reciclagem -- 14hs -- Mosa
4. 25 a 28/05 --Clube de Ivlães- 15hs- Nazaret
5. 28/05 a 04/06 -- Pavão -- 15hs -- Loreei
6. 04 a 05/06 -- Conceição -- 16hs -- Ireni c Creche Tia Jussara -- Gabardo
7. 05/06 a 02/07- Ylê de Oxurn -- Tânia
8. 02 a 10/07 -- Centro de Umbanda Jurema Caçadora Águas de Oxalá- 20hs -- lida
9. 10 a 17/07 -- NS de LLlrdes- 10hs- Neli
10. 17 a 23/07--NS Boa Viagem-9hs - Xica
11. 23 a 24/07 -- Reino de Ogum e Tansã- 20hs- Tereza
12. 25 a 29/07 - Tvlaria Mabilde (Escola)- 16hs- Jurema
13. 29 a 30/07 Reino de Iernanjá e Oxossi - 20hs - Beatriz
14. 30 a 31/07 -- Ylê de Iansã e Xangô -- 20h30min. Búrbara
15. 03 a 07/08-- Alvarenga Peixoto-- 10hs- Dóris
16. 07/08 Ação Solodidaria (Escola Alvarenga) -- 09hs.

Anexo 3 – Missa da Terra sem Males, Dom Pedro Casaldáliga

Abertura

Todos (Canto)

Em nome do Pai de todos os Povos,
Maíra de tudo,
excelso Tupã

Em nome do Filho,
que a todos os homens nos faz ser irmãos.
No sangue mesclado com todos os sangues.
Em nome da Aliança da Libertação.

Em nome da Luz de toda Cultura.
Em nome do Amor que está em todo amor.

Em nome da Terra-sem-males,
perdida no lucro, ganhada na
dor,
em nome da Morte vencida,
em nome da Vida, cantamos,
Senhor!

Memória Penitencial

Todos (Canto)

Herdeiros de um Império de extermínio,
filhos da secular dominação, queremos
reparar nosso pecado,
vimos celebrar a nova opção: Ressurreição.

Na Ceia da Morte e da Vida,
a antiga memória perdida;

a morte dos Povos do passado
na Festa do Povo esperado: Ressurreição;

a História da América inteira,
nesta Memória de Libertação;

na Páscoa do Ressuscitado,
a Páscoa Ameríndia
ainda sem ressurreição... ressurreição,
sem ressurreição...

Solo indígena, ou recitado (R) ou cantado (C). Todos (Canto)

Eu sou América,

sou o Povo da Terra,
da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,
o Povo das Selvas, o
Povo dos Pampas, o
Povo do Mar...

(R)

Do Colorado, de
Tenochtitlan, do
Machu-Pichu, da
Patagônia,
do Amazonas,
dos Sete Povos do Rio Grande...

(Vozes individuais)

Eu sou Apache.
Eu sou Azteca.
Eu sou Aymara.
Eu sou Araucano.
Eu sou Maia. Eu
sou Inca.
Eu sou Tupi. Eu
sou Tucano.
Eu sou Yanomani.
Eu sou Aymore.
Eu sou Irantxe. Eu
sou Karaja. Eu sou
Terena.
Eu sou Xavante.
Eu sou Kaingang.

Solo (R)

Eu, Guarani.
E é com canto Guarani
que todo o resto do Continente,
todos os povos do meu Povo,
cantam agora seu lamento.

(C)

Irmãos, vindos de fora,
se quereis ser irmãos,
escutai o meu canto!

Todos

Queremos escutar,

de coração aberto, com
 a mão do remorso
 sobre a ara do peito.
 Queremos reparar
 a História desta Terra,
 massacre secular.

Solo (R)

Eu tinha uma cultura de milênios,
 antiga como o sol,
 como os Montes e os Rios de gran de Lacta-Mama.
 Eu plantava os filhos e as palavras.
 Eu plantava o milho e a mandioca.
 Eu cantava com a língua das flautas.
 Eu dançava, vestido de luar,
 enfeitado de passaros e palmas.
 Eu era a Cultura em harmonia com a Mãe Natureza.

Todos

E nós a destruímos,
 cheios de prepotência,
 negando a identidade
 dos Povos diferentes,
 todos Família Humana.

Solo (R)

Eu era a Paz comigo e com a Terra...

Todos

E nós te violamos
 ao fio das espadas,
 no fogo do arcabuz
 queimamos teu sossego.

Solo (R)

Todos

Caravelas do Lucro,
 viemos navegando,
 para vender a Terra
 para explorar lucrando.

Solo (R)

Eu vivia na pura nudez,
 brincando, plantando, amando,

gerando, nascendo, crescendo,
na pura nudez da Vida.

Todos

E nós te revestimos
com roupas de malícia.
Violamos tuas filhas.
Te demos por Moral
a nossa Hipocrisia.

Solo (R)

Eu tinha meus pecados, eu
fiz as minhas guerras...
Mas eu não conhecia
a Lei feita Mentira,
o Lucro feito Deus.

Todos

E nos te revestimos
com roupas de malícia.

Solo (R)

Eu era a Liberdade
-não uma estatueta apenas-,
Moara em carne humana,
a Liberdade viva.
Eu era a Dignidade, sem
medo e sem orgulho, a
Dignidade Humana.

Todos

E nós te escravizamos.
E nós te sepultamos
na escuridão das minas.
Dobramos o teu corpo
sob os canaviais.

E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.

Solo (R)

Meu tempo era o Dia e a Noite,
o Sol e a Lua,
as Chuvas e os Ventos gerais,

meu tempo era o Tempo, sem horas.

Todos

E nós te amarramos ao
tempo do relógio, no
nosso pouco tempo
de pressas e interesses,
ao tempo-concorrência.

Solo (C)

Eu adorava a Deus,
Maíra em toda coisa,
Tupã de todo gesto,
Razão de toda hora.

Eu conhecia a Ciência
do Bem e do Mal primeiros.
A Vida era meu culto, a
Dança era meu culto, a
Terra era meu culto,
a Morte era meu culto,
eu era um Culto vivo!

Todos

E nós te missionamos,
infiéis ao Evangelho,
cravando em tua vida
a espada de uma Cruz.
Sinos de Boa-nova,
num dobre de finados!

Infiéis ao Evangelho,
do Verbo Encarnado,
te demos por mensagem,
cultura forasteira.
Partimos em metades
a paz de tua vida,
adoradora sempre,

Solo (R)

O amor do Pai de todos
me batizou com água da Vida e da Consciência
e semeou em mim a Graça do seu Verbo,
Semente universal de Salvação.

Todos

Quando nós te ferramos

com um Batismo imposto,
 marca de humano gado,
 blasfêmia do Batismo,
 violação da Graça
 e negação do Cristo.

Solo (R)

Eu era um Povo de milhões de vivos, de
 milhões e milhões de Gente Humana,
 milhões de imagens vivas do Deus Vivo.

Todos

E nós te dizíamos,
 portadores da Morte,
 missionários do Nada.

Solo (R)

Eu vos dei a beleza do Mar e suas praias,
 eu vos dei minha Terra e seus segredos,
 os pássaros, os peixes, os animais amigos,
 servidores.

O milho da espiga apertada e repartida,
 o bulbo generoso da mandioca
 o pão de cada dia,
 o guaraná cheiroso da floresta,
 o caldo assossegante do chimarrão do Sul.
 O remédio da Terra enfermeira.
 A canoa, voadora nas águas.
 O Pau-brasil de fogo,
 nome do coração do vosso País...

Todos

E nós te depredamos,
 desnudando as florestas,
 calcinando teus campos,
 semeando veneno nos rios e no ar.

A Terra generosa
 separando, por cercas,
 os homens contra os homens:
 para engordar o gado
 da fome nacional para
 plantar a soja
 da exportação escrava.

Solo (C)

Eu era a Terra livre,

eu era a Agua limpa, eu
era o Vento puro,
fecundos de abundância,
repletos de cantigas.

Todos

E nós te dividimos
em regras e em fronteiras.
A golpes de ganância
retalhamos a Terra.
Invadimos as roças,
invadimos as tabas,
invadimos o Homem.

Solo (R)

Eu fazia um caminho a cada vez que passava.

Era a Terra o caminho.
O caminho era o Homem.

Todos

Nós abrimos estradas,
estradas de mentira,
estradas de miséria,
estradas sem saída.
E fizemos do Lucro o
caminho fechado para
o Povo da Terra.

Solo (R)

Eu era a Terra inteira,
eu era o Homem Livre.

Todos

E nós te reduzimos
em Vitrina e Reserva,
em Parque zoológico,
em Arquivo-poeira.

Solo (R)

Eu era a Saúde dos olhos,
penetrantes como flechas,
dos ouvidos atentos,
dos músculos harmônicos,
da alma em sossego.

Todos

E nós te mergulhamos
 nos vírus, nos bacilos,
 nas pestes importadas.
 Teu Povo reduzimos
 a um Povo de doentes, a
 um Povo de defuntos.

Solo (R)

Eu vivia embriagado na Alegria. A
 aldeia era uma roda de amizade.

Meus Chefes comandavam,
 servidores do Povo,
 com a sabedoria e o respeito
 de quem se reconhece igual ao outro.

Todos

E nós te embriagamos
 de cachaça e desprezo.
 Fizemos-te objeto
 do Turismo impudente.
 Tornamos os teus Povos
 uma placa de rua,
 e o teu Saber antigo,
 Tutela de menores.
 Pusemos as algemas
 dos nossos Estatutos
 na tua Liberdade.
 Jogamos tua Língua
 nas covas do silêncio,
 e os teus Sobreviventes
 à beira das estradas,
 à beira dos viventes
 mão de obra barata
 nas fazendas e minas,
 nos bordéis e nas fábricas;
 mendigos dos suburbios
 das cidades sem alma;
 restos do Continente
 da grande Lacta-Mama

(A música se torna diferente em tom de desafio e esperança) Solo (C)

Eu era toda América,
 eu sou ainda América,
 eu sou a nova América!

Todos

E nós somos agora,
 ainda e para sempre,
 a herança do teu Sangue,
 os filhos dos teus Mortos,
 a aliança em tua Causa.
 Memória rediviva,
 na Aliança desta Páscoa.

Aleluia

Todos (C)

Aleluia! aleluia! aleluia!
 Todos os Povos da Terra,
 da Terra-sem-males,
 louvem ao Pai!

O Evangelho é a Palavra
 de todas as Culturas.
 Palavra de Deus na Língua dos Homens!

O Evangelho é a chegada
 de todos os caminhos.
 Presença de Deus na marcha dos Homens!

O Evangelho é o destino
 de toda a História. História de Deus na História dos Homens!

Aleluia... etc...

Ofertório

Todos (R)

Erguemos em nossas mãos
 a memória dos séculos,
 reunimos na carne do pão a
 história do Tempo
 de Libertação.

Aqui vos entregamos,
 a vida banhada de chuva,
 o milho plantado na terra,
 o amor em pão repartido.

Aqui vos entregamos
 a esperança da Terra-sem-males, a
 caça-alimento na boca de todos,
 O culto da dança de todas as noites.

Aqui vos entregamos
 a paz da abundância,

a liberdade dos Homens,
a vida de Homens iguais.

Todos

Na herança do milho,
na massa do pão,
a Páscoa do Cristo
e a nossa união.

Na sorte do vinho,
na luta e na morte,
a Páscoa do Cristo
e a Libertação.

Todos

Erguemos em nossas mãos a
memória dos séculos,
recolhemos no sangue do vinho
a história de um tempo de escravidão.

Em nossas mãos vos entregamos
a cinza das aldeias saqueadas,
o sangue das cidades destruídas,
a vencida legião dos oprimidos.

Em nossas mãos vos entregamos
os seios exaustos das minas,
a água profanada dos rigs,
as madeiras-em-cruz deste martírio.

Em nossas mãos vos entregamos
as veias abertas de América,
a pedra calada dos templos,
o pranto da memória índia.

Todos (C)

Na herança do milho... etc.

Rito da Paz

Todos (Canto)

Shalom,

Sauidi, a

Paz!

A Paz de Deus,
na paz dos Homens.

O amor do Pai
entre os irmaos.

Todos os Povos num só Povo.

Porque o Senhor é nossa Paz.

Shalom,
a paz antiga.

Sauidi,
a paz perdida.

Em Cristo, a nova Paz!

Shalom, Sauidi, a Paz!

Comunhão

Todos (C)

Celebrando a Páscoa do Senhor

cantamos a Vitória
de toda a Humanidade.

Tribos de toda a Terra,
Povos de toda idade.

Na carne do Senhor
revive toda carne.

Por isso comungamos toda luta. Por
isso comungamos todo sangue. Por
isso comungamos toda busca
de uma Terra-sem-males.

Libertos do primeiro Cativoiro,
cantamos a Passagem.

Cantando atravessamos
o novo Mar Vermelho do teu Sangue.

Cantando comungamos
o Pão da Liberdade.

Cantando caminhamos à procura
de uma Terra-sem-males.

Celebrando a Páscoa do Senhor... etc.

Compromisso Final

Voz masculina (Voz masculina e voz feminina: recitado. Todos cantado)

Alimentados da Páscoa do Senhor e
na Esperança da Terra Prometida,
rejeitamos todas as cadeias e,
com os pés descalços sobre esta Terra nossa,
retomamos a marcha dos mortos redivivos.

Voz feminina

Com as claras estrelas dos Povos exterminados,

iluminamos a rota do ultimo Exodo,
buscando a Terra-sem-males.

Voz masculina

Como fogueiras ardendo no coração da noite,
a memória dos Povos perdidos
conduz o passo dos seus filhos.

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz feminina

Pelos Templos sem defesa saqueados,
por todas as Cidades destruídas,
pelos 90 milhões de índios massacrados

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz masculina

Pelas ruínas do Império do Sol,
pelos Palacios Maias abolidos,
por todo o Povo Azteca escravizado,
pela desolação dos Sete Povos...

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz feminina

Pelo silêncio das flautas e tambores na noite,
pela morte da alma destes Povos,
pela palavra "resignação" dita aos escravos...

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz masculina

Pelo arcabuz dos bandeirantes e bugreiros,
pelos meninos escravizados,
pelas meninas defloradas,
pelas caravanas de moribundos rumo a São Paulo...

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz feminina

Pela peste que trouxemos no sangue depurado,
pelas lanças quebradas na humilhação, pelas
cabeças cortadas dos Aymoré...

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz masculina

Pelas cercas farpadas dos novos bandeirantes,
pela cachaça integradora,
na boca dos guerreiros,
pelo açúcar servido com cianureto
no paralelo onze,
pela prepotência da Tutela e
o sarcasmo da Emancipação...

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz feminina

Pela cruz inscrita na espada dos saqueadores,
pela devastadora Civilização
que se pretende cristã,
pelas catedrais assentadas no coração
dos templos índios
pelo Evangelho da Liberdade,
feito decreto de cativo.

Todos

Memória / Remorso / Compromisso!

Voz feminina (Música de suplica confiada) Todos (Cantado)

Morena de Guadalupe,
Maria do Tepeyac:
Congrega todos os índios
na estrela do teu olhar;
convoca os Povos da América
que querem ressuscitar.

Vozes individuais (recitado)

Montezuma!
Atau Walpa!
Tupac Amaru!
Sepé Tiaraju!
Toríbio de Mogrovejo!
Rosa de Lima!

Bartolomé de las Casas!

José de Anchieta!

Roque!

João!

Afonso!

Rodolfo!

Simão Bororo!

João Bosco!

Voz masculina

E todos os Patriarcas, Profetas e Mártires
da Causa Indígena!

Todos (Recitado) Prosseguiremos

vossa caminhada! *Todos (Canto*

Final)

Unidos na Memória da
Páscoa do Senhor
voltamos para a História
com um dever major.

Unidos na memória
da Antiga Escravidão
juramos a Vitória
na nova servidão.

América Ameríndia,
ainda na Paixão: um
dia tua Morte terá
Ressurreição!

A Páscoa que comemos
nos nutre de porvir.
Seremos nos teus Povos
o Povo que ha de vir.

Os Pobres desta Terra
queremos inventar
essa Terra-sem-males
que vem cada manhã.

Uirá sempre a procura
da Terra que vira...
Maíra, nas origens.
No fim, Marana-tha!



Hino a Sepé Tiaraju (Barbosa Lessa)

Nas Missões dos Sete Povos
Nasceu um dia Sepé,
Trazendo uma cruz na testa,
Cicatriz, sinal de fé,
Quando o sol batia nele
Essa cruz resplandecia
Por isso lhe deram o nome
"Tiaraju, a luz do dia".

Quando o exército de Espanha
E Portugal chegou aqui,
Pra expulsar dos Sete Povos
Toda a gente guarani,
Tiaraju, que era prefeito,
Reuniu seus guerreiros
E sem medo dos canhões,
Atacou só com lanceiros.

Tiaraju morreu peleando
No Arroio Caiboaté,
Mas depois, noutro combate,
Todos viram São Sepé,
Que vinha morrer de novo
Junto à gente guarani,
Pra embeber seu sangue todo
Nesse chão onde eu nasci.

Mais um valente guerreiro
A morrer pelo seu pago,
por isso que seu nome
Pro Rio Grande é sagrado.
São Sepé subiu pro céu,
Sua cruz ficou no azul,
Cai a noite, ela rebrilha,
Ele é o Cruzeiro do Sul.

Realização:

PROJETO

IRs.ml De 03 a 07 de fevereiro de 2013

IRS-4031

(OPROFHA

Apoio:



**O CAMINHO
:iJE SÃO SÛÉ
[if i A U**

10ª Peregrinação
Ciclística Popurá,
em busca da
"Terra Sem Mâjes"

IRS-6301



O CAMINHO
:iJE SÃO SÛÉ
[if i A U
10ª Peregrinação
Ciclística Popurá,
em busca da
"Terra Sem Mâjes"

De 03 a 07 de fevereiro de 2013

O CAMINHO DE SÃO SEPÉ TIARAJU

10ª Peregrinação Ciclística Popular, em busca da "Terra Sem Males"

03/02- DOMINGO - Porto Alegre a Rio Pardo
07h-Porto Alegre- Hora marcada para chegada dos ciclistas e organização do ônibus
08h-Saída de Porto Alegre
9h30-Chegada na Fonte Seca em Pântano Grande
10h30-Saída da pedalada rumo a Rio Pardo(30Km)
12h-Chegada e almoço em Rio Pardo
14h30-Ida ao quilombo Rincão dos Negros no interior de Rio Pardo (20Km)
18h-Volta ao centro de Rio Pardo e apresentação do teatro pelos Herdeiros no centro da cidade
20h-Acolhimento e Janta

04/02-SEGUNDA - Cachoeira
8h -Café e saída rumo a "tranqueira" em Rio Pardo
9:30-Saída de ônibus a Cachoeira
12h-Aimoço
Pedalada da Ponte até Cachoeira (10Km)
18h-Atividade Cultural na cidade

05/02-TERÇA - São Gabriel
9h-Saída para São Sepé
10h30 -Chegada em São Sepé - Ida ao centro da cidade e ao parque com a Ong Ecologia
12h-Aimoço
13h30-Partilha da trajetória dos movimentos presentes
15h30 - Pedalada: Mobilidade Urbana
16h -Ida a Centro de Umbanda
18h-Apresentação do teatro Herdeiros de Sepé
20h-Alojamento

06/02-QUARTA - Caçapava a São Gabriel
8h-Saída de São Sepé
10h-Chegada em na praça central de Caçapava
10h30 - Pedalada até a pedra do segredo (15Km)
12h - Piquinique
13h -Caminhada acompanhada pelo parque ecológico
16h - Volta da pedalada ao a praça de Caçapava (15Km)
17h-Saída de ônibus a São Gabriel
18h- Chegada ao encontro dos indígenas em São Gabriel
20h-Atividades culturais junto aos indígenas

07/02-QUINTA - São Gabriel
8h-Pedalada até Caiboaté (20Km)
10h -Sanga da Bica
10h30-Volta da pedalada (20Km)
12h-Aimoço
15h - Partilha da realidade do MST
17h-Volta a Porto Alegre

